

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL

Dissertação de Mestrado

**ATRATIVIDADE E DINÂMICA DE APROPRIAÇÃO DE ESPAÇOS PÚBLICOS
PARA O LAZER E TURISMO**

ALINE MARTINS DA SILVA

Porto Alegre
2009

ALINE MARTINS DA SILVA

**ATRATIVIDADE E DINÂMICA DE APROPRIAÇÃO DE ESPAÇOS PÚBLICOS
PARA O LAZER E TURISMO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Planejamento Urbano e Regional

Orientadora

Maria Cristina Dias Lay, PhD

Porto Alegre
2009

S586a Silva, Aline Martins da
Atratividade e dinâmica de apropriação de
espaços públicos para o lazer e turismo / Aline
Martins da Silva ; orientação de Maria Cristina
Dias Lay. - 2009.

249 p.: il.

Dissertação (mestrado) — Universidade Federal
do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura,
Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e
Regional, Porto Alegre, RS, 2009.

1. Espaços públicos de lazer 2. Espaços públicos
: Apropriação. 3. Turismo urbano recreativo. I.
Lay, Maria Cristina Dias II. Título.

CDU: 712.25:379.844

Bibliotecária Responsável

Elenice Avila da Silva - CRB-10/880

ATRATIVIDADE E DINÂMICA DE APROPRIAÇÃO DE ESPAÇOS PÚBLICOS PARA O LAZER E TURISMO

ALINE MARTINS DA SILVA

Dissertação de mestrado submetida à Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial, exigido pelo Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional - PROPUR, para obtenção do título de Mestre em Planejamento Urbano e Regional, na área de concentração *Percepção e Análise do Espaço Urbano*.

Prof. Dr. Antônio Tarcísio da Luz Reis - Coordenador do PROPUR

Prof^a. Dr^a. Maria Cristina Dias Lay - Orientadora

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof. Dr. Gilmar Mascarenhas de Jesus
(Examinador Externo do Instituto de Geografia – PPGeo da UERJ)

Prof^a. Dr^a. Marutschka Martini Moesch
(Examinadora Externa da FACE da PUCRS)

Prof. Dr. Antônio Tarcísio da Luz Reis
(Examinador Interno do PROPUR/UFRGS)

Prof^a. Dr^a. Maria Cristina Dias Lay
(Moderadora do PROPUR/UFRGS)

Porto Alegre, 27 de novembro de 2009.
(Data da defesa)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por me conduzir nesta jornada difícil e ao mesmo tempo encantadora, que é a vida.

A minha querida orientadora, Maria Cristina Dias Lay, por acreditar no meu trabalho. Não tenho palavras para explicar o quanto os seus ensinamentos, seu exemplo e sua paciência foram essenciais neste longo processo de aprendizado.

Aos meus pais Anildo e Ivone que, mais uma vez, estiveram ao meu lado em todos os momentos desta etapa, sendo minha força e minha base. Sem eles não sou nada.

A minha irmã Luciane por todo seu amor e cuidado e ao meu sobrinho/afilhado Cauê por toda alegria contida nos seus pequeninos olhos, que me dão tanta força.

Ao meu tio Aldo, pelo grande incentivo para a realização deste trabalho.

As minhas companheiras de 'percepção', por todos os ótimos momentos compartilhados nestes últimos anos. Em especial a Dani, pela importante ajuda técnica.

Aos meus amigos de ontem e de hoje que sempre estiveram ao meu lado dando força e transmitindo alegria. Em especial ao Roberto Coutinho, pela ajuda no trabalho de campo e pelas fotografias.

A todos que convivi no PROPUR, que contribuíram para o enriquecimento desta jornada e para a realização deste trabalho. Em especial ao Prof^o Rovati, a Mariluz e aos meus colegas de e-PUR.

A UFRGS e a CAPES pela oportunidade do conhecimento e auxílio financeiro.

Por fim, agradeço aos funcionários da Prefeitura de São Leopoldo e aos moradores da cidade, abordados ou não por esta pesquisa, que se constituíram base essencial para a realização desta.

A todos, Muito Obrigada!

“Podemos dizer que o limiar da porta é uma linha equatoriana que nos põe sempre na procura, na festa, na aventura de compreender o mundo em todas as suas latitudes e longitudes.”

Sérgio Farina (1998)

RESUMO

Esta pesquisa investiga os fatores que influenciam a percepção do potencial de atratividade e a intensidade de uso dos espaços públicos com fins de lazer e turismo, através da investigação de variáveis físico-espaciais relativas aos espaços públicos e das variáveis relacionadas às características dos usuários, sugeridas pela literatura. Foi realizado um estudo comparativo em oito espaços públicos de lazer – praças, parques e ruas - na cidade de São Leopoldo-RS, que se caracterizam por possuir uma forte imagem (positiva ou negativa), por diferenças na intensidade de apropriação e por serem oferecidos entre os atrativos turísticos da cidade, pelo Departamento de Turismo do município. Tem como objetivos identificar as variáveis mais relevantes que influenciam a dinâmica de apropriação dos espaços públicos e contribuir para os estudos de lazer e turismo, fornecendo subsídios para os gestores dos espaços públicos de lazer da cidade investigada, de forma a promover maior qualidade e ampliar as possibilidades de uso turístico destes espaços.

Os múltiplos métodos de coleta e análise de dados utilizados possibilitaram a complementaridade entre os resultados obtidos. A coleta de dados foi realizada através de levantamentos de arquivo, levantamento físico, análise sintática, entrevistas, questionários e observações comportamentais. A análise das relações entre atributos ambientais, características sócio-econômicas dos usuários e o nível de apropriação dos espaços públicos de lazer investigados indica que as variáveis físico-espaciais influenciam a percepção de atratividade e a intensidade de uso dos espaços públicos, enquanto que as características dos usuários, que definem o estilo de vida dos diferentes grupos, afeta as motivações e escolhas. Os dados permitiram identificar um conjunto de atributos que atraem diferentes grupos de usuários: para as *praças*, o conforto e a localização foram mais importantes; para os *parques* o conforto e a diversidade de atividades foram mais importantes; para as *ruas*, a diversidade de atividades oferecidas e o movimento de pessoas foram mais importantes. Os resultados reforçam a importância de espaços públicos de lazer qualificados para atração de moradores e visitantes e também a necessidade de incentivar os deslocamentos dos indivíduos pelos diferentes espaços públicos da sua cidade, oferecendo meios e motivações para estes deslocamentos, como forma de melhorar a satisfação dos moradores e construir uma imagem mais positiva da cidade. Destaca-se a importância desta investigação, para o entendimento de que os níveis de satisfação dos indivíduos com os espaços públicos de lazer e com as possibilidades de deslocamento influenciam nos níveis de satisfação com a cidade; que indivíduos mais satisfeitos com os espaços públicos e com a vida pública tendem a ver maior potencial turístico entre os espaços de lazer da cidade.

Palavras-chave: atratividade, dinâmica de apropriação, espaços públicos de lazer, turismo urbano recreativo.

ABSTRACT

The study investigates factors that affect perception of attractiveness and intensity of use of leisure and touristic public open spaces, through the investigation of physical variables related to public spaces and the variables related to users characteristics suggested by the literature. A comparative study of eight public spaces – plazas, parks and streets - characterized by a strong image, differences in appropriation and listed as touristic attractions by local government, was carried out in the city of São Leopoldo-RS. It aims at identifying the most relevant variables that affect the dynamic of appropriation of public spaces in order to provide feed-back information about leisure and tourism to the municipality and promote more qualified environments that will enhance possibilities of touristic use of these spaces.

Multiple methods of data collection and analysis allowed complementarities among the results. Data collection included archives information, physical measurements, syntactic analysis, interviews, questionnaires and observations of behaviour. The analysis of relationships between individuals' characteristics, environmental attributes and level of appropriation of public open spaces suggest that variables related to physical characteristics of public spaces affect perception of attractiveness and intensity of use, while variables related to users characteristics, that influence user life style, affect motivations and choice. Data allowed identification of a set of attributes that attract different groups of users: for *plazas*, the most important were comfort and location; for *parks*, comfort and diversity of activities were the most important; for *streets*, diversity of activities and intense movement of people were the most important attributes affecting attractiveness and dynamic of appropriation. Results emphasize the importance of qualified public spaces to attract local inhabitants and visitors as well as the need to promote and support ease of access to the different public spaces existing in the city, in order to improve citizens' satisfaction and build a more positive image of the city. Moreover, it calls attention to the understanding that users' satisfaction with performance of leisure public spaces and access facilities affects levels of satisfaction with the city; and that those who are more satisfied with public spaces and public life tend to better recognise the touristic potential among leisure public space in the city.

Keywords: Attractiveness, dynamics of appropriation, leisure public spaces, urban recreational tourism.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	IV
EPÍGRAFE	V
RESUMO	VI
ABSTRACT	VII
SUMÁRIO	VIII
LISTA DE FIGURAS	XI
LISTA DE TABELAS	XIV
1. ESPAÇOS PÚBLICOS E TURISMO	16
1.1. Introdução	16
1.2. Considerações sobre as funções e o uso dos espaços públicos	16
1.3. Potencial turístico dos espaços públicos urbanos	19
1.3.1. O planejamento do turismo e o morador	23
1.4. Delimitação do problema de pesquisa	24
1.5. Objetivos da pesquisa	25
1.6. Estrutura e conteúdo do trabalho	25
2. VARIÁVEIS RELACIONADAS À ATRATIVIDADE E USO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS	27
2.1. Introdução	27
2.2. Dinâmica de apropriação dos espaços públicos: tipos de uso e atratividade	27
2.2.1. Tipos de uso e qualidade espacial	28
2.2.2. Atratividade e qualidade espacial	30
2.2.2.1. <u>Atratividade e o processo de percepção ambiental</u>	31
2.3. Variáveis relacionadas ao uso e à atratividade dos espaços públicos	33
2.3.1. Acessibilidade	34
2.3.1.1. <u>Acessibilidade física</u>	34
A) Localização geográfica	34
B) Configuração Urbana	35
C) Facilidades de acesso	36
2.3.1.2. <u>Acessibilidade visual</u>	37
2.3.2. Características do entorno e diversidade de atividades oferecidas	37
2.3.3. Aparência	40
2.3.3.1. <u>Aspectos físicos</u>	40
A) Visual e forma	40
B) Manutenção	41
2.3.3.2. <u>Aspectos simbólicos</u>	42
2.3.4. Conforto e adequação ambiental	44
2.3.4.1. <u>Equipamentos</u>	44
2.3.4.2. <u>Aspectos paisagísticos naturais</u>	45
2.3.4.3. <u>Dimensionamento</u>	46
2.3.5. Segurança	46
2.3.5.1. <u>Segurança quanto ao crime</u>	47
A) Localização geográfica	47

B) Diversidade de uso	48
C) Controle	48
D) Presença de indesejáveis	49
2.3.5.2. <u>Segurança quanto ao trânsito</u>	49
2.3.6. Territorialidade e privacidade	50
2.3.7. Estilo de vida	53
2.3.7.1 <u>Renda familiar</u>	53
2.3.7.2. <u>Escolaridade</u>	55
2.3.7.3. <u>Faixa etária</u>	55
2.4. Considerações finais	58
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	60
3.1. Introdução	60
3.2. Problema e objetivos da pesquisa	60
3.3. Hipóteses de pesquisa	61
3.4. Definição do estudo de caso	61
3.4.1. Breve caracterização do estudo de caso: São Leopoldo – RS	62
3.5. Etapa I – Identificação e seleção dos espaços públicos de lazer para o estudo de caso	65
3.5.1. Seleção dos bairros para aplicação das entrevistas	65
3.5.2. Entrevistas: tamanho da amostra e perfil dos entrevistados	68
3.5.3. Seleção dos espaços públicos de lazer	69
3.6. Etapa II – Métodos de investigação e caracterização dos objetos de estudo	72
3.6.1. Métodos de coleta de dados	72
3.6.1.1. <u>Levantamento de arquivo</u>	72
3.6.1.2. <u>Levantamento físico</u>	72
3.6.1.3. <u>Observações comportamentais</u>	73
3.6.1.4. <u>Questionários</u>	74
3.6.2 Caracterização dos objetos de estudo selecionados	75
3.6.2.1. <u>Praças</u>	76
A) Praça Vinte de Setembro	76
B) Praça do Imigrante	79
C) Largo Rui Porto	83
D) Praça Daltro Filho	86
3.6.2.2. <u>Parques</u>	90
A) Parque Estadual de Recreação do Trabalhador	90
B) Parque Municipal Imperatriz Leopoldina	96
3.6.2.3. <u>Ruas</u>	101
A) Rua Independência	101
B) Avenida São Borja	105
3.6.3. Métodos de análise dos dados	110
3.6.3.1. <u>Análise sintática</u>	110
3.6.3.2. <u>Análise estatística dos questionários</u>	110
3.6.4. Perfil dos respondentes	111
4. ATRATIVIDADE E DINÂMICA DE APROPRIAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS DE LAZER	113
4.1. Introdução	113
4.2. Avaliação comportamental: tipo e intensidade de uso dos espaços públicos de lazer	113
4.2.1. Características físico-espaciais e comportamentais das praças	114
4.2.1.1. <u>Praça Vinte de Setembro</u>	114
4.2.1.2. <u>Praça do Imigrante</u>	123
4.2.1.3. <u>Largo Rui Porto</u>	131

4.2.1.4. Praça Daltro Filho	139
4.2.1.5. <u>Comparação entre as características físico-espaciais e comportamentais das praças</u>	146
4.2.2. Características físico-espaciais e comportamentais dos parques	149
4.2.2.1. <u>Parque Estadual de Recreação do Trabalhador</u>	149
4.2.2.2. <u>Parque Municipal Imperatriz Leopoldina</u>	158
4.2.2.3. <u>Comparação entre as características físico-espaciais e comportamentais dos parques</u>	167
4.2.3. Características físico-espaciais e comportamentais das ruas	168
4.2.3.1. <u>Rua Independência</u>	168
4.2.3.2. <u>Av. São Borja</u>	178
4.2.3.3. <u>Comparação entre as características físico-espaciais e comportamentais das ruas</u>	187
4.3. Verificação das variáveis que influenciam o uso dos espaços públicos estudados de acordo com as hipóteses de trabalho	189
4.3.1. Relações entre as variáveis físico-espaciais, atratividade e intensidade de uso	190
4.3.1.1. <u>Influência da acessibilidade na percepção da atratividade e intensidade de uso</u>	191
4.3.1.2. <u>Influência das características do entorno e das atividades oferecidas na percepção da atratividade e intensidade de uso</u>	194
4.3.1.3. <u>Influência da aparência na percepção da atratividade e intensidade de uso</u>	197
4.3.1.4. <u>Influência do conforto e da adequação ambiental na percepção da atratividade e intensidade de uso</u>	199
4.3.1.5. <u>Influência da segurança na percepção da atratividade e intensidade de uso</u>	200
4.3.2. Relações entre as características dos usuários, atratividade e intensidade de uso	203
4.3.2.1. <u>Influência do estilo de vida na percepção da atratividade e intensidade de uso</u>	203
A) Influência do nível sócio-econômico na percepção da atratividade e intensidade de uso	204
B) Influência da faixa etária na percepção da atratividade e intensidade de uso	208
4.3.2.2. <u>Influência dos aspectos simbólicos na percepção da atratividade e intensidade de uso</u>	213
4.4. Considerações finais	218
5. CONCLUSÕES E RELEVÂNCIA DOS RESULTADOS	223
5.1. Introdução	223
5.2. Problema de pesquisa, objetivos e métodos	223
5.3. Hipóteses de pesquisa	224
5.4. Discussão dos resultados	226
5.5. Limitações da pesquisa	233
5.6. Relevância dos resultados e sugestões	234
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	236
ANEXOS	243
Anexo A: Entrevista realizada com moradores dos bairros selecionados, com freqüências das respostas	243
Anexo B: Questionário aplicado aos usuários dos espaços públicos de lazer selecionados, com freqüências das respostas	246

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.1: Exemplos de espaços públicos intensamente utilizados para lazer e turismo	21
Figura 2.1: Percepção da qualidade ambiental em termos de custos e recompensas, adaptado de Helmreich (1974 apud LANG, 1987)	33
Figura 3.1: Localização do município de São Leopoldo	62
Figura 3.2: Mapa turístico de São Leopoldo, parte interna do folder turístico da cidade	64
Figura 3.3: Recorte do mapa de São Leopoldo com a delimitação geográfica dos bairros selecionados para a pesquisa	66
Figura 3.4: Localização dos espaços públicos de São Leopoldo, apontados pelos entrevistados	71
Figura 3.5: Praça Vinte de Setembro no ano de sua inauguração.....	76
Figura 3.6: Usos do solo no entorno da Praça Vinte de Setembro	77
Figura 3.7: Aspectos físicos da Praça Vinte de Setembro	77
Figura 3.8: Alturas das edificações no entorno da Praça Vinte de Setembro	78
Figura 3.9: Localização dos equipamentos da Praça Vinte de Setembro	79
Figura 3.10: Evolução da Praça do Imigrante	80
Figura 3.11: Usos do solo no entorno da Praça do Imigrante	81
Figura 3.12: Alturas das edificações no entorno da Praça do Imigrante	81
Figura 3.13: Localização dos equipamentos da Praça do Imigrante	82
Figura 3.14: Visuais no entorno da Praça do Imigrante	82
Figura 3.15: Duas épocas do Largo Rui Porto	84
Figura 3.16: Usos do solo no entorno do Largo Rui Porto	84
Figura 3.17: Alturas das edificações no entorno do Largo Rui Porto	85
Figura 3.18: Equipamentos de Lazer do Largo Rui Porto	85
Figura 3.19: Localização dos equipamentos do Largo Rui Porto	86
Figura 3.20: Praça Daltro Filho no passado	87
Figura 3.21: Usos do solo no entorno da Praça Daltro Filho.....	88
Figura 3.22: Alturas das edificações no entorno da Praça Daltro Filho.....	88
Figura 3.23: Equipamentos de lazer da Praça Daltro Filho	89
Figura 3.24: Localização dos equipamentos da Praça Daltro Filho	89
Figura 3.25: Vista parcial da área de lazer do Parque do Trabalhador, década de 90	90
Figura 3.26: Usos do solo no entorno do Parque do Trabalhador.....	92
Figura 3.27: Alturas das edificações no entorno do Parque do Trabalhador	93
Figura 3.28: Equipamentos de educação e segurança no Parque do Trabalhador	94
Figura 3.29: Equipamentos do Parque do Trabalhador.....	94
Figura 3.30: Localização dos equipamentos do Parque do Trabalhador	95
Figura 3.31: Imagens da área onde o Parque Imperatriz está implantado.....	96
Figura 3.32: Usos do solo no entorno do Parque Imperatriz Leopoldina	97
Figura 3.33: Alturas das edificações no entorno do Parque Imperatriz Leopoldina	98
Figura 3.34: Equipamentos no Parque Imperatriz Leopoldina	100
Figura 3.35: Localização dos equipamentos do Parque Imperatriz Leopoldina	100
Figura 3.36: Rua Independência no passado.....	101
Figura 3.37: Usos do solo no entorno da Rua Independência	102
Figura 3.38: Alturas das edificações no entorno da Rua Independência	103
Figura 3.39: Comércio informal na Rua Independência	104

Figura 3.40: Aspectos físicos da Rua Independência	104
Figura 3.41: Localização dos equipamentos da Rua Independência	105
Figura 3.42: Morro do Paula em dois momentos.....	106
Figura 3.43: Usos do solo no entorno da Avenida São Borja.....	107
Figura 3.44: Alturas das edificações no entorno da Avenida São Borja.....	108
Figura 3.45: Aspectos físicos da Avenida São Borja.....	109
Figura 3.46: Localização dos equipamentos da Avenida São Borja	109
Figura 4.1: Mapa comportamental Praça Vinte de Setembro. Resumo das manhãs.	115
Figura 4.2: Mapa comportamental Praça Vinte de Setembro. Resumo das tardes ...	116
Figura 4.3: Formas de apropriação da Praça Vinte de Setembro	116
Figura 4.4: Mapa das medidas sintáticas da Praça Vinte de Setembro	117
Figura 4.5: Eventos na Praça Vinte de Setembro	120
Figura 4.6: Atividades realizadas na Praça Vinte de Setembro	122
Figura 4.7: Mapa das medidas sintáticas da Praça do Imigrante.....	125
Figura 4.8: Atividades realizadas na Praça do Imigrante	126
Figura 4.9: Formas de apropriação da Praça do Imigrante	126
Figura 4.10: Mapa comportamental Praça do Imigrante. Resumo das manhãs	127
Figura 4.11: Mapa comportamental Praça do Imigrante. Resumo das tardes	127
Figura 4.12: Visuais agradáveis na Praça do Imigrante	129
Figura 4.13: Problemas de falta de manutenção na Praça do Imigrante	129
Figura 4.14: Mapa das medidas sintáticas do Largo Rui Porto	133
Figura 4.15: Mapa comportamental do Largo Rui Porto. Resumo das manhãs.....	135
Figura 4.16: Mapa comportamental do Largo Rui Porto. Resumo das tardes	135
Figura 4.17: Eventos no Largo Rui Porto	136
Figura 4.18: Falta de manutenção no Largo Rui Porto.....	137
Figura 4.19: Formas de apropriação do Largo Rui Porto	137
Figura 4.20: Mapa das medidas sintáticas da Praça Daltro Filho	141
Figura 4.21: Mapa comportamental da Praça Daltro Filho. Resumo das manhãs	143
Figura 4.22: Mapa comportamental da Praça Daltro Filho. Resumo das tardes.....	144
Figura 4.23: Formas de apropriação da Praça Daltro Filho.....	144
Figura 4.24: Diferentes atividades na Praça Daltro Filho	145
Figura 4.25: Número médio diário de usuários observados nas praças	147
Figura 4.26: Mapa das medidas sintáticas do Parque do Trabalhador	150
Figura 4.27: Mapa comportamental do Parque do Trabalhador. Resumo das manhãs	153
Figura 4.28: Mapa comportamental do Parque do Trabalhador. Resumo das tardes	154
Figura 4.29: Formas de apropriação no Parque do Trabalhador	155
Figura 4.30: Semana Farroupilha no Parque do Trabalhador	155
Figura 4.31: Edificações e equipamentos abandonados pelo Parque do Trabalhador	157
Figura 4.32: Falta de manutenção no Parque do Trabalhador.....	157
Figura 4.33: Mapa das medidas sintáticas do Parque Imperatriz Leopoldina.....	160
Figura 4.34: Mapa comportamental do Parque Imperatriz Leopoldina. Resumo das manhãs.....	162
Figura 4.35: Mapa comportamental do Parque Imperatriz Leopoldina. Resumo das tardes.....	163
Figura 4.36: Formas de apropriação do Parque Imperatriz Leopoldina	164
Figura 4.37: Ambientes no Parque Imperatriz Leopoldina	164
Figura 4.38: Número de visitantes de outras localidades e de outros bairros observados nos parques.....	167
Figura 4.39: Número médio diário de usuários observados nos parques	167
Figura 4.40: Mapa das medidas sintáticas da Rua Independência	170
Figura 4.41: Mapa comportamental da Rua Independência. Resumo das tardes	173
Figura 4.42: Mapa comportamental da Rua Independência. Resumo das noites.....	174
Figura 4.43: Formas de apropriação da Rua Independência	175

Figura 4.44: Eventos na Rua Independência	175
Figura 4.45: Uso intenso da Rua Independência durante o dia e a noite.....	177
Figura 4.46: Mapa das medidas sintáticas da Avenida São Borja	180
Figura 4.47: Mapa comportamental Avenida São Borja. Resumo das manhãs	182
Figura 4.48: Mapa comportamental Avenida São Borja. Resumo das tardes.....	183
Figura 4.49: Atividades esportivas na Avenida São Borja: caminhadas, corridas e ciclismo	184
Figura 4.50: Formas de apropriação na Avenida São Borja.....	184
Figura 4.51: Falta de manutenção na Avenida São Borja	184
Figura 4.52: Número médio diário de usuários observados nas ruas	187
Figura 4.53: Número de visitantes de outras localidades e de outros bairros observados nas ruas.....	187
Figura 4.54: Mapa de integração global de São Leopoldo	192
Figura 4.55: Comparação entre as médias diárias de usuários observados nos espaços pesquisados.....	193
Figura 4.56: Comparação entre a variedade de bairros de origem dos respondentes, encontrados nos espaços pesquisados.....	193
Figura 4.57: Variação da classificação dos espaços públicos entre as categorias <i>utilizado, importante e turístico</i>	215

LISTA DE TABELAS

Tabela 2.1: As necessidades humanas, as funções do ambiente construído e as possíveis contribuições do ambiente construído, adaptado de Maslow (1943)	32
Tabela 3.1: Características dos bairros selecionados para a realização das entrevistas, segundo levantamento da Prefeitura de São Leopoldo, 2006.....	67
Tabela 3.2: Respostas mais freqüentes nas entrevistas, divididas por categorias	69
Tabela 3.3: Bairros de origem dos entrevistados	71
Tabela 3.4: Cronograma das observações comportamentais	74
Tabela 3.5: Intervalos adotados para a classificação da correlação de Spearman ...	111
Tabela 4.1: Número de usuários observados na Praça Vinte de Setembro.....	114
Tabela 4.2: Justificativas de uso da Praça Vinte de Setembro	117
Tabela 4.3: Sugestões de melhorias para a Praça Vinte de Setembro.....	117
Tabela 4.4: Valores das medidas sintáticas das vias de acesso à Praça Vinte de Setembro	118
Tabela 4.5: Bairros de origem dos respondentes da Praça Vinte de Setembro.....	118
Tabela 4.6: Eventos realizados na Praça Vinte de Setembro	120
Tabela 4.7: Número de usuários observados na Praça do Imigrante	123
Tabela 4.8: Justificativas de uso da Praça do Imigrante	124
Tabela 4.9: Sugestões de melhorias para a Praça do Imigrante.....	124
Tabela 4.10: Valores das medidas sintáticas das vias de acesso à Praça do Imigrante.....	125
Tabela 4.11: Bairros de origem dos respondentes da Praça do Imigrante	125
Tabela 4.12: Número de usuários observados no Largo Rui Porto.....	131
Tabela 4.13: Justificativas de uso do Largo Rui Porto	132
Tabela 4.14: Sugestões de melhorias para o Largo Rui Porto.....	132
Tabela 4.15: Valores das medidas sintáticas das vias de acesso ao Largo Rui Porto	133
Tabela 4.16: Bairros de origem dos respondentes do Largo Rui Porto.....	133
Tabela 4.17: Eventos realizados no Largo Rui Porto	136
Tabela 4.18: Número de usuários observados na Praça Daltro Filho	139
Tabela 4.19: Justificativas de uso da Praça Daltro Filho.....	140
Tabela 4.20: Sugestões de melhorias para a Praça Daltro Filho	140
Tabela 4.21: Valores das medidas sintáticas das vias de acesso à Praça Daltro Filho	141
Tabela 4.22: Bairros de origem dos respondentes da Praça Daltro Filho	141
Tabela 4.23: Principais atratores das praças	148
Tabela 4.24: Número de usuários observados no Parque do Trabalhador.....	149
Tabela 4.25: Justificativas de uso do Parque do Trabalhador.....	149
Tabela 4.26: Sugestões de melhorias para o Parque do Trabalhador	150
Tabela 4.27: Valores das medidas sintáticas das vias de acesso ao Parque do Trabalhador	151
Tabela 4.28: Bairros de origem dos respondentes do Parque do Trabalhador.....	151
Tabela 4.29: Número de usuários observados no Parque Imperatriz Leopoldina.....	158
Tabela 4.30: Justificativas de uso do Parque Imperatriz Leopoldina	159
Tabela 4.31: Sugestões de melhorias para o Parque Imperatriz Leopoldina.....	159
Tabela 4.32: Bairros de origem dos respondentes do Parque Imperatriz Leopoldina	160
Tabela 4.33: Principais atratores dos parques	168

Tabela 4.34: Número de usuários observados na Rua Independência.....	169
Tabela 4.35: Justificativas de uso da Rua Independência	169
Tabela 4.36: Sugestões de melhorias para a Rua Independência.....	169
Tabela 4.37: Bairros de origem dos respondentes da Rua Independência.....	171
Tabela 4.38: Número de usuários observados na Av. São Borja.....	178
Tabela 4.39: Justificativas de uso da Av. São Borja.....	179
Tabela 4.40: Sugestões de melhorias para a Av. São Borja	179
Tabela 4.41: Bairros de origem dos respondentes da Avenida São Borja	180
Tabela 4.42: Principais atratores das ruas	188
Tabela 4.43: Atratores dos espaços públicos pesquisados, por categoria.....	189
Tabela 4.44: Sugestões de melhorias para os espaços públicos pesquisados, por categoria.....	189
Tabela 4.45: Motivações para evitar um espaço público, de acordo com o total da amostra.....	190
Tabela 4.46: Comparação entre o número de equipamentos ofertados e o tempo de permanência no espaço público	195
Tabela 4.47: Hábitos de lazer dos respondentes	204
Tabela 4.48: Comparação entre as faixas de rendimentos mensais em São Leopoldo, segundo o CENSO 2000 e as faixas de rendimento mensal obtidas nesta pesquisa	204
Tabela 4.49: Comparação entre os níveis de escolaridade em São Leopoldo, segundo o CENSO 2000 e os níveis de escolaridade obtidos nesta pesquisa.....	204
Tabela 4.50: Variação na faixa de renda e escolaridade por espaço público de lazer	205
Tabela 4.51: Variáveis relacionadas com as faixas de renda dos respondentes.....	207
Tabela 4.52: Variáveis relacionadas aos níveis de escolaridade dos respondentes .	208
Tabela 4.53: Comparação entre as faixas etárias de São Leopoldo, segundo o CENSO 2000 e as faixas etárias obtidas nesta pesquisa	209
Tabela 4.54: Variáveis relacionadas às faixas etárias dos respondentes	212
Tabela 4.55: Comparação entre o perfil dos usuários dos espaços públicos pesquisados.....	214
Tabela 4.56: Ranking dos espaços mais utilizados, mais importantes e dos espaços considerados turísticos, de acordo com o total da amostra	215

1. ESPAÇOS PÚBLICOS E TURISMO

1.1. Introdução

O presente estudo insere-se na área do planejamento urbano e regional e tem por tema a dinâmica de apropriação de espaços públicos de lazer de uso cotidiano, utilizados para promoção do turismo. Ressalta-se que os méritos econômicos que o turismo gera não são aqui tratados, pois o interesse deste trabalho está nos indivíduos, na convivência social e nos benefícios que o turismo pode trazer à manutenção e sobrevivência dos espaços públicos de lazer (GASTAL, 2005). Ao relacionar turismo e espaços públicos como uma alternativa de lazer no tempo livre para moradores e visitantes de uma localidade, acredita-se que o turismo deixa, sob tal enfoque, de ser uma atividade secundária, elitista e passa a ser um direito não só de quem tem condições (BENI, 2007).

São feitas a seguir breves considerações sobre as funções e o uso dos espaços públicos na história, que permitem entender algumas transformações ocorridas ao longo dos tempos. Também são feitas considerações acerca da importância dos espaços públicos de lazer para a formação do produto turístico e a relevância que o morador tem no processo de planejamento turístico. Por fim, o problema desta pesquisa é descrito, a partir das considerações sobre espaços públicos e turismo.

1.2. Considerações sobre as funções e o uso dos espaços públicos

Estabelecendo uma linha temporal acerca do modo como os homens vêm utilizando os espaços públicos, chega-se ao passado grego e romano, no qual a rua atendia às funções de comércio e circulação e a praça era o lugar de encontro social, nobre e de prestígio, que se chamava Ágora, na Grécia e Fórum, em Roma (LAMAS, 1992; SALDANHA, 1993; ROLNICK, 2004). Já na Idade Média, os espaços públicos abertos eram uma regalia no complexo tecido medieval e o comércio, na forma do mercado – lugar de trocas e serviços –, era sua função principal. As praças geralmente tinham formas irregulares e agregavam, além das funções comerciais, as reuniões sociais dos moradores com os vizinhos da região (LAMAS, 1992).

Durante o Renascimento, iniciaram-se grandes transformações urbanas, que causaram a expansão das cidades medievais para além de seus muros (ROLNICK, 2004). A

rua e a praça também passaram a ter funções estéticas, tornando-se a primeira, um percurso visual e decorativo e a segunda, o lugar onde se concentravam os principais edifícios e monumentos. Destaca-se que foi no período renascentista que a praça atingiu seu ápice como lugar de valor funcional, político, social, simbólico e artístico (LAMAS, 1992). A evolução e o requinte no modo de viver introduziram a árvore no passeio público, proporcionando a invenção de recintos arborizados, com sentido de recreio e práticas sociais (LAMAS, 1992; SEGAWA, 1996). A sociedade da época adotou o costume de passear de carruagem e, de acordo com SENNETT (1988), por volta do século XVIII, as ruas européias passaram a ter também o sentido de exibicionismo e 'teatralização' na convivência pública, através de transformações sociais e adoção de regras claras de conduta e vestimentas.

No final do século XVIII, inicia-se na Europa um dos mais importantes acontecimentos, que influenciou drasticamente em todos os setores da sociedade: a Revolução Industrial. Uma das conseqüências foi o abandono de zonas rurais e a expansão das cidades européias. Em cem anos a população da Inglaterra, por exemplo, chegou a quadruplicar e, segundo Lefebvre (2001), estas populações se amontoavam atingindo grandes densidades, fazendo que muitas pessoas tivessem que se deslocar para periferias distantes. Com a criação das indústrias, homens, mulheres e crianças passaram a se submeter a jornadas extenuantes de trabalho, diminuindo, conseqüentemente, o tempo de convivência social e uso dos espaços públicos. Então, no século XIX, diante das dificuldades físicas enfrentadas pelas cidades, reforçou-se a preocupação com a vegetação, implantando-se parques, jardins, entre outras áreas verdes, de modo a sanar alguns destes problemas (YURGEL, 1983; SERPA, 2007). De acordo com SITTE (1992), numa política higienista, os espaços verdes eram vistos como imprescindíveis à respiração das cidades e, por isso, chamados de pulmões.

No início do século XX, com o intuito de solucionar os problemas da populosa e complexa cidade industrial, surgiu o Movimento Moderno que objetivava a construção de cidades de maneira funcional e racional (CAMPOS, 1997). Segundo Yurgel (1983), alguns dos preceitos da Carta de Atenas, escrita pelos membros do Movimento, pregavam a divisão da vida urbana em quatro variáveis: habitar, trabalhar, circular e cultivar o corpo (recrear). Os espaços públicos neste período aumentaram sensivelmente, pois uma das premissas do Movimento Moderno era que amplos espaços verdes e ensolarados ajudavam na função de recreação e na qualidade de vida das pessoas (SCHERER, 2007). Destaca-se o surgimento dos primeiros playgrounds e equipamentos lúdicos para o lazer, em decorrência do crescimento da classe média, do aumento do tempo livre e conseqüente valorização do lazer ativo, principalmente após a II Guerra Mundial (YURGEL, 1983; NIEMEYER, 1990).

No final da década de 50, surgem críticas e protestos generalizados sobre a qualidade do ambiente urbano que vinha sendo produzido pelos racionalistas, baseados na Carta de Atenas. Dizia-se que a arquitetura do Movimento Moderno ignorava as condições específicas do contexto onde se inseria, não considerando aspectos físicos e ambientais, sociais e culturais (DEL RIO, 1990). Em algumas cidades foram projetadas grandes superfícies arborizadas pela malha urbana, isolando moradias umas das outras, o que resultou na diminuição da convivência nos espaços públicos. Segundo Jacobs (2000), em decorrência do zoneamento, houve o abandono de partes da cidade em determinados horários, tornando tais lugares perigosos e pouco convidativos para os momentos de sociabilidade.

Já nas últimas décadas, o espaço público estaria sendo considerado, de acordo com Albernaz (2007), como um lugar a ser evitado para o convívio social, pelo perigo e violência. Neste contexto de insegurança, os indivíduos estariam vivendo um processo de inversão de valores existentes na cidade e na realidade urbana e os espaços que antes tinham seu valor medido pelo uso, hoje estariam sendo planejados e estimados pelo seu valor de troca ou de consumo, havendo uma valorização dos espaços como mercadoria (SANTOS, 1987; PORTUGUEZ, 2001). Como exemplos destes novos espaços 'públicos', motivados pelo consumo, poderia-se mencionar a construção de *shopping centers*, tidos como mais confortáveis e seguros, por terem horário de funcionamento amplo, permitindo o uso em qualquer condição climática e, possibilitando ainda, um passeio tranquilo, sem o assédio de pedintes (BRENOL, 1997). Todavia, entende-se que ainda que muitas pessoas considerem o *shopping center* como um espaço público, ele não o é, visto que existe controle de acesso e permanência e alguns membros da sociedade podem ser impedidos de frequentá-lo.

Contribuindo para o esvaziamento dos espaços públicos, estaria a globalização, proporcionando a instantaneidade na troca de informações e a possibilidade de se navegar pela Internet para todo o mundo, criando desse modo a noção de espaço virtual (TRIGO, 1998). De acordo com alguns autores (por exemplo, BARRETTO, 1995; ROLNICK, 2004), muitas pessoas prefeririam ficar em casa, seguras e rodeadas de tecnologias, do que sair às ruas e encontrar pessoas que nem sempre compartilham de seus interesses. Conseqüentemente, a circulação de idéias e a opinião pública, que antes era formada nos espaços públicos, com a expansão das mídias eletrônicas, teriam passado para o âmbito da vida privada, via televisão e internet, por exemplo, e não mais nas trocas pessoais com amigos, colegas, vizinhos (PICCINI, 2003; GASTAL; MOESCH, 2007).

Todavia, ainda que alguns autores enfatizem que, pelas recentes transformações, o espaço público deixou de assumir o papel que teve outrora como suporte e condição para a interação social, há os que não acreditam no seu esvaziamento. Existem investigações que procuram reafirmar o sentido democrático dos espaços públicos, argumentando que não se

pode decretar o desaparecimento ou retração da convivência nestes, sob a alegação de que se tornaram inóspitos, pois a vida pública está sempre em transformação, principalmente no tocante às formas de uso (CARR et al., 1992; MAGNANI, 2005). Neste sentido, também os espaços públicos mudam e criam-se novas tipologias, visto que eles são o reflexo da sociedade a que pertencem. Muda seu público, muda sua aparência, muda inclusive o significado atribuído a eles. Alguns perecem ou são privatizados diante do descaso e abandono das autoridades e dos cidadãos, outros permanecem requisitados, verdadeiramente públicos e significativos (ALBERNAZ, 2007).

Portanto, acredita-se que as pessoas continuam freqüentando os espaços públicos e participando da vida pública, embora tomem mais cuidado (CARR et al., 1992). Segundo Basso (2001), alguns espaços reestruturados de forma a atrair o público (em áreas centrais das grandes cidades e em bairros residenciais) têm tido sucesso em seus propósitos, apresentando grande incremento no uso. Ao planejador urbano caberia promover espaços que funcionem com caráter de lugar, criando ou reforçando uma interação entre os indivíduos e o ambiente. Por exemplo, em intervenções urbanísticas realizadas e incluídas nos projetos Rio-Cidade, no Rio de Janeiro, há essa intenção: “recuperar para as ruas a sociabilidade perdida para os *shopping centers*” (ALBERNAZ, 2007, p. 48).

Neste trabalho, ao falar-se em espaço público, entende-se como aquele de acesso irrestrito, no qual as pessoas realizam atividades individuais ou em grupos (LYNCH, 1997) e que podem ter várias formas e assumir diferentes nomes tais como rua, praça, parque, largo, playground, jardim público, entre outros, mas sempre com funções em comum. Fisicamente, organizam a malha urbana, permitem a mobilidade para circulação, permanência e lazer da população e coincidem com a localização e distribuição de instalações e equipamentos de apoio aos serviços urbanos (CARR et al., 1992; ALBERNAZ, 2007). Socialmente, estão no mundo das relações contratuais que regem o convívio e a interação daqueles que não têm outros laços de união além da sua igualdade enquanto cidadãos. Simbolicamente, os espaços públicos se tornam, com freqüência, o lugar da novidade, do inesperado, o lugar onde se dá o social também como espetáculo que permite aos indivíduos assumirem identidades, desempenhar determinados papéis e, até certo ponto, escolher os enredos dos quais desejam participar (SANTOS; VOGEL, 1985).

1.3. Potencial turístico dos espaços públicos urbanos

O turismo está num campo de práticas histórico-sociais que pressupõem deslocamentos dos sujeitos em tempos e espaços diferentes daqueles de seu dia-a-dia. Estes deslocamentos possibilitam afastamentos concretos e simbólicos do cotidiano, que implicam em novas práticas e comportamentos diante da busca do lazer, do aprendizado, do

prazer, etc. Assim, o turista, ao deslocar-se por uma cidade, pode se defrontar com o novo e com o inesperado, vivenciando processos que o fazem refletir sobre o ambiente e as práticas estabelecidas naquele momento e sobre suas experiências passadas (GASTAL; MOESCH, 2007).

No contexto turístico, as cidades, cada vez mais, constituem-se como produtos¹, através de sua infra-estrutura e das atividades que oferecem (GASTAL; MOESCH, 2007). Observa-se o uso do ambiente urbano como atrativo turístico, principalmente, em consequência do crescente interesse por elementos culturais e patrimoniais (BENI, 2007). Tais elementos compõem a ambiência cotidiana de uma cidade e apresentam-se de diversas maneiras: alguns são considerados Patrimônio Cultural, outros vivem apenas na memória ou na vivência das pessoas, através de suas experiências de vida, histórias e estórias que foram marcadas por objetos, lugares, paisagens e acontecimentos (MOREIRA, 2008). A ambiência cotidiana, quando reconhecida e utilizada como base para o lazer e turismo, pode promover a geração de espaços voltados para o bem-estar da população e pode ajudar na experiência turística, abrindo novas oportunidades de descobrimento desses espaços pelos visitantes, que passarão a perceber o lugar com um olhar diferenciado (MARQUES, 2007).

Segundo Castrogiovanni e Gastal (1999), as práticas de turismo urbano podem ser classificadas em cultural, recreativa e de negócios. A tipologia aqui estudada é a de turismo urbano recreativo realizado em espaços públicos de lazer, mas destaca-se que o turismo urbano recreativo abarca todos os recursos recreativos, esportivos e de lazer em geral que se encontram disponíveis numa cidade, podendo ser de natureza pública ou privada (SALVATI, 2004).

O lazer é entendido aqui como um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, se divertir, se entreter e recrear ou ainda, para desenvolver sua formação, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade (DUMAZEDIER, 2004). O lazer acontece no tempo livre dos indivíduos, tempo restante após as obrigações profissionais e sociais (aquelas não vividas como lazer). Não se sabe ao certo quando o lazer começou a fazer parte da vida das pessoas como uma atividade planejada (YURGEL, 1983; PORTUGUEZ, 2001), mas, atualmente, uma cidade oferece infinitas possibilidades para o lazer e desfrute do tempo livre (KRAUSE, 1999), tanto que se pode dizer que o ambiente urbano é um equipamento potencial de lazer e quanto mais complexo e diversificado, tanto mais plenamente pode ser apropriado para este fim.

¹ Segundo Acerenza (1991 apud BARRETO, 1995), o produto turístico é composto, basicamente, de *atrativos* (lugares ou eventos), *facilidades* (alojamento, alimentação, entretenimento e complementares) e *acesso* (transporte).

É sempre possível haver um maior incremento da oferta de atrativos e da demanda de turistas, de modo que o processo de requalificação, quando aliado ao lazer e ao turismo, pode produzir lugares com identidade própria, significativos para turistas e moradores (MARQUES, 2007). Entre as condições básicas para o desenvolvimento do turismo urbano, estaria a necessidade da construção de um imaginário positivo da cidade, expresso na qualidade de vida dos moradores, clarificado no seu acesso à “educação, limpeza pública, saneamento, presença de espaços verdes, de áreas de lazer públicas. Marcando um bem viver que encaminhe o bem receber.” (GASTAL; MOESCH, 2007, p. 55). Portanto, sob o ponto de vista turístico, os espaços públicos com forte poder de atração, representam uma forma de viabilizar e incentivar o turismo (SILVA, 2005) e fazem parte da infra-estrutura deste sistema, sendo comumente utilizados como atrativos na formação do produto local.

As ruas e demais espaços de uso público deixam transparecer todos os tipos de detalhe e atividade, mostram visualmente se a vida naquela cidade é intensa e diversificada (JACOBS, 2000). Esta diversidade, bem como a rotina do morador, seus hábitos e costumes, formas de trabalho e lazer, interessam ao turista e quanto mais utilizado for o espaço público, maiores serão as possibilidades de trocas e experiências entre visitantes e visitados (CASTROGIOVANNI, 1999; WAINBERG, 1999). Tem-se como exemplo, algumas cidades européias ou mesmo cidades brasileiras (figura 1.1), em que espaços públicos, como praças, parques e ruas, são intensamente utilizados e fazem parte do cotidiano dos moradores, sendo muito apreciados pelos visitantes.



Figura 1.1 – Exemplos de espaços públicos intensamente utilizados para lazer e turismo: a) Parque Independência em São Paulo; b) Parque Municipal do Barigui em Curitiba. Fonte: autora, 2008.

Beni (2007) ressalta a necessidade de que os planejadores busquem a qualidade dos espaços públicos, através da interpretação das necessidades sentidas pela comunidade em seus espaços de lazer, pois os problemas existentes na cidade são nocivos ao turismo, visto que prejudicam a qualidade de vida local. Por sua vez, quando a oferta dos produtos

turísticos de uma cidade é melhorada, há uma tendência de melhora na qualidade de vida da população residente, visto que a fronteira entre equipamentos para o uso dos visitantes e para o lazer da população é cada vez menor, de modo que o que serve ao morador também serve ao turista (WAINBERG, 1999; BARRETTO, 2000).

Portanto, moradores e turistas podem ser usuários dos mesmos espaços de lazer numa cidade e, para fins de planejamento turístico, ambos podem ser considerados como turistas ou usuários em potencial. Chama-se assim a atenção para a importância em incentivar os deslocamentos dos moradores pelas diferentes áreas da sua cidade, com o objetivo de promover a troca de informações e a apropriação, proporcionando aos residentes o conhecimento de novos espaços, com novas possibilidades de lazer, aproximando-se do conceito de turista cidadão² defendido por Gastal e Moesch (2007). Aproximando-se ainda do que Lefebvre (2001) defende como o verdadeiro direito a cidade: direito a ter acesso a espaços, equipamentos, instituições, serviços que transcendem os limites da vida cotidiana no bairro.

Ao pensar nesta ligação, aponta-se aqui um modelo de planejamento que trabalha com a igualdade dos turistas e moradores (GASTAL, 2000). O exemplo vem da Prefeitura de Porto Alegre, que na década de 90, numa linha pioneira de reflexão, através do Escritório de Turismo, adotou em seu plano de ações, que deveriam ser considerados turistas mesmo os moradores locais, quando estes se deslocassem de suas rotinas espaciais e temporais. Esta concepção partiu da consideração que, atualmente, os deslocamentos no interior de grandes cidades podem ser chamados de turismo, visto que são tão complexos como aqueles realizados entre regiões, proporcionando inúmeras sensações, como o estranhamento, o prazer e a ansiedade diante do desconhecido e do novo (VELHO, 2004; GASTAL, 2005). O estranhamento, assim, não dependeria do tamanho da distância percorrida, mas da mobilização afetiva desencadeada:

Quando o cidadão sai de suas rotinas temporais e espaciais ao visitar, por exemplo, um bairro diferente do seu. O outro bairro, o novo bairro, o bairro distante ou o bairro ao lado pode significar um espaço, mas também um tempo, diferente daquele do cotidiano de quem se desloca. E isso ocasiona surpresa, mobiliza sentimentos e comportamentos (GASTAL; MOESCH, 2007, p. 12).

Assim, o turismo quando planejado dentro de um paradigma embasado na comunidade local pode fornecer boas oportunidades para garantir a sustentabilidade dos

² “O turista cidadão é aquele morador da localidade que vivencia práticas sociais, no seu tempo rotineiro, dentro de sua cidade, de forma não rotineira. Turista cidadão é aquele que resgata a cultura da sua cidade, fazendo uso do estranhamento da mesma. Este estranhamento inicia no momento em que o indivíduo descobre no espaço cotidiano, outras culturas, outras formas étnicas e outras oportunidades de lazer e entretenimento (...)” diferenciadas do seu cotidiano (GASTAL; MOESCH, 2007, p. 65).

valores culturais e naturais de uma região (CASTELLO; CASTELLO, 2001), valorizando, por vezes, lugares que a princípio não teriam chance pela lógica da produção capitalista, contribuindo para o bem-estar social dos moradores, que teriam a oportunidade de (re)conhecer seus recursos naturais e culturais, desenvolvendo maior sentimento de pertencimento e, conseqüentemente, elevando seu grau de cidadania/participação (CASTROGIOVANNI, 2003).

1.3.1. O planejamento do turismo e o morador

Sem entrar em méritos de tipologias de planejamento mais adequadas, pode-se dizer que o planejamento turístico consiste em um processo, baseado em pesquisa e avaliação, que busca otimizar o potencial de contribuição da atividade turística ao bem-estar humano e à qualidade do ambiente (HALL, 2001). De uma forma geral, o planejamento turístico é feito através das etapas de diagnóstico e prognóstico, que visam responder questões tais como: quais são os recursos do município? Em que estado se encontram? Quem usará? Como serão ofertados estes recursos? E assim sucessivamente, até que a atividade turística seja ordenada, planejada e executada (SALVATI, 2004). O turismo urbano recreativo é, portanto, resultado do planejamento e das ações que iniciam com o diagnóstico dos componentes que formam o lazer de uma localidade (recursos e atrativos), que depois de identificados, servem de base para compreender quais funções serão predominantes e quais atividades irão compor o produto turístico do lugar (MARQUES, 2007).

Todavia, como argumenta Portuguez (2001), algumas intervenções voltadas para o turismo são feitas a partir do ponto de vista mercadológico devido à importância que a atividade de recreação tem assumido tanto para a administração pública quanto para a atividade empresarial privada. Sabe-se que o turismo constitui importante meio de geração de renda e é este o principal ponto focado pelos estudiosos de maneira geral. Em inúmeros estudos, os benefícios sociais do turismo são esquecidos, originando uma visão fragmentada e superficial da atividade, e a ausência da preocupação com o engajamento da população local (BENI, 1999; PANOSSO NETTO, 2005).

Parecem faltar alicerces, bases de sustentação conceitual, faltam informações e comunicação entre as partes interessadas (MOESCH, 2003). De acordo com Boullón (2004), muitas vezes, a preocupação com o resultado imediato, subtrai a pesquisa, a investigação do local. Investigações mais detalhadas não são feitas, e a base para a formulação de planos e projetos vem das idéias de arquitetos, de clientes e de gestores públicos, não sendo observadas as necessidades dos moradores e nem a forma pela qual o espaço público atende a estas necessidades e se as atende (CARR et al., 1992).

Percebe-se que são ações que voltam-se mais para atrair visitantes de outras localidades (SERPA, 2007), de modo que os moradores são vistos como espectadores que devem ser hospitaleiros e não como usuários em potencial, que precisam ser incentivados para a fruição, pois muitas vezes estão descontentes com seus espaços de lazer ou desconhecem as possibilidades de lazer em sua cidade. Ironicamente, pelas práticas espaciais e estratégias de representação, esses moradores fazem discursos relacionados à crítica aos lugares que freqüentam. Comportamentos, atitudes e formas de apropriação espacial, como por exemplo, as trilhas e os caminhos espontâneos nos gramados dos espaços públicos, os bancos ignorados ou disputados, as incivildades cometidas em determinados lugares, são formas de discursos (SERPA, 2007).

Portanto, no planejamento urbano, não basta que os administradores conheçam técnicas, eles precisam conhecer os lugares (JACOBS, 2000). É necessária também, a redescoberta das formas de lazer da população, buscando a ampliação e democratização dos territórios, de tal forma que ofereçam oportunidades de efetivo encontro com o outro e de permanente construção de uma sociedade mais solidária (PORTUGUEZ, 2001; SERPA, 2007). O planejamento turístico precisa ter ênfase na cidadania, precisa vir acompanhado de um desenvolvimento que assegure o bem viver, no qual a própria comunidade definirá os limites espaciais de interação do visitante, garantindo trocas (GASTAL; MOESCH, 2007). Desta forma, justifica-se a necessidade de pesquisas na área do turismo que se preocupem com a qualidade e atratividade dos espaços públicos destinados ao lazer nas cidades.

1.4. Delimitação do problema de pesquisa

Ao formular o problema desta pesquisa, parte-se, primeiramente, da negação do esvaziamento dos espaços públicos e da vida pública, pois entende-se que existem variáveis que podem influenciar na intensidade de uso. Parte-se igualmente, da compreensão acerca da importância que os espaços públicos de lazer de sucesso têm para a formação do produto turístico, porém é dada pouca importância à figura do morador durante o processo de planejamento turístico, ainda que se saiba que o morador é essencial para o sucesso dos espaços públicos de uma cidade. Verifica-se uma carência de estudos, na área do turismo, que apresentem uma análise das variáveis relativas à dinâmica de apropriação dos espaços públicos, através da investigação das formas de apropriação feitas pela população local e que respondam o que influencia a percepção do potencial de atratividade e a intensidade de uso dos espaços públicos.

Portanto, esta pesquisa trata da necessidade de compreender e identificar as razões – sejam estas relacionadas com características físico-espaciais ou de outra natureza –, que influenciam o desempenho de espaços públicos de lazer e seu reconhecimento como

atrativos turísticos, a partir da opinião dos usuários dos espaços públicos. Acredita-se que se a lógica de algumas investigações, na área do turismo, partisse de tal ponto de vista, poderia haver menos disparidades entre o que é oferecido como atrativo turístico e o que, de fato, está apto a ser divulgado como tal, além de maior compromisso com a qualidade dos espaços oferecidos à população.

1.5. Objetivos da pesquisa

Objetiva-se contribuir para o planejamento turístico, através da compreensão dos processos de atração e apropriação dos espaços públicos de lazer, apontando as variáveis mais relevantes, de forma a tornar tais equipamentos mais atrativos e democráticos para o cidadão, morador ou visitante de uma localidade. Pretende também contribuir para o entendimento de que os moradores são usuários em potencial dos atrativos turísticos da cidade, que necessitam de incentivos para se deslocar até esses espaços de lazer.

Ainda pretende contribuir para os estudos de lazer contemporâneo e das formas de apropriação dos espaços públicos. De forma mais específica, espera-se fornecer subsídios para os gestores dos espaços públicos de lazer da cidade investigada, de forma a promover maior qualidade e ampliar as possibilidades de uso turístico destes espaços.

1.6. Estrutura e conteúdo do trabalho

O trabalho foi estruturado em cinco capítulos. No primeiro capítulo, é estabelecida a fundamentação a partir da qual surgiu esta pesquisa e o tema abordado. O problema de pesquisa é delimitado e os objetivos que norteiam o trabalho são explicitados, assim como são apresentados os capítulos da dissertação.

O segundo capítulo estabelece a base teórico-conceitual do trabalho, obtida através da revisão da literatura da área de estudos ambiente-comportamento. É enfocada a importância do uso para o sucesso dos espaços públicos e, com base na literatura, são apontadas variáveis que tendem a causar diferentes níveis de atratividade e de apropriação aos espaços públicos, de modo a ter maior clareza e veracidade na leitura dos espaços pesquisados.

O terceiro capítulo traz os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa, nas duas etapas de trabalho. É apresentado o estudo de caso e os procedimentos e critérios definidos para a seleção dos objetos de investigação. Os métodos de coleta e de análise de dados são apresentados e uma breve descrição dos objetos de investigação é feita.

O quarto capítulo apresenta e discute os resultados da pesquisa. Traz a descrição detalhada dos objetos investigados, através dos múltiplos métodos utilizados, e as hipóteses de pesquisa são verificadas, com base nas variáveis exploradas.

O quinto capítulo traz, por fim, a conclusão do trabalho, discute as hipóteses exploradas e estabelece as implicações dos resultados obtidos para a atratividade e dinâmica de apropriação dos espaços públicos, para o estudo das relações ambiente-comportamento e para o planejamento do turismo, especificamente nos espaços públicos com fins de lazer.

2. VARIÁVEIS RELACIONADAS À ATRATIVIDADE E USO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS

2.1. Introdução

No capítulo 1 constatou-se que nem sempre os moradores e demais usuários são vistos como sujeitos no processo de planejamento turístico dos espaços públicos de lazer. Esta constatação atesta a carência de estudos que compreendam e identifiquem os aspectos físico-espaciais ou de outra natureza, que influenciam o desempenho de espaços públicos de lazer e seu reconhecimento como atrativos turísticos, a partir da opinião dos usuários dos espaços públicos.

Como premissa para esta investigação, parte-se da importância do uso do espaço público como indicador de desempenho. O tipo e a intensidade de uso de um espaço público são sintomáticos: através do uso é possível medir quando alguns espaços têm mais sucesso e são mais atrativos do que outros.

Este capítulo apresenta, por meio do referencial teórico, os argumentos que exemplificam a dimensão do uso, dos tipos de atividade que ocorrem nos espaços públicos, que promovem o potencial de atratividade, afetam as motivações dos usuários e a intensidade de apropriação desses espaços urbanos.

A seguir são identificadas as variáveis relacionadas às características físico-espaciais do ambiente construído e as variáveis relacionadas às características dos usuários que definem a percepção da qualidade espacial e podem afetar a intensidade de uso de um espaço público, bem como a avaliação de desempenho norteando as preferências por determinados tipos de espaços públicos.

2.2. Dinâmica de apropriação dos espaços públicos: tipos de uso e atratividade

A apropriação através do uso é um processo fundamental de intervenção sobre um determinado espaço (FISCHER, 1994, apud PINHEIRO; DUARTE, 2007). O uso, segundo Whyte (1988), é uma dimensão freqüentemente utilizada para medir o sucesso de um espaço, pois é o uso que traz animação e pode elucidar algumas contradições (SANDEVILLE JR., 2006).

A função de um espaço público implica no papel cotidiano que tende a desempenhar. Pode-se dizer que não existe função fixa, pois é alterada de acordo com o próprio compasso

social, dependendo das necessidades dos usuários (SALDANHA, 1993; CASTROGIOVANNI, 1999). Assim, pode-se dizer que um espaço é sempre o espaço de alguma atividade, assim como as atividades só podem ter lugar em algum espaço (SANTOS; VOGEL, 1985). Portanto, na análise do espaço público urbano, forma e conteúdo são indissociáveis (SERPA, 2007).

As ações dos indivíduos podem criar marcas urbanas que são historicamente incorporadas às paisagens. O uso dos espaços públicos pode ser importante para a estrutura de uma cidade com a criação de pontos de encontro, por exemplo, como consequência do acúmulo de pessoas que se reúnem em determinado espaço, criando um marco referencial (LYNCH, 1997). Essa concentração pode se desenvolver naturalmente, através da apropriação por repetido uso de um modo particular ou por concentração de pessoas devido a algum atrator. Os pontos de encontro podem estar associados às edificações ou aos espaços abertos e eles adquirem com este uso um caráter específico e marcante na paisagem urbana (CASTROGIOVANNI, 1999). Alguns desses pontos de encontro tornam-se o foco e a síntese de um bairro. (LYNCH, 1997).

Para Lefebvre (2001) o espaço público tem na sua razão suprema a simultaneidade e o encontro, e estes não podem desaparecer. As ruas e suas calçadas, principais locais públicos de uma cidade, são seus órgãos mais vitais. Ao pensar numa cidade, imagina-se suas ruas. Se as ruas de uma cidade parecem interessantes, a cidade parecerá interessante e se parecerem monótonas, a cidade parecerá monótona (JACOBS, 2000).

Desse modo, a existência de algum tipo de vida pública é um pré-requisito para o desenvolvimento do espaço público e este serve como um espelho dos seus valores públicos e privados (GASTAL, 2006). Cada novo espaço público afeta diretamente a cultura pública e quando ele tem sucesso, nas formas em que se apresenta, aumenta as oportunidades de participação em atividades comunitárias (CARR et al., 1992). Ainda que grande parte dos contatos estabelecidos nos espaços públicos seja trivial, a soma de tudo não o é, pois a soma desses contatos, feitos por moradores do entorno de uma praça ou de uma rua, por exemplo, pode resultar, muitas vezes, numa rede de respeito e confiança mútuos e no apoio eventual em dificuldades pessoais ou da vizinhança (JACOBS, 2000).

2.2.1. Tipos de uso e qualidade espacial

Estudos mostram (por exemplo, WHYTE, 1988; JACOBS, 2000) que as pessoas podem usar um espaço público por diversas motivações: descansar, jogar, assistir a um jogo, ler, trabalhar, se mostrar, atender a um compromisso, apreciar a agitação da cidade num lugar sossegado, encontrar conhecidos, ter contato com a natureza, manter uma criança ocupada, ver o que ele tem de bom e, quase sempre, para se entreter com a

presença de outras pessoas. Segundo Whyte (1988), o movimento de pessoas nos espaços públicos, funciona como um grande atrator de outras pessoas.

Enquanto alguns indivíduos encontram satisfação somente olhando o movimento, outros preferem um contato mais direto com o lugar e seus usuários. Muitas pessoas param nos espaços públicos para escapar do ambiente confuso, barulhento e lotado dos arredores, neste sentido o espaço público torna-se um abrigo contra as agruras da cidade grande. Ruas, parques e praças também são locais de protestos políticos e de ganhar a vida, para os que não têm empregos formais (WHYTE, 1988; CARR et al., 1992). O tipo de atividade desejada varia muito, mas sempre há por parte do usuário a expectativa que experiências específicas poderão ser realizadas no lugar e que recursos específicos serão disponibilizados.

Os tipos de uso nos espaços públicos podem ser divididos, de acordo com Gehl (1987), em atividades necessárias, opcionais e sociais. As necessárias são aquelas realizadas sob todas as condições: ir a escola ou ao trabalho, fazer compras, esperar por um ônibus ou por uma pessoa, entregar cartas, entre outras. As atividades deste grupo são necessárias e sua incidência é pouco influenciada pela estrutura física do espaço. Elas podem acontecer ao longo de todo ano, em quase todas as condições físicas e climáticas, pois os participantes não têm escolha (GEHL, 1987). Já as atividades opcionais são aquelas realizadas se existe vontade e se as condições externas e as características físico-espaciais são favoráveis. Estão inclusas atividades como caminhar ou descansar num espaço público e a maioria das atividades recreacionais realizadas ao ar livre (GEHL, 1987).

As atividades sociais são aquelas que dependem da presença de outras pessoas e das características físico-espaciais dos espaços públicos. Podem ser chamadas de 'resultantes' ou 'conseqüentes', pois em todas as formas envolvem atividades relacionadas com as categorias necessárias e opcionais. As atividades sociais geralmente acontecem espontaneamente, como conseqüência direta do movimento das pessoas sobre o mesmo local (GEHL, 1987). Estão inclusas nessa categoria atividades como jogos entre crianças, saudações e conversas, atividades em conjunto de vários tipos ou mesmo um contato passivo, como ver e ouvir outras pessoas, sem interagir.

Entre as categorias opcionais e sociais acima mencionadas, estão as atividades de lazer, que exigem qualidade espacial para ocorrerem. Portanto, planejar espaços qualificados para o lazer é cultivar um meio urbano cujas ruas permitam diversas atividades com intensidades variadas, de modo que só não poderia ser considerado de lazer o espaço que de fato jamais fosse apropriado por uma atividade considerada de lazer no sistema classificatório de uma sociedade ou cultura (SANTOS; VOGEL, 1985).

2.2.2. Atratividade e qualidade espacial

Sabe-se que um lugar atrativo, com grande qualidade espacial, tende a atrair mais os indivíduos do que um lugar com pouca qualidade, pois as pessoas são capazes de reconhecer as diferenças existentes, estimando valores e decidindo pelos espaços mais vantajosos para si (CAMPOS, 1997; HAAS, 2000).

Neste ponto, coloca-se um elemento chave para a apropriação dos espaços públicos: a atratividade ou o potencial de atração. Tal processo, gerador da apropriação dos espaços públicos de lazer pelos indivíduos, pode ser entendido como a qualidade de um local ser um atrativo, de ter o poder de atrair ou ser um estímulo (FERREIRA, 1986). Um atrativo, segundo Beni (2007) é todo lugar, objeto ou acontecimento de interesse que motiva o deslocamento de grupos até determinado local. Uma cidade pode ser entendida, de maneira integrada, como um atrativo, com níveis variados de excitação ofertada e a custos diversos (WAINBERG, 1999).

Atratores podem ser elementos existentes em um espaço que motivem determinados deslocamentos. O poder de atração e o deslocamento realizado para chegar ao destino aumentam conforme a riqueza e singularidade do que é ofertado no espaço, o que permite estabelecer uma relação direta entre a atratividade e distância: quanto maior a distância percorrida em relação ao destino, maiores ou mais significativos terão que ser os atratores (LEMOS, 1999).

Os espaços públicos podem ser convidativos, facilmente acessíveis e encorajar as pessoas a usarem, mas também podem ser projetados para dificultar ou manter as pessoas afastadas, fisicamente ou psicologicamente (GEHL, 1987). Quando áreas ao ar livre são pobres em qualidade, somente o estritamente necessário acontece, mas quando elas têm alta qualidade, uma ampla gama de atividades pode acontecer, porque o lugar e a situação convidam as pessoas à participação.

É comum encontrar grandes áreas de lazer, principalmente em grandes cidades, que devido ao seu porte e densidade, atraem indivíduos de lugares distantes, caracterizando-se como recursos turísticos. Como exemplo, pode-se mencionar um estudo realizado em parques de Paris que, segundo o autor (SERPA; 2007), o poder de atração de determinados parques da cidade era tão forte, que estes recebiam visitantes dos bairros próximos e de mais distantes, além de pessoas que vinham de outras cidades e até de outros países. Guardadas as proporções, outro exemplo é a pesquisa realizada por Silva (2005) no Parque Farroupilha, em Porto Alegre, na qual foi constatado que devido à diversidade de freqüentadores e de atividades oferecidas, o parque atraía além de moradores de diferentes bairros, visitantes de cidades da região metropolitana e de outros Estados, que encontravam no parque um interessante espaço para o lazer urbano.

Mas o que define a atratividade de um espaço público para um indivíduo? Quais são as variáveis que determinam a qualidade e a atratividade de um espaço? O entendimento de um espaço público como atrativo, depende inteiramente dos processos de percepção e cognição do seu observador, portanto é preciso compreender de que forma os indivíduos percebem o espaço a sua volta, a partir de que padrões e quais elementos que podem contribuir para a percepção da qualidade espacial e conseqüente atratividade.

2.2.2.1. Atratividade e o processo de percepção ambiental

O processo de percepção e apreensão do espaço urbano ocorre a partir de uma experiência sensorial provocada pelo ambiente construído, seguida de um processo cognitivo, onde a informação percebida adquire valor, torna-se parte integrante da memória, gerando expectativas que se traduzem em atitudes e comportamentos individuais (LYNCH, 1997; REIS, 2002). O processo de percepção é guiado por um esquema (*schemata*) ou banco de dados que cada indivíduo possui e é parcialmente inato e parcialmente aprendido. Este banco de dados forma o link entre percepção (forma percebida) e cognição (significado inferido), guiando também as reações emocionais e as ações (LANG, 1987).

O observador aprende a detectar o valor ou o significado das coisas, percebendo suas distintas categorias, notando suas similaridades e diferenças e as agrupando em categorias e subcategorias, a partir do aprendizado do que fazer com cada elemento percebido no ambiente (GIBSON, 1979 apud LANG, 1987). Estas informações, obtidas através dos processos perceptivos e cognitivos, resultam em uma imagem do ambiente construído, isto é, a imagem percebida. A imagem de um determinado espaço pode variar significativamente entre observadores, mas geralmente existe um consenso entre membros do mesmo grupo (LYNCH, 1997).

A percepção ambiental é dependente das motivações que guiam o comportamento de cada indivíduo, sendo o comportamento dos indivíduos direcionado para a satisfação de suas necessidades (LANG, 1987). De modo que o entendimento da qualidade espacial e da atratividade de um espaço público varia de acordo com as necessidades dos seus usuários. Pode-se dizer que existe uma hierarquia de necessidades humanas – fisiológicas, sociológicas e psicológicas – em relação ao ambiente construído, da mais forte para a mais fraca. Segundo Maslow (1943 apud LANG, 1987), pode-se estabelecer a seguinte relação entre as necessidades dos indivíduos em relação ao ambiente construído e as possibilidades do ambiente satisfazer tais necessidades:

Tabela 2.1 – As necessidades humanas, as funções do ambiente construído e as possíveis contribuições do ambiente construído, adaptado de Maslow (1943).

NECESSIDADES HUMANAS	FUNÇÕES DO AMBIENTE CONST.	CONTRIBUIÇÕES DO AMBIENTE CONST.
Necessidades fisiológicas	Abrigo, segurança	Abrigo, acesso a serviços
Segurança	Contato social	Acesso a serviços, privacidade, territorialidade, orientação, espaço defensível
Pertencimento	Contato social, identificação simbólica	Acesso aos serviços, espaços comunais, estética simbólica (pertencimento, familiaridade)
Estima ou Reconhecimento	Crescimento, prazer	Personalização, estética simbólica, controle/territorialidade
Realização pessoal	Crescimento, prazer	Direito a escolha, acesso a oportunidades de desenvolvimento, controle
Necessidades cognitivas e estéticas	Crescimento, prazer	Acesso a oportunidades de desenvolvimento, descoberta, estética formal

Fonte: LANG, 1987.

O grau com que cada necessidade é preenchida depende da natureza de cada indivíduo, das suas motivações, experiências, dos valores e os custos e recompensas desse engajamento, bem como das características físicas do ambiente construído (LANG, 1987). Um indivíduo pode adaptar seu comportamento para lidar com o ambiente tal como ele é, todavia é importante dotar um ambiente com os equipamentos adequados, culturalmente apropriados, configurando-o de diferentes maneiras capazes de atender às necessidades dos envolvidos (LYNCH, 1997).

De acordo com a abordagem Ecológica, que investiga as relações entre o ambiente construído e o comportamento humano, o que o indivíduo percebe são as *affordances* do ambiente. As *affordances* – termo em inglês sem equivalente em português – são as oportunidades que o ambiente oferece aos indivíduos, são as propriedades percebidas, tidas como significantes funcionalmente (LANG, 1987). Assim, o ambiente é potencialmente rico em *affordances*, para as experiências e comportamento humano, que são percebidas e utilizadas de diferentes maneiras.

Portanto, um indivíduo avalia a atratividade de um espaço público com base no que ele pode lhe oferecer para a satisfação de suas necessidades momentâneas, pesando os custos e recompensas do deslocamento até determinado espaço. Por exemplo, para satisfazer a sua necessidade de lazer, um indivíduo tem que decidir para onde ir, quando e que quantidade de sua renda deseja ou pode destinar nesta atividade de diversão fora de casa (HAAS, 2000). De acordo com a figura 2.1, pode-se sugerir como funcionaria o processo de percepção da qualidade ambiental, em termos de custos e recompensas e conseqüente escolha pelo local mais adequado.

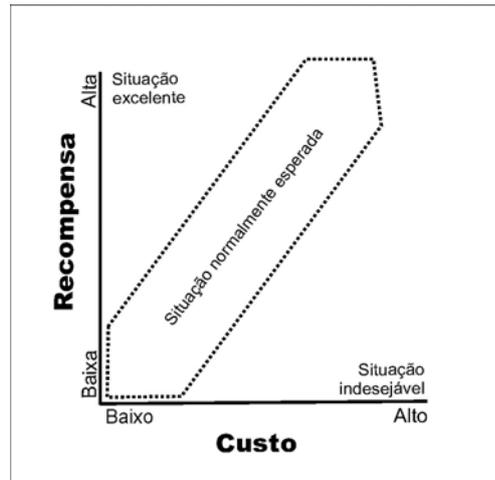


Figura 2.1 – Percepção da qualidade ambiental em termos de custos e recompensas, adaptado de Helmreich (1974 apud LANG, 1987). Fonte: autora, 2009.

Para Helmreich (1974 apud LANG, 1987) a situação normal para a realização de alguma atividade, seria aquela em que os custos e as recompensas cresceriam de forma diretamente proporcional. Já uma situação indesejável e menos atraente, seria aquela em que se teria um custo alto, e uma recompensa baixa e a situação excelente e mais atraente, seria aquela em que as recompensas seriam altas e os custos baixos (figura 2.1).

Portanto, existe uma série de elementos que um espaço público pode oferecer para atrair e satisfazer seus usuários e a partir da observação de espaços com diferentes níveis de apropriação, a literatura aponta variáveis que podem ser determinantes para a percepção da qualidade e atratividade dos espaços públicos. Abaixo são relacionadas as variáveis físico-espaciais, sociais e psicológicas, pertinentes ao entendimento da relação entre estímulos ambientais e as respostas comportamentais dos usuários.

2.3. Variáveis relacionadas ao uso e à atratividade dos espaços públicos

A partir da literatura (por exemplo, GEHL, 1987; FRANCIS, 1987; WHYTE, 1988; CARR et al., 1992; JACOBS, 2000), pode-se estabelecer as variáveis que influenciam a avaliação do desempenho dos espaços públicos, afetando a percepção da qualidade ambiental e do potencial de atratividade de um determinado ambiente construído. São analisados, entre outros aspectos, a acessibilidade física e a visual, as características do entorno e a diversidade de atividades oferecidas, a aparência (aspectos físicos e simbólicos), o conforto e a adequação ambiental, a segurança quanto ao crime e ao trânsito, a territorialidade e a privacidade e variáveis relacionadas ao estilo de vida dos indivíduos, tais como: classes de renda, escolaridade e faixa etária.

2.3.1. Acessibilidade

Os diferentes elementos que compõem a acessibilidade podem facilitar ou dificultar a apropriação de um determinado espaço urbano, contribuindo ou não para a percepção dos usuários de que aquele é um local atrativo. De acordo com Lynch (1997), um espaço público de lazer acessível é aquele com possibilidades de uso igualitário pelos diferentes grupos da população, pois não adianta o indivíduo ter tempo disponível para o lazer se não encontrar espaços disponíveis ou acessíveis (MARCELLINO, 1983). Portanto, a liberdade de acesso é um direito básico e as barreiras físicas, visuais e simbólicas podem limitar o acesso a determinado espaço público (CARR et al., 1992). A acessibilidade aqui tratada está dividida em física e visual.

2.3.1.1. Acessibilidade física

A acessibilidade física está relacionada às questões de localização e configuração do espaço público na malha urbana (se central ou periférica) e de facilidades de acesso como vias de acesso adequadas, layout prezando a acessibilidade universal, presença de sinalização indicativa, disponibilidade de transporte urbano, entre outras (FRANCIS, 1987; CARR et al., 1992; BASSO, 2001).

A) Localização geográfica

De acordo com Whyte (1988), o elemento mais importante para um espaço público é a sua localização, pois tendo uma boa localização (perto de casa, perto do trabalho, num bairro central), é mais fácil o espaço ser percebido como atrativo pelas pessoas. Para Serpa (2007) a facilidade de acesso ao espaço público e a proximidade deste dos potenciais usuários seriam elementos mais importantes para o uso do que aspectos estéticos e históricos do lugar.

Alguns autores apontam (por exemplo, SANTOS, 1987; BOURDIEU, 1997; SERPA, 2007) que a localização dos espaços públicos em bairros periféricos ou percebidos como perigosos poderia fazer com que muitos indivíduos os evitassem, por problemas relativos à falta de acessibilidade e de segurança, pois a visão hierarquizada dos bairros em uma cidade, muitas vezes, serve de estímulo aos padrões de deslocamentos espaciais. Usando o exemplo do Rio de Janeiro, Velho (1973) sugere que a criação dos mitos Copacabana, Ipanema e Barra, como bairros de prestígio e distinção social, só são possíveis num tipo de sociedade em que existe uma identificação entre localização espacial e prestígio social. Assim, o bairro 'chique' contribuiria para a imagem positiva de um espaço público, tornando-

lhe por vezes mais atrativo e, ao contrário, o espaço público localizado no bairro estigmatizado, seria menos atrativo (BOURDIEU, 1997).

B) Configuração urbana

Ao tratar de acessibilidade física, é importante trazer à discussão, os preceitos da sintaxe espacial. De acordo com a sintaxe – entendida como uma ferramenta de análise espacial – a cidade e sua estrutura física podem ser vistas como uma seqüência de espaços abertos, que suportam a interface de dois tipos de pessoas que circulam pelos mesmos espaços: estranhos e moradores, e grande parte das formas de relação entre essas categorias pode ser entendida através das características configuracionais do espaço urbano (HILLIER; HANSON, 1984; LAY; REIS, 2005).

A morfologia urbana determina diferentes graus de acessibilidade e gera espaços mais acessíveis, que dão maior liberdade de deslocamento e controle espacial para os estranhos e, também, espaços menos acessíveis, mais relacionados à presença, controle e movimento dos moradores (RIGATTI, 2002). Dessa forma, a análise sintática busca descrever o assentamento com base no padrão medido destas relações por meio de suas propriedades sintáticas, ou seja, “descrever de que maneira o sistema como um todo se relaciona a cada uma de suas partes constituintes e de que forma a multiplicidade destas relações produz uma estrutura subjacente” (RIGATTI, 2002, p. 75).

As propriedades dos assentamentos podem ser calculadas através das medidas sintáticas de integração, conectividade, controle e profundidade, além das medidas avançadas de inteligibilidade, correlação entre a integração global e a conectividade local; e sinergia, resultado da correlação entre a integração global e a local. A integração é a principal medida sintática e sua investigação busca a menor quantidade de linhas (caminhos) necessárias para passar através de todas as linhas de um sistema, portanto os locais mais integrados são aqueles em que é necessário tomar uma quantidade menor de caminhos para chegar. A integração pode ser dividida em local (por exemplo, R1, R2, R3)³, com profundidade limitada de até ‘X passos de profundidade’ (por exemplo: deslocamentos por dentro de um bairro), e global (RN)⁴ que relaciona cada espaço do assentamento com todos os demais (por exemplo: deslocamentos pela cidade), fornecendo dados sobre a acessibilidade de cada espaço em relação a todos os outros da malha considerada (RIGATTI, dez. 2002). Espaços públicos mais integrados são mais facilmente acessíveis pelos pedestres a partir de outros pontos da cidade, enquanto aqueles menos integrados ou

³ De acordo com Figueiredo (2009), a integração de uma linha/via de acesso pode ser calculada para um subconjunto de determinadas linhas/vias de acesso que têm profundidade a partir dela maior ou igual a um dado raio (R). O raio três (R3) é amplamente utilizado para medir a integração local.

⁴ O RN corresponde a integração global, também chamada de 'integração raio infinito'.

mais segregados estão mais isolados, dificultando o acesso, sobretudo de não moradores (LAY; REIS, 2005). Geralmente, as ruas mais integradas são aquelas em que existe maior concentração de usos comerciais e maior movimento de moradores e visitantes (RIGATTI, 2002).

Dessa forma, a análise sintática possibilita a identificação, através dos valores de integração, dos diferentes níveis de acessibilidade física e potencial de movimento das vias constituintes de uma cidade (LAY; REIS, 2005). A análise da malha urbana é feita através do mapa axial, que é a representação da configuração dos espaços abertos e contínuos desta malha por meio de “suas linhas de acessibilidade – as linhas axiais – e de suas conexões. A representação axial da malha urbana traduz a representação do movimento potencial para e pelo sistema” (RIGATTI, dez. 2002, p. 40).

C) Facilidades de acesso

A proximidade do espaço público de alguns facilitadores de acesso, como paradas de ônibus e estações de metrô, contribuiria para sua acessibilidade física e, conseqüentemente, para sua atratividade (WHYTE, 1988), sobretudo entre os indivíduos de mais baixa renda, já que problemas relativos à falta de transporte podem fazer com que muitos indivíduos não se sintam motivados para realizar maiores deslocamentos. Nota-se que, em alguns casos, as possibilidades de acesso das classes populares a determinados espaços públicos estão ligadas à oferta e à qualidade dos transportes coletivos e à distância a percorrer (SERPA, 2007).

A concepção de espaços públicos que visem atender simultaneamente todas as pessoas com diferentes características, através de um desenho universal é fator relevante para facilitar o acesso (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2006). Quando acontecem limitações de acesso, o uso do espaço pode ser restringido, passando a impressão de um local privatizado (CARR et al., 1992). Barreiras como portões e cercas, podem contribuir para a criação de separações do espaço público com seu entorno e inibir o uso (BASSO, 2001). No caso de espaços públicos cercados, prover vários pontos de entrada ao local pode ser uma solução para aumentar as possibilidades de acesso (CARR et al., 1992).

A sinalização indicativa (placas, painéis e mapas ilustrados, entre outros) também é importante à acessibilidade, pois orienta os usuários menos familiarizados (por exemplo, o turista), bem como os moradores sobre o melhor acesso e a distância a ser percorrida até os locais de lazer, além de servir como meio de divulgação do local (LYNCH, 1997; FILHO, 1999; FIGUEIREDO, 2005).

2.3.1.2. Acessibilidade visual

A acessibilidade visual ou a visibilidade estaria mais relacionada com as possibilidades de visualização (pelos usuários) de determinados locais. Por exemplo, uma praça acessível visualmente, seria aquela possível de se enxergar através dela, porque o layout e os elementos existentes (vegetação, iluminação, características topográficas do terreno) permitem, estando ou não o indivíduo distante fisicamente do espaço (WHYTE, 1988; SERPA, 2007).

A visibilidade parece ser particularmente importante no julgamento de segurança no espaço público, tornando-se importante para a decisão do uso (CARR et al., 1992), pois, de acordo com Serpa (2007), lugares escondidos pela vegetação são objetos de receio e desconfiança por grande parte dos usuários. Todavia o acesso visual também pode ser concebido como contrário a necessidade de privacidade dos usuários. Ao observar-se praças e parques, por exemplo, percebe-se facilmente que casais namorando, pessoas lendo, meditando, por exemplo, preferem ficar em espaços mais reclusos, nos quais a visibilidade por parte dos outros usuários geralmente é baixa (CARR et al., 1992).

Portanto, a acessibilidade pode facilitar ou dificultar a apropriação a um determinado espaço público: quando positiva, pode influenciar e estimular o uso, quando deficiente, pode desestimular o uso. Pretende-se verificar o quanto a localização e os níveis de integração dos espaços pesquisados afetam sua acessibilidade, se existe oferta de transporte suficiente e de vias de acesso adequadas, bem como se o layout do espaço permite que o usuário o acesse livremente ou se há impedimentos, como densa vegetação, portões, guardas, entre outros, de modo a entender o quanto estes elementos influenciam o potencial de atratividade e a apropriação do espaço público pelo usuário.

2.3.2. Características do entorno e diversidade de atividades oferecidas

Segundo pesquisas (por exemplo, WHYTE, 1988; CARR et al., 1992; JACOBS, 2000), as características do entorno de um espaço público (tipos de uso, densidade) e a oferta de atividades disponibilizadas no espaço público podem influenciar a intensidade de uso e contribuir para a atração de usuários.

Pode-se dizer que existem usos primários (que incluem as atividades necessárias) e secundários (que incluem as atividades opcionais e sociais): os usos primários – como ir ao trabalho, ao supermercado ou ao banco – são aqueles que por si só atraem pessoas a um lugar específico, funcionam como âncoras (JACOBS, 2000), já os secundários – como descansar numa praça ou parar para conversar numa rua – podem surgir como

conseqüência da primeira motivação. Desse modo, o uso de um espaço público, muitas vezes, é conseqüência de um primeiro deslocamento feito pelo indivíduo, que não estava relacionado ao lazer ou a necessidade de usar o espaço público.

A variedade de usos (por exemplo: comercial, empresarial, residencial, institucional) nas edificações do entorno seria positiva, pois propiciaria aos espaços públicos uma variedade de usuários que entram e saem em horários diferentes, mantendo o ambiente urbano ativo por mais tempo, otimizando a utilização da infra-estrutura (GRANT, 2005). Ligada a este uso misto, densidades razoavelmente altas são recomendadas por Gehl (1987) como forma de investir na dinamização dos espaços das ruas. Na diversidade de usos mais complexa e densa, existiria uma sustentação mútua e constante, tanto econômica quanto social e as pessoas tenderiam a usar mais e ficar mais tempo nos espaços públicos (JACOBS, 2000).

Como exemplo de conseqüências da criação de zonas com um único tipo de uso, pesquisas com praças nos Estados Unidos e na Europa (WHYTE, 1988; COOPER MARCUS; FRANCIS, 1990 apud BASSO, 2001) sugerem que se as praças estiverem localizadas dentro de uma zona altamente comercial, podem ser mais usadas em horário comercial, como passagem ou para uma pausa num dia de trabalho. Enquanto que se estiverem localizadas em área predominantemente residencial, podem ser mais utilizadas como espaços de lazer depois que as pessoas retornam às suas casas, depois dos afazeres. Portanto, os espaços públicos precisariam de pessoas que estivessem na vizinhança em horários diferentes ou então correriam o risco de serem usados esporadicamente (JACOBS, 2000).

Os locais que têm comércio tenderiam a ser percebidos como mais públicos do que os locais públicos que não têm comércio (CARR et al., 1992; JACOBS, 2000). Mercados e feiras populares, por exemplo, combinam propósitos sociais e econômicos e podem ser centros para trocas sociais e comércio, pontos de atração com funções essenciais. Os mercados podem cumprir um papel central na vida pública das comunidades, assim como os cafés ao ar livre na Europa, especialmente na França, são convidativos pelas oportunidades de assistir o trânsito de pedestres e a rotina urbana (CARR et al., 1992). Nesses lugares comerciais, o usuário também vai consumir o espaço. O aglomerado de objetos nas lojas e vitrines torna-se razão e pretexto para reunião das pessoas. E é o lugar do encontro, a partir do aglomerado das coisas (LEFEBVRE, 2001).

Sabe-se que diferentes espaços oferecem diferentes graus de escolhas e oportunidades para o uso (SANTOS; VOGEL, 1985). A variedade de atividades que um espaço público oferece e pode suportar, é importante para a intensidade de uso, sendo que ambientes com maior variedade de espaços e de opções para realização de atividades tendem a ter maior atratividade (CARR et al., 1992).

Por exemplo, a existência de espaços para piquenique numa praça ou parque público, com mesas e bancos, poderia incentivar a socialização entre os indivíduos (FIGUEIREDO, 2005). Também, segundo Carr et al. (1992) a existência de equipamentos para prática de atividades esportivas que combinam com o movimento do ambiente, como corridas, jogos e ciclismo, pode levar muitas pessoas para os espaços públicos.

O tipo de equipamento de lazer disponibilizado nos espaços de lazer poderia definir a faixa etária dos usuários. Por exemplo, a existência de playgrounds em algumas praças, estimularia o uso pelas crianças, quadras de futebol podem atrair jovens e adultos e a existência de bancos em ruas, praças e parques, pode afetar de maneira expressiva na atratividade destes espaços (WHYTE, 1988; FRANCIS, 1987; KRAUSE, 1999). Ainda, segundo Basso (2001), a falta de diversidade de atividades destinadas a pessoas que dispõem de mais tempo para o lazer, como adolescentes e crianças, desestimularia o uso por parte dessas faixas, influenciando negativamente a apropriação dos espaços públicos de lazer.

De acordo com Rosa (2002) os eventos programados nos espaços abertos públicos, com fins turísticos ou não, podem ser usados para atrair grande número de pessoas de lugares diversos em períodos específicos, como no caso de festas gastronômicas, religiosas e competições esportivas ao ar livre. Segundo a autora, os eventos também contribuem para melhorar a imagem pública de algumas áreas, visto que, dependendo da grandiosidade do evento, trazem grandes transformações estruturais, promovem a vinda de pessoas que comumente não usariam o local e fazem com que as pessoas que usam o local apenas para deslocamentos diários, empreguem outro ritmo de uso. Portanto, durante a festa, há mobilização para o convívio social e muitos indivíduos têm prazer de engajar-se em atividades multifacetadas que contêm pessoas observando, socializando, se entretendo e consumindo (CARR et al., 1992). Além dos eventos organizados, existem manifestações informais como, por exemplo, vendedores, músicos, palhaços e outros personagens que agitam as ruas e praças e atraem observadores (JACOBS, 2000).

Como consequência do tipo de atividades existentes nos espaços, pode surgir a concentração temática, termo usado por Lynch (1997). Talvez a concentração temática seja o ponto mais nítido da imagem de uma cidade, caracterizada por um espaço inconfundível, por sua vegetação ou pelo tipo de atividade que nele se desenvolve. Como exemplo, tem-se o estudo antropológico de Magnani (2005) sobre circuitos de lazer realizados por jovens paulistanos, no qual foi constatada a existência de aglomerados de pessoas em locais, que o pesquisador denominou de 'manchas', com oferta de diferentes atividades, ligadas ao lazer noturno. Nestas manchas, a atratividade percebida estava fortemente relacionada à oferta de determinados bens ou serviços e à possibilidade de encontro.

Com o acréscimo de circulação de pessoas, outros indivíduos podem ser atraídos por este movimento, visto que, segundo Whyte (1988), a oportunidade de ver, ouvir e encontrar outras pessoas pode ser vista como uma das mais importantes atrações da vida pública. Onde quer que existam pessoas, estas serão decisivas para a atração de outras pessoas.

Portanto, nos espaços estudados busca-se investigar a relação entre as características do entorno e os tipos de atividades oferecidas nos padrões de comportamentos que surgem a partir do que existe, para que, dentre os diferentes usos e atividades num espaço público, possa se compreender o que exerce maior atratividade.

2.3.3. Aparência

O espaço urbano é percebido através da visão (dominante) e demais sentidos, valores e conhecimento de quem observa, de modo que cada espaço público apresentaria duas dimensões para seu observador: a dimensão formal, que corresponde à sua estrutura, às relações entre os seus elementos e a dimensão simbólica que diz sobre os aspectos associados aos elementos do lugar, incluindo associações históricas (REIS, 2002). Portanto, a aparência aqui referenciada, diz respeito a estes aspectos físicos (elementos construídos e naturais presentes no espaço urbano) e aos aspectos simbólicos (importância histórica e familiaridade), que podem afetar a avaliação estética de um espaço público de lazer.

2.3.3.1. Aspectos físicos

Alguns autores (por exemplo, LAY; REIS, 2002; BARTALINI, 2007) argumentam que as questões relativas à aparência física de um espaço público de lazer dizem respeito aos aspectos ligados ao local em que o espaço está assentado (em termos de visual/paisagem), à sua forma física, à vegetação, à iluminação, ao estado de manutenção, entre outros.

A) Visual e forma

Estudos indicam (por exemplo, GEHL, 1987; LYNCH, 1997) que certos lugares contêm qualidades visuais e são altamente convidativos ao olho e ao ouvido, parecendo bem formados, distintos, digno de atenção e participação maior. Tal singularidade estética poderia motivar o deslocamento de indivíduos para áreas distantes do seu local de moradia e permitir um sentimento de agradabilidade, inspirando a permanência no ambiente por algum tempo.

Para Serpa (2007), o espaço público, em especial o parque público, pode conferir charme e qualidade estética ao ambiente urbano circundante, 'convidando' os indivíduos para a vida pública, por meio de um projeto que evoque qualidades e belezas naturais. As edificações no entorno dos espaços públicos além de definir seus limites, também podem atrair usuários pelas visões satisfatórias que oferecem (JACOBS, 2000). Assim, determinados espaços públicos podem se destacar por causar uma impressão agradável gerada pelo conjunto de prédios do entorno, pelo desenho das calçadas, pela disposição de uma grande árvore ou pela arborização do entorno, por exemplo (CASTROGIOVANNI, 1999).

Um lugar com maior complexidade visual traria mais informações para o indivíduo, provocando o interesse cognitivo. Bem como um espaço mais simples ou monótono, em que a forma poderia ser apreendida num relance e cada um de seus segmentos fosse igual aos outros, transmitindo a mesma sensação em todos os lugares, seria pouco ou nada estimulante (LYNCH, 1997; REIS, 2002). Nesse sentido, elementos com maior complexidade visual, com mudanças de nível no piso, agrupamentos de árvores, espaços que abrem perspectivas variadas tenderiam a chamar mais a atenção do indivíduo (ZERBINI; REIS, 2002). Porém, complexidade visual não deve ser confundida com o excesso de detalhamento no local. Segundo Nohl (1988), não é conveniente projetar um espaço público de lazer em todos seus detalhes, visto que estes devem permitir liberdade e autonomia para os usuários. Um espaço mais natural tenderia a ser mais instigante, encorajando a apropriação.

Lynch (1997) sugere que aspectos paisagísticos como a vegetação ou a água tendem a ser freqüentemente citados com carinho e prazer. Alguns exemplos incluem fatores como solo e cobertura vegetal como importantes para a qualidade visual dos espaços abertos (FRANCIS, 1991). Além disso, uma iluminação artificial adequada contribui para a aparência positiva de um espaço público, além de aumentar a sensação de segurança e permitir a utilização do espaço público por períodos mais prolongados (BASSO, 2001; SERPA, 2007).

B) Manutenção

Segundo Gastal (2006), no imaginário urbano, a beleza está associada à qualidade de vida e à segurança e o feio, ao sujo, ao precário e, em especial, ao inseguro e escuso. Neste sentido, a manutenção, dentre os elementos ligados a aparência, pode assumir um papel acentuado na qualidade espacial percebida pelos usuários de uma cidade. Os cuidados com a vegetação (poda de árvores e corte de grama), com a limpeza (ausência de odores desagradáveis e lixo), com a iluminação e a conservação de equipamentos nos

espaços públicos seriam relevantes para a percepção de um espaço atraente esteticamente (LAY; REIS, 2002).

Pesquisas indicam (NASAR, 1998; BASSO, 2001) que espaços abertos bem cuidados são sinônimos de prestígio para certas áreas, aumentando a satisfação com o lugar. Segundo pesquisa realizada no centro de Porto Alegre (KOWARICK et al., 2008), para identificação das edificações ou locais mais e menos atraentes esteticamente, as justificativas mais citadas pelos respondentes, usuários desta região, referiam-se aos aspectos ligados a arquitetura e a manutenção dos espaços, evidenciando que a aparência de um local bem cuidado pode influenciar positivamente na preferência.

O realce da imagem dos espaços públicos é um dos principais objetivos dos gestores municipais, que desejam que os espaços públicos reflitam positivamente na sua gestão, pois o sucesso da vida pública causa a satisfação de boa parte da população (CARR et al., 1992). Para Marcellino (1983), quando há preocupação em qualificar a imagem dos caminhos urbanos, as distâncias percorridas diariamente entre a casa, o trabalho e os espaços de lazer podem se constituir em estímulos para o lazer contemplativo, de modo que percorrer a cidade pode revelar-se uma experiência agradável para os sentidos e promover o orgulho pela cidade e a diminuição de atos de vandalismo.

2.3.3.2. Aspectos simbólicos

Os indivíduos avaliam a aparência visual de um espaço público com base na percepção dos atributos que expressam ou não seus valores, gostos e aspirações. Tais associações com a forma urbana permitem que sejam estabelecidas conexões baseadas no processo de cognição, evocando experiências passadas, (LYNCH, 1997; LAY; REIS, 2002). Assim, além do apelo visual, os espaços de uma cidade podem conter distintas imagens e significados, segundo o conhecimento do observador (LANG, 1987; LEFEBVRE, 2001).

A literatura aponta (por exemplo, GEHL, 1987; CAMPOS, 1997; CASTELLO, 1997) que as conexões simbólicas com o espaço público podem emergir de várias maneiras: através de contínuas experiências pessoais que aquele espaço evoque, por eventos acontecidos no local, por características visuais ou mesmo funcionais. Também a mídia pode ter papel essencial na formação da imagem, negativa ou positiva, de um espaço público, pois sabe-se que os indivíduos são, muitas vezes, atraídos para o espaço público pelas informações divulgadas. Folhetos, vídeos, imagens na internet, programas de TV, filmes, entre outros, são exemplos de meios de construir a imagem de um local e influenciar na atração do indivíduo. Um deslocamento a um destino determinado pode ser completamente alterada por uma ação impulsiva, influenciada pela publicidade de outro local, diferente do planejado (BENI, 2007).

Cada indivíduo pode ter várias associações com alguma parte de sua cidade e a imagem de cada um está impregnada de lembranças e significados (LYNCH, 1997). Estes significados e associações sociais, históricas ou funcionais podem reforçar as sugestões de identidade ou de estrutura que estão latentes na própria forma física do espaço público.

Cada grupo social deixa no ambiente construído suas marcas, sendo que algumas o tempo leva, algumas permanecem na memória oficialmente estabelecida e outras permanecem na memória afetiva das pessoas que usam os lugares cotidianamente (MOREIRA, 2008). Assim, um espaço público aparentemente simples pode ter especial significado para seus usuários, pelas construções sobrepostas de memórias dos indivíduos e pelas experiências compartilhadas (NOHL, 1988; ALBERNAZ, 2007). Segundo Lynch (1997), as associações históricas são reforços poderosos e quando uma história, um sinal ou um significado vêm ligar-se a um objeto, aumentam o seu valor enquanto marco. A frequência com a qual o espaço é lembrado e identificado pelas pessoas, pode indicar o grau de imageabilidade que ele tem. A imageabilidade pode ser entendida como a característica num objeto físico, que lhe confere uma alta probabilidade de evocar uma imagem forte em dado observador.

Para Lynch (1997) a familiaridade dos usuários com os espaços públicos urbanos é um dos fatores que mais influencia a apreciação da paisagem da cidade, pois o ambiente conhecido por seus nomes, familiar a todos, oferece material para as lembranças e símbolos comuns que unem o grupo e permitem que seus membros se comuniquem entre si. De acordo com Santos (1987, 2002), quando um indivíduo se defronta com um lugar cuja história desconhece e a memória lhe é estranha, tende a não valorizá-lo.

Porém a familiaridade pode ter efeito duplo e uma pessoa pode conhecer uma área e não gostar, ao mesmo tempo, pode gostar do que nunca viu antes. Segundo Kaplan e Kaplan (1983 apud NAOUMOVA, 2009), este efeito é possível, pois de um lado, a familiaridade ajuda no processo de legibilidade e clareza do ambiente, permitindo codificar informações de modo mais 'econômico', o que contribui para a avaliação positiva. De outro lado, a familiaridade pode impedir o envolvimento e exploração, proporcionando uma avaliação menos favorável, pois a exploração é mais facilmente realizada onde não existem sentimentos (positivos e negativos) associados ao local (LYNCH, 1997).

Portanto, a partir dos argumentos apresentados sobre a importância da aparência relacionada aos aspectos físicos – aparência visual, forma do espaço público, estado de manutenção, vegetação, iluminação, entre outros – e aos aspectos simbólicos – significado ou importância atribuída aos espaços, grau de familiaridade, imagem percebida – pretende-se verificar as relações entre essas variáveis, o potencial de atratividade percebido e o tipo e

intensidade de uso de espaços públicos, verificando quais elementos, físicos ou simbólicos, contribuem mais fortemente para a percepção da atratividade dos espaços públicos.

2.3.4. Conforto e adequação ambiental

O conforto físico e psicológico é uma necessidade básica dos indivíduos que requerem o provimento de algumas facilidades nos espaços públicos, a fim de satisfazer suas necessidades (CARR et al., 1992). A adequação ambiental pode ser definida como o grau em que um espaço ou objeto se ajusta à conduta habitual dos seus usuários (BASSO, 2001). Quando um indivíduo sente-se desconfortável, sua satisfação geral é tão afetada que ele dificilmente consegue sentir-se bem. Além disso, o conforto e adequação ambiental podem ser decisivos sobre o tempo que as pessoas irão permanecer num espaço público.

A percepção de espaços públicos como confortáveis e adequados, apresenta variações individuais – por razões fisiológicas e psicológicas – dependentes dos níveis de conforto a que cada indivíduo está habituado (LANG, 1994). Todavia alguns fatores podem ser listados como relevantes para a sensação de conforto nos espaços públicos: existência de equipamentos e mobiliário adequados para realizar as atividades desejadas e que permitam o uso prolongado em termos de quantidade e dimensionamento, existência de vegetação adequada que propicie conforto térmico (sol no inverno e sombra no verão), proteção contra o vento, chuva e outros fatores climáticos, além de dimensões espaciais coerentes com a densidade do local (FRANCIS, 1987; CARR et al., 1992; JACOBS, 2000).

2.3.4.1. Equipamentos

A existência de espaços para sentar, que sejam confortáveis e em número suficiente, tem sido lembrada como importante para o sucesso de um local e determinante para o tempo de permanência dos indivíduos. Segundo Whyte (1988), praças norte-americanas que tinham mais bancos e outros equipamentos usados como assentos (*affordances*) eram consideradas mais atrativas. Os estudos de Carr et al. (1992), salientam também a importância de que o espaço de lazer tenha equipamentos como mesas, água corrente e, idealmente, sanitários públicos, para que os usuários possam permanecer por mais tempo no espaço público.

Os assentos podem ser utilizados para descanso, para a contemplação da paisagem e para estabelecer um contato entre indivíduos (FIGUEIREDO, 2005). Na análise do espaço público, podem ser considerados como assentos, além de bancos e cadeiras, os equipamentos que delimitam o espaço, como o *guard-rail*, degraus de escadas, contorno de um canteiro ou da calçada e o uso dependerá da percepção do usuário. Whyte (1988)

constatou que as pessoas sentavam-se onde havia sol e que os lugares sem sol ficavam, geralmente, vazios, dependendo da época do ano. Constatou ainda que as pessoas costumavam preferir locais para sentar voltados para o fluxo de pedestres, próximos das áreas de acesso. Já os pais, que precisam supervisionar suas crianças, preferiam assentos próximos ao playground.

Whyte (1988) salienta que a possibilidade de mudança ou manipulação de equipamentos existentes nos espaços públicos, como a possibilidade de mudança de posição de uma cadeira, por exemplo, expressa respeito pela liberdade dos usuários. Esta liberdade para mudar ambientes, para colocar, remover ou alterar elementos, ainda que temporariamente, representa uma forma de fazer arranjos personalizados em um lugar com propriedade e disposição que legitimam o exercício dos direitos. Muitas vezes, quando estas possibilidades não são oferecidas, percebe-se que alguns usuários manipulam ou alteram elementos físicos fixos, como uma espécie de protesto contra a falta de espaços públicos mais responsivos (CARR et al., 1992).

2.3.4.2. Aspectos paisagísticos naturais

A necessidade de relaxamento é indicada como uma das principais motivações para o uso dos espaços abertos. O sentimento de conforto psicológico ou facilidades que implicam a libertação das preocupações pode ser uma prerrogativa para o relaxamento (CARR et al., 1992). Alguns estudos mostram que elementos naturais como água, árvores/espaços verdes, especialmente em acentuado contraste com o ambiente urbano, podem ajudar na promoção do relaxamento dos indivíduos, resultando em benefícios à saúde e efeitos psicológicos sobre o stress ou baixa da pressão arterial (FRANCIS, 1987; WHYTE, 1988; SERPA, 2007).

A vegetação tem sido revelada como fundamental para a sensação de conforto nos espaços públicos. O uso adequado de plantas, além do aspecto estético favorável, pode suprir necessidades de ventilação e proteção à insolação. Os tamanhos, formas e perenidade da folhagem da vegetação são importantes, pois agem como barreiras, maiores ou menores, relacionadas à incidência do sol, à passagem das brisas, ao abaixamento da temperatura do ar, por exemplo (MACHADO, et al., 1986 apud BASSO, 2001). Árvores de grande porte que ofereçam sombra aos usuários, juntamente com espaços para sentar, parece ser uma combinação ideal para a percepção de espaços confortáveis, sendo que o sombreamento inadequado nas ruas pode inibir ou limitar as atividades de sentar nas calçadas e observar o movimento (BASSO, 2001).

2.3.4.3. Dimensionamento

O dimensionamento adequado de um espaço público contribuiria para a permanência dos indivíduos no local e, ao contrário, um espaço público com um dimensionamento inadequado, poderia repelir o uso, pela sensação de estar apertado, bloqueado ou frustrado pela presença de um número excessivo de pessoas no local. O dimensionamento tem relação, principalmente, com o tamanho dos espaços públicos e o seu julgamento positivo ou negativo está sujeito ao estado de espírito e à personalidade do indivíduo e ao contexto físico (MOORE, 1984).

A adequação da largura do calçamento, da pavimentação e do sombreamento dos espaços públicos pode afetar a intensidade de uso. Por exemplo, se as calçadas tiverem dimensionamento e pavimentação adequados à circulação e locais adequados à permanência podem intensificar o uso para atividades sociais (WHYTE, 1988; JACOBS, 2000; BASSO, 2001). Carvalho (2001) traz o exemplo da Avenida Paulista que, apesar de todo o barulho e o trânsito existente, é muito utilizada. Segundo o autor, uma das principais diferenças entre a Av. Paulista e as outras avenidas de São Paulo, é a calçada, que suporta toda a diversidade causada pelo denso uso comercial da Avenida. Por ter uma largura adequada (em torno de 10 metros), permite ao usuário caminhar, passear pela via, mesmo em horários de intenso fluxo de pedestres.

Portanto, o conforto e a adequação ambiental podem estar relacionados ao provimento de equipamentos adequados que incentivem a permanência, a existência de vegetação que possibilite conforto térmico e, por vezes, espaços com água incentivando o relaxamento, além de um dimensionamento adequado que favoreça a apropriação. Pretende-se verificar nesta pesquisa quais elementos relacionados ao conforto são julgados como essenciais para a percepção da atratividade e intensidade de uso do espaço público.

2.3.5. Segurança

O sentimento de segurança nos espaços públicos tem sido identificado como um importante pré-requisito para o uso, pois a preocupação com a segurança tem aumentado, influenciando na escolha de espaços públicos para realização de atividades de lazer. Segundo alguns autores (HILLIER; HANSON, 1984; FRANCIS, 1987; JACOBS, 2000), a percepção de insegurança em locais públicos pode estar ligada, principalmente, a fatores relacionados ao crime e ao trânsito.

2.3.5.1. Segurança quanto ao crime

No Brasil, especialmente nas grandes metrópoles, a presença constante da percepção de perigo e de possibilidade de agressões e assaltos faz parte da vida cotidiana, pois as cidades grandes estão repletas de desconhecidos que estão muito mais presentes nos espaços públicos do que os conhecidos (JACOBS, 2000; SERPA, 2007). Assim, a cidade vista da janela da casa, do carro ou do ônibus é, muitas vezes, povoada por um imaginário de violência e de medo (DA MATTA, 1986; GASTAL, 2006).

Os locais públicos impopulares preocupam não só pelo desperdício de oportunidades, mas também pelos efeitos negativos. Seus riscos espalham-se pela vizinhança, de modo que as ruas que os margeiam ganham fama de perigosas e são evitadas. Além disso, os parques de pouco uso podem se tornar alvo de vandalismo, conseqüência bem diferente do desgaste pelo uso (JACOBS, 2000). A sensação de insegurança relacionada à ocorrência de crimes, pode ser causada por uma combinação de elementos como a localização geográfica do espaço público, a diversidade de uso, o controle do espaço público, a presença de moradores de rua, entre outros.

A) Localização geográfica

Na cidade composta de oposições, existe o centro e a periferia, o integrado à sociedade urbana e o não-integrado, de modo que os locais a serem evitados se disseminam pelo 'boca a boca' e também pelos meios de comunicação (SANTOS, 1987; LEFEBVRE, 2001; SERPA, 2007). A proximidade de bairros populares ou a distância de áreas mais centrais da cidade podem contribuir para a criação de uma imagem insegura de alguns espaços públicos, tornando-os 'repulsivos' ao uso (VELHO, 1973; SERPA, 2007). Por exemplo, áreas residenciais que contêm núcleos de favela são apontadas como origem de insegurança, pois ali se encontrariam 'marginais e ladrões' (RIGATTI, 1993).

Todavia, Jacobs (2000) alerta que não se soluciona o problema da insegurança atribuindo a culpa aos grupos minoritários, pois existem grandes variações no nível de civilidade e de segurança entre tais grupos e entre as zonas urbanas onde eles vivem. De acordo com a autora, durante suas observações em algumas das ruas mais seguras de Nova York, percebeu que a qualquer hora do dia ou da noite, estas ruas eram habitadas pelos pobres e pelas minorias, bem como algumas das mais perigosas eram igualmente ocupadas pelo mesmo tipo de pessoas (JACOBS, 2000).

B) Diversidade de uso

Para Rigatti (1993), a noção de insegurança, por vezes, pode estar relacionada ao excesso de pessoas, o que vai definir um conjunto amplo de estranhos utilizando-se do mesmo espaço, provocando uma perda de controle sobre o mesmo. Porém, o meio urbano diversificado provê certos mecanismos de controle da diversidade ou das suas conseqüências, que não são senão ela mesma. Isto é, sem estranhos não existe diversidade possível (SANTOS; VOGEL, 1985). Já nos espaços de maior 'monofuncionalidade', onde há a utilização de amplos territórios apenas em períodos determinados do dia da semana, há maior insegurança pelo esvaziamento. Portanto, uma rua movimentada conseguiria garantir mais a segurança do que uma rua deserta. Para Jacobs (2000), o requisito básico da vigilância seria um número substancial de estabelecimentos e outros locais públicos dispostos ao longo das calçadas, que sejam também utilizados à noite.

Diferenças quanto ao gênero do indivíduo e padrões de freqüência aos espaços públicos podem ajudar a revelar problemas relacionados com a segurança de um lugar. Whyte (1988) descobriu que os lugares mais seguros, tendem a ser altamente freqüentados por mulheres. Se uma praça apresenta menor número de mulheres, algo pode estar errado, contrariamente, se tiver um maior número de mulheres, é, provavelmente, um bom lugar, mais seguro e bem administrado.

C) Controle

Muitas vezes, a existência de barreiras formadas por densa vegetação, cercas, paredes cegas de edifícios no entorno, além da falta de iluminação adequada e de policiamento, podem criar locais ideais para a ocorrência de assaltos (HILLIER; HANSON, 1984; FRANCIS, 1987).

A densa vegetação num espaço público pode dificultar a visualização de dentro para fora e de fora para dentro do espaço. Segundo Whyte (1988), os muros são colocados equivocadamente numa idéia enganada de mais segurança, porém podem fazer os usuários dos espaços públicos se sentirem isolados. Uma boa iluminação tem importante valor para a segurança, pois permite a utilização do espaço público por períodos mais prolongados para a realização de atividades esportivas e de socialização, mantendo o local constantemente ocupado (BASSO, 2001).

Outras formas utilizadas para dar mais segurança aos espaços públicos seriam o cercamento e os horários de abertura e fechamento (SERPA, 2007). Entre outras características físico-espaciais que podem afetar a segurança dos espaços urbanos, estaria:

a facilidade de se encontrar saídas em caso de agressão, a facilidade de obter ajuda e a existência de locais nos quais as pessoas possam se refugiar (REIS et al., 2008).

O policiamento nos espaços públicos é uma forma de controle e zelo pela segurança dos usuários e pela integridade dos espaços públicos, mantendo afastados os vândalos (CARR et al., 1992). Todavia, sabe-se que a ordem pública não é mantida somente pela polícia, é mantida também pela rede intrincada, quase inconsciente, de controles e padrões de comportamento espontâneos, presentes em meio aos indivíduos e por eles aplicados quando necessário (JACOBS, 2000), portanto os moradores e demais usuários dos espaços públicos podem contribuir para a segurança através do controle dos locais próximos a si.

D) Presença de indesejáveis

Sabe-se que garotos zanzando pelas ruas com saquinhos cheios de cola de sapateiro nas mãos já fazem parte do cotidiano das metrópoles brasileiras, mas de acordo com Chiaverini (2007), é como se fizessem parte de outra nação, tivessem diferentes códigos, costumes, línguas. Amedrontam mais por serem diferentes e tão próximos, mesclando a visibilidade com a invisibilidade. A exclusão se presta como uma linha, em todo o território, criando fronteiras imaginárias. Algumas cidades ignoram a presença deles, outras os empurram para fora dos espaços públicos, ostensivamente (WHYTE, 1988).

Por exemplo, os moradores de rua podem ser um dos motivos para indivíduos evitarem os espaços públicos e a apropriação por parte de moradores de rua pode ser conseqüência do abandono da vida pública pelos demais indivíduos, pois quando as pessoas temem as ruas, elas passam a usá-las menos, provocando seu esvaziamento progressivo e, em certos casos, a apropriação dos espaços públicos por outros grupos sociais (CARR et al., 1992). Pode-se citar como exemplo aquelas cidades em que praças menos freqüentadas são habitadas por usuários de drogas, indigentes, meninos de rua que encontram nos espaços vazios, local propício para se estabelecerem, então, quando os outros indivíduos se deparam com tais pessoas, sentem-se inseguros e acabam por abandonar de vez os espaços públicos que freqüentavam (FRANCIS, 1987; JACOBS, 2000; BASSO, 2001).

2.3.5.2. Segurança quanto ao trânsito

O tráfego de veículos em baixa velocidade tende a causar uma sensação de segurança nos indivíduos, favorecendo o uso das ruas por pedestres, bem como o trânsito, quando muito intenso, nas vias próximas aos espaços públicos pode atuar como um elemento negativo, causando insegurança nos usuários e a diminuição do de uso (GEHL,

1987; BASSO, 2001). Segundo Carr et al. (1992) existe uma relação inversa entre intensidade de veículos e vida pública, pois o uso intenso do automóvel, como principal meio de transporte e sem controle de velocidade, pode trazer consigo, além do perigo no uso das ruas, outras conseqüências negativas, tais como: isolamento das pessoas, prejuízo do tecido social das comunidades, diminuição da beleza dos espaços, grandes áreas reservadas a estacionamentos, barulho e poluição, fatores estes que podem contribuir para a diminuição da vitalidade das ruas (CRAWFORD, 2000 apud BASSO, 2001).

A velocidade baixa, além de favorecer a segurança do pedestre, força o motorista a observar e interagir com o que acontece no entorno, tornando-o parte integrada do que está se passando na rua. Pesquisas indicam que quando os moradores são habilitados para controlar o volume e velocidade do tráfego nas ruas em que moram, sentem-se mais seguros e passam a usar mais o espaço público (GEHL, 1987). Em zonas onde o tráfego é diminuído, espaços para lazer podem ser introduzidos, ocasionando um aumento de uso e dando a estas áreas aspecto mais seguro e prazeroso (CARR et al., 1992).

Outros elementos que poderiam contribuir para a sensação de segurança nos espaços públicos estariam relacionados a equipamentos que evitam que indivíduos se aproximem de locais de risco, como ruas movimentadas ou impedindo o acesso a locais que não estejam abertos ao uso. Os *guard-rails*, muretas e cercas, por exemplo, podem ajudar a manter a segurança de um indivíduo dentro do espaço de lazer (FIGUEIREDO, 2005).

Portanto, estudos revelam a existência de relação entre uso e segurança, sendo que espaços percebidos como mais seguros – seja quanto ao crime e/ou quanto ao trânsito – tendem a ser mais utilizados do que espaços percebidos como menos seguros. Neste estudo, pretende-se verificar, através dos usuários, quais elementos causam maior sensação de insegurança e o quanto a variável segurança pode influenciar, na percepção da atratividade e ser decisiva aos diferentes níveis de apropriação dos espaços públicos de lazer.

2.3.6. Territorialidade e privacidade

Ao percorrer diferentes espaços numa cidade nota-se que existem recortes territoriais estabelecidos, de modo que dentro de um mesmo espaço público pode existir várias divisões e muitas atividades tendem a co-existir (SANTOS, 1985). Numa praça pode existir o território do grupo de futebol, do grupo dos donos de cães, dos jogadores de bocha, dos pais com crianças, e assim por diante (HAAS, 2000).

Territórios são recortes dominiais dentro do espaço e têm sua origem na necessidade de estabelecer uma delimitação espacial, separar e classificar coisas,

identificar práticas sociais e características físicas específicas, tendo como parâmetro uma distribuição espacial (SALDANHA, 1993; ALBERNAZ, 2007). As necessidades de territorialidade e de privacidade e controle sobre um espaço são determinantes para algumas ações de indivíduos ou grupos, fazendo parte do sistema que possibilita a organização social (SERPA, 2007).

Na análise espacial, a demarcação de territórios pode ser identificada através do comportamento dos usuários. Um conceito chave para análise do comportamento humano é o de *behavior setting* ou ambiente comportamental. Baseado no trabalho de Barker (1968 apud LANG, 1987), o ambiente comportamental é definido como uma unidade básica de análise das interações de comportamento que possuem algumas características, tais como: um comportamento padrão ou um comportamento comum de tipo cíclico, com ritmo diário, semanal, mensal ou de temporada; regras e propósitos sociais governando o comportamento, incluindo normas e expectativas; além de aspectos físicos do ambiente que estão ligados inseparavelmente com o comportamento (MOORE, 1984).

Carr et al. (1992) ressaltam que certo grau de controle é necessário para que as pessoas tenham seus objetivos alcançados nos espaços públicos. Esta necessidade de privacidade parece ser dinâmica e varia em dimensão, e se houver intrusões isso poderá provocar ansiedade e esgotamento. Todo o indivíduo tem uma esfera ou bolha protetora, pequena e invisível, que mantém uma zona protetora, não compartilhada com os outros (MOORE, 1984). As características individuais (personalidade, estado de espírito, gênero, idade) podem afetar o espaço pessoal assim como as normas sociais e regras culturais associadas com diferentes contextos ambientais físicos. O espaço pessoal aumenta com a idade até a velhice, quando diminui novamente (MOORE, 1984).

Alguns lugares densamente ocupados podem fazer com que pessoas sintam-se incomodadas com a presença de estranhos muito próximos de si. Todavia o incômodo não necessariamente desaparece em locais vazios, visto que quanto menos gente, toda presença é percebida e qualquer apropriação pode parecer uma invasão. As pessoas gostam de olhar as outras pessoas, mas não gostam de se sentir observadas ou encaradas (WHYTE, 1988).

Todos têm o direito de uso e ação, de se comportar livremente em um lugar ou usar suas facilidades, mas a competição de interesses na sociedade heterogênea pode fazer com que a liberdade de um grupo seja uma ameaça à de outros (CARR et al., 1992). Alguns autores (SANTOS, 1987; SERPA, 2007) afirmam que o espaço público é uma justaposição de espaços privatizados, de modo que ele não é compartilhado, mas dividido e retalhado entre os diferentes grupos de usuários. Então, de acordo com Serpa (2007), a territorialidade levada ao extremo poderia contribuir para a criação de uma acessibilidade simbólica aos espaços públicos. Na verdade, os usuários privatizam o espaço público,

transformando-o em uma espécie de território doméstico, através da construção de barreiras simbólicas ou não, que envolvem a presença de sinais, na forma de pessoas ou de elementos, sugerindo quem é e quem não é bem vindo no espaço, limitando os direitos de acesso e uso por membros de outros grupos (SANTOS, 1987).

Assim, no cotidiano essa diversidade pode contribuir para a existência de conflitos, insurgências. Todavia, Santos e Vogel (1985) lembram que a existência de conflitos não deve surpreender, pois difícil seria imaginar qualquer processo de apropriação de um bem coletivo sem dissensões e discordâncias, pois os espaços não contêm folhetos com instruções para sua utilização e como consequência de alguns conflitos territoriais pode surgir a necessidade de reivindicação. Esta necessidade representa o direito de um indivíduo ou de um grupo de se apropriar dos espaços para uso pessoal. Em alguns casos, a reivindicação é feita pela comunidade requerendo o espaço para suas necessidades. Em outros casos a reivindicação pode ser feita por espaços compartilhados que precisam de um balanço entre a apropriação de um grupo e os direitos dos usuários remanescentes. Entender como e por qual motivo pessoas são excluídas e as condições sobre as quais os usuários dos espaços públicos assumem o controle destes parece ser um importante começo na direção de facilitar os direitos nos espaços públicos (CARR et al., 1992).

As diferenças de grupos territoriais são expostas constantemente pela atividade turística, pois o visitante, percorrendo outras regiões, tem na vivência de semelhanças e diferenças uma das razões primeiras de sua prática (CASTROGIOVANNI, 1999). Através do contraste de realidades, ainda que o contato do visitante com o 'ser visitado' não seja tão profundo, ao usar determinados territórios como atrativos, o turismo pode servir como elemento atenuador das distâncias sociais e físicas, pelo incentivo aos deslocamentos. Portanto, para Gastal e Moesch (2007), a atividade turística poderia ser útil para amenizar problemas territoriais, pois a convivência com o outro diferente em si e de si, se bem trabalhada, seria criativa e enriquecedora. Uma forma seria através de atividades programadas que fossem atrativas para diferentes grupos de pessoas. Gestores de muitos parques e praças urbanas têm usado essa abordagem de um 'acontecimento especial', programando eventos periódicos com apelo diversificado, para atrair novos usuários e tornar o espaço mais democrático (WHYTE, 1988; CARR et al., 1992).

Dessa forma, verifica-se que a territorialidade e a privacidade são necessidades básicas dos indivíduos que variam segundo características sócio-culturais e faixa etária, e podem contribuir para divisões/segregações espaciais dentro de uma cidade ou mesmo dentro de um espaço de lazer. Tais noções podem ajudar a compreender os diferentes níveis de apropriação e atratividade de determinados espaços públicos e o quanto a sua

localização ou a necessidade de estabelecer territorialidades define grupos espacialmente, provocando recortes ou impedindo o acesso de outras pessoas.

2.3.7. Estilo de vida

Através da adoção de determinados estilos de vidas, os indivíduos expressam sua participação em um sistema mais abrangente de relações simbólicas, denominado cultura (VELHO, 2004). O estilo de vida poderia ser definido como o modo pessoal pelo qual cada indivíduo ajusta sua vida cotidiana (DUMAZEDIER, 2004) ou a forma pela qual uma pessoa ou um grupo de pessoas vivencia o mundo e, em conseqüência, se comporta e faz escolhas.

Para Bourdieu (1983), o estilo de vida é o elemento fundamental, dentro da ordem simbólica, para definição de grupos de *status*. Para o autor, os grupos de *status* dependem do consumo de bens (materiais e simbólicos), expressos simbolicamente por um estilo de vida, assim a posse de bens ou a freqüência a determinados espaços sociais, se traduziria em consumo simbólico, em signos ou diferenças significantes (LEFEBVRE, 2001; BOURDIEU, 2007). O verdadeiro princípio gerador destas diferenças, no âmbito do consumo, está na oposição entre gosto de luxo (ou de liberdade) e gosto de necessidade. O primeiro é próprio dos indivíduos que são produto de condições materiais de existência definidas pela distância à necessidade, pela liberdade; já o segundo expressa as necessidades das quais eles são produto (SERPA, 2007).

Portanto, o estilo de vida pode ser expresso através de vestimentas, linguagens, posturas/attitudes e consumo, por exemplo, sendo determinado por um conjunto de preferências diferenciadoras que podem ser definidas por variáveis de livre escolha como preferências estéticas, artísticas e religiosas, mas, principalmente, por variáveis condicionantes como renda, escolaridade e faixa etária (AMARAL, 2008).

2.3.7.1. Renda familiar

De acordo com Santos (1987), pode-se dizer que, com exceção de alguns bolsões atípicos, o espaço urbano é diferentemente ocupado em função das classes de renda em que se divide a sociedade. A classe de renda não implica, unicamente, uma diferença quantitativa no valor dos salários, mas também uma diferença qualitativa quanto ao modo pelo qual se faz o uso e se procede à distribuição das rendas (DUMAZEDIER, 2004). Existem diferenciações em todos os aspectos da vida cotidiana como na habitação, alimentação, vestuário e lazer, pois o fator econômico é determinante até mesmo na distribuição do tempo disponível entre os indivíduos (MARCELLINO, 1983). Assim, alguns

fatores relacionados às faixas de renda podem influenciar na percepção da atratividade dos espaços públicos por parte dos seus usuários, influenciando na dinâmica de apropriação e nas formas de lazer dos indivíduos.

A população com maior renda tende a ter maior mobilidade e poder de escolha, além de possibilidades de desenvolver atividades de recreação e lazer em diferentes áreas da cidade (clubes, academias, shoppings) (HAAS, 2000). Isso não significa que o lazer das classes de renda maiores seja mais rico, no sentido de contribuir para a humanização da vida do homem, mas tão somente que essas parcelas da população são privilegiadas quanto às possibilidades para que tal fato ocorra (MARCELLINO, 1983).

Em áreas muito urbanizadas, com um nível de vida que aumenta continuamente, a prioridade, frequência e intensidade das relações de vizinhança diminuem em favor das relações familiares imediatas e com amigos selecionados pessoalmente. Parece que quanto mais auto-suficiente é uma comunidade ou mais centrado em si mesmo o indivíduo ou um grupo, menor é a confiança nos vizinhos e mais fraca são as relações de vizinhança (KELLER, 1979 apud RIGATTI, 1995). Confirmando tal informação, a pesquisa de Basso (2001) afirma que a intensidade de uso das ruas para a sociabilidade na cidade de Campo Grande/MS era inversamente proporcional a faixa de renda familiar, de modo que quanto maior a renda, menor era a intensidade de uso dos espaços públicos.

Já entre os indivíduos de menor renda, esta tende a determinar normas de consumo que, por sua vez, orientam as despesas, pois um indivíduo, que precisa se preocupar diariamente com a sua sobrevivência biológica, que vê o poder real do seu salário em curva decrescente, obrigando-o a trabalhar ainda mais para manter o já baixo padrão de vida, dificilmente poderá adotar atitudes produtivas no pouco tempo disponível que acaba lhe restando (DUMAZEDIER, 2004). Portanto, colocadas dentro de uma hierarquia de necessidades, algumas atividades de lazer podem ser encaradas como bens de luxo, ficando restritas às camadas economicamente superiores, que nelas podem investir (MARCELLINO, 1983).

Segundo pesquisas (por exemplo, CARR et al., 1992), em momentos que o investimento do indivíduo se reduz apenas a locomoção – como frequência à praças, parques e outras áreas gratuitas – a participação, em geral, é intensa e indivíduos com menor renda tenderiam a caracterizar-se como os principais freqüentadores dos espaços públicos de lazer. Além disso, a falta de opções de lazer e de conforto dentro de casa faz com que famílias pertencentes a faixas de rendas menores, utilizem a rua como espaço de lazer e passem a considerá-la como uma extensão de sua casa (BASSO, 2001).

Desse modo, evidencia-se que a renda de um indivíduo pode limitar ou ampliar seus padrões de deslocamentos nos momentos de lazer, mas que nem sempre é possível basear-se apenas nela.

2.3.7.2. Escolaridade

Algumas pesquisas demonstram que o nível das atividades praticadas no tempo livre está relacionado diretamente ao grau de formação escolar e a obtenção de uma visão de mundo mais ampla. Estima-se que os indivíduos que têm acesso amplo e fácil a educação, são menos vulneráveis – o que não quer dizer imunes – ao conformismo, tendo maiores possibilidades de práticas críticas e criativas do lazer (MARCELLINO, 1983).

Para Marcellino (1983), existiria uma diferenciação no perfil dos praticantes de atividades de lazer físicas e das artísticas ou intelectuais, de modo que as atividades de lazer artísticas ou intelectuais seriam mais restritivas, tendo maior público nos extratos mais elevados da população, com nível de instrução superior.

Em pesquisa realizada nos parques públicos da cidade de São Paulo, descobriu-se que o grupo que apresentava maior frequência de uso desses espaços, possuía o ensino médio ou o fundamental completo, demonstrando uma menor frequência daqueles que possuem formação superior (SANTOS; COSTA, 2005), sugerindo que os parques públicos são mais utilizados por indivíduos com menor escolaridade.

Já em relação à prática de atividades físicas durante o tempo livre, uma pesquisa realizada na Região Metropolitana de Belo Horizonte, descobriu que adultos e idosos com o ensino médio completo realizavam mais atividades físicas nos momentos de lazer, do que adultos e idosos que tinham menos que o ensino médio completo (LIMA-COSTA, 2004).

Portanto, juntamente com outras variáveis relacionadas aos indivíduos, a escolaridade desponta como um fator influenciável nas motivações de lazer, sejam elas em relação à escolha dos espaços ou ao tipo de atividades a serem praticadas nos momentos de lazer.

2.3.7.3. Faixa etária

As necessidades dos indivíduos em diferentes fases da vida estão entre os principais temas de estudos que envolvem espaços abertos (FRANCIS, 1987). A faixa etária do usuário é considerada importante no processo de apropriação dos espaços públicos por diversos autores (por exemplo, CARR et al., 1992; BASSO, 2001; BENI, 2007), devido às questões relacionadas à motivação, mobilidade, percepção de segurança, entre outras, que são expressas diferentemente por indivíduos em diferentes faixas etárias.

Considerando que o tempo livre é aquele que resta ao indivíduo após o término do trabalho, das atividades e das obrigações familiares, estima-se que as crianças, os adolescentes e os idosos seriam o grupo que teria mais tempo livre para o lazer (PRADO,

2006). O uso do tempo livre tem diferentes interesses, de acordo com a idade da pessoa e apesar da seleção de atividades ser um processo individual, com amplas possibilidades de escolha, alguns comportamentos são semelhantes nas diferentes fases da vida.

As crianças precisam de espaço para desenvolver suas habilidades cognitivas e competências. (CARR et al., 1992). Elas precisam ser estimuladas, desafiadas e são as principais usuárias dos playgrounds e de espaços lúdicos da cidade. As crianças precisam de uma boa quantidade de locais onde possam brincar e aprender, ter oportunidades para praticar esportes e se exercitar, que sejam, preferencialmente, próximos de casa (JACOBS, 2000). Marcellino (1983) chama atenção para um problema que pode ocorrer em consequência da falta de segurança nos espaços públicos, pois procurando afastar seus filhos do perigo das ruas, pais podem limitá-los ao espaço de dentro de casa ou do apartamento.

Os adolescentes assim como os adultos jovens costumam utilizar ruas, parques e praças, para encontros e atividades esportivas, preferindo espaços com locais para recreação que geram grande socialização. Os adolescentes têm ampla possibilidade de escolha, porém não dispõe de condição financeira. Já o adulto jovem, ao ingressar no mercado de trabalho, enquanto permanece solteiro, possui todas as possibilidades de escolha (PRADO, 2006).

Apesar de ter menos tempo disponível, sabe-se que os adultos compõem a faixa etária com maiores possibilidades de circulação e escolha dos locais que desejam para suas horas de lazer. Os adultos mais velhos preferem atividades passivas, como caminhadas, e adultos cuidando de seus filhos dependem de parques próximos e playgrounds e não somente das facilidades para entreterem seus filhos, mas também de um lugar para manter contato com outros indivíduos, particularmente outros pais (CARR et al., 1992; HAAS, 2000).

Com o acréscimo da expectativa de vida, há um aumento no número de idosos e esta parcela da população tende a ter mais tempo livre para o lazer, porém nem sempre tem condições ou mesmo disposição para sair às ruas, visto que, muitas vezes, por dificuldades econômicas, de saúde e de locomoção os mais velhos acabam sofrendo uma série de privações (MARCELLINO, 1983; OLIVEIRA, 2006; BENI, 2007). Assim, a participação no recreio em áreas abertas públicas tende a declinar à medida que aumenta a idade dos indivíduos e as pessoas acima de 65 anos de idade participariam ao redor da metade do que as pessoas entre 18 e 24 anos (HAAS, 2000).

Segundo alguns estudos (CARR et al., 1992; JACOBS, 2000), grupos de idosos costumam usar os parques pelas manhãs e cedo da tarde, pois esses períodos geralmente oferecem mais sol e menos competição com crianças, adolescentes e adultos. Frequentemente os idosos estão concentrados em áreas próximas do perímetro de parques

e outras áreas públicas, porque gostam de estar em locais confortáveis e seguros, onde possam apreciar o movimento da vizinhança, nas ruas e praças.

A faixa etária, portanto, evidencia-se como um dos elementos condicionantes para a percepção da atratividade e para o uso dos espaços públicos. De acordo com a idade, cada indivíduo tende a expressar padrões de comportamentos diferentes, bem como necessidades variadas – por equipamentos, por tipos de atividades de recreação, por diferentes níveis de privacidade – que devem ser levadas em conta na hora de se planejar os espaços públicos.

Todavia, segundo Beni (2007), uma pesquisa sobre recreação ao ar livre em Quebec, Canadá, entre 1977 e 1980, descobriu que apenas as variáveis sócio-econômicas, tais como renda, idade e educação não bastavam para explicar a participação ou a não-participação de indivíduos em diferentes atividades de lazer. Os dados não foram suficientes para justificar as conclusões da pesquisa, pois variáveis que descrevem o comportamento, as atitudes, o estilo de vida ou as preferências das pessoas – e que provavelmente explicariam melhor as variações da frequência de participação – não foram testadas na referida pesquisa.

Pessoas com, aparentemente, o mesmo *background* sócio-econômico podem fazer escolhas absolutamente contrastantes. De acordo com Velho (2004), pode-se encontrar indivíduos que, sob critérios sócio-econômicos como renda, ocupação, educação, entre outros, seriam incluídos na mesma categoria, mas que apresentam fortes diferenças em termos de comportamento e visão de mundo. Uma explicação ou caminho é buscar na trajetória, e não apenas na posição dos indivíduos, a explicação ou base para seus comportamentos, preferências, aspirações.

Desse modo, o estilo de vida pode definir o comportamento ambiental dos indivíduos num espaço público, a maneira como se apropriam e usam o ambiente, na exibição de si mesmos, (MOORE, 1984). Não se trata somente de usar espaços públicos nos momentos de lazer, mas onde usar e a partir de quais estímulos (PORTUGUEZ, 2001). Por vezes, devido à necessidade de aprovação que sentem, e temendo a discrepância, alguns indivíduos passam a guiar-se pela maioria, procurando não se afastar dos padrões de gosto mais gerais e não se distanciar das práticas mais comuns (MARCELLINO, 1983).

Portanto, o estilo de vida adotado pelos indivíduos costuma definir seus padrões de consumo e hábitos de lazer, conseqüentemente, tende a tornar-se decisivo na hora de escolher os espaços de lazer. Pretende-se, nesta pesquisa, traçar o perfil sócio-econômico, faixa etária e hábitos de lazer dos usuários dos espaços pesquisados, para identificar estilos de vida e a relação destes com a percepção de atratividade e a apropriação dos espaços

públicos de lazer. Além de verificar até que ponto as pessoas deixam de freqüentar certos espaços ou se limitam a determinados locais a partir de seus estilos de vida.

2.4. Considerações finais

Na revisão da literatura, foram identificadas variáveis relativas aos aspectos físico-espaciais dos espaços públicos e variáveis relacionadas às características dos usuários que poderiam ser decisivas para a percepção da atratividade e apropriação dos espaços públicos. A literatura sugere que: 1) variáveis físico-espaciais como acessibilidade, características do entorno, diversidade de atividades ofertadas, aparência, conforto e adequação ambiental e segurança influenciam na qualidade espacial dos espaços públicos, na percepção de atratividade e conseqüente apropriação; 2) variáveis relacionadas às características dos usuários, tais como territorialidade e privacidade, estilos de vida, renda, escolaridade e faixa etária, afetam a percepção da atratividade e influenciam na apropriação dos espaços públicos de lazer. Tais hipóteses serão verificadas a partir da investigação das seguintes relações:

- Em relação à acessibilidade física e visual, será verificado se quanto melhor a localização e quanto mais integrado globalmente for o espaço público na malha urbana, mais atrativo ele tenderia a ser; se a proximidade do espaço público com pontos de ônibus, estações de trem e/ou pontos de taxi o tornariam mais atrativo, sobretudo para as pessoas de classes de renda menores; se quanto mais acessível visualmente for o espaço público, mais seguro pareceria aos indivíduos, tornando-se mais atrativo;
- Em relação às características do entorno e à diversidade de atividades oferecidas nos espaços públicos, será investigado se as características do entorno do espaço público poderiam modificar o tipo e o tempo de apropriação que é feita no local; se o tipo de atividade oferecida no espaço público poderia influenciar o surgimento de concentrações temáticas que designariam um caráter específico ao espaço público, através do qual o espaço passaria a ser conhecido; se o tipo de equipamento de lazer disponibilizado nos espaços de lazer tenderia a definir a faixa etária dos usuários; se o movimento de pessoas poderia funcionar como um atrator para outras pessoas;
- Em relação à aparência física e simbólica será verificado se locais de grande singularidade paisagística tenderiam a ser mais atrativos; se espaços públicos com maior complexidade visual tenderiam a ser mais atrativos; se elementos paisagísticos como vegetação e água afetariam positivamente o nível de satisfação com a aparência dos espaços públicos; se o estado de manutenção do espaço público e das edificações do seu entorno influenciaria na aparência positiva dos espaços públicos, de modo que locais com melhor manutenção tenderiam a ser vistos como mais atrativos; se aspectos simbólicos como familiaridade e

significado, agregados pelos indivíduos através de suas experiências pessoais em determinados espaços, tenderiam a influenciar na percepção da atratividade e na apropriação dos espaços públicos;

- Em relação ao conforto, será verificado se a existência de equipamentos e mobiliário seria decisiva à apropriação de um local e determinante para o tempo de permanência dos indivíduos; se a possibilidade de mudar a disposição do mobiliário dos espaços públicos, de modo a escolher os melhores locais para estar, seria uma forma de tornar os espaços públicos mais convidativos; se elementos naturais como vegetação e água poderiam proporcionar uma sensação de relaxamento, influenciando na apropriação e no tempo de permanência dos usuários nos espaços públicos; se espaços públicos com dimensões mais adequadas fisicamente tenderiam a suportar maior variedade de atividades e de usuários, tornando-se mais atrativos;

- Em relação à segurança, será verificado se a localização do espaço público em bairros periféricos ou percebidos como perigosos poderia repelir o uso; se zonas com apropriação mais intensa tenderiam a ser percebidas como mais seguras; se problemas no layout dos espaços, tenderiam a criar locais ideais para a ocorrência de assaltos, portanto, locais a serem evitados; se espaços públicos com policiamento seriam vistos como mais seguros; se a presença de moradores de rua poderia causar insegurança e reprimir o uso por parte de outros indivíduos; se ruas com tráfego muito intenso tenderiam a repelir as atividades de lazer e demais atividades opcionais e se ruas com tráfego de baixa intensidade seriam mais utilizadas para atividades de lazer;

- Em relação à territorialidade e a privacidade, será verificado se tais variáveis seriam decisivas aos deslocamentos dos indivíduos, interferindo na percepção de atratividade e apropriação de um espaço público; se as necessidades de territorialidade e a privacidade poderiam contribuir para a criação de uma distância mais social do que física nos espaços públicos, podendo causar desconforto e até desentendimentos entre grupos;

- Em relação ao estilo de vida dos indivíduos, será verificado se a faixa de renda afeta a intensidade de uso dos espaços públicos e a frequência aos eventos públicos; se a menor escolaridade afeta o uso dos espaços públicos; se a faixa etária dos usuários dos espaços públicos é decorrente dos equipamentos e atividades ofertadas.

Para a verificação das relações identificadas serão investigados espaços públicos urbanos utilizados para o lazer de moradores e visitantes. No próximo capítulo será apresentada a estrutura metodológica e os procedimentos investigativos adotados na pesquisa. São descritos critérios para a seleção do estudo de caso, dos objetos de estudo, bem como os métodos de coleta e análise dos dados e informações relacionadas aos objetos selecionados.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1. Introdução

No capítulo anterior foram identificadas as variáveis que, de acordo com a literatura, podem afetar a percepção da atratividade e a apropriação dos espaços públicos pelos indivíduos.

Os procedimentos metodológicos descritos neste capítulo consistem de duas etapas. A primeira tem por objetivo identificar e selecionar os espaços públicos de lazer com alta probabilidade de evocar uma imagem forte em dado observador (LYNCH, 1997). A segunda etapa tem por objetivo investigar detalhadamente os espaços públicos selecionados, testando as hipóteses formuladas a partir das variáveis estudadas no capítulo 2, analisando assim, os aspectos que afetam a percepção do potencial de atratividade e a dinâmica de apropriação dos espaços públicos de lazer selecionados.

Ressalta-se ainda que a metodologia proposta nesta pesquisa é baseada na área Ambiente-Comportamento, consolidada no final da década de 60 (LANG, 1987). De abordagem multidisciplinar, tem como objetivo investigar as relações existentes entre características físico-espaciais do ambiente construído e o comportamento dos indivíduos. Foram utilizados múltiplos métodos investigativos que permitem testar a validade e a confiabilidade dos dados obtidos, de forma a se alcançar resultados mais precisos e detalhados (LAY; REIS, 2005).

3.2. Problema e objetivos da pesquisa

Ao estabelecer o problema desta pesquisa, parte-se da discordância em relação à crença no declínio dos espaços públicos e da vida pública e da constatação da pouca importância efetivamente dada à figura do morador durante o processo de planejamento, principalmente o turístico, baseado estritamente em critérios econômicos, desconsiderando os interesses da população. Percebe-se uma carência de estudos na área do turismo, que apresentem uma análise das variáveis relativas à atratividade e uso dos espaços públicos, através da investigação das formas de apropriação feitas pela população local e que respondam o que influencia a percepção do potencial de atratividade e a intensidade de uso dos espaços públicos.

A pesquisa tem como objetivo contribuir para o planejamento turístico, através da compreensão dos processos de atração e apropriação dos espaços públicos de lazer, apontando as variáveis mais relevantes, de forma a tornar tais equipamentos mais atrativos e democráticos para o cidadão, morador ou visitante de uma localidade. Pretende também contribuir para o entendimento de que os moradores são usuários em potencial dos atrativos turísticos da cidade, que necessitam de incentivos para se deslocar até esses espaços de lazer.

Ainda, pretende contribuir para os estudos de lazer contemporâneo e das formas de apropriação dos espaços públicos. De forma específica, espera fornecer subsídios para os gestores dos espaços públicos de lazer da cidade investigada, a fim promover mais qualidade e ampliar as possibilidades de uso turístico desses espaços.

3.3. Hipóteses de pesquisa

Com base na literatura, pôde-se compreender que o potencial de atratividade de espaços públicos de lazer e o conseqüente uso são influenciados por um conjunto de relações entre variáveis físico-espaciais ligadas aos espaços públicos e variáveis relacionadas às características dos usuários dos espaços públicos. Tais variáveis foram tomadas por base nesta investigação e foram elaboradas as seguintes hipóteses de trabalho a serem verificadas nesta pesquisa:

A) Quanto mais qualificado fisicamente for um espaço público de lazer (em relação às variáveis acessibilidade, diversidade de usos e de atividades oferecidas no local, aparência, conforto e segurança) maior será o potencial de atratividade percebido e mais intenso será o uso por parte dos moradores e visitantes de uma cidade.

B) As variáveis relacionadas às características dos usuários, que determinam seus diferentes estilos de vida, afetam a percepção do potencial de atratividade e a dinâmica de apropriação dos espaços públicos de lazer, influenciando a intensidade de uso destes espaços.

3.4. Definição do estudo de caso

As hipóteses de trabalho foram testadas através de um estudo de caso, tendo como premissas de escolha, uma cidade com espaços públicos de lazer que apresentassem diferentes níveis de apropriação e que fossem promovidos como atrativos turísticos. Dessa forma, foi escolhida a cidade de São Leopoldo, pois além de facilidades metodológicas para a investigação – existência uma rede de contatos na prefeitura e entre alguns moradores –, a cidade apresenta grandes contrastes na apropriação dos seus espaços públicos, sendo

que alguns destes são apresentados como atrativos turísticos pela municipalidade. Outro motivo para a escolha foi a política da atual gestão de descentralização do lazer, que vem investindo na construção e requalificação de praças por todos os bairros da cidade.

3.4.1. Breve caracterização do estudo de caso: São Leopoldo - RS

A cidade de São Leopoldo foi criada em julho de 1824, quando aportaram às margens do Rio dos Sinos em São Leopoldo, os primeiros imigrantes alemães, fato que concedeu a cidade o título de berço da colonização alemã no Brasil. Em 1846 a Colônia de São Leopoldo foi elevada à categoria de vila e em 1864, à categoria de cidade (MORAES, 1996). Localiza-se na região da encosta inferior do nordeste do Rio Grande do Sul e faz parte da Grande Porto Alegre, distando 31,4 km da capital gaúcha (figura 3.1).

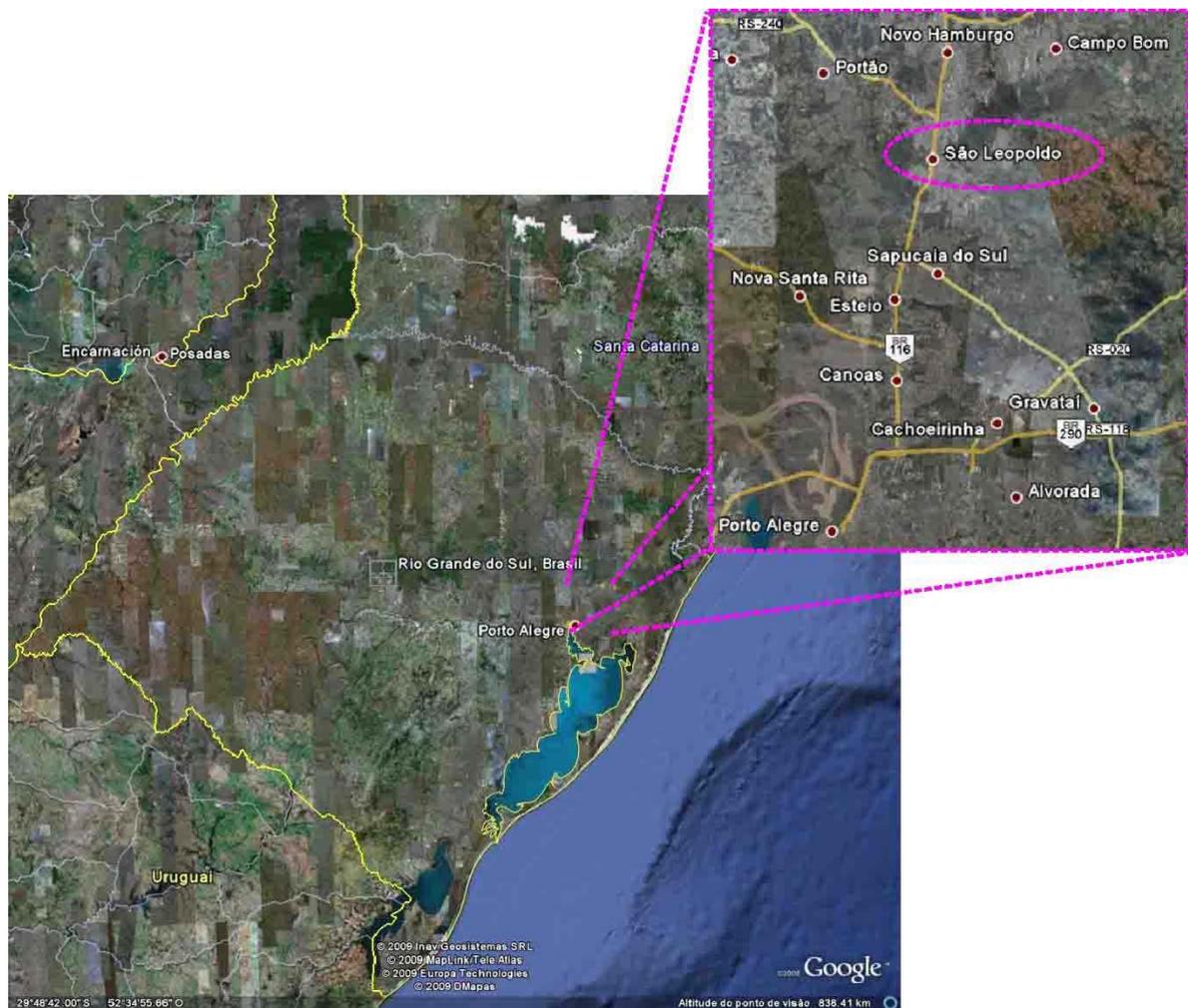


Figura 3.1 – Localização do município de São Leopoldo. Sem escala. Fonte: *Google Earth*, 2009.

A cidade é cortada pelas rodovias BR 116 e RS 240 (figura 3.1) e possui um diversificado parque industrial com indústrias multinacionais como as alemãs *STIHL*, *SAP*, *Ensinger* e *Gedore*, além de expressivo setor comercial e de serviços. São Leopoldo é considerada uma cidade universitária, devido à Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e tem o reconhecimento das cidades vizinhas pelo seu lazer noturno. A cidade está na quarta colocação entre as cidades da Região Metropolitana de Porto Alegre segundo um ranking das que recebem mais pessoas de outro município para trabalhar ou estudar.

Segundo estimativas do IBGE (2008), o município possui atualmente mais de 210 mil habitantes, numa área de 102, 313 Km², divididos em 24 bairros com 198 loteamento/vilas. O transporte coletivo urbano é servido por quatro empresas que fazem 38 linhas, com uma frota de 142 ônibus. Além destas, há também linhas de transporte de empresas metropolitanas e o metrô de superfície (SÃO LEOPOLDO, 2008). São Leopoldo possui cerca de 100 praças, um parque municipal, um parque estadual, cerca de 10 ginásios esportivos (nem todos públicos) e algumas ruas são utilizadas para atividades de lazer.

Em bibliografias dedicadas à cidade (por exemplo, PETRY, 1966; KICH, 1998), constata-se a preocupação com o turismo no município. Destacam-se como pontos positivos a proximidade com a capital Porto Alegre e com o Aeroporto Internacional Salgado Filho. Todavia Kich (1998, p. 23) lembra que este fato “não produz um turismo favorável à hotelaria”, pois não é um turismo de grandes permanências. Apesar de ter um Conselho Municipal de Turismo (COMTUR) criado pela lei municipal de nº 1317 de 31 de Dezembro de 1964, desde 8 de abril de 1965 (PETRY, 1966), São Leopoldo “ainda não é uma cidade que possa ser considerada turística” (KICH, 1998, p. 49).

São Leopoldo tem por principais segmentos o turismo religioso e o histórico-cultural. O turismo religioso existe de forma espontânea há mais de 50 anos através das romarias ao túmulo do Pe. João Baptista Reus, falecido em 1947, tido como milagroso. Atualmente este segmento do turismo está oficializado em forma de um roteiro, que além de visita ao túmulo do Padre Reus, leva o turista aos demais templos religiosos existentes na cidade. Já o turismo histórico-cultural, busca fazer um ‘resgate’ das tradições germânicas no município, desde os costumes até a gastronomia que recebe grande destaque anualmente durante a São Leopoldo *Fest*.

A busca pela ‘germanicidade’ ganhou força nos últimos anos, pois desde 1996, o município é ‘marco zero’ da Rota Romântica, que consiste num produto turístico regional, composto por 13 cidades. O roteiro, que tem a função de divulgar os atrativos de cada cidade, as opções de hotéis, pousadas, gastronomia, cultura e lazer, inicia em São Leopoldo e finda em São Francisco de Paula, na Serra Gaúcha. Nota-se que a gestão municipal está investindo em melhoramentos para a cidade, apostando inclusive em espaços públicos de

lazer como atrativos turísticos (figura 3.2). Em notícia de 25/08/2006, retirada do site da cidade, o prefeito de São Leopoldo, menciona que entre os objetivos de sua administração, há a intenção de fazer com que a população volte às praças e também de atrair visitantes. A idéia é transformar a cidade num pólo de atração turística e oferecer um local agradável para o lazer de final de semana (SÃO LEOPOLDO, 2006).



Figura 3.2 – Mapa turístico de São Leopoldo, parte interna do *folder* turístico da cidade. Fonte: Site Prefeitura de São Leopoldo, 2007.

Além da promoção dos espaços públicos de lazer como atrativos para o turismo recreativo, o turismo ecológico também vem ganhando força nos últimos anos com a criação do passeio turístico no barco Martin Pescador, que faz a navegação pelo Rio dos Sinos. Também a construção recente do Parque Imperatriz Leopoldina, instalado em uma unidade de conservação, oferece contato com a natureza e busca a conscientização dos visitantes para a importância da preservação.

3.5. Etapa I – Identificação e seleção dos espaços públicos de lazer para o estudo de caso

Nesta primeira etapa foram identificados e selecionados os espaços públicos de lazer com forte imagem (positiva ou negativa), considerados mais e menos atrativos em São Leopoldo, de acordo com a opinião de um grupo de moradores. O meio escolhido para alcançar tal amostra, foi entrevistar moradores por bairros. Assim, foram selecionados 10 bairros da cidade, com diferentes perfis físico-espaciais e sócio-econômicos e foram realizadas entrevistas com 10 moradores em cada bairro, durante os meses de fevereiro, março e abril de 2008.

A partir destas entrevistas, foram selecionados os espaços preferidos, utilizados e evitados, mais freqüentemente mencionados pela amostra de moradores. Abaixo seguem os procedimentos metodológicos adotados na primeira etapa.

3.5.1. Seleção dos bairros para aplicação das entrevistas

São Leopoldo possui 24 bairros, devido à impossibilidade de que todos fossem incluídos, pela grande demanda de tempo que acarretaria e para garantir uma amostra de entrevistados representativa da população da cidade, foram selecionados bairros de São Leopoldo com perfis físico-espaciais e sócio-econômicos diferentes, representativos da diversidade da cidade. Para se chegar a estes bairros, agrupou-se todos os bairros da cidade, conforme os seguintes critérios:

- A) Tipo de uso do solo diversificado (residencial, comercial, industrial, etc.);
- B) Nível sócio-econômico (utilizando-se o valor dos lotes por bairro, como referência de faixas de renda);
- C) Densidade populacional variada (alta, média e baixa);
- D) Localização geográfica na cidade;
- E) Facilidade de acesso maior ou menor (em relação às linhas de ônibus e às vias de acesso);

Tais critérios foram baseados nos mapas temáticos produzidos para a elaboração do *Processo de Revisão do Plano Diretor Participativo de São Leopoldo - Etapa I: leitura da cidade*, de julho de 2006 e em dados censitários, ambos materiais fornecidos pela Secretaria Municipal de Planejamento e Coordenação de São Leopoldo - SEPLAN.

No processo de agrupamento, foi desconsiderado um bairro localizado na zona industrial, pela baixa densidade populacional e dois bairros considerados inseguros para a

realização da pesquisa. Foram incluídos na amostra bairros em áreas de vulnerabilidade social, mas que apresentam mais facilidades de penetração e estabelecimento de rede de participantes. Os dois bairros que abrigam os únicos parques da cidade também foram selecionados, com o intuito de entender o tipo de relação dos moradores do entorno com os parques. Após esta análise e agrupamento, foram selecionados dez bairros como representativos das diferentes áreas da cidade (figura 3.3 e tabela 3.1), para a realização de entrevistas.

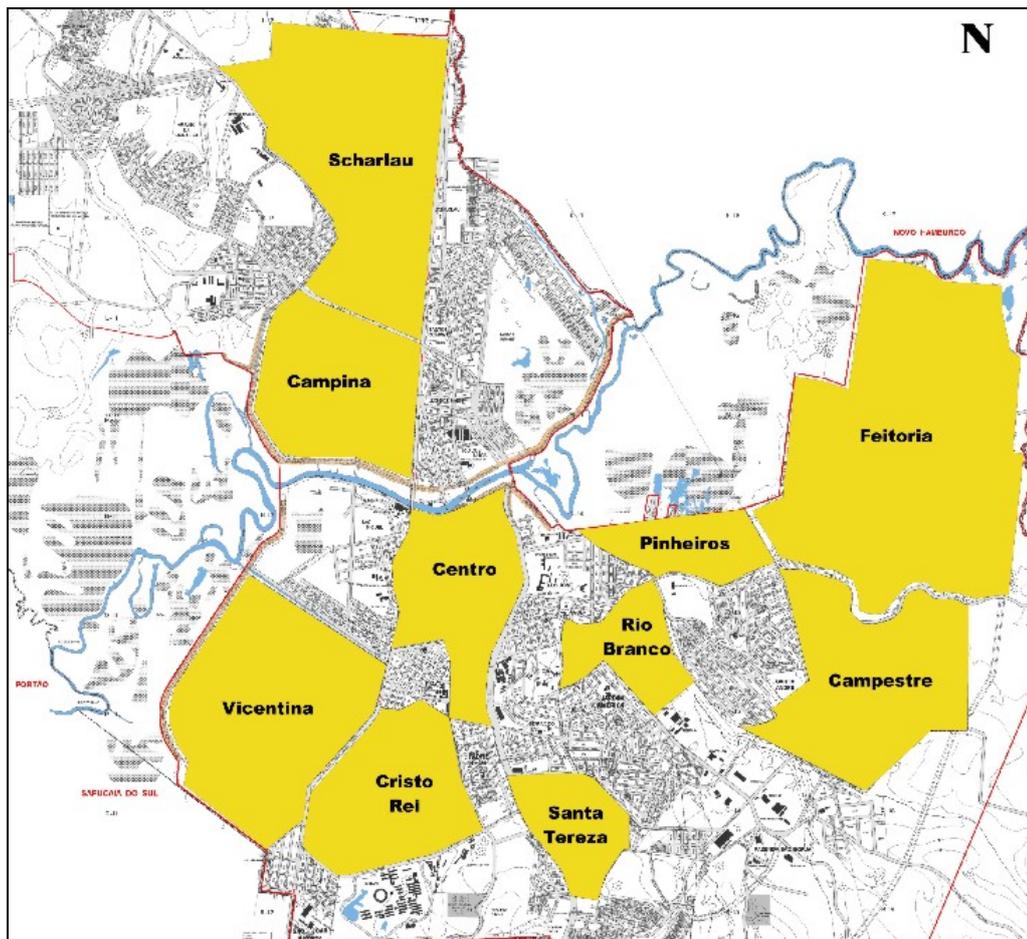


Figura 3.3 – Recorte do mapa de São Leopoldo com a delimitação geográfica dos bairros selecionados para a pesquisa. Sem escala. Fonte: autora, 2008.

Tabela 3.1 – Características dos bairros selecionados para a realização das entrevistas, segundo levantamento da Prefeitura de São Leopoldo, 2006.

BAIRRO	CARACTERÍSTICAS	IMAGEM REPRESENTATIVA
CAMPESTRE	<ul style="list-style-type: none"> → Região leste da cidade; → Área com vazios urbanos e áreas verdes; → Possui 4.206 habitantes, distribuídos em 5.034,142 m², e apresenta baixa densidade populacional (de 1 a 10 por hectare); → Apenas uma linha de ônibus circula pelo bairro; → Os lotes valem de 10 a 20 mil reais. 	 <p data-bbox="1118 544 1358 562">Fonte: Bruna Dinarte, 2008.</p>
CAMPINA	<ul style="list-style-type: none"> → Região central da cidade; → Área com uso residencial e vazios cadastrais; → Possui 11,323 habitantes, distribuídos em 2.535,313 m², e apresenta média densidade populacional (de 41 a 50 por hectare); → Mais de quatro linhas de ônibus circulam ou passam pelo bairro; → Os lotes valem de 21 a 30 mil reais. 	 <p data-bbox="1058 741 1418 759">Fonte: site Prefeitura São Leopoldo, 2008.</p>
CENTRO	<ul style="list-style-type: none"> → Região central da cidade; → Área com usos residencial e comercial; → Possui 11,930 habitantes, distribuídos em 2.095,375 m², e apresenta grande densidade populacional (de 61 a 70 por hectares); → Mais de quatro linhas de ônibus circulam no bairro, além de uma linha de trem; → Os lotes valem acima de 71 mil reais. 	 <p data-bbox="1150 992 1326 1010">Fonte: autora, 2008.</p>
CRISTO REI	<ul style="list-style-type: none"> → Região sul da cidade; → Área com uso residencial; → Possui 3.532 habitantes, distribuídos em 3.650,617 m², e apresenta baixa densidade populacional (de 11 a 20 por hectare); → Em torno de quatro linhas de ônibus passam pelo; → Os lotes valem de 51 a 60 mil reais, podendo passar de 70 mil reais. 	 <p data-bbox="1150 1216 1326 1234">Fonte: autora, 2008.</p>
FEITORIA	<ul style="list-style-type: none"> → Região nordeste da cidade; → Área com uso residencial e vazios cadastrais; → Possui 34.221 habitantes, distribuídos em 8.059,213 m², e apesar de não ser o bairro com maior densidade populacional (cerca de 31 a 40 por hectare), é o de maior população; → Em torno de duas linhas de ônibus circulam ou passam pelo bairro; → Os lotes valem de 21 a 30 mil reais. 	 <p data-bbox="1150 1440 1326 1458">Fonte: autora, 2008.</p>
PINHEIROS	<ul style="list-style-type: none"> → Região leste da cidade; → Área com uso residencial e vazios cadastrais; → Possui 2.860 habitantes, distribuídos em 884,440 m², e apresenta média densidade populacional (de 31 a 40 por hectare); → Em torno de três linhas de ônibus circulam ou passam pelo bairro; → Os lotes valem de 31 a 40 mil reais. 	 <p data-bbox="1150 1693 1326 1711">Fonte: autora, 2008.</p>
RIO BRANCO	<ul style="list-style-type: none"> → Região leste da cidade; → Área com uso residencial; → Possui 6.524 habitantes, distribuídos em 974,003 m², e grande densidade populacional (de 61 a 70 por hectare); → Em torno de três linhas de ônibus circulam ou passam pelo bairro; → Os lotes valem de 31 a 40 mil reais. 	 <p data-bbox="1150 1917 1326 1935">Fonte: autora, 2008.</p>

BAIRRO	CARACTERÍSTICAS	IMAGEM REPRESENTATIVA
SANTA TEREZA	<ul style="list-style-type: none"> → Região sudeste da cidade; → Área com uso residencial e vazios cadastrais; → Possui 7.457 habitantes, distribuídos em 989,463 m², e apresenta a maior densidade populacional da cidade (de 81 a 90 por hectare); → Em torno de três linhas de ônibus circulam ou passam pelo bairro, além de uma linha de trem; → Os lotes valem de 10 a 20 mil reais. 	 <p>Fonte: autora, 2008.</p>
SCHARLAU	<ul style="list-style-type: none"> → Região norte da cidade; → Área com uso residencial; → Possui 14.278 habitantes, distribuídos em 6.271,956 m², e apresenta média densidade populacional (de 21 a 30 por hectare); → Mais de quatro linhas de ônibus circulam ou passam pelo bairro; → Os lotes valem de 21 a 30 mil reais. 	 <p>Fonte: site Prefeitura São Leopoldo, 2008.</p>
VICENTINA	<ul style="list-style-type: none"> → Região oeste da cidade; → Área com uso residencial e vazios cadastrais; → Possui 11.671 habitantes, distribuídos em 3.938,879 m², e apresenta média densidade populacional (de 31 a 40 por hectare); → Em torno de três linhas de ônibus circulam ou passam pelo bairro; → Os lotes valem de 10 a 20 mil reais. 	 <p>Fonte: autora, 2008.</p>

A seguir são apresentados os procedimentos utilizados para a escolha da amostra de entrevistados e alguns dados sobre o perfil dos entrevistados nos dez bairros selecionados.

3.5.2. Entrevistas: tamanho da amostra e perfil dos entrevistados

Para identificar os espaços públicos de lazer mais fortemente percebidos, mais e menos atraentes e para compreender os hábitos de lazer da população, foram realizadas 10 entrevistas em cada bairro selecionado, o que totalizou 100 pessoas. Foi aplicada uma entrevista estruturada, composta por quatro perguntas (anexo A), tendo como foco a especificação das atividades de lazer realizadas nas horas livres e a identificação dos espaços públicos de lazer preferidos, utilizados e evitados pelos entrevistados, com as devidas justificativas.

O trabalho de campo foi realizado a partir de visitas aos bairros e encontros agendados através de uma rede de informantes, com duração de três semanas. As informações obtidas nas entrevistas foram tabuladas no programa estatístico SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*), dividindo os dados nas seguintes categorias: gênero, faixa etária, bairro em que reside, espaços preferidos e suas justificativas, espaços utilizados e suas justificativas e espaços evitados e suas justificativas. A análise destes dados foi realizada por meio de testes de frequência e tabulação cruzada.

A partir das respostas dos entrevistados foi possível compreender a situação atual dos espaços públicos de São Leopoldo e as diferenças nos níveis de apropriação,

correspondendo às intenções da pesquisa. Em relação ao perfil dos entrevistados desta primeira etapa, a amostra é formada predominantemente por adultos (80%) e por entrevistados do gênero feminino (54%).

3.5.3. Seleção dos espaços públicos de lazer

Foram apontados pelos entrevistados 20 espaços públicos de lazer preferidos, 21 utilizados e 23 evitados, entre locais específicos da cidade e outros genéricos, como 'praças do centro', 'espaços em bairros perigosos', 'nenhum' e 'todos'. Constatou-se nestas escolhas que não houve consenso por parte dos entrevistados e nenhum dos espaços foi mencionado por mais de 30% dos entrevistados, ainda que a maioria dos espaços se concentre no centro da cidade. Foi também constatado que em torno de 50% do total dos espaços apontados como preferidos e 50% do total dos utilizados, foram igualmente apontados como evitados por outros entrevistados.

A análise inicial desta primeira etapa de trabalho indica que a maioria dos entrevistados tem uma visão negativa em relação à segurança e opções de lazer na cidade, preferindo algumas vezes se deslocar até outros municípios ou utilizar ambientes privados, para realizar suas atividades de lazer. Por exemplo, a indicação de uso e/ou preferência pelo *shopping* devido a questões de segurança e diversidade comercial. Estas escolhas, ainda que em pequena escala, demonstram a realidade de muitas cidades em que os *shoppings* são o destino de multidões em busca das facilidades que eles oferecem. Todavia por não serem locais públicos a indicação do shopping foi desconsiderada. Na tabela abaixo (tabela 3.2) são apresentados os resultados mais freqüentemente mencionados por categoria.

Tabela 3.2 – Respostas mais freqüentes nas entrevistas, divididas por categorias.

CATEGORIAS	RESPOSTAS	TOTAL AMOSTRA %	JUSTIFICATIVAS
PREFERIDOS	Parque Municipal Imperatriz Leopoldina	23	Boa manutenção (43%)
	Nenhum	20	Falta de manutenção (30%)
	Rua Independência	15	Comércio/Lazer noturno (60%)
	Praça Daltro Filho	14	Boa manutenção (64%)
UTILIZADOS	Rua Independência	25	Comércio/Lazer noturno (64%)
	Nenhum	24	Falta de segurança (42%)
	Avenida São Borja	10	Pista para caminhadas (100%)
	Largo Rui Porto	9	Espaço para atividades físicas (77%)
EVITADOS	Todos	19	Falta de segurança (95%)
	Praça Vinte de Setembro	17	Falta de segurança (94%)
	Praça do Imigrante	9	Falta de segurança (88%)
	Parque Estadual de Recreação do Trabalhador	7	Falta de segurança (85%)

A partir dos resultados obtidos, foram selecionados para estudo *três espaços públicos de lazer preferidos, três utilizados e três evitados* que apresentaram maiores frequências. Obteve-se, entretanto, um total de oito espaços públicos, visto que um local foi mencionado como preferido e utilizado, ficando então oito espaços diferentes (dois parques, duas ruas e quatro praças). As respostas 'nenhum' e 'todos', presentes na tabela 3.2 foram desconsideradas, visto a necessidade de se estabelecer locais específicos para a investigação.

Optou-se por investigar todos os espaços constantes na tabela, principalmente, pela oportunidade de entender porque tais espaços foram considerados como preferidos, utilizados e evitados pelos respondentes. Também, a existência de praças, parques e ruas entre os mais mencionados, possibilita a diversidade de resultados e a comparação entre as diferentes categorias de espaços públicos. Além disso, pode-se dizer que estes oito locais possuem alta imageabilidade em relação aos demais espaços da cidade, mesmo quando avaliados negativamente.

Chama-se atenção para o fato de que apesar de São Leopoldo possuir 24 bairros, em torno de 100 praças, dois parques e mais de cinco ruas de lazer, somente 50% dos bairros foram lembrados pelo total de entrevistados e apenas 9% das praças foram citadas. Algumas pessoas sequer mencionaram os espaços de lazer do próprio bairro, sendo que os únicos espaços, entre preferidos e utilizados, citados mais frequentemente pelos moradores do bairro em que está assentado, foram o Parque Imperatriz Leopoldina e a Av. São Borja, o restante dos espaços públicos tiveram maiores frequências em bairros diferentes dos seus (tabela 3.3). Na tabela 3.3 são indicados os bairros de origem dos entrevistados que mencionaram os oito espaços públicos de lazer selecionados. Verifica-se que a Rua Independência, quando mencionada como o espaço público de lazer mais utilizado, foi o único local lembrado por entrevistados de todos os bairros visitados. Já o Parque Imperatriz Leopoldina que foi mencionado como o espaço preferido pelos entrevistados, não se confirmou como o mais utilizado.

Observando a tabela 3.3, percebe-se que sete dos oito espaços selecionados, são também mencionados como atrativos no mapa turístico da cidade (figura 3.2), incluindo os três apontados como espaços a serem evitados pelos entrevistados.

Tabela 3.3 – Bairros de origem dos entrevistados.

		Campestre	Campina	Centro	Cristo Rei	Feitoria	Pinheiros	Rio Branco	Scharlau	Santa Tereza	Vicentina	TOTAL
PREFERIDOS	Parque Munic. Imperatriz Leopoldina (P)	1	0	2	3	3	4	3	1	4	2	23
	Rua Independência (C)	1	0	1	2	1	2	3	3	1	1	15
	Praça Daltro Filho (C)	0	2	1	2	2	1	2	1	0	3	14
UTILIZADOS	Rua Independência (C)	1	4	3	3	5	1	2	4	1	1	25
	Avenida São Borja (RB)	1	1	2	1	1	1	3	0	0	0	10
	Largo Rui Porto (C)	1	2	1	0	2	0	1	1	1	0	9
EVITADOS	Praça Vinte de Setembro (C)	0	3	1	1	1	2	3	1	1	4	17
	Praça do Imigrante (C)	0	2	0	2	1	2	1	0	1	0	9
	Parque Est. de Recreação do Trabalhador (V)	0	0	2	1	0	1	2	0	0	1	7

Legenda: (P): Bairro Pinheiros; (C): Bairro Centro; (RB): Bairro Rio Branco; (V): Bairro Vicentina.

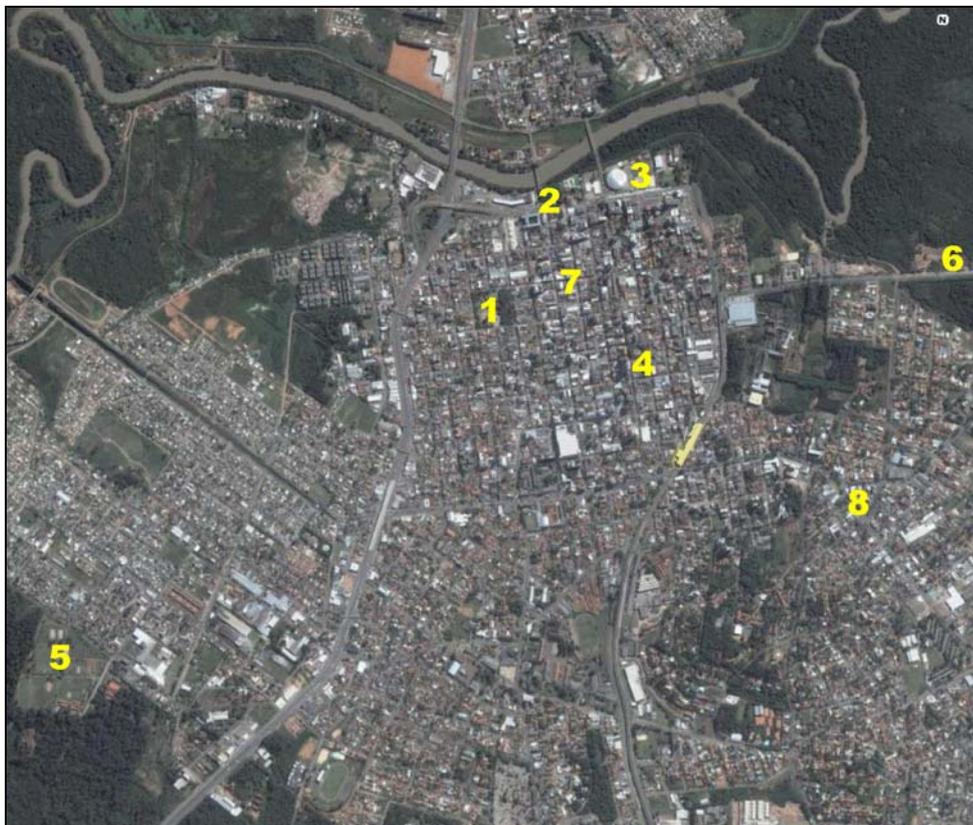


Figura 3.4 – Localização dos espaços públicos de São Leopoldo, apontados pelos entrevistados. Sem escala. Fonte: *Google Earth*, 2009. Legenda – (1) Praça Vinte de Setembro; (2) Praça do Imigrante; (3) Largo Rui Porto; (4) Praça Daltro Filho; (5) Parque Estadual de Recreação do Trabalhador; (6) Parque Municipal Imperatriz Leopoldina; (7) Rua Independência; (8) Avenida São Borja.

De acordo com a figura 3.4, as quatro praças (1, 2, 3, 4) estão localizadas na região central de São Leopoldo; os dois parques (5 e 6) estão em pontos diferentes em relação ao centro, com diferentes níveis de acessibilidade; uma das ruas (7) está na região central e a

outra está num bairro limítrofe ao centro (8), evidenciando a concentração dos espaços na região central da cidade.

3.6. Etapa II – Métodos de investigação e caracterização dos objetos de estudo

Nesta etapa buscou-se explorar os fatores que determinam a percepção do potencial de atratividade e identificar seus efeitos na intensidade e formas de apropriação dos espaços selecionados. Para realizar a investigação, foram utilizados múltiplos métodos de coleta de dados, pois, conforme explicado no início deste capítulo, o uso simultâneo de diversos métodos é importante para ressaltar a validade dos resultados e afirmar a confiabilidade da pesquisa.

Primeiramente, foram realizados levantamentos de arquivo e físico, para entender as origens dos espaços pesquisados, bem como sua constituição física atual. Após, foi feita a análise sintática dos mapas de integração global de São Leopoldo e da região onde a cidade está inserida; foram realizadas observações comportamentais dos usuários dos espaços públicos selecionados, que gerou mapas comportamentais; e por fim, foram aplicados questionários em usuários dos espaços públicos. Os questionários foram tabulados em programa estatístico e foram realizados testes para verificação das hipóteses de trabalho. Abaixo segue a descrição dos procedimentos metodológicos desta segunda etapa.

3.6.1. Métodos de coleta de dados

3.6.1.1. Levantamento de arquivo

Para melhor entender a origem e a realidade dos espaços públicos pesquisados, foi realizada uma pesquisa bibliográfica em livros, jornais antigos e atuais, museus, arquivos da prefeitura e documentos de época.

Buscou-se entender qual o papel turístico dos espaços selecionados através da folheteria oferecida pelo órgão de turismo do município, bem como os critérios de seleção para os espaços públicos de lazer, visto que sete dos oito espaços investigados são considerados atrativos turísticos da cidade.

3.6.1.2. Levantamento físico

O levantamento físico dos espaços públicos pesquisados e do entorno destes, foi realizado nos meses de julho e agosto de 2008. Tendo como base plantas da cidade de São

Leopoldo e fotos aéreas, foi realizado o levantamento *in loco*, com o objetivo de atualizar as plantas das áreas de investigação obtidas junto a Prefeitura Municipal. Foi estabelecido o limite de duas quadras para cada lado do local investigado para realizar o levantamento de usos do solo e o levantamento mais detalhado (mobiliário urbano e calçamento) foi realizado apenas no local investigado. Os registros do levantamento foram digitalizados e usados para atualização das plantas da cidade, através do software AutoCAD. Foram levantados os seguintes itens:

- A) Tipos de uso e altura das edificações no entorno;
- B) Mobiliário urbano existente no espaço público estudado (bancos, arquibancadas, escadas, rampas de acesso, lixeiras, orelhões, vegetação, paradas de ônibus, mesas, cadeiras, cobertura contra chuva, equipamentos de lazer, estado de manutenção/conservação do local e dos equipamentos);
- C) Existência de estacionamento;
- D) Trajeto dos ônibus;
- E) Características das ruas do entorno do espaço público (fluxo, tipo de pavimentação);
- F) Calçadas (largura, existência e canteiros, tipo de pavimentação, estado de conservação, existência de mesas e cadeiras).

3.6.1.3. Observações comportamentais

Através da observação sistemática de comportamento pode-se averiguar as formas de apropriação feitas pelos usuários nos espaços públicos. Esta técnica permite produzir informações sobre as atividades dos usuários, sobre regularidades de comportamento, sobre usos e lugares onde acontecem, podendo-se identificar a recorrência de determinadas atividades em lugares específicos e a identificação de grupos e seus territórios, assim como problemas e acertos no layout dos espaços (por exemplo, LAY; REIS, 1995). Desse modo, para conhecer o comportamento dos usuários e os diferentes níveis de apropriação dos espaços pesquisados, foram realizadas observações comportamentais, registradas em mapas comportamentais.

Primeiramente, foram realizadas observações exploratórias nos espaços públicos investigados, com o objetivo de identificar os períodos do dia em que havia maior movimentação. A partir dessas informações, foram definidos dois horários diários para observar cada local e foram delimitados os percursos adotados para realizar as observações de comportamento em cada espaço público investigado.

Os comportamentos observados foram classificados previamente em oito categorias: (1) ficar parado em pé, (2) ficar parado sentado, (3) passear ou caminhar (sozinho ou com cachorro), (4) correr, (5) atividades recreativas (jogar, brincar), (6) andar de bicicleta, (7) trabalhar e (8) dormir. Os usuários dos espaços foram observados levando-se em conta sua faixa etária: (1) crianças, (2) adolescentes, (3) adultos e (4) idosos. Para a definição da faixa etária 'adulto' utilizou-se o critério de independência e autonomia que, em geral, as pessoas entre 20 e 60 anos possuem em decorrência do período de maior produtividade profissional (BASSO, 2001).

De forma sistematizada, os espaços foram observados durante sete dias da semana, por duas semanas consecutivas e nos dois horários especificados, para cada um dos espaços investigados, conforme tabela abaixo (tabela 3.4).

Tabela 3.4 – Cronograma das observações comportamentais.

ESPAÇOS PÚBLICOS	PERÍODOS DE OBSERVAÇÕES DE COMPORTAMENTO				CIRCUITO PERCORRIDO POR OBSERVAÇÃO (em metros)
	25/10/2008 à 07/11/2008	18/11/2008 à 01/12/2008	01/12/2008 à 14/12/2008	12/2008 e 01/2009	
Parque Est. de Rec. do Trabalhador		9h-10h 16h-17h	---	Recuperação dos dias perdidos devido às chuvas ou eventos que ocorressem no local e mudaram temporariamente a rotina dos espaços investigados	1.200
Praça Daltro Filho	10h30-11h 17h30-18h		---		500
Praça Vinte de Setembro		10h30-11h 17h30-18h	---		700
Praça do Imigrante	11h15 -11h30 16h30-16h45	---	---		400
Largo Rui Porto	10h-10h20 16h-16h20	---	---		535
Parque Munic. Imperatriz Leopoldina	---	---	10h15-11h 16h15-17h		400
Av. São Borja	---	---	9h-9h45 19h-19h45		2.100
Rua Independência	---	---	15h-16h 20h30-21h30		1.100

As observações comportamentais ocorreram no período de outubro a dezembro de 2008, portanto as observações ocorreram em período de temperaturas altas e com alguns episódios de chuva. Algumas saídas de campo ficaram inviabilizadas pelo mau tempo e foram recuperadas em dezembro e janeiro. As contagens e observações feitas nos espaços públicos de lazer em cada turno foram registradas em plantas baixas e posteriormente digitalizadas no software AutoCAD, de forma a produzir os mapas sínteses das observações de cada área.

3.6.1.4. Questionários

A aplicação de questionários é uma técnica que permite identificar regularidades entre grupos de pessoas através da comparação e quantificação das respostas individuais,

considerando um número significativo de respondentes. São próprios para medir atitudes e níveis de satisfação dos usuários em relação a diversos aspectos técnicos, funcionais ou comportamentais do ambiente construído, permitindo coletar grande quantidade de dados, que através da comparação e análise estatística possibilitam produzir generalizações (LAY; REIS, 1995). Dessa forma, os questionários foram considerados essenciais para se ter acesso às respostas dos frequentadores dos espaços pesquisados e obter dados como idade, renda, escolaridade e outros tantos só possíveis de se mensurar através de contato direto com os usuários.

A construção dos questionários foi baseada nas hipóteses a serem investigadas. Os resultados obtidos através das entrevistas realizadas na etapa I contribuíram para a formulação dos questionários.

O questionário foi testado através de um estudo-piloto, aplicado em seis respondentes abordados nos espaços investigados, para que se pudesse verificar a clareza, estrutura e a abrangência das perguntas formuladas. Com base nesta amostra, as questões foram reformuladas (ver anexo B).

Os questionários foram aplicados pela pesquisadora em inserções a campo conjuntas com as observações comportamentais. Primeiramente era feito o percurso para registrar os comportamentos e, após, os usuários eram abordados. A aplicação de cada questionário durou entre 15 e 20 minutos, mas dependendo da disposição do respondente, a conversa se estendia.

Em cada um dos oito espaços públicos de lazer foram aplicados 30 questionários, totalizando 240 questionários. Durante a investigação, foram privilegiados os usuários que estavam no espaço, mas quando não foi possível encontrar algum respondente no local, foram abordados moradores ou trabalhadores do entorno. Dessa forma 73% dos respondentes foram abordados no espaço público. Ressalta-se que se optou pelo número de, pelo menos, 30 respondentes em cada espaço público, suficiente para possibilitar a realização de testes estatísticos não-paramétricos (SIEGEL, 1975; LAY; REIS, 2005).

3.6.2 Caracterização dos objetos de estudo selecionados

Abaixo segue breve contextualização, feita a partir dos levantamentos de arquivo e físico dos espaços selecionados para investigação, agrupados segundo as categorias praça (4 espaços públicos de lazer), parque (2 espaços públicos de lazer) e rua (2 espaços públicos de lazer).

3.6.2.1. Praças

A) Praça Vinte de Setembro

A Praça Vinte de Setembro está situada no Bairro Centro, na primeira zona de expansão da cidade (de 1824 a 1900). Sua localização no traçado da cidade existe desde 1833, com área três vezes maior do que a atual (MOEHLECK, 1998). Todavia a praça passou a existir oficialmente em 1974, quando foi inaugurado o monumento ao sesquicentenário da imigração alemã, no centro da Praça, juntamente com a Biblioteca e o Teatro Municipal (figura 3.5). Segundo contam os moradores mais antigos, na década de 60, existia no local um quartel, sede do 6º Batalhão de Comunicações (6º BC).



Figura 3.5 – Praça Vinte de Setembro no ano de sua inauguração: a) Construção do Monumento ao sesquicentenário da imigração alemã; b) Vista aérea da Praça em 1974. Fonte: MOEHLECK, 1998.

Atualmente a Praça Vinte de Setembro é uma das maiores da cidade com 23.234 m² e está próxima da entrada principal de São Leopoldo, sendo configurada pelas ruas Osvaldo Aranha, João Neves da Fontoura, São João e Saldanha da Gama (figura 3.6). A quatro vias que circundam o espaço público são asfaltadas e a praça tem estacionamentos em três dos quatro lados do seu entorno. Em relação à acessibilidade por transporte coletivo, na Rua Saldanha da Gama passam coletivos de, pelo menos 5 empresas diferentes, que seguem na direção sul-norte e na quadra seguinte à Saldanha da Gama, encontram-se as mesmas linhas, deslocando-se no sentido norte-sul (figura 3.9).

As residências do entorno da Praça são, em sua maioria, anteriores à segunda metade do século XX, sendo que as modificadas ou construídas recentemente conservaram os padrões construtivos das edificações mais antigas (figura 3.7). A Praça está localizada em uma zona de uso misto, sendo que a leste apresenta uso predominantemente comercial e a oeste uso residencial (figura 3.6).

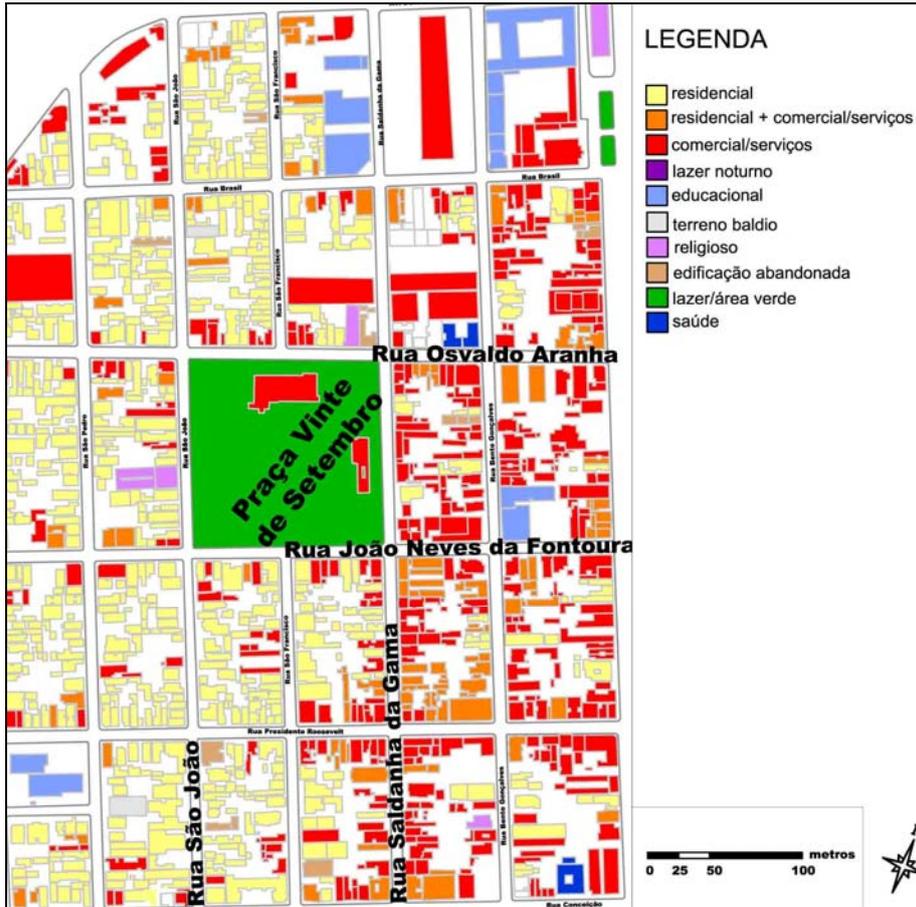


Figura 3.6 – Usos do solo no entorno da Praça Vinte de Setembro. Fonte: autora, 2009.



Figura 3.7 – Aspectos físicos da Praça Vinte de Setembro: a) Árvores de médio e grande porte na praça; b) Fachada leste da Biblioteca Pública; c) Edificações no entorno da praça. Fonte: autora, 2008.

A área apresenta baixa densidade de ocupação e as alturas das edificações do entorno da praça, são predominantemente de um ou dois pavimentos (figura 3.8).

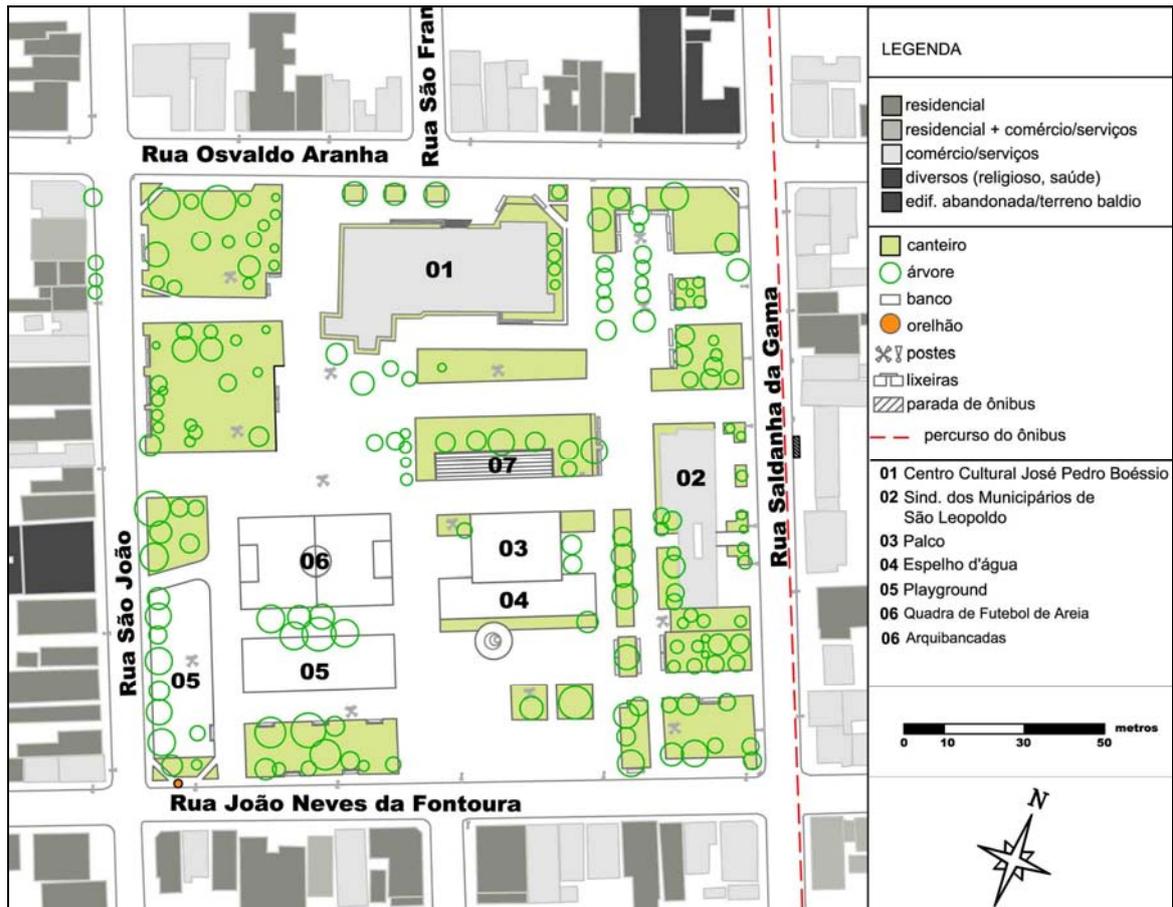


Figura 3.9 – Localização dos equipamentos da Praça Vinte de Setembro. Fonte: autora, 2009.

Em relação à manutenção, existem lixeiras colocadas nos extremos e no centro da praça e manutenção sistemática pelas equipes da Prefeitura. Existem postes de iluminação por toda área da praça, o que garante iluminação noturna. As calçadas da praça e do entorno apresentam largura média de dois metros. A pavimentação da praça possui trechos em saibro e areia nas áreas de lazer, em basalto nos passeios e em grama nos canteiros. A praça apresenta vegetação arbustiva, de pequeno, médio e de grande porte (figura 3.7). Algumas árvores são caducifólias, portanto, perdem folhas durante o outono, o que facilita a passagem de sol nos meses mais frios.

B) Praça do Imigrante

A Praça do Imigrante está localizada no Centro da cidade, às margens do Rio dos Sinos. De acordo com Moehleck (1998), a praça – que está na primeira zona de expansão do município – já existia desde os primeiros dias de São Leopoldo como localidade, ainda que no início fosse um simples campo aberto. Em 1924 foi construído nesse local, o monumento em homenagem ao centenário da imigração alemã (figura 3.10) e, com a

construção do cais, em 1933, foi feito o ajardinamento. A praça foi inaugurada em 1 de maio de 1934 com o nome de Praça Centenário, sendo rebatizada em 1974, durante as comemorações do sesquicentenário da imigração alemã, como Praça do Imigrante (MOEHLECK, 1998).

Segundo o Relatório Municipal de 1933 (apud MOEHLECK, 1998), a Praça do Imigrante foi uma das mais importantes obras executadas naquele ano, pois não havia em São Leopoldo um lugar de recreio. Verifica-se na fala abaixo, que faz referência a praça, a importância dada ao local, inclusive como um atrativo turístico:

(...) não havia nesta cidade nenhum lugar de recreio, sendo que o povo, querendo respirar ar livre e gozar de benefícios estéticos, forçosamente tinha que abandonar a cidade em procura da natureza. Além, das vantagens diretas, porém, registram-se benefícios indiretos, que talvez de maior importância, isto é, a atração do forasteiro que aumenta consideravelmente o movimento local (MOEHLECK, 1998, p. 47)



Figura 3.10 – Evolução da Praça do Imigrante: a) Em 1939, nos períodos de seca formava-se uma 'prainha' em frente à Praça; b) Praça no ano de sua inauguração; c) Praça do Imigrante em 1970.

Fonte: Moehleck, 1998.

A praça é uma das menores da cidade, com 6.194 m² e é configurada pela Rua Independência, Av. Dom João Becker, Ponte 25 de Julho, ao norte a Praça é voltada para o Rio dos Sinos (figura 3.11). Em relação à localização, a praça está em região central e a Av. Dom João Becker é um dos principais acessos à cidade.

A lateral com a Rua Independência é sem saída, bloqueada pelo dique e utilizada como estacionamento. Quanto à acessibilidade por transporte público, não existem paradas de ônibus em frente a espaço de lazer, mas a estação rodoviária, está localizada contígua à praça e existe uma parada de ônibus nas proximidades, onde passam coletivos de pelo menos cinco empresas diferentes, que seguem no sentido norte-sul.

Atualmente os usos do entorno constituem-se basicamente em comercial/serviços (figura 3.11), e as edificações do entorno são em maioria edifícios, sobrados e edificações do final do século XIX e início do XX. Destaca-se ainda a presença do poder público, com a Câmara de Vereadores e da Igreja Matriz da cidade localizada em frente à praça, sendo ambas edificações de grande importância histórica e estética para o município.

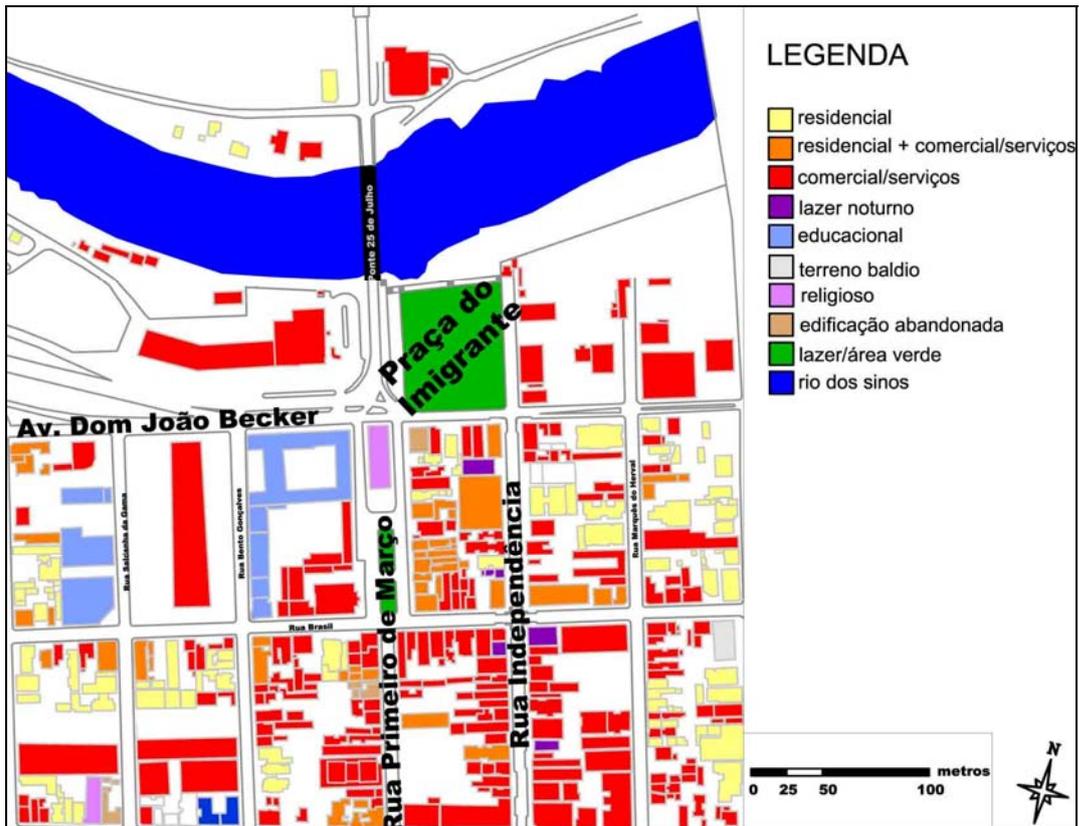


Figura 3.11 – Usos do solo no entorno da Praça do Imigrante. Fonte: autora, 2009.

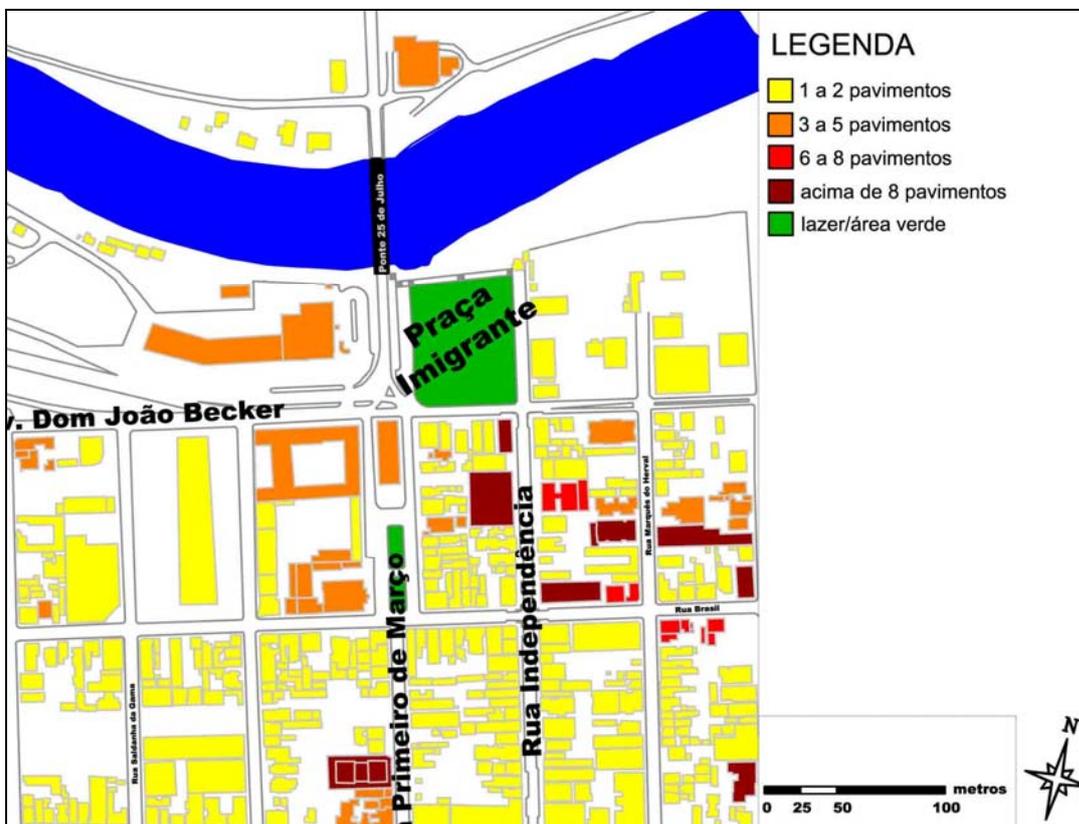


Figura 3.12 – Alturas das edificações no entorno da Praça do Imigrante. Fonte: autora, 2009.

A praça está localizada em uma zona de alta densidade, com edifícios comerciais com mais de oito pavimentos, portanto com grande potencial de movimento de usuários (figura 3.12).

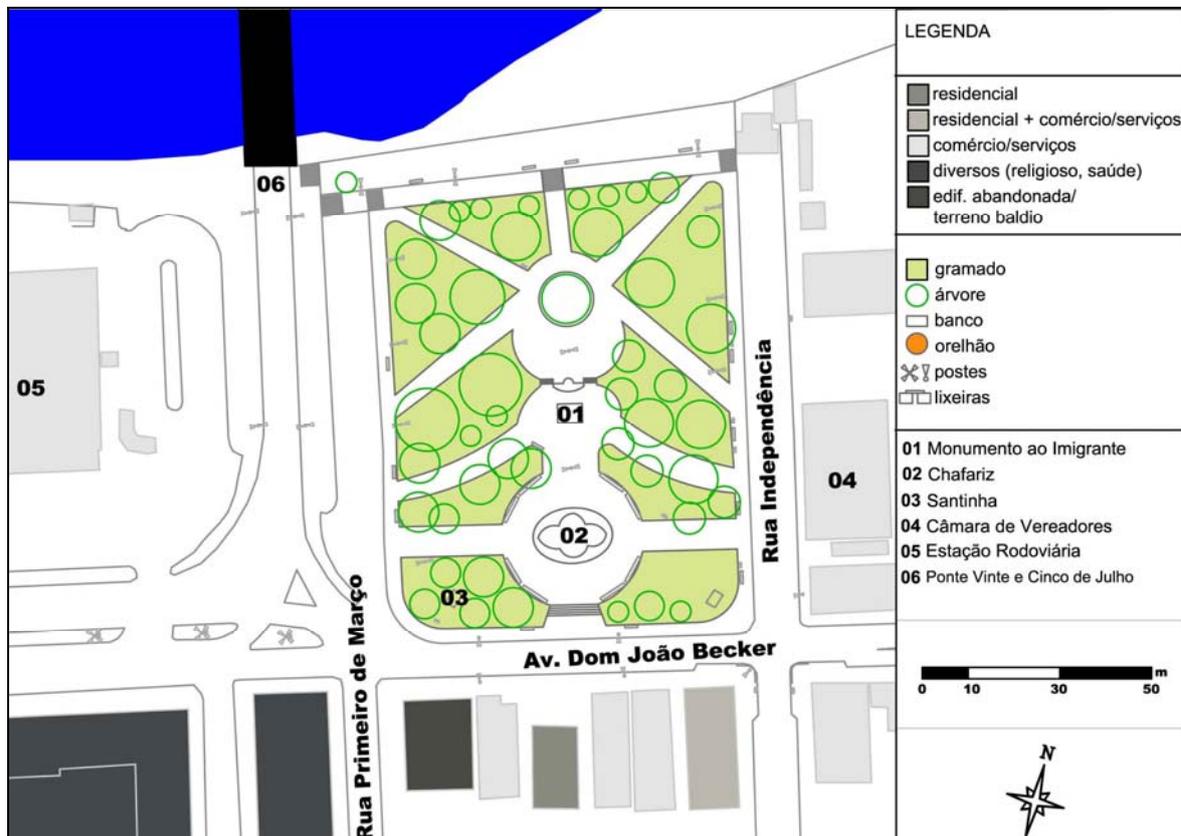


Figura 3.13 – Localização dos equipamentos da Praça do Imigrante. Fonte: autora, 2009.



Figura 3.14 – Visuais no entorno da Praça do Imigrante: a) Casarão histórico da Câmara de Vereadores no entorno da Praça; b) Igreja Matriz e Prédio da UNISINOS 'velha'; c) Ponte 25 de Julho. Fonte: a) e c) autora, 2008; b) http://www.terra gaucha.com.br/imagens/DCP_38335.JPG, 2009.

A Praça do Imigrante não possui equipamentos de lazer ativo (por exemplo, playgrounds ou quadras esportivas). Tem bancos distribuídos pelo seu interior e nas bordas, acompanhados de vegetação arbustiva e árvores de médio e de grande porte. A maior parte das árvores possui folhas perenes, o que faz com que o espaço tenha pouca passagem de

sol e seja úmido o ano todo. A pavimentação da praça é constituída por canteiros gramados e mantém o calcamento original, feito em pedra portuguesa. As calçadas do entorno da praça possuem em média 2m de largura (figura 3.13).

A manutenção do local é feita regularmente pelos órgãos responsáveis. Além do monumento ao Imigrante que deu origem a praça, existe um chafariz e uma imagem de Nossa Senhora da Conceição.

Inserida em um dos núcleos históricos da cidade, a praça faz parte das Áreas Especiais de Interesse Cultural (AEIC) do município e está tombada desde a década de 80 pelo IPHAE, juntamente com a Ponte 25 de Julho (construída em 1875) e o Casarão da Câmara de Vereadores de São Leopoldo (figura 3.14). Conseqüentemente, nesta área nada pode ser edificado.

C) Largo Rui Porto

O local onde está assentado o Largo Rui Porto, na margem sul do Rio dos Sinos, era no passado um imenso banhado, que foi aterrado na metade do século XX, com a construção do cais e do dique de São Leopoldo (MOEHLECK, 1998), mas a área de lazer e o Ginásio Municipal Celso Morbach foram construídos há menos de 30 anos.

O Largo possui 26.114 m², está localizado no centro da cidade, configurado pelas Avenidas Dom João Becker e Mauá, pela Rua São Joaquim, que na lateral do Largo, transforma-se na Ponte que liga a zona sul com a zona norte do município, e ao norte pelo Rio dos Sinos (figura 3.16). O Largo é facilmente acessado pela Av. Dom João Becker, desde a BR 116. Todas as vias de acesso são asfaltadas, bem conectadas e possuem fluxo intenso de veículos. Há estacionamento dentro da área do Largo Rui Porto, para quem se desloca de carro até o local. Em relação ao acesso por transporte público, existe uma parada de ônibus em frente ao Largo, atendida por duas linhas, além da Estação de trem São Leopoldo, que dista cerca de sete quarteirões do espaço de lazer.

Até o final da década de 90, existiam três canchas poliesportivas, uma cancha de futebol sete, dois playgrounds, quadra de vôlei de praia, cancha de bocha e equipamentos para ginástica, além de um complexo de skate (figura 3.15). Nessa mesma época, o trecho da Av. Dom João Becker, em frente ao Largo, também era utilizado como rua de lazer, principalmente aos finais de semana. Há mais de 10 anos o Largo sedia anualmente a São Leopoldo *Fest*, e os equipamentos de lazer foram retirados do Largo.



Figura 3.15 – Duas épocas do Largo Rui Porto: a) Na década de 90 o local apresentava muitos equipamentos de lazer; b) Em 2008, no espaço onde estavam os equipamentos de lazer há um grande vazio. Fonte: a) Revista Rua Grande, 1996; b) SEPLAN, 2009.

Seu entorno apresenta uso misto, comercial e residencial, com predomínio do uso residencial. Dentro do Largo existe a Escola Municipal de Arte Pequeno Príncipe, uma subestação do SEMAE, um galpão crioulo e o Ginásio Municipal, com várias salas ocupadas por órgãos da prefeitura (figura 3.16).

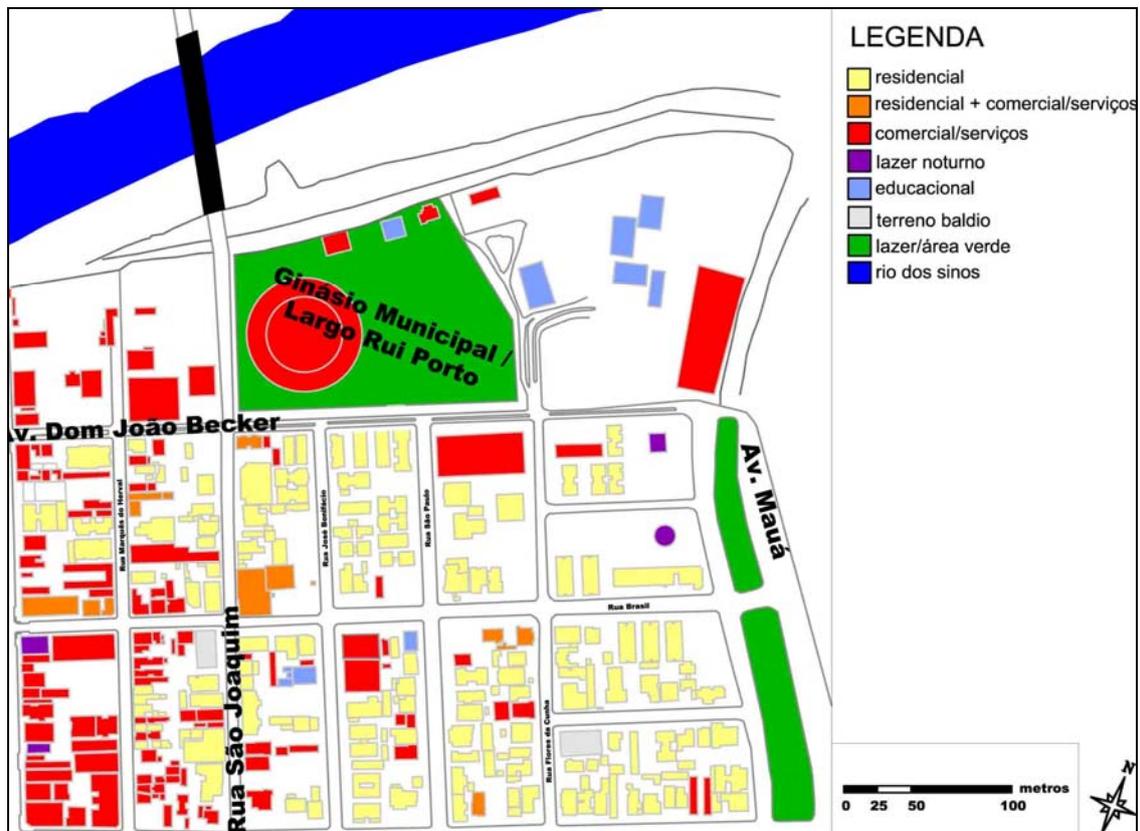


Figura 3.16 – Usos do solo no entorno do Largo Rui Porto. Fonte: autora, 2009.

A área é densamente ocupada por edificações que possuem, em sua maioria, de quatro a oito pavimentos, sendo que algumas alcançam até nove pavimentos (figura 3.17).

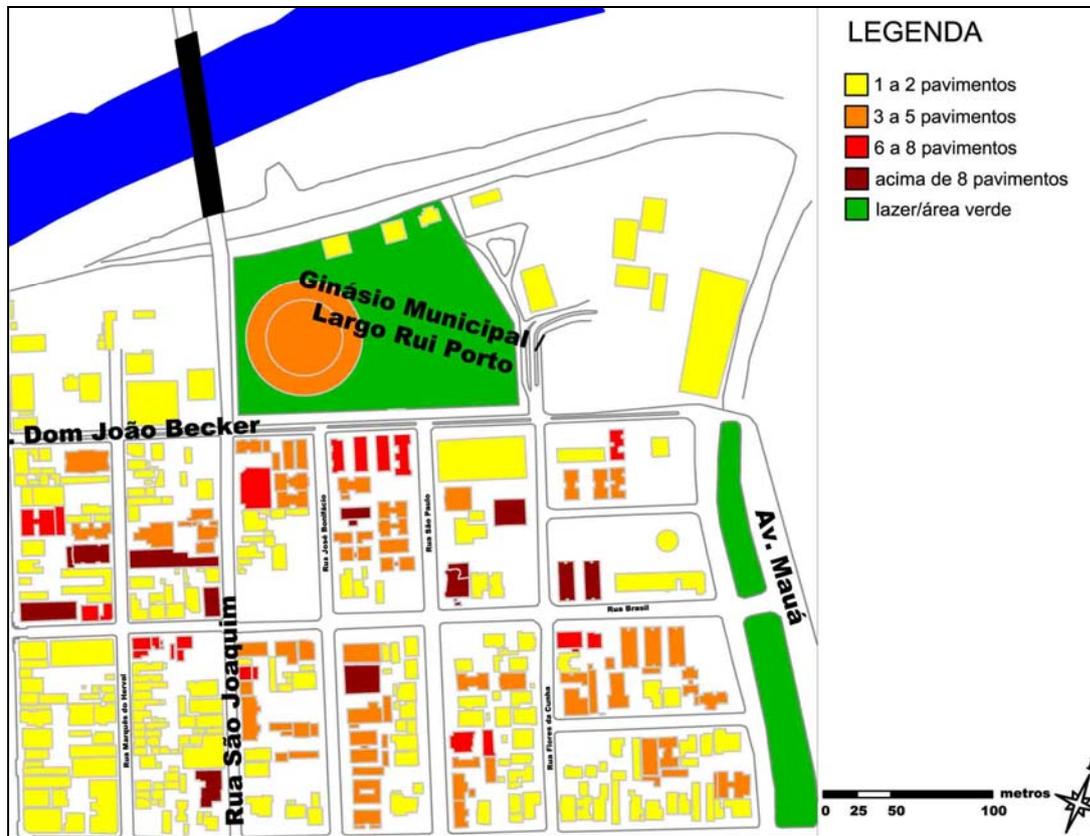


Figura 3.17 – Alturas das edificações no entorno do Largo Rui Porto. Fonte: autora, 2009.

Atualmente o Largo Rui Porto caracteriza-se como uma área pública destinada a eventos culturais e esportivos, tendo como principais equipamentos de lazer uma pista de skate, construída em 2008, o ginásio de esportes (figura 3.18). O Largo Rui Porto possui arquibancadas em concreto e tem postes de iluminação distribuídos pela área, o que possibilitaria o uso noturno, porém o local é cercado e tem horário de funcionamento até às 19 horas.



Figura 3.18 – Equipamentos de Lazer do Largo Rui Porto: a) Pista de Skate; b) Ginásio de esportes; c) Arquibancadas. Fonte: autora, 2008.

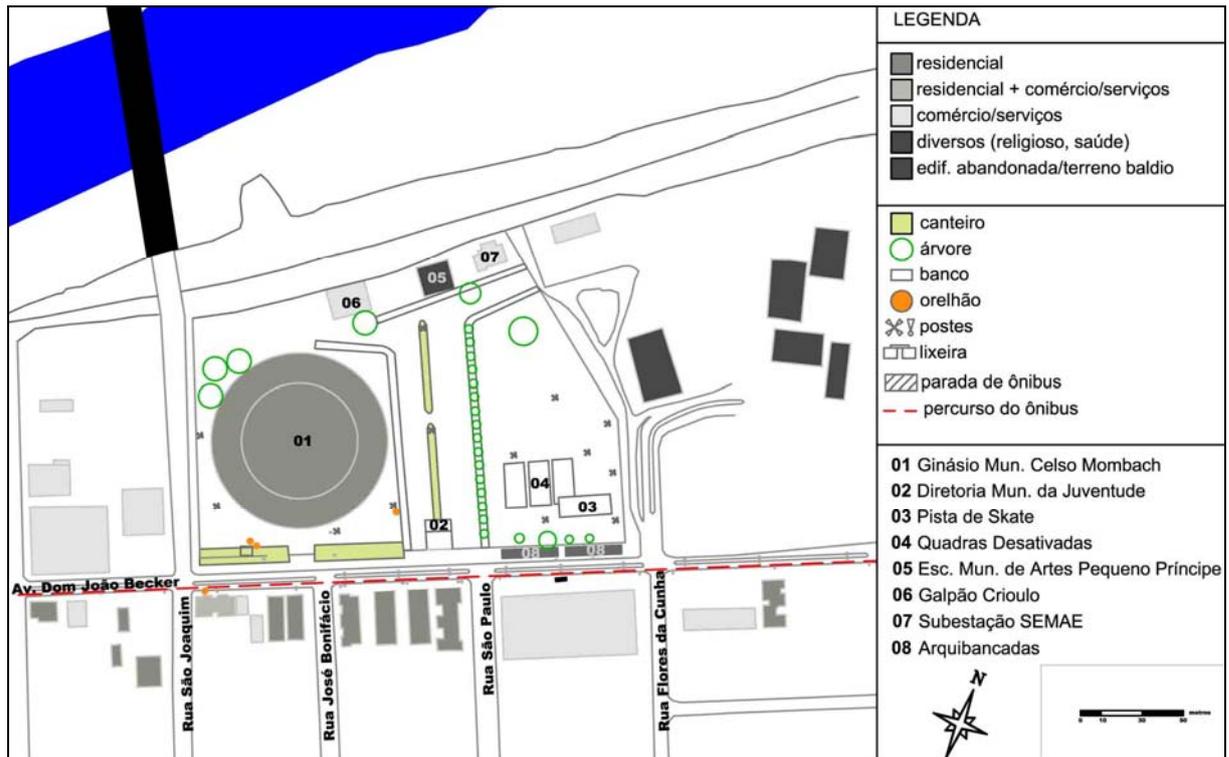


Figura 3.19 – Localização dos equipamentos do Largo Rui Porto. Fonte: autora, 2009.

A vegetação existente consiste em grama e em poucas árvores de pequeno e grande porte (figura 3.19). O piso das calçadas no entorno do Largo é de basalto, e dentro do Largo há trechos com brita e areia, trechos gramados e trechos de paralelepípedo. Existem poucas lixeiras, levando em conta a dimensão da área, não há manutenção freqüente no local.

D) Praça Daltro Filho

A Praça Daltro Filho, também localizada no centro da cidade, foi inaugurada no dia 19 de março de 1939, com a metade da área que ocupa atualmente. A outra metade era usada como potreiro de animais das carroças da Prefeitura, moradia de capataz e sede da Secretaria de Obras da cidade, com depósito e garagem de caminhões e máquinas pesadas (MOEHLECK, 1998) (figura 3.20). Na década de 80, esse terreno, foi incorporado à praça, assumindo assim sua forma atual, totalizando 9.235 m². Desde seus primeiros tempos, a praça se destacou pelos brinquedos que disponibilizava à população, sendo ainda hoje conhecida como 'praça dos brinquedos' (figura 3.20).

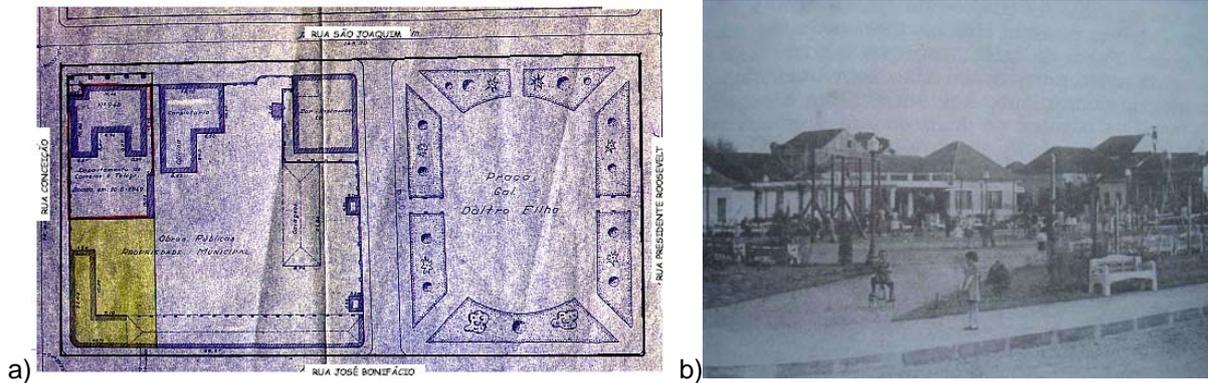


Figura 3.20 – Praça Daltro Filho no passado: a) Planta de 1939 da Praça Daltro Filho e o terreno usado pela prefeitura, hoje incorporado à Praça; b) Crianças na ‘praça dos brinquedos’. Fonte: a) SEMOV - Prefeitura Municipal de São Leopoldo, 2008; b) Moehleck, 1998.

A praça é configurada pelas Ruas Presidente Roosevelt, José Bonifácio, Conceição e São Joaquim (figura 3.21), sendo que as duas primeiras são pavimentadas com paralelepípedo e as duas últimas com asfalto. O movimento veicular destas vias é baixo. A Rua São Joaquim, é a mais movimentada.

Em relação à facilidade de acesso através de transporte público, a praça não tem linhas de ônibus no seu entorno, e a parada de ônibus mais próxima encontra-se a quatro quarteirões da praça. Todavia, a Estação de trem São Leopoldo dista apenas dois quarteirões do local.

Em relação aos usos do entorno da Praça, é predominantemente comercial, com incremento do uso residencial, a leste (figura 3.21). O entorno da praça é densamente ocupado com sete edifícios com alturas entre quatro e oito pavimentos, um edifício com mais de 10 e o outro com mais de 20 (figuras 3.22).

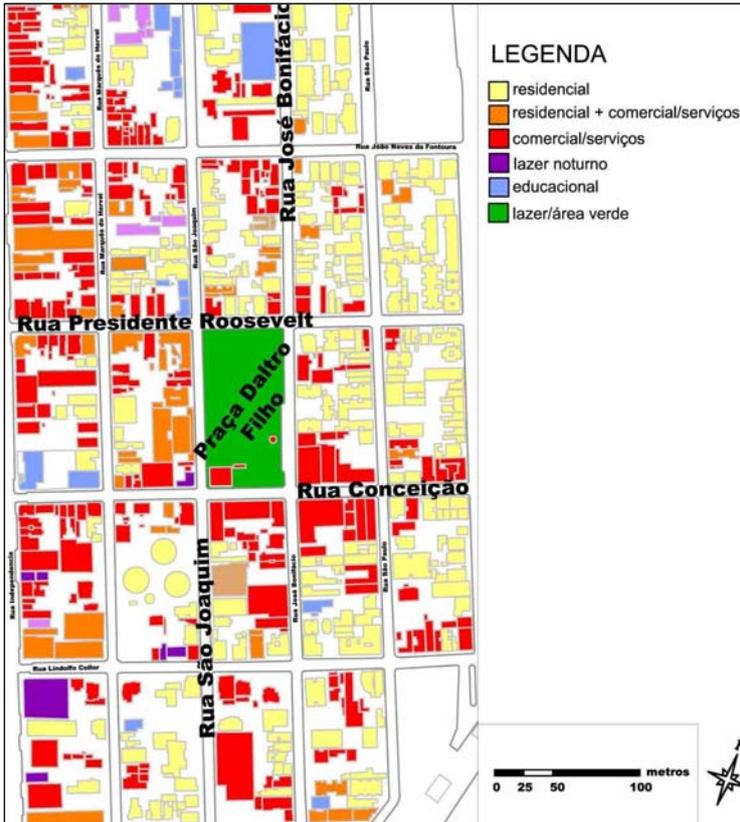


Figura 3.21 – Usos do solo no entorno da Praça Daltro Filho. Fonte: autora, 2009.

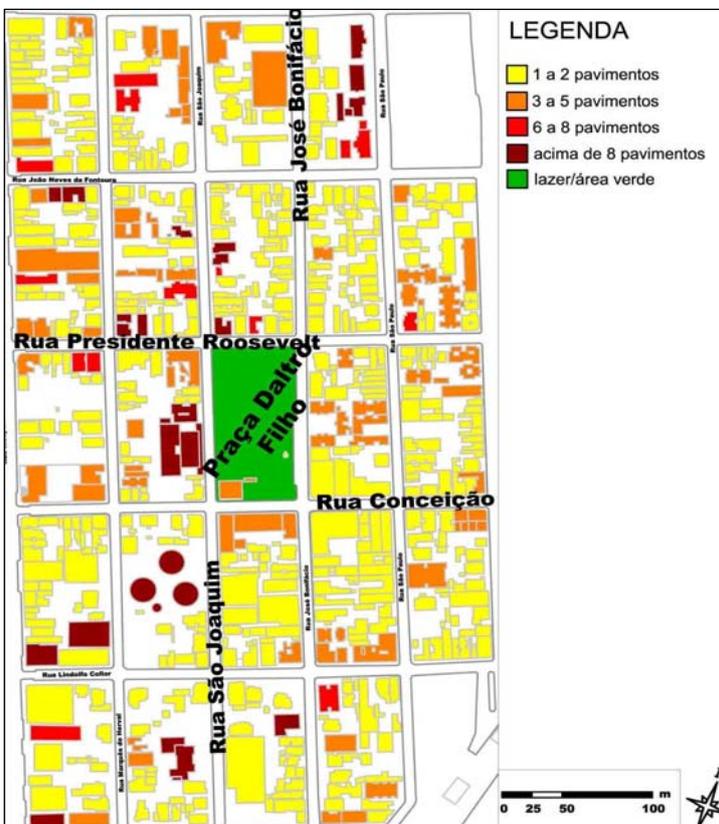


Figura 3.22 – Alturas das edificações no entorno da Praça Daltro Filho. Fonte: autora, 2009.

Para o lazer dos usuários a praça oferece dois playgrounds, quadra de futebol de areia com arquibancadas, quiosque bar, churrasqueira, aparelhos para exercícios físicos, bancos colocados nas bordas da praça e no entorno dos playgrounds (figura 3.23). Existe vegetação de pequeno, médio e grande porte na praça, sendo que a maior parte das árvores possui folhas perenes. A iluminação é garantida por postes dispostos nas bordas e no centro da praça.



Figura 3.23 – Equipamentos de lazer da Praça Daltro Filho: a) Aparelhos de ginástica; b) Um dos playgrounds existentes na Praça; c) Quadra de futebol de areia. Fonte: Autora, 2008.

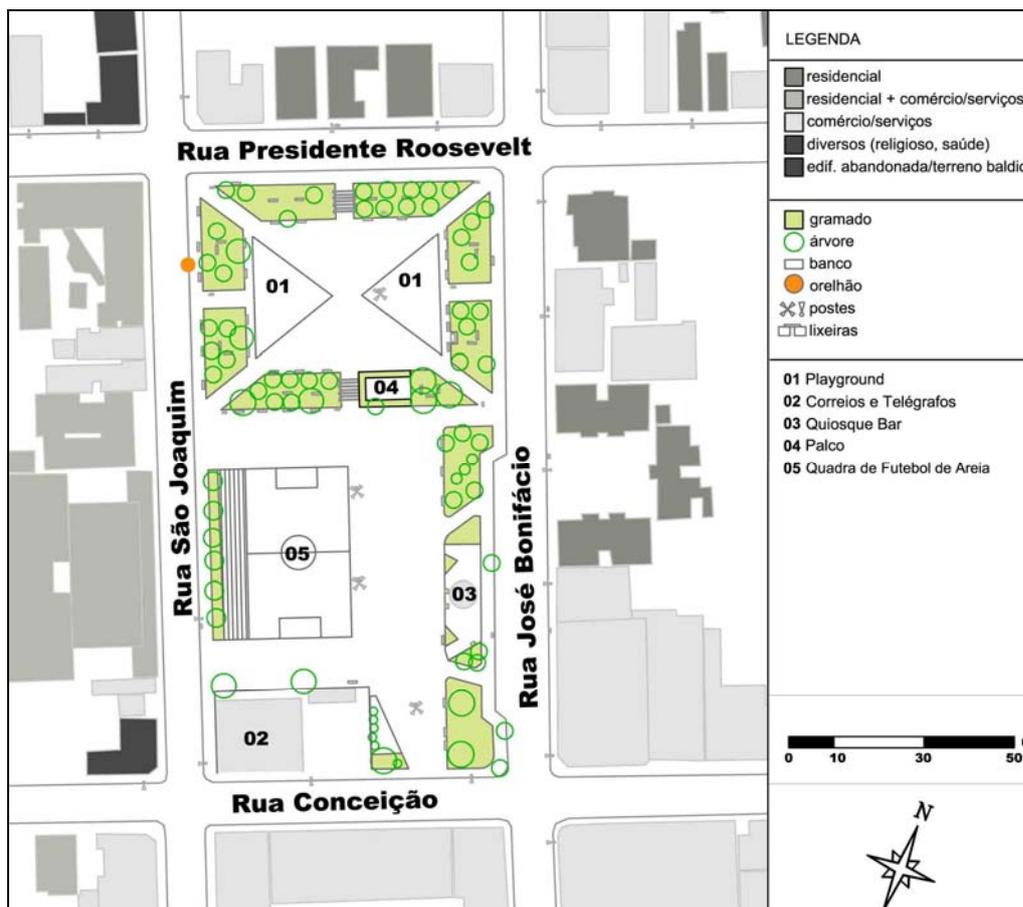


Figura 3.24 – Localização dos equipamentos da Praça Daltro Filho. Fonte: autora, 2009.

A pavimentação na área de circulação interna da praça é em areia e cascalho e as calçadas do entorno são pavimentadas com pedra portuguesa e basalto. Existem lixeiras nas extremidades da praça e a manutenção do local é realizada por equipes da prefeitura que estão constantemente fazendo reparos e limpando. Existem dois zeladores que tomam conta da praça.

3.6.2.2. Parques

A) Parque Estadual de Recreação do Trabalhador

O Parque do Trabalhador foi fundado em 1970 e está localizado no Bairro Vicentina, zona oeste da cidade. O Parque faz parte de um projeto nacional de criação de centros sociais urbanos, que promoveu a implantação de parques similares por todo Brasil, nos anos 70. O local pertenceu ao governo federal até 1982, quando passou a ser administrado pelo governo estadual, através da Fundação Sulbrasileira de Assistência (FUNDASUL). Porém a FUNDASUL e a Fundação Gaúcha do Trabalho (FGT) se uniram e em 1988 viraram Fundação Gaúcha de Trabalho e Ação Social (FGTAS), que é a atual administradora do Parque do Trabalhador. Após a troca de administrações, realizada na década de 80, o parque começou o processo de declínio. Enquanto em 1992, muitas cidades municipalizaram seus Parques do Trabalhador, o de São Leopoldo permaneceu sob a responsabilidade do Estado.

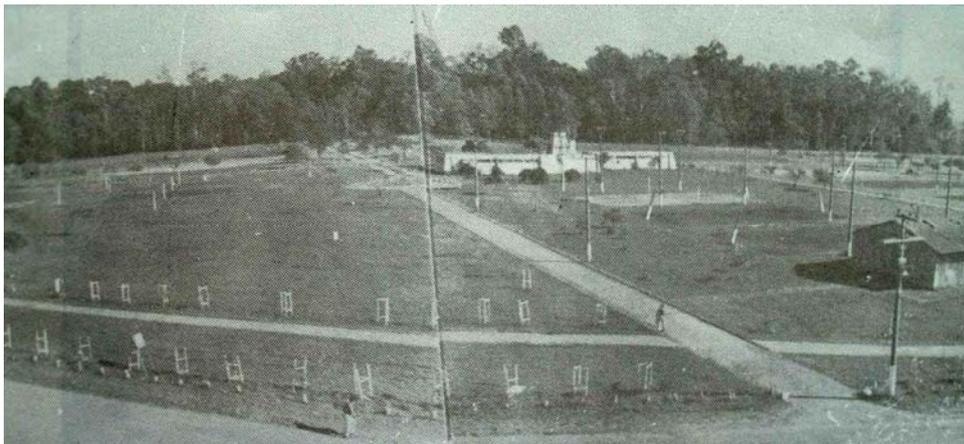


Figura 3.25 – Vista parcial da área de lazer do Parque do Trabalhador, década de 90. Fonte: Moehleck, 2000.

Em 1991, o Governo estadual inaugurou a Universidade do Trabalhador, com sede no Parque, que consistia num centro de formação de lideranças sindicais e espaço aberto para encontros sindicais. Foi criado o Centro Didático-Administrativo, com sete salas de

aula, centro de eventos com auditório para 400 pessoas, bar, restaurante e seis módulos de quatro apartamentos, que abrigavam até 100 pessoas, além das quadras esportivas, vestiários e ginásio esportivo. A Universidade foi extinta em 1993, quando houve a mudança de governo no estado e o programa foi encerrado. Cabe ressaltar que parte dessa infraestrutura – restaurante e os apartamentos – está desativada e em estado de degradação.

Atualmente o Parque do Trabalhador têm 87 hectares e é configurado a noroeste pela Rua Vicentina Maria Fidelis, e nos demais limites por uma densa zona de mata de preservação (figura 3.26). É cortado por uma estrada pavimentada em cascalho, chamada de Estrada do Parque, que liga o Bairro Vicentina e o Bairro São João Batista, do outro lado do Parque, utilizada por moradores da região. O movimento veicular é baixo na Rua Maria Vicentina Fidelis, apesar de ser uma das principais ruas do bairro e a principal via de acesso ao Parque. O Parque possui estacionamento no seu interior. Em relação à facilidade de acesso por transporte público, o Parque é atendido por duas empresas de ônibus que passam com intervalos de 10 e 15 minutos, com parada na entrada do Parque.

Os usos do solo no entorno do parque são, predominantemente, residencial, com pontos de usos mistos – residencial e comercial – nas vias de maior movimento. Também existem terrenos baldios e de uso industrial (figura 3.26).

O Bairro Vicentina pertence a uma zona de expansão recente (de 1981 a 2000) que foi ocupada em grande parte por invasões. Assim muitas edificações aparentam condições precárias, das quais algumas em madeira. É possível constatar que quanto mais próximo ao Rio dos Sinos, mais precárias são as habitações e é nessa área que está localizada a maior parte dos lotes ocupados irregularmente.



Figura 3.26 – Usos do solo no entorno do Parque do Trabalhador. Fonte: autora, 2009.

O Parque tem grande abrangência, atendendo todo o bairro Vicentina e a densidade ocupacional da área é média, predominando edificações de um e dois pavimentos, com algumas de três a cinco (figura 3.27).

fins lucrativos, da ordem dos Pavonianos, chamada Centro Medianeira, instalada por volta de 2003. Em 2005 foi instalado o 25º Batalhão da Brigada Militar/Grupamento de Polícia Montada, que utilizou como sede um antigo salão de festas em estilo rústico que havia dentro do parque (figuras 3.26 e 3.28).



Figura 3.28 – Equipamentos de educação e segurança no Parque do Trabalhador: a) Centro Medianeira; b) Entrada do ginásio de esportes; c) Galpão ocupado pela Brigada Militar. Fonte: autora, 2008.

Dos 87 hectares que constituem o Parque, quatro são destinados a área de lazer (figura 3.25). O Parque oferece dois campos de futebol, uma quadra de basquete, duas quadras de futebol, um playground, aparelhos de ginástica, pista com circuito de 1.300 metros para caminhadas, ginásio de esportes com capacidade para 600 pessoas (figura 3.28), duas canchas de bocha – mantidas pelos usuários –, 38 galpões com churrasqueiras, edificadas e mantidas pelos CTGs⁵, desde a década de 90 (figura 3.29). O Parque possuía na última visita, em 2009, apenas quatro bancos.



Figura 3.29 – Equipamentos do Parque do Trabalhador: a) Entrada do Acampamento Farroupilha; b) Espaço com cancha de bocha; c) Banheiros no mato. Fonte: autora, 2008.

⁵ CTG: Centro de Tradições Gaúchas.



Figura 3.30 – Localização dos equipamentos do Parque do Trabalhador. Fonte: autora, 2009.

O Parque é praticamente todo gramado, com caminhos de cascalho e brita, além da pista para caminhadas e das quadras de futebol, em cimento (figura 3.30). A vegetação existente é constituída por arbustos e árvores de pequeno, médio e grande porte. Na área dos CTGs e na zona de preservação há grande número de árvores (figura 3.29). A manutenção no Parque é esporádica e praticamente não tem lixeiras e nem iluminação na área de lazer, visto que os poucos refletores existentes estão estragados há anos.

B) Parque Municipal Imperatriz Leopoldina

O Parque Imperatriz Leopoldina é uma Unidade de Conservação Permanente, localizado entre os bairros Pinheiros e São José. Foi inaugurado em dezembro de 2006, pela atual administração municipal, após processo de requalificação de uma área ocupada irregularmente durante 15 anos por papeteiros (figura 3.31). O parque resultou de uma obra integrada para recuperar a área degradada que compõe a Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos. Considerando a infra-estrutura de lazer existente e a mata nativa com banhado, totaliza 176 hectares, equivalente a 2% da área de São Leopoldo. É o maior parque da cidade (SÃO LEOPOLDO, 2008).

O Parque Imperatriz é configurado pela Rua das Camélias, à leste e pela Avenida Imperatriz Leopoldina, ao sul, nos limites norte e oeste há grande zona de mata de preservação. Ao norte do Parque está o Rio dos Sinos (figura 3.32). O acesso ao Parque por veículos é realizado pela Av. Imperatriz Leopoldina, que se configura como a via conectora entre os bairros da zona leste e o centro da cidade. A via foi duplicada em março de 1999 e tem 2,5Km de pista dupla constituída de três faixas cada, mais uma faixa para ciclovia e cumpre o papel de perimetral, ligando partes da cidade, com fluxo pesado de veículos. Para os freqüentadores que utilizam carro, existe estacionamento dentro do Parque. O acesso ao local através do transporte público é atendido por apenas uma empresa, com uma parada de ônibus em frente ao Parque.



Figura 3.31 – Imagens da área onde o Parque Imperatriz está implantado: a) Imagem parcial da área do Parque Imperatriz com habitações irregulares, antes da sua implantação; b) Área de lazer do Parque Imperatriz Leopoldina, delimitado ao sul pela Av. Imperatriz Leopoldina (parte superior da imagem). Fonte: SEMMAM - Prefeitura Municipal de São Leopoldo, 2008.

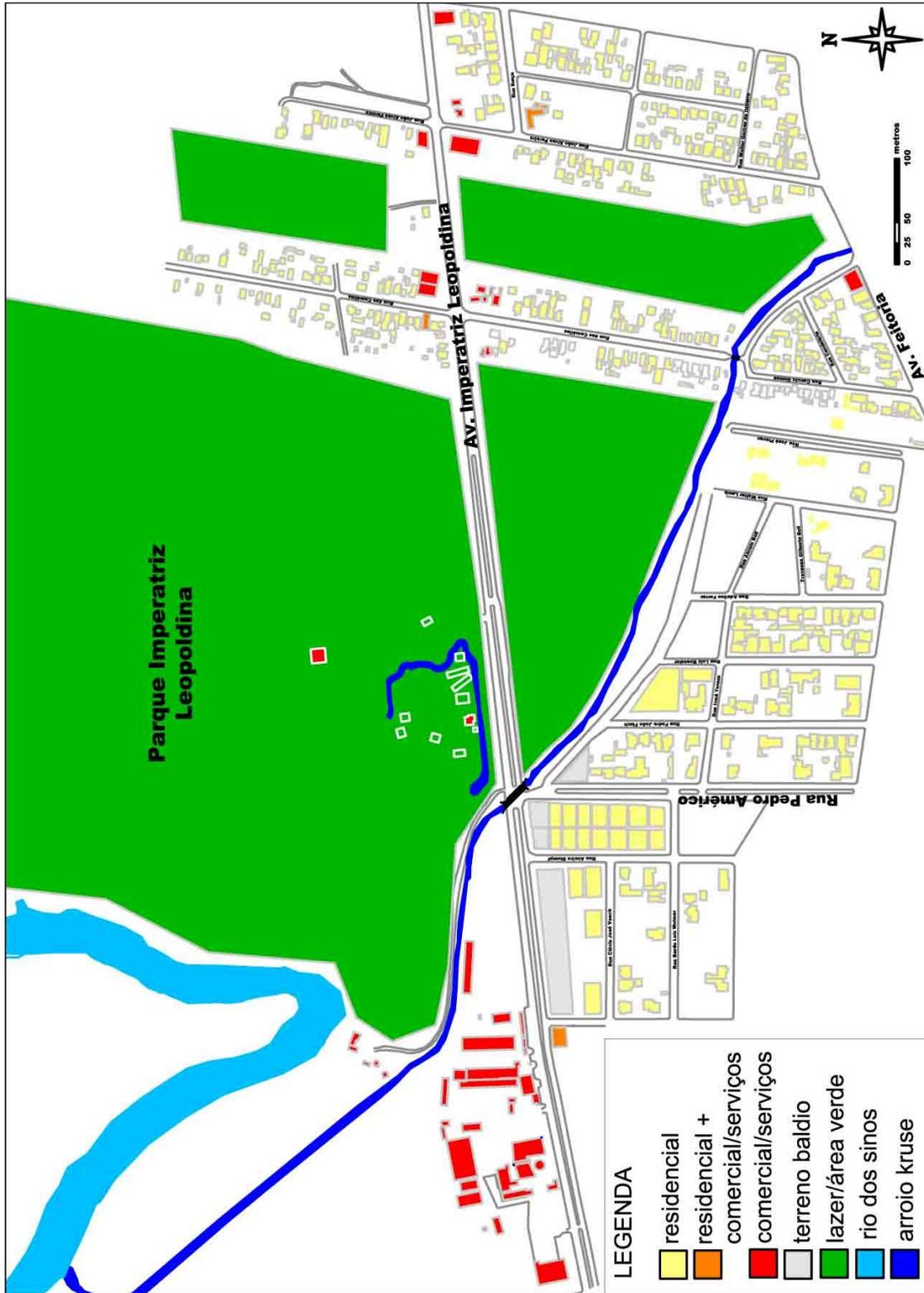


Figura 3.32 – Usos do solo no entorno do Parque Imperatriz Leopoldina. Fonte: autora, 2009.

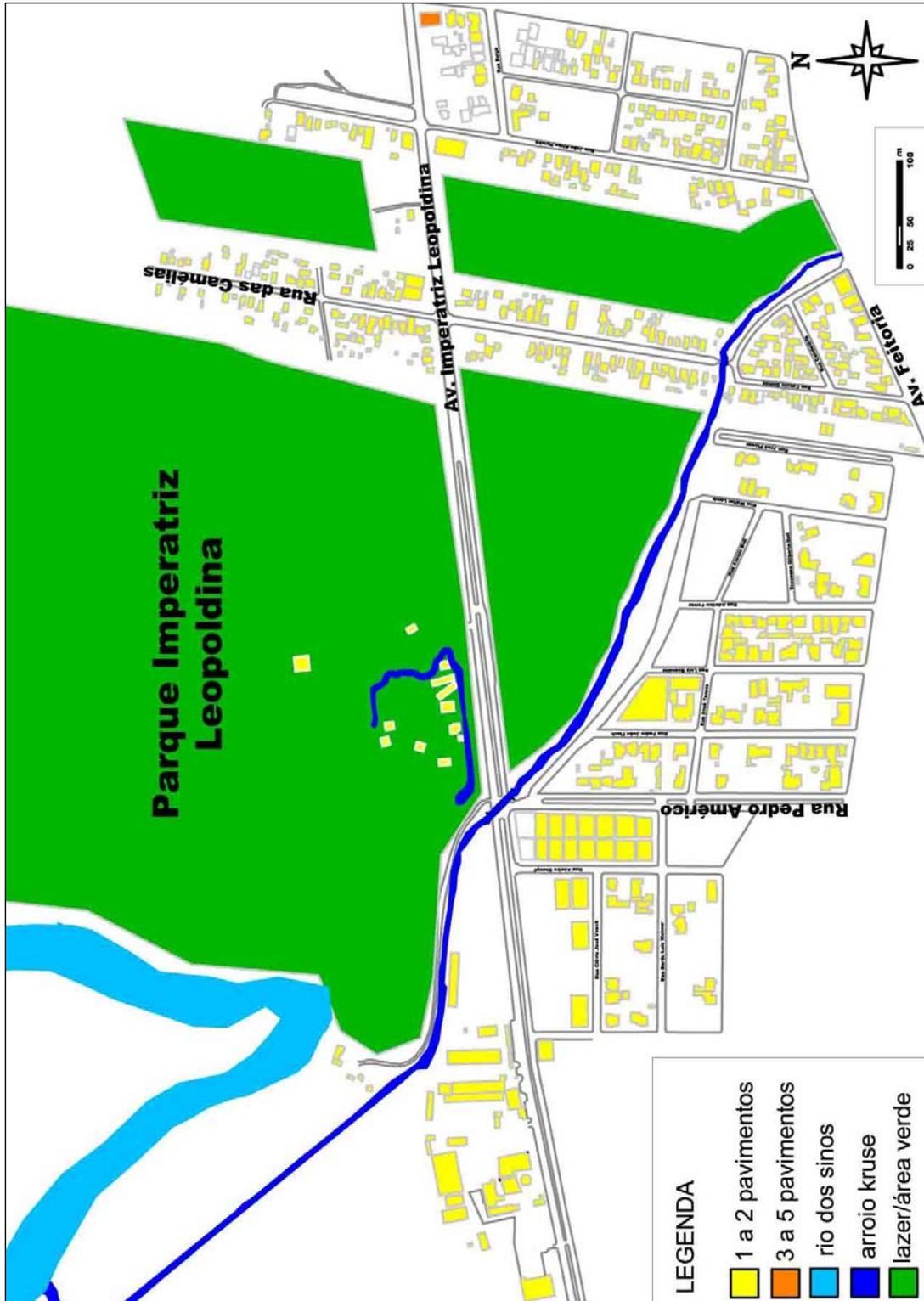


Figura 3.33 – Alturas das edificações no entorno do Parque Imperatriz Leopoldina. Fonte: autora, 2009.

O Parque Imperatriz está situado entre bairros residenciais (figura 3.32) com características físicas e sócio-econômicas dos moradores diferenciadas: a aparência das edificações no entorno do parque é contrastante, pois ao mesmo tempo em que ele está

situado num bairro de residências suntuosas, onde o valor do lote é o mais caro da cidade, está também ao lado de uma área de invasão, constituída por casebres.

A densidade ocupacional é extremamente baixa, considerando que o local está entre uma zona de preservação permanente e uma zona residencial. A altura das edificações é predominantemente entre um e dois pavimentos, com algumas ocorrências de três pavimentos (figura 3.33).

O Parque Imperatriz oferece cinco áreas cobertas com mesa, bancos e duas churrasqueiras cada, duas canchas de bocha, um campo de futebol de areia, duas quadras de vôlei de areia, bancos, playground e banheiros, além de uma trilha ecológica (figura 3.34). A trilha foi implantada na Planície de Inundação do Rio dos Sinos, ecossistema característico da região e tem cerca de 2 km de extensão. Quando chove, é utilizada uma trilha alternativa com cerca de 800 metros. O trajeto é realizado com acompanhamento de guias e guardas municipais que conferem a segurança da trilha.

A administração do Parque funciona no local, em um dos dois prédios existentes (figura 3.35). No outro funciona o viveiro municipal, que possui em torno de 11 mil mudas distribuídas gratuitamente para os cidadãos, mediante cadastro e instruções técnicas sobre o plantio.

Para o usuário que vem de bicicleta há um bicicletário, mas a circulação de bicicleta pelo local não é permitida. Existem placas informativas e educativas em vários pontos do parque, solicitando, por exemplo, que os usuários não escutem música alta, não joguem lixo no chão e respeitem a natureza.

O Parque ainda não está concluído. Foram prevista três etapas para sua construção, até agora foram realizadas duas. O lado direito do Parque ainda está ocupado irregularmente por moradores. Nesta terceira etapa, que já foi aprovada pelo Ministério do Turismo, serão construídos um centro de educação ambiental, um trapiche (trilha suspensa), um museu do rio e um jardim botânico, este vinculado ao Jardim Botânico do Rio de Janeiro (KOOPP, 2008). Além dessa ampliação o Parque vai receber mais 171 hectares, referentes a outra área de preservação junto ao Rio. Esta área, que está para ser oficializada em edital pelo governo, será fechada para o público e servirá somente para pesquisa (KOOPP, 2008).



Figura 3.34 – Equipamentos no Parque Imperatriz Leopoldina: a) Bebedor e chuveiro; b) Cancha de bocha; c) Área com churrasqueiras; d) Trilha ecológica. Fonte: autora, 2008.

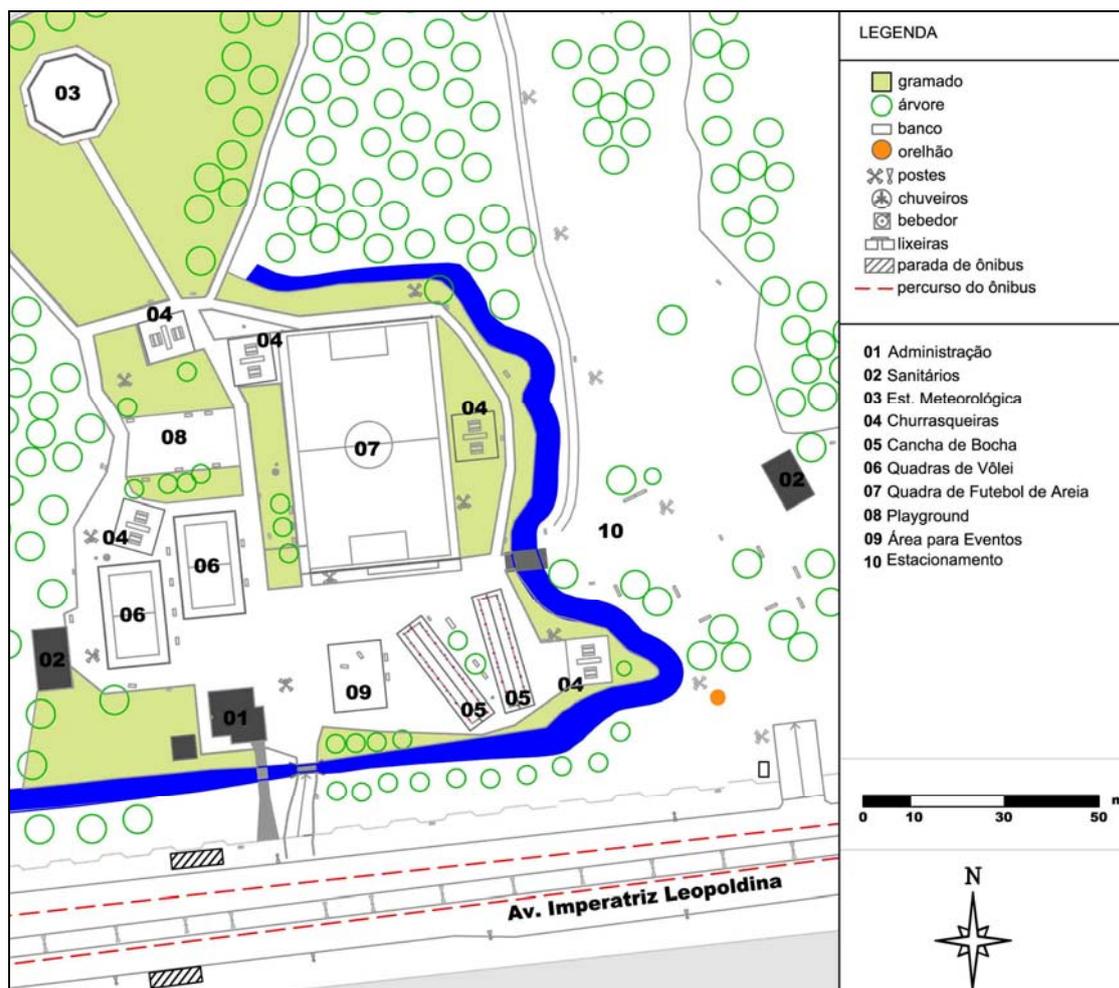


Figura 3.35 – Localização dos equipamentos do Parque Imperatriz Leopoldina. Fonte: autora, 2009.

A vegetação predominante no Parque é formada por árvores de médio e grande porte, localizadas no entorno da área de lazer (figura 3.35). A pavimentação do parque é constituída basicamente de brita, com áreas gramadas e as quadras são de areia. Existem lixeiras colocadas em pontos específicos do parque. Duas equipes de cooperativados da prefeitura (Frentes de Inclusão Produtiva - FIP de segunda a sexta, e Programa de Auxílio Solidário - PAS aos finais de semana) fazem a limpeza do Parque constantemente.

3.6.2.3. Ruas

A) Rua Independência

A Rua Independência precede a chegada dos colonos alemães. Segundo Moehleck (1998), desde a época da Feitoria do Linho Cânhamo (instalada em outubro de 1788) havia um caminho que ligava a Feitoria ao rio e

(...) o transitar entre esses dois pontos, atravessando sempre o Rio dos Sinos no Passo Geral, consolidou cada vez mais este caminho que acabou se tornando a rua principal da povoação que se estava formando. Durante 60 anos o seu nome foi Rua do Passo (...). Só em 1885 que o nome mudou para Rua Independência (MOEHLECK, 1998, p. 175).

A Rua Independência serviu de base para o traçado da primeira zona de povoamento do município e pode ser considerada como um percurso matriz, preexistente às edificações (RIGATTI, 1993) e à criação do município. No início do século XX, era comparada a Rua dos Andradas em Porto Alegre, pela sua crescente importância comercial e movimento de pedestres (MOEHLECK, 1998).

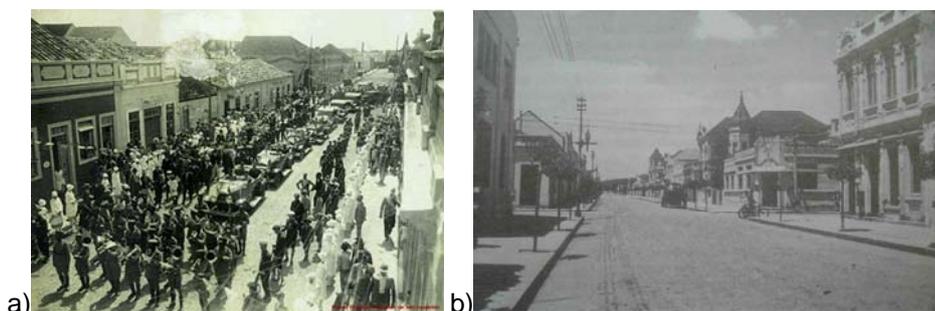


Figura 3.36 – Rua Independência no passado: a) Desfile na Independência no início do século na década de 30; b) Aspecto da Rua Independência na década de 40 do século passado. Fonte: a) Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, 2009; b) Moehleck, 2000.

Desde seus primórdios era a ‘*Grosse Strasse*’ ou ‘Rua Grande’, por ser a via mais longa da época, sendo ainda hoje assim conhecida (MORAES, 1996). Como São Leopoldo foi por décadas o ponto de referência de toda a colônia alemã, ativo centro de comércio, no qual os colonos vinham se abastecer daquilo que não produziam, a Rua Independência consolidou-se como local de comércio e rua principal da cidade (figura 3.36).

A Rua Independência com 1.400 m de comprimento, inicia na Avenida Dom João Becker e finda na Rua Frederico Wolfenbutel (figura 3.37). A pista para automóveis é estreita e pavimentada com paralelepípedos, o que faz com que o tráfego seja lento, mas constante. Nas esquinas há rampas para cadeirantes e sinalização tátil que permite ao deficiente visual perceber o limite da calçada e demais obstáculos.

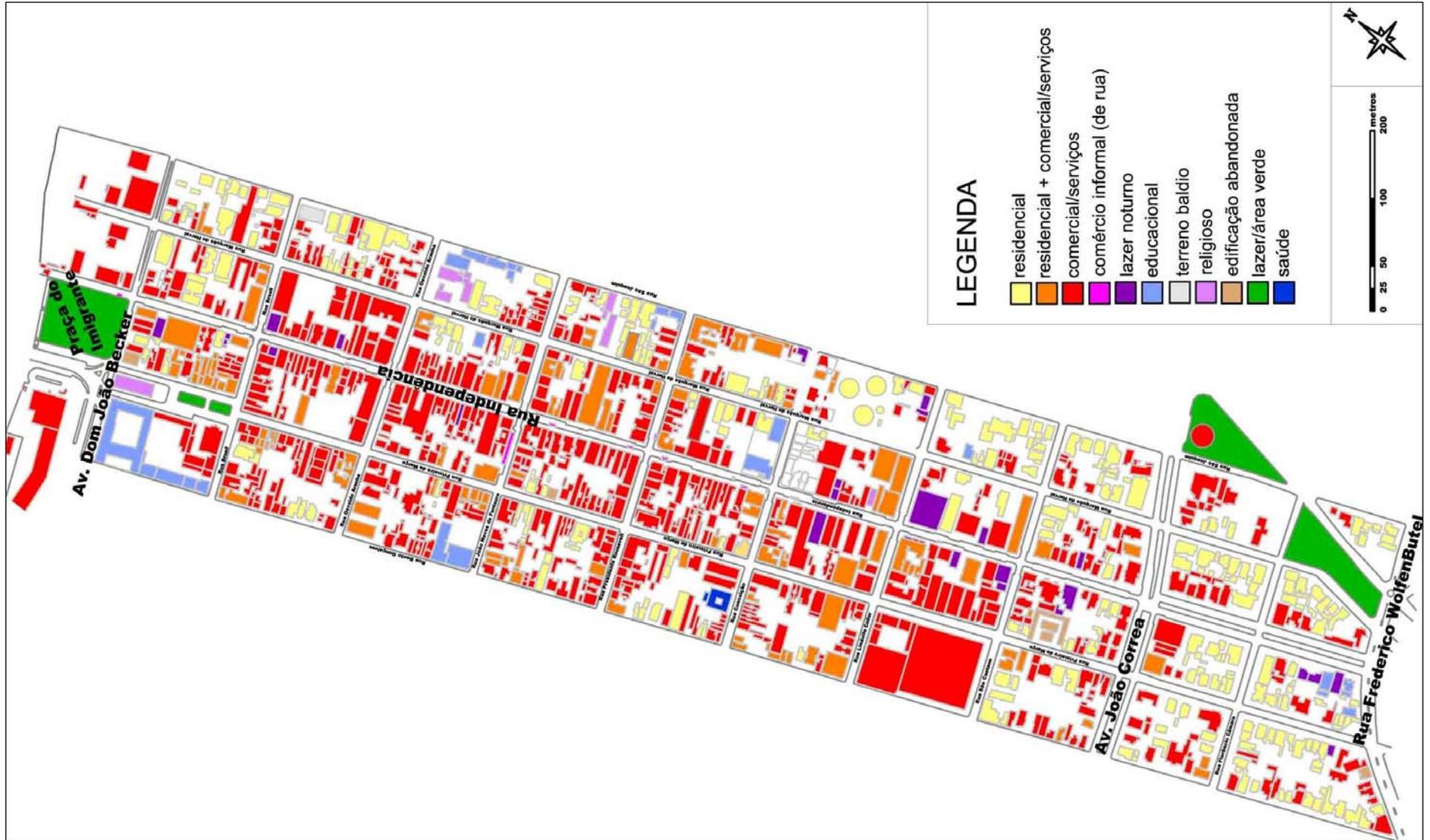


Figura 3.37 – Usos do solo no entorno da Rua Independência. Fonte: autora, 2009.

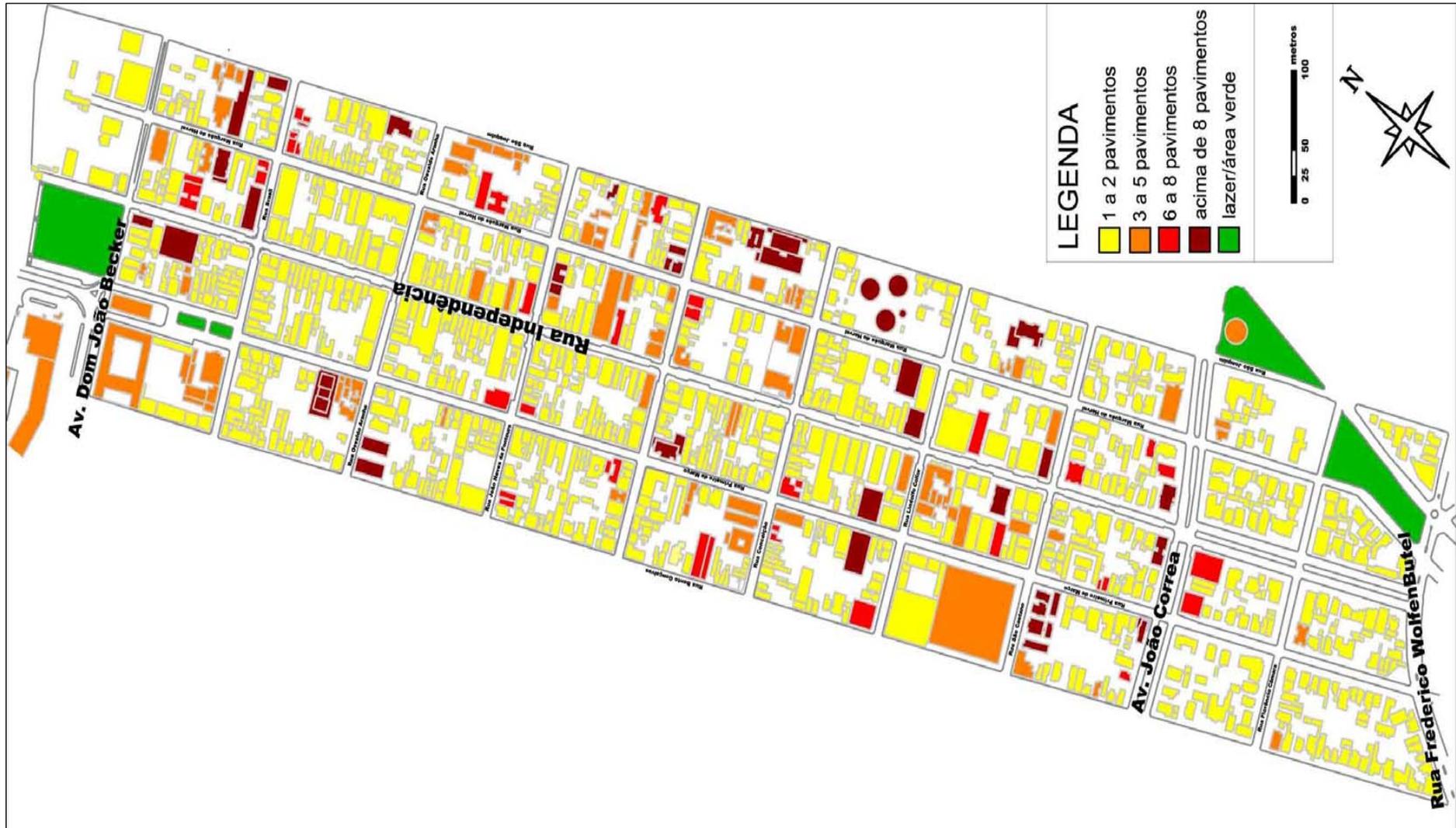


Figura 3.38 – Alturas das edificações no entorno da Rua Independência. Fonte: autora, 2009.

Não existem paradas de ônibus na Independência, mas na via paralela circulam em torno de cinco empresas de coletivos. A Estação de trem São Leopoldo está a quatro quarteirões da Independência e a Estação Rodoviária está há 200 metros.

A Rua Independência traz desde seu passado uma forte predisposição comercial. Ao analisar os usos do entorno, constata-se a predominância de estabelecimentos comerciais, alguns de usos mistos (comercial e residencial) e de lazer noturno (figura 3.37).

O uso comercial e a localização central fazem com que a Independência esteja sempre movimentada, com picos dependendo dos horários e da época do ano. As ruas de seu entorno também apresentam forte uso comercial e existe um shopping na rua paralela a ela. O comércio informal é forte na Rua Independência e o camelódromo da cidade está localizado nas proximidades em uma rua perpendicular (figura 3.39).

A densidade da área é alta, visto que o bairro centro concentra o maior número de edificações com mais de quatro pavimentos. Porém, as edificações na Rua Independência têm alturas menores, de um a dois pavimentos, e a maioria são prédios comerciais com loja embaixo e depósito em cima (figura 3.38).



Figura 3.39 – Comércio informal na Rua Independência: a) Camelódromo de São Leopoldo; b) Vendedor de churros; c) Vendedores de bijuterias. Fonte: autora, 2008.

O lazer na Rua Independência está baseado no uso comercial e de lazer noturno da via. De modo que as lojas e os restaurantes são a maior atração durante o dia e os bares, restaurantes e danceterias são as principais atrações durante a noite. Os estabelecimentos comerciais disponibilizam cadeiras para os clientes nas calçadas e há pares de bancos em cada esquina (figuras 3.40 e 3.41).



Figura 3.40 – Aspectos físicos da Rua Independência: a) Espaços para sentar com cobertura; b) Rampas de acesso; c) Conjunto de bancos e *guard rails* nas esquinas. Fonte: autora, 2008.

As calçadas da Rua Independência têm em média três metros de largura e, em determinados pontos, existem alargamentos da calçada sobre rua (chamados popularmente de ‘orelhas’), o que aumenta sua largura e privilegia o movimento de pedestres. O piso das calçadas é de cerâmica tátil. A iluminação da Rua Independência é promovida por postes ao longo da via e os estabelecimentos comerciais contribuem para a iluminação do local.



Figura 3.41 – Localização dos equipamentos da Rua Independência. Fonte: autora, 2009.

As calçadas possuem canteiros com arbustos e árvores de pequeno porte devido ao pouco espaço para o plantio, visto que as calçadas são também ocupadas por mobiliários como mesas e cadeiras (figuras 3.40 e 3.41). A proteção contra sol e chuva, é feita através dos toldos e coberturas dos estabelecimentos comerciais, que avançam no passeio público. A limpeza da rua é feita diariamente. Existem lixeiras em pares ao longo da via.

B) Avenida São Borja

A Avenida São Borja está na zona leste da cidade, que teve sua primeira expansão em 1900. Segundo Moehleck (1982) sua implantação deve-se, de forma indireta, à construção da estrada de ferro que ligava o centro do município com o Morro do Paula, onde

está localizada a pedreira, ponto mais alto de São Leopoldo com a altura de 270 metros, na divisa com Sapucaia do Sul e Gravataí.

Os mais antigos contam que na década de 60, a São Borja era apenas uma estrada sinuosa que ia da Vila Pinto (hoje bairro Rio Branco) ao Morro do Paula. Tinha-se a impressão de que a cidade terminava no início da Avenida, era uma estrada empoeirada e cheia de curvas, chamada pelos poucos e antigos moradores de ‘*Steinkopf*’ ou ‘Cabeça de Pedra’, já que dali se avistava o Morro do Paula, surgindo de longe o formato de uma cabeça na imensa pedra (figura 3.42). Para se ir aos bailes na Sociedade de Canto Fazenda São Borja, na Avenida de mesmo nome, os antigos eram obrigados a fazer uma longa viagem pela sinuosa e estreita estrada de chão (SILVESTRE, 1996).

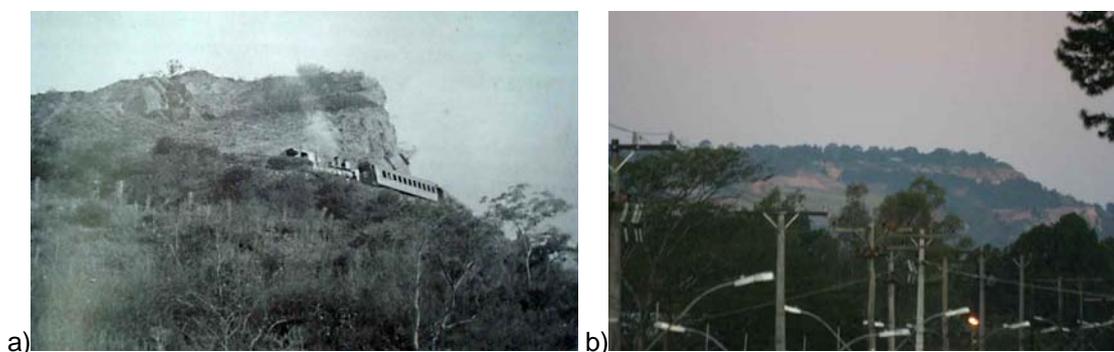


Figura 3.42 – Morro do Paula em dois momentos: a) Locomotiva em 1924 no Morro do Paula. b) Morro do Paula ao final da Avenida São Borja. Fonte: a) Moehleck, 1998; b) Roberto Coutinho, 2008.

Hoje a Avenida São Borja, com 2.600 m de comprimento, inicia no bairro Rio Branco, na Av. João Correa e divide o bairro Rio Branco do bairro Jardim América, terminando no bairro Fazenda São Borja, na Avenida das Indústrias (figura 3.43). A Avenida tem duas pistas asfaltadas com canteiro central e liga-se a outra importante avenida da cidade, a João Correa, que por sua vez, liga-se a BR116. A Avenida São Borja é atendida por uma linha de ônibus que percorre o trajeto centro-bairro. Existem rampas de acesso para cadeirantes, no canteiro central da via e nas calçadas laterais. A Avenida São Borja apresenta um fluxo pesado, principalmente de caminhões, visto que a via tornou-se o pólo industrial de São Leopoldo e principal eixo de escoamento desta produção.

Além do uso industrial, a Avenida tem comércio consolidado (figura 3.43). O norte da via apresenta uso misto residencial e comercial, com uma considerável densidade populacional (figuras 3.43 e 3.44). Ao sul, o uso torna-se fortemente industrial, com alguns pontos comerciais e educacionais e a densidade diminui, com grandes lotes isolados com indústrias.

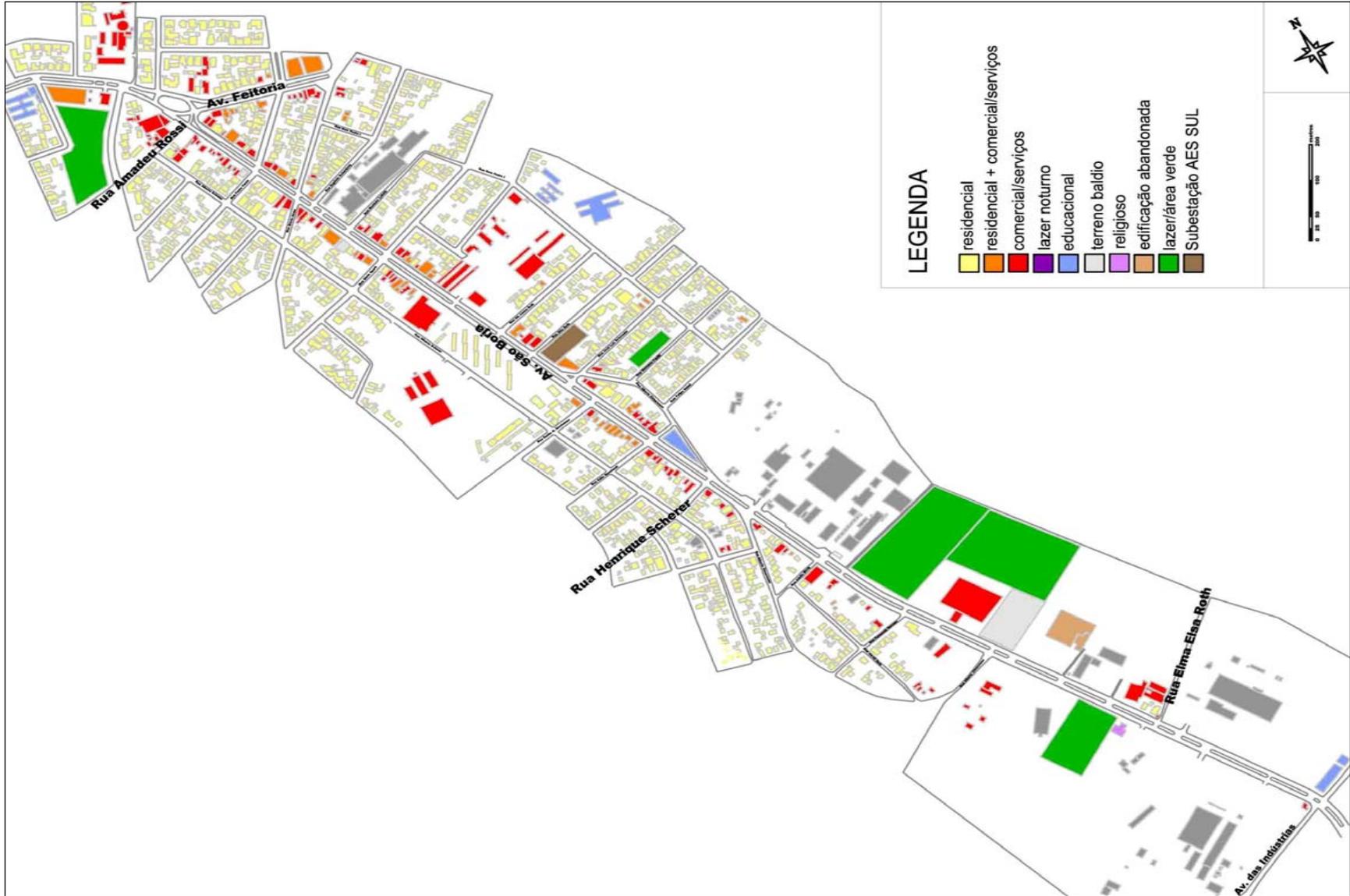


Figura 3.43 – Usos do solo no entorno da Avenida São Borja. Fonte: autora, 2009.

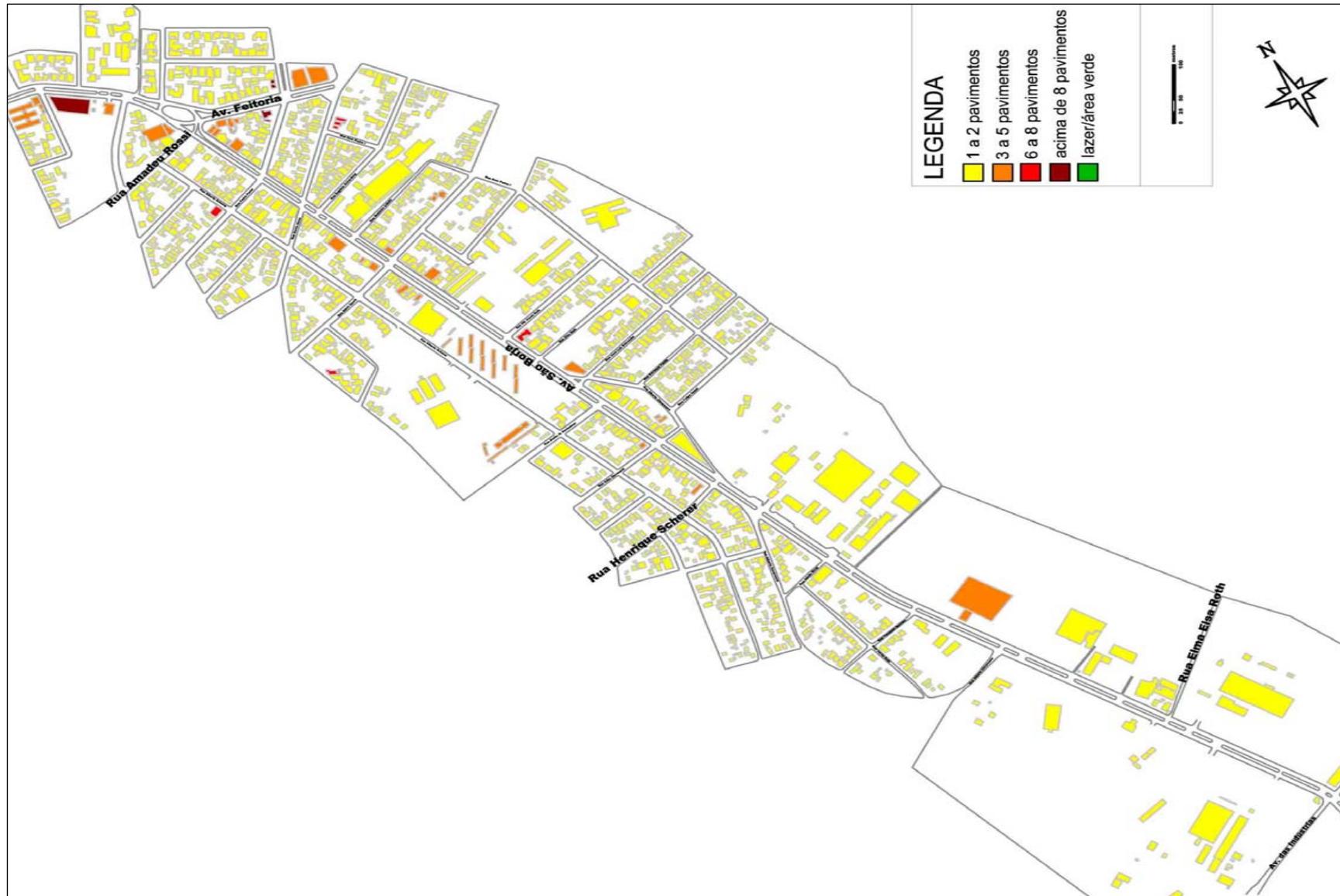


Figura 3.44 – Alturas das edificações no entorno da Avenida São Borja. Fonte: autora, 2009.

A densidade de ocupação na Av. São Borja é mais intensa no início da via. Predominam edificações entre um e dois pavimentos, com algumas ocorrências, na zona mais densificada, de edificações entre três e cinco e entre seis e oito (figura 3.44).

Para o lazer dos seus usuários, a São Borja oferece além das opções comerciais, espaço para caminhadas (figura 3.45).



Figura 3.45 – Aspectos físicos da Avenida São Borja: a) Canteiro central utilizado para caminhadas; b) Comércio da Avenida São Borja. Fonte: autora, 2008.

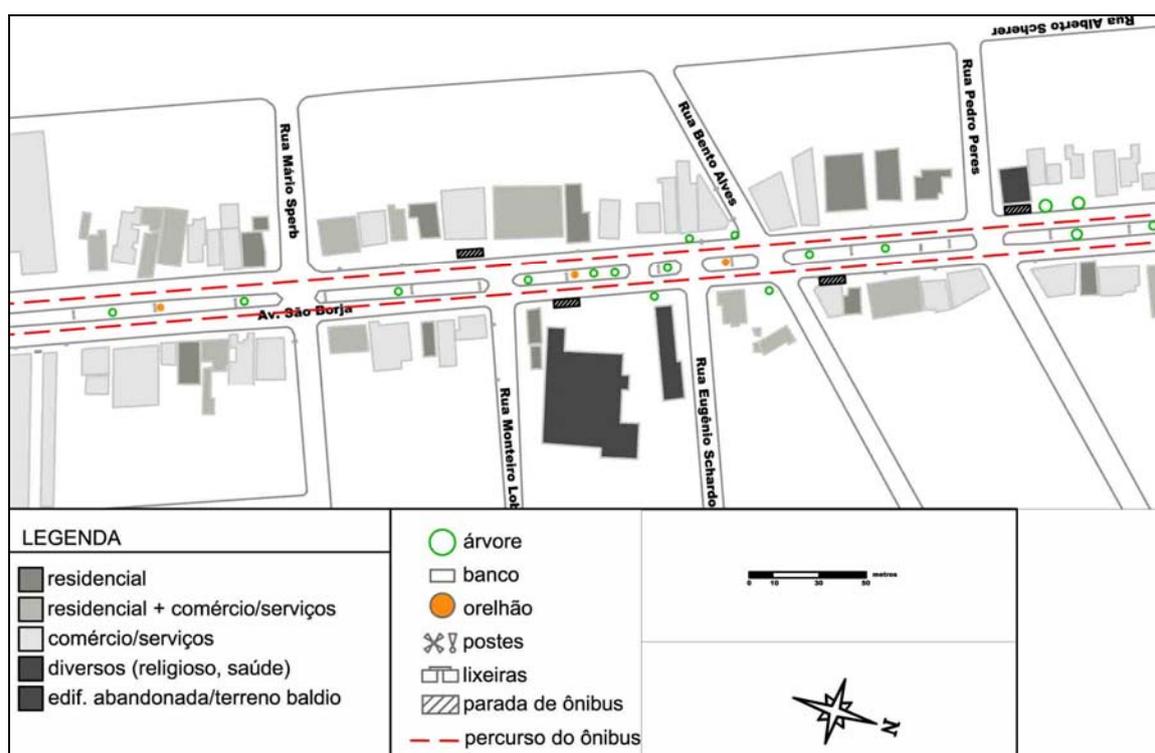


Figura 3.46 – Localização dos equipamentos da Avenida São Borja. Fonte: autora, 2009.

Existem poucos espaços para sentar ao longo da via. A Avenida tem calçadas laterais, com 1,5 metros de largura em média e pavimento em pedra grés rosa e basalto, e canteiro central com cerca de 5 metros de largura, dos quais 1,5 metros de passeio, com pedra grés rosa de cada lado do canteiro, utilizado como pista de caminhadas (figuras 3.45

e 3.46). O canteiro possui 2 metros de área plantada com vegetação arbustiva e árvores de baixo e médio porte, sendo algumas destas caducifólias, que permitem insolação durante o outono e inverno (figuras 3.45).

O projeto original previa uma ciclovia na área ocupada pelo canteiro central da Avenida, mas como algumas pessoas começaram a caminhar no local, antes mesmo da conclusão das obras, a idéia foi abandonada pela administração municipal e com o tempo, foi criada a infra-estrutura para caminhadas (SILVESTRE, 1996).

3.6.3. Métodos de análise dos dados

3.6.3.1. Análise sintática

A análise sintática foi utilizada para avaliar os níveis de integração global (RN) e integração local com até três passos de profundidade (R3) nos espaços pesquisados⁶. Teve-se como base o mapa axial da cidade de São Leopoldo, e foram utilizados os valores de RN e R3 do sistema global (cidade toda), para comparar aos valores de RN e R3 das vias de acesso aos espaços públicos de lazer pesquisados. As medidas sintáticas dos sistemas axiais utilizadas (integração global e integração local) foram produzidas a partir do software MINDWALK 1.0 e definidas em termos de mapas axiais (mapas com uma graduação de cores correspondente aos valores de integração de cada eixo). Cabe destacar que as medidas sintáticas são endereçadas e calculadas a cada uma das linhas do sistema global, no entanto, como a investigação proposta trata da análise de espaços selecionados no contexto urbano, foram produzidos tabelas e mapas parciais dos subsistemas definidos.

3.6.3.2. Análise estatística dos questionários

Os dados obtidos com os questionários foram tabulados numa planilha do programa estatístico SPSS. Foram realizados testes estatísticos não-paramétricos, tais como freqüências, tabulação cruzada entre variáveis nominais (X^2 e Phi), Kruskal-Wallis entre variáveis nominais e ordinais e testes de correlação Spearman, entre variáveis ordinais, utilizado para verificar possíveis relações de causa e efeito entre duas variáveis, podendo ser uma relação positiva, quando crescem no mesmo sentido ou negativa, quando crescem em sentidos opostos (LAY; REIS, 2005).

⁶ O RN corresponde a integração global, também chamada de 'integração raio infinito' e o raio três (R3) corresponde a medida de integração local de uma linha/via de acesso calculada para o subconjunto de determinadas linhas/vias de acesso que têm 3 passos topológicos de profundidade.

Para os testes de correlação Spearman foram adotados os intervalos representados na Tabela 3.5, conforme sugerido por Lay e Reis (2005).

Tabela 3.5 – Intervalos adotados para a classificação da correlação de Spearman.

Intensidade de correlação	Classificação
0,0 a 0,3	Fraca, baixa
0,3 a 0,5	Moderada
0,5 a 0,7	Forte, alta
0,7 a 0,9	Muito forte, muito alta
0,9 a 1,0	Excepcional

Observou-se em todos os testes o valor de significância menor ou igual a 0,05 (sig.), para atestar uma relação significativa, isto é, uma relação que, com base nos cálculos estatísticos, apresenta uma magnitude, pois teria a probabilidade de 5% de não se repetir, caso realizada novamente com outras amostras da mesma população (LAY; REIS, 2005). Todavia, ainda que alguns testes não tenham apresentado valores significativos, todos foram avaliados e quando demonstravam coerência e relativa importância à pesquisa, foram agregados ao conjunto dos resultados aqui apresentados.

3.6.4. Perfil dos respondentes

De acordo com os questionários aplicados, 52% dos respondentes são do gênero feminino e 32,5% da amostra tem entre 41 e 60 anos e 32% tem entre 26 e 40. Isso reflete a expressiva quantidade de adultos encontrados nos espaços públicos, que de fato, corresponde à maioria da população leopoldense.

Em relação à escolaridade, 60,5% dos respondentes possuem o ensino médio completo, destes, 18% têm o ensino superior incompleto e 17,5% têm o ensino superior completo, sugerindo um bom nível de instrução entre os respondentes. Sobre a renda dos respondentes, 40,5% tem faixa de renda familiar entre R\$ 1000 e R\$ 2.500, seguidos por 25,5% com rendimento de até R\$ 1000 e, entre estes, alguns declararam ter rendimento menores que R\$ 500 mensais.

A respeito da origem da amostra, 12,5% (30 respondentes), não eram moradores de São Leopoldo. Ressalta-se que este percentual de visitantes, estava distribuído desigualmente pelos espaços pesquisados, visto que alguns locais tinham entre cinco e seis turistas e outros só apresentavam moradores. Entre estes 30 respondentes não-moradores, foram identificadas 17 cidades de origem diferentes, na maioria cidades que fazem limite com São Leopoldo, da Região Metropolitana e Vale dos Sinos. Pode-se estabelecer a seguinte ordem: Sapucaia e Canoas (17% cada), Novo Hamburgo (13,5%) e Esteio (7%), e

um respondente de São Paulo (3,3%). Foram abordados moradores de 23 bairros, o que representa quase a totalidade dos bairros do município, já que São Leopoldo possui 24 bairros. Entre os bairros de origem dos respondentes, predominaram aqueles em que se localizam alguns dos espaços públicos investigados: Centro (21,5%), Rio Branco (11,5%) e Vicentina (8%).

Foram abordadas pessoas que vivem na cidade há menos de 1 ano, bem como pessoas que já moravam há mais de 50 anos. Todavia obteve-se um maior número de respondentes na faixa dos que vivem entre 21 e 30 anos (32%) em São Leopoldo. Portanto, a maioria dos respondentes vive em São Leopoldo há mais de 15 anos e, portanto, tem conhecimento e vivência suficiente para falar da cidade e conhece mais profundamente os espaços públicos locais.

4. ATRATIVIDADE E DINÂMICA DE APROPRIAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS DE LAZER

4.1. Introdução

Neste capítulo são apresentados e analisados os resultados da investigação realizada nos oito espaços públicos de lazer que continham maior imageabilidade, conforme indicado no capítulo anterior. Pressupondo que variáveis físico-espaciais relacionadas aos espaços públicos de lazer e variáveis relacionadas às características dos usuários atuam diferentemente sobre o desempenho dos espaços públicos, influenciando o potencial de atratividade e a intensidade de uso, foi investigado se:

A) Quanto mais qualificado fisicamente for um espaço público de lazer (em relação às variáveis acessibilidade, diversidade de usos oferecidos no local, aparência, conforto e segurança) maior será o potencial de atratividade percebido e mais intenso será o uso por parte dos moradores e visitantes de uma cidade;

B) As variáveis relacionadas às características dos usuários, que determinam seus diferentes estilos de vida, afetam a percepção do potencial de atratividade e as formas de apropriação dos espaços públicos de lazer, influenciando a intensidade de uso destes espaços.

Primeiramente, os padrões de comportamento dos usuários em relação aos aspectos físico-espaciais dos espaços públicos são identificados e os atratores de cada espaço público são definidos. Em seguida as hipóteses de trabalho são verificadas segundo a avaliação de desempenho por categorias de espaço pesquisado, verificando a influência das variáveis no potencial de atratividade percebido, na intensidade de uso e nos níveis de satisfação dos usuários com os espaços públicos.

4.2. Avaliação comportamental: tipo e intensidade de uso dos espaços públicos de lazer

A avaliação comportamental foi realizada a partir das observações de comportamento registradas nos mapas comportamentais, dos dados obtidos através dos questionários e do levantamento físico realizado em cada um dos oito espaços públicos investigados. Os locais pesquisados estão divididos em 3 categorias: praças, parques e

ruas, de forma a permitir a realização de comparações de desempenho entre espaços com características semelhantes.

4.2.1. Características físico-espaciais e comportamentais das praças

4.2.1.1. Praça Vinte de Setembro

O uso diário da Praça Vinte de Setembro foi confirmado através das observações comportamentais. A Praça estava constantemente ocupada nos horários pré-estabelecidos para investigação e o movimento apresentou picos no meio da manhã e no final da tarde. A praça é mais utilizada por adultos, todavia durante as tardes, período de maior movimento (tabela 4.1), a frequência de crianças e adolescentes cresce notadamente (figura 4.2). Observou-se que os usuários costumam ir até a praça em grupos (43,5% com amigos e 33,5% com filhos) e sozinhos (37%).

Tabela 4.1 – Número de usuários observados na Praça Vinte de Setembro.

	Nº total de usuários*	Média diária
Manhãs	1.001	70
Tardes	1.643	120
Total	2644	95

Nota: (*) referente a 14 dias de observações.

Durante as observações comportamentais constatou-se que os usuários se concentram principalmente na área dos playgrounds e nos espaços com bancos e arquibancadas (figuras 4.1 e 4.2), mas foi possível identificar a existência de vários grupos dentro da praça.

Nas proximidades do playground, concentram-se os moradores e os visitantes com crianças e do lado oposto concentram-se a maioria dos casais e visitantes sem a companhia de crianças. Nas arquibancadas concentra-se o grupo de adolescentes que eventualmente fazem uso de bebidas alcoólicas e drogas (figuras 4.2 e 4.3). Existe ainda um grupo cativo de caminhoneiros/freteiros que se reúnem diariamente, na calçada da Rua João Neves da Fontoura, embaixo de uma árvore com boa sombra e, fazendo um dos bancos de mesa, jogam carta (figura 4.3). Segundo um dos freteiros, este é o ponto deles, e as pessoas que precisam fazer frete já sabem onde encontrá-los. Na face voltada para a Rua Osvaldo Aranha também é possível encontrar alguns freteiros, mas em menor número.

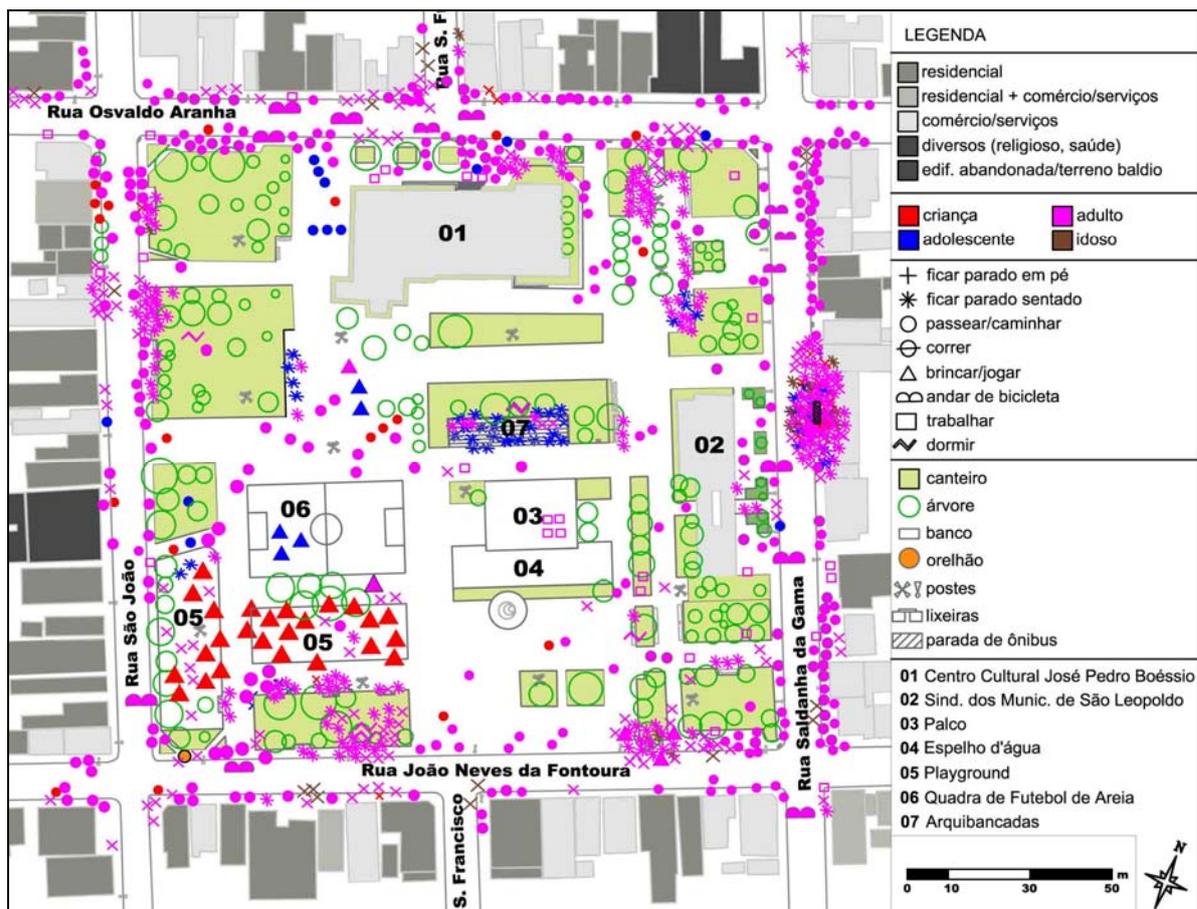


Figura 4.1 – Mapa comportamental Praça Vinte de Setembro. Resumo das manhãs. Fonte: autora, 2009.

De acordo com os resultados obtidos através dos questionários, a maioria dos respondentes da Praça Vinte de Setembro está satisfeita com o local, em relação à satisfação das necessidades de lazer (60% da amostra). Estes respondentes também se mostraram mais satisfeitos com a cidade (63,5% da amostra). Porém a satisfação com a Praça Vinte de Setembro não necessariamente se estende aos demais espaços de públicos de lazer da cidade, visto que um número menor de respondentes (47%) declarou-se satisfeito com os espaços públicos de lazer de São Leopoldo, talvez influenciados pela insatisfação com as condições de circulação para visitar outros espaços públicos de lazer na cidade (43,5% estão satisfeitos).

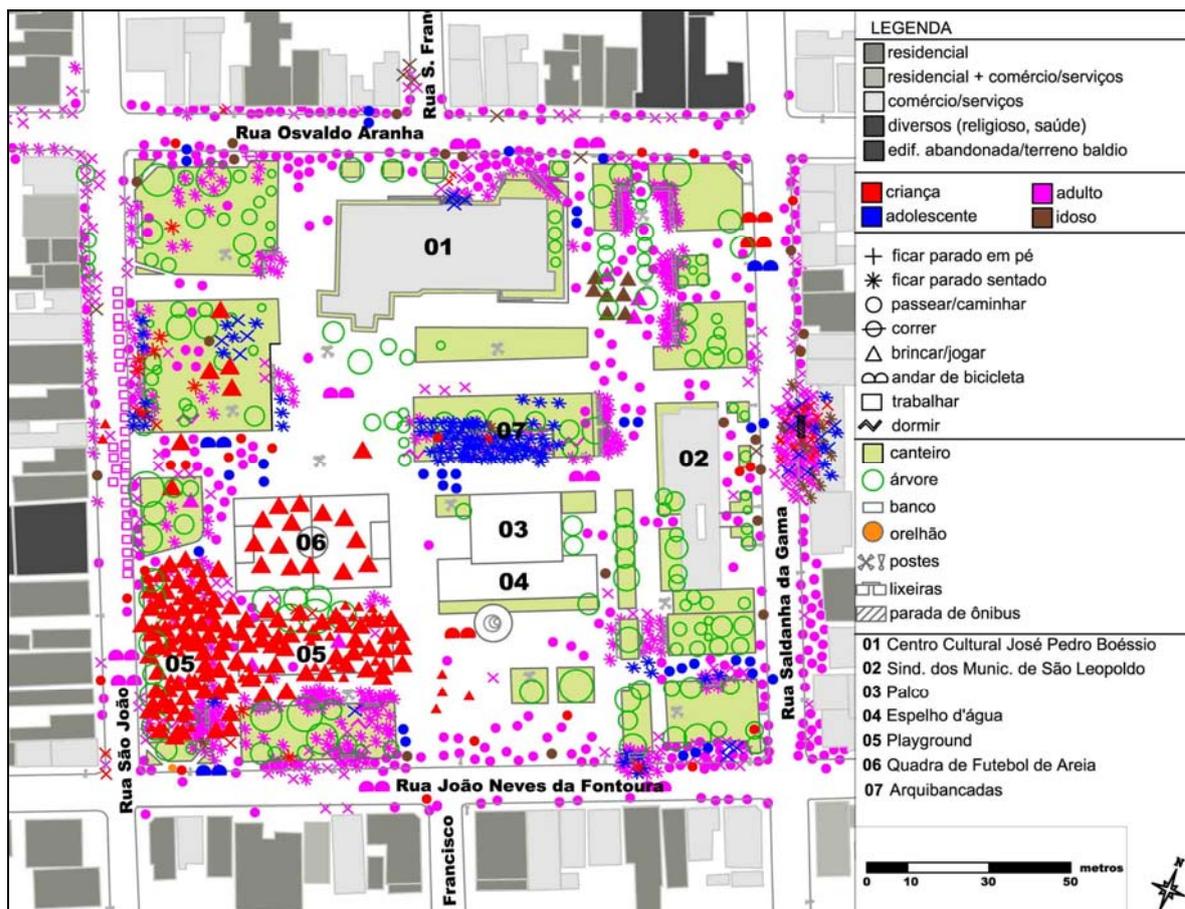


Figura 4.2 – Mapa comportamental Praça Vinte de Setembro. Resumo das tardes. Fonte: autora, 2009.



Figura 4.3 – Formas de apropriação da Praça Vinte de Setembro: a) Freteiros têm lugar cativo na Praça; b) Arquibancadas são ponto de encontro de adolescentes; c) Pichações no edifício do Centro Cultural. Fonte: autora, 2008.

Abaixo são apresentadas as principais justificativas de uso (tabela 4.2) e as principais sugestões de melhorias para a Praça (tabela 4.3), de acordo com os respondentes:

Tabela 4.2 – Justificativas de uso da Praça Vinte de Setembro.

JUSTIFICATIVAS	%
Arborização	57
Espaço para sentar	43,5
Distância de casa/trabalho	43,5
Visual do lugar	37
Manutenção/limpeza	30
Brinquedos	27
Espaço para a prática de esportes	27
Bairro onde se localiza	23,5
Realização de eventos	23,5
Calçadas adequadas para o uso	20
Policimento adequado	20
Movimento de pessoas no local	20
Boa iluminação	17
Facilidade de transporte	17
Estilo das pessoas que freqüentam	17
Comércio do entorno	7
Divulgação do local	7
Fluxo de veículos	7
Espaço confortável	3,5
Sinalização de acesso ao local	3,5
Reputação do lugar	3,5

Tabela 4.3 – Sugestões de melhorias para a Praça Vinte de Setembro.

SUGESTÕES	%
Mais policiamento	50
Calçadas mais adequadas para o uso	30
Mais bancos	27
Mais manutenção	23,5
Mais lixeiras	20
Melhor iluminação pública	10
Banheiro público	7

A) Acessibilidade

A Praça Vinte de Setembro está inserida na malha quadriculada do centro da cidade, o que a torna muito acessível e favorece a integração e o movimento de moradores e não moradores (HILLIER; HANSON, 1984). Os mapas das medidas sintáticas de integração global (RN) – que mede a acessibilidade da praça em relação a toda cidade – e de integração local (R3) – que mede a acessibilidade da praça dentro do bairro – da Praça Vinte de Setembro demonstram que o local é mais acessível globalmente do que localmente (figura 4.4).

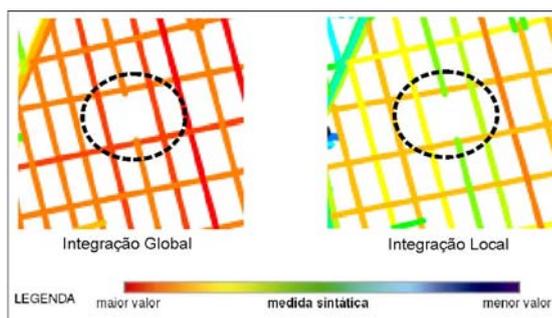


Figura 4.4 – Mapa das medidas sintáticas da Praça Vinte de Setembro. Fonte: autora, 2009.

Em comparação com o sistema de São Leopoldo como um todo, os valores de integração das vias de acesso à Praça são muito superiores, confirmando a alta integração deste espaço de lazer (tabela 4.4). Além da localização e configuração privilegiada, a Praça apresenta facilidades de acesso como, vias asfaltadas e paradas de ônibus no seu entorno (já descrito no capítulo 3).

Tabela 4.4 – Valores das medidas sintáticas das vias de acesso à Praça Vinte de Setembro.

Nome da rua	Integração Global (RN)	Integração Local (R3)
Rua Osvaldo Aranha	0,9344	3,2917
Rua Saldanha da Gama	0,9507	2,8227
Rua João Neves da Fontoura	0,9752	3,2924
Rua São João	0,9713	2,9809
Rua São Francisco	0,9004	2,4875
Médias da Praça	0,9464	2,9750
Médias de São Leopoldo	0,6246	1,8827

A Praça é freqüentada por moradores do entorno e do próprio centro (50%), bairro onde a praça está localizada (tabela 4.5), confirmando que a proximidade da Praça com a casa ou trabalho é um atrator (43,5%) (tabela 4.2). Além disso, 70% dos respondentes chegam a pé até o espaço de lazer (20% chegam de carro e 3,5% chegam de ônibus).

Além de usuários moradores do entorno da Praça, foram abordados usuários moradores de outros sete bairros e visitantes de outras cidades (16,5%) (tabela 4.5).

Tabela 4.5 – Bairros de origem dos respondentes da Praça Vinte de Setembro.

BAIRROS	Nº	%
Não Morador*	5	16,7
Centro	15	50,0
Duque de Caxias	1	3,3
Feitoria	3	10,0
Morro do Espelho	1	3,3
Pinheiro	1	3,3
Rio Branco	1	3,3
Rio dos Sinos	2	6,7
Vicentina	1	3,3

Nota: (*) Foram encontrados visitantes das seguintes cidades: Porto Alegre, Novo Hamburgo, Sapucaia do Sul e Estância Velha.

Durante as observações comportamentais, verificou-se que a localização da parada de ônibus no entorno da praça, gera grande circulação de pedestres durante todo o dia, principalmente na calçada da Rua Saldanha da Gama onde está a parada de ônibus. Em determinados períodos do dia a circulação nesta calçada fica parcialmente bloqueada pelo acúmulo de pessoas (figuras 4.1 e 4.2).

A Praça tem duas edificações e arquibancada que formam uma barreira e dificultam a acessibilidade visual e a apreensão do espaço tanto de fora da Praça, quanto de dentro da

Praça. Por exemplo, usuários dos playgrounds, não conseguem ver os espaços de estar, localizados no lado oposto.

Verificou-se que a BR116, que está muito próxima, a oeste da Praça, funciona como uma barreira que limita o movimento de veículos nas Ruas São João, Osvaldo Aranha e João Neves da Fontoura, a medida que estas aproximam-se da BR, permitindo que os usuários da Praça apropriem-se do espaço da rua também para o lazer.

B) Características do entorno e diversidade de atividades oferecidas

Em relação às características do entorno, contactou-se a influência do uso comercial na apropriação da praça. A Rua Saldanha da Gama, que apresenta grande quantidade de estabelecimentos comerciais, tem um movimento de pedestres constante. A existência de uma escola de ensino fundamental e médio e de uma escola de educação infantil nas proximidades influencia na faixa etária dos usuários da praça que apresenta, em alguns dias da semana, movimento de adolescentes em grupos e de crianças com professores.

O Centro Cultural e o Sindicato dos Municípios localizados dentro da Praça também contribuem para a atratividade do local. Porém, como as portas de entrada tanto do Centro Cultural quanto do Sindicato estão voltadas para as Ruas Osvaldo Aranha e Saldanha da Gama, respectivamente, muitas vezes, os indivíduos não usam o restante da Praça limitando-se a estes locais. Alguns frequentadores da Biblioteca Pública costumam sentar nos bancos colocados em frente e ao lado da edificação.

A influência do uso comercial foi constatada por respondentes que usam a praça no intervalo entre uma atividade e outra, principalmente durante a semana. A existência de bares e 'mercadinhos' no entorno da Praça, gera uma concentração de pessoas em frente a estes estabelecimentos, como o bar situado na Rua São João, que reúne diariamente um público predominantemente masculino, na calçada em frente ao local (figuras 4.1 e 4.2).

Em relação à oferta de atividades, a Praça Vinte de Setembro tem variedade de equipamentos para a recreação dos usuários de diferentes faixas etárias, no entanto de acordo com as observações comportamentais (figuras 4.1 e 4.2), a praça é usada principalmente por adultos (50%) e segundo os resultados dos questionários, com idades entre 41 e 60 anos.

Ainda que os indivíduos permaneçam por mais tempo nas proximidades dos playgrounds e da quadra esportiva, estes equipamentos não se configuraram como os principais atratores da praça (27% de frequência cada) (tabela 4.2).

A administração municipal, sobretudo através da Secretaria de Cultura, organiza uma série de eventos na Praça Vinte de Setembro. Segundo levantamentos de arquivo, são

realizados pelo menos seis eventos anualmente no local (tabela 4.6). A realização de eventos contribui para a atratividade do local (segundo 23,5% dos usuários) (tabela 4.2).

Tabela 4.6 – Eventos realizados na Praça Vinte de Setembro.

EVENTOS	QUANDO ACONTECE
Feira de produtos coloniais	Todas as segundas-feiras, das 14h às 18h
Projeto Palco Popular	De 09/2008 a 08/2009, aos sábados
Semana da Consciência Negra	Novembro
Feira do Livro	Outubro
Caminhos do Natal/Casa do Papai Noel	Dezembro
Parada Gay	Segundo semestre do ano



Figura 4.5 – Eventos na Praça Vinte de Setembro: a) Parque de diversões; b) Feira Municipal do Livro; c) Feira de produtos coloniais. Fonte: autora, 2008.

Nas segundas-feiras, por exemplo, há um incremento no uso da Praça devido à realização da feira de produtos coloniais, das 14h às 18h, na Rua São João (figuras 4.2 e 4.5). As pessoas chegam de diversos pontos, trazendo seus carrinhos de feira, conversam demoradamente com os vendedores, escolhem seus produtos e voltam para suas casas.

A praça sedia anualmente, a Feira do Livro. Em 2008 a '23ª Feira do Livro' foi instalada na Rua Osvaldo Aranha contígua a Praça, que teve o trânsito interrompido durante a semana de realização do evento (figura 4.5). Apesar da feira de 2008 ter sido muito simples (em infra-estrutura e em público), nos anos anteriores o evento sempre teve muito sucesso.

Nem sempre os eventos são do agrado de todos os usuários da praça. Em novembro de 2008, foi realizada na Praça a '4ª Semana da Consciência Negra de São Leopoldo', que durou cerca de duas semanas e teve várias atrações, como palestras, apresentações e shows que aconteciam à noite e acabaram gerando reclamações por parte dos moradores do entorno devido ao barulho que se estendia até a madrugada. Estas reclamações foram remetidas ao jornal local e em conversas informais, uma moradora sugeriu que as festas fossem permitidas até as 22h, visto que há muito idosos e pessoas doentes morando no entorno.

C) Aparência

A Praça Vinte de Setembro apresenta elementos que podem contribuir positivamente para a aparência, como a arborização, o monumento ao sesquicentenário e o espelho d'água. Os questionários revelaram que o visual agradável da Praça (37% dos respondentes) e a boa manutenção (30% dos respondentes) foram ressaltados como atratores (tabela 4.2).

Durante as observações encontrou-se equipes da Prefeitura, fazendo a manutenção do local (cortando grama, colocando bancos, trocando brinquedos, colocando lixeiras, entre outros), garantindo uma manutenção adequada. Ainda assim, 23,5% dos respondentes sugeriram mais manutenção e limpeza e solicitaram a colocação de mais lixeiras no local (20%) (tabela 4.3).

Moradores de rua fazem suas necessidades na praça, em pontos mais discretos. Conseqüentemente, quando a limpeza do local não é feita seguidamente, a praça fica com odor desagradável. Alguns usuários reclamaram da presença de cachorros levados pelos donos para fazerem suas necessidades na mesma areia em que as crianças brincam, sujando o local. Uma usuária sugeriu a criação de um local específico para uso dos cachorros.

D) Adequação e conforto ambiental

Observou-se que todos os espaços para sentar (bancos e arquibancada) são constantemente utilizados, principalmente os que estão sombreados (as observações foram realizadas durante o verão) (figuras 4.1, 4.2, 4.3 e 4.6). De fato, a arborização (57%) e os espaços para sentar (43,5%) configuraram-se como os principais atratores da Praça Vinte de Setembro (tabela 4.2).

Como observou um idoso que mora em frente à praça há mais de 30 anos, os gestores municipais parecem não entender o funcionamento do local, pois colocam bancos nos locais errados. Segundo suas observações, que foram confirmadas pelas observações comportamentais, os casais de namorados gostam de ficar na parte leste da praça, entre as arquibancadas e o prédio do Sindicato dos Municípios (figura 4.2), pela privacidade que o espaço oferece, mas a prefeitura coloca mais bancos, justamente nestes locais. Desse modo outras pessoas sentam próximas aos casais e estes perdem a privacidade. Já no playground, onde os amigos se reúnem e ficam conversando, tomando chimarrão, há poucos bancos e aos finais de semana, devido a grande demanda de usuários junto aos playgrounds, alguns usuários levam suas cadeiras de casa. Os resultados dos questionários

confirmam a carência de espaços para sentar (27% dos respondentes sugeriram a colocação de mais bancos; tabela 4.3).

Na esquina das Ruas São João e Osvaldo Aranha existe um canteiro com quatro troncos de madeira, com esperas para colocação de redes para descanso, todavia, apenas em uma ocasião, num sábado à tarde, foram registrados usuários com redes no local.

Os indivíduos utilizam a calçada do entorno da praça para fazer caminhadas, sobretudo pelas manhãs. As calçadas, de modo geral, estão em bom estado de conservação, todavia, são desaprovadas por 30% dos respondentes. Acredita-se que tal descontentamento não seja com as calçadas, mas com a pavimentação de areia do playground e da quadra esportiva, visto que estes locais ficam cobertos pela água ou muito úmidos por vários dias após um episódio de chuva, por falta de drenagem. A quadra de futebol de areia é, inclusive, um dos espaços menos utilizados na Praça Vinte de Setembro (figuras 4.1 e 4.2).

Durante as observações, constatou-se que a área que circunda o espelho d'água e o monumento é utilizada predominantemente como passagem, visto que é um espaço sem bancos e sem arborização, que se torna extremamente desconfortável no verão (figuras 4.1 e 4.2). Nos dias mais quentes, o espelho d'água é utilizado para banho por algumas crianças (figura 4.6).



Figura 4.6 – Atividades realizadas na Praça Vinte de Setembro: a) Crianças tomam banho no espelho d'água; b) Conversas nos bancos sombreados; c) Jogo de carta. Fonte: a) Roberto Coutinho, 2008; b e c) autora, 2008.

O tempo de permanência na praça pode ser medido, através das respostas dadas pelos respondentes: 50% declararam que costumam passar de duas a três horas na praça. Apesar do longo tempo de permanência declarado, não há sanitários no espaço público, apenas as edificações que estão na área da Praça Vinte de Setembro possuem sanitários que são de uso público, durante o horário comercial. Acredita-se que a realização de eventos na praça, momentos em que infra-estrutura para permanência é incrementada, possa ter influenciado nas respostas.

E) Segurança

Pela predominância de uso residencial no entorno da Praça Vinte de Setembro, verificou-se que durante a noite o movimento é praticamente inexistente e as barreiras físicas geradas pela existência de edificações dentro da Praça, fazem com que o local seja percebido como perigoso, pela possibilidade de que indivíduos se escondam nos pontos menos visíveis e iluminados. A Praça Vinte de Setembro é utilizada por alguns moradores de rua que costumam dormir sobre os canteiros (figuras 4.1 e 4.2).

Segundo uma idosa que mora na Rua Osvaldo Aranha, há poucos anos atrás era impossível atravessar a Praça durante a noite sem ser assaltada, mas atualmente a situação está mais tranqüila, devido à melhora na iluminação, considerada positiva por 17% dos respondentes (tabela 4.2) e somente 10% destes solicitaram melhor iluminação pública (tabela 4.3).

Ainda que 20% dos respondentes tenham considerado o policiamento como um atrator (tabela 4.2), 50% solicitaram mais policiamento na praça, sendo esta a sugestão mencionada com maior frequência (tabela 4.3).

Não foram identificados problemas de segurança quanto ao trânsito. Na Rua São João, o movimento de lazer é intenso, por vezes as pessoas chegam a parar no meio da rua, estabelecendo conversas demoradas e o playground está colocado junto a esta rua, favorecendo a ocupação. Já a face voltada para a Rua Saldanha da Gama, via de maior movimento veicular, não é utilizada para o lazer e os indivíduos transitam exclusivamente pelas calçadas.

4.2.1.2. Praça do Imigrante

A Praça do Imigrante, em comparação com a Vinte de Setembro, possui pouco uso (tabelas 4.1 e 4.7), apresentando maior movimento durante os dias da semana, devido ao comércio do entorno. Boa parte dos usuários são adultos que estão sozinhos no local (37% dos respondentes), como se estivessem fazendo uma pequena pausa na rotina. Já aos finais de semana nota-se grande número de casais de namorados (23,5% dos respondentes) (figura 4.11). Foi possível verificar que pela tarde o movimento é maior (tabela 4.7).

Tabela 4.7 – Número de usuários observados na Praça do Imigrante.

	Nº total de usuários*	Média diária
Manhãs	430	31
Tardes	526	38
Total	956	34

Nota: (*) referente a 14 dias de observações.

Abaixo são apresentadas as principais justificativas de uso da Praça do Imigrante (tabela 4.8) e as sugestões de melhorias para o local (tabela 4.9), de acordo com os respondentes.

Tabela 4.8 – Justificativas de uso da Praça do Imigrante.

JUSTIFICATIVAS	%
Espaço para sentar	43,5
Arborização	37
Visual do lugar	27
Distância de casa/trabalho	27
Movimento de pessoas no local	13,5
Manutenção/Limpeza	13,5
Reputação do lugar	10
Policimento adequado	10
Bairro onde se localiza	10
Facilidade de transporte	10
Comércio do entorno	7
Fluxo de veículos	7
Calçadas adequadas para o uso	3,5
Estilo das pessoas que freqüentam	3,5
Divulgação do local	3,5
Boa iluminação	3,5

Tabela 4.9 – Sugestões de melhorias para a Praça do Imigrante.

SUGESTÕES	%
Mais manutenção	47
Mais policiamento	30
Poda das árvores	17
Mais eventos no local	13,5
Melhor iluminação pública	10
Mais equipamentos de lazer	10
Banheiro público	10

De acordo com os questionários, o nível de satisfação dos usuários com a Praça do Imigrante é alta (63,5%) e a satisfação em relação aos espaços públicos de lazer de São Leopoldo é maior ainda (67% se declararam satisfeitos). Já a satisfação com a cidade é menos acentuada (56%), talvez motivada pela pouca satisfação com as condições de circulação pela cidade para visitar outros espaços de lazer (apenas 33,3% estão satisfeitos).

A) Acessibilidade

A Praça está situada na malha quadriculada do centro da cidade, apresentando maior valor de integração global do que local (figura 4.7), ou seja, existe grande potencial de movimento de moradores e visitantes.

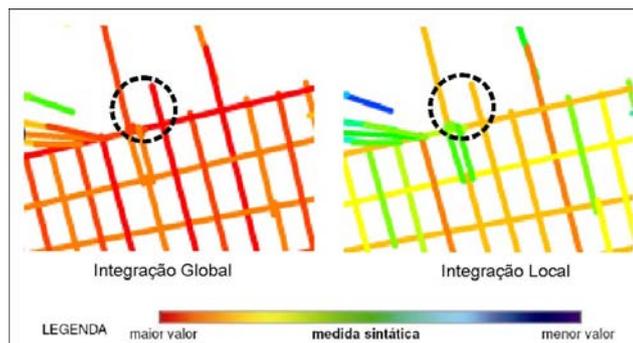


Figura 4.7 – Mapa das medidas sintáticas da Praça do Imigrante. Fonte: autora, 2009.

A Praça pode ser acessada através de ruas altamente integradas, com níveis de RN e R3 bem acima da média do sistema de São Leopoldo (tabela 4.10).

Tabela 4.10 – Valores das medidas sintáticas das vias de acesso à Praça do Imigrante.

Nome da rua	Integração Global (RN)	Integração Local (R3)
Ponte 25 de Julho	0,9806	3,2133
Rua Independência	1,0145	3,3432
Av. Dom João Becker	1,0094	3,2061
Médias da Praça	1,0015	3,2542
Médias de São Leopoldo	0,6246	1,8827

Cerca de 40% dos respondentes são visitantes de cidades do entorno e de cidades mais distantes (tabela 4.11). Encontrou-se, inclusive, um respondente oriundo de São Paulo. Acredita-se que parte dessa demanda seja influenciada pela proximidade com a Estação Rodoviária e também pela localização da praça, na entrada da cidade, que faz com que ela seja rapidamente percebida pelo visitante. Os deslocamentos até a praça são realizados, principalmente, através de transporte público (43,5%) e a pé (20%).

Tabela 4.11 – Bairros de origem dos respondentes da Praça do Imigrante.

BAIRRO	Nº	%
Não Morador*	12	40,0
Arroio da Manteiga	1	3,3
Campestre	3	10,0
Campina	1	3,3
Centro	3	10,0
Feitoria	5	16,7
Rio dos Sinos	3	10,0
São José	1	3,3
Scharlau	1	3,3

Nota: (*) Foram encontrados visitantes das seguintes cidades: Esteio, Sapucaia do Sul, Taquara, Portão, Parobé, Canoas, Ivoti, Vale Real, Gravataí e São Paulo.

Entre os moradores de São Leopoldo, foram registrados oito bairros diferentes e o que apresentou maior frequência foi o Bairro Feitoria, localizado na zona norte da cidade,

sugerindo que os moradores do entorno na praça a freqüentariam menos. A boa localização da Praça foi ressaltada por 27% dos respondentes que declararam ser a proximidade da Praça com o local de residência ou de trabalho um atrator para o uso (tabela 4.9).

Constatou-se que a ponte 25 de Julho e o muro do dique junto ao Rio dos Sinos, funcionam como uma barreira, dificultando a visualização e o acesso à praça. O muro do dique dificulta a visualização do Rio dos Sinos, para quem está dentro da Praça e impede quem está do outro lado do Rio de ver a Praça.

B) Características do entorno e diversidade de atividades oferecidas

A Praça está inserida na zona comercial de São Leopoldo e apresenta intensa circulação de indivíduos nas calçadas junto a Avenida Dom João Becker (figuras 4.8, 4.10 e 4.11). Como dito acima, a localização da Estação Rodoviária de São Leopoldo ao lado da praça, influencia fortemente a sua apropriação, assim como a presença da Câmara de Vereadores na Rua Independência, na face leste da praça, faz com que constantemente políticos e outras autoridades sejam vistas paradas na rua em longas conversas.



Figura 4.8 – Atividades realizadas na Praça do Imigrante: a) Vendedores da Praça; b) Movimentação gerada pela Estação Rodoviária; c) Evento religioso na Praça. Fonte: autora, 2008.

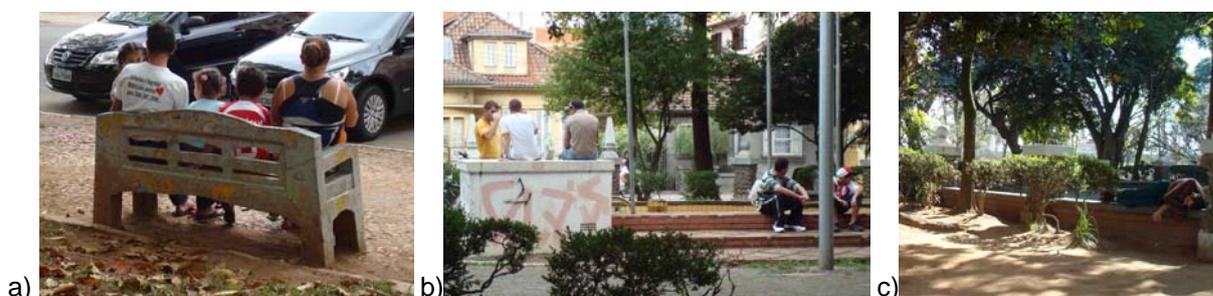


Figura 4.9 – Formas de apropriação da Praça do Imigrante: a) Bancos são o principal atrator; b) Equipamentos percebidos como espaços para sentar; c) Morador de rua dormindo no banco. Fonte: autora, 2008.

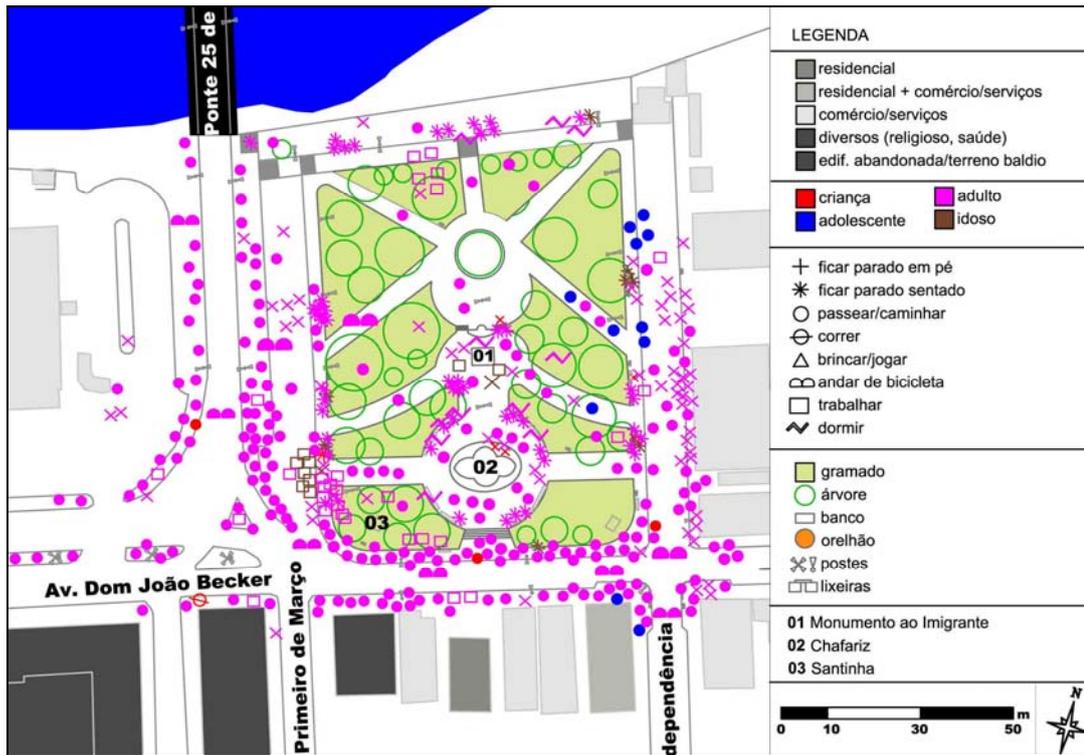


Figura 4.10 – Mapa comportamental Praça do Imigrante. Resumo das manhãs. Fonte: autora, 2009.

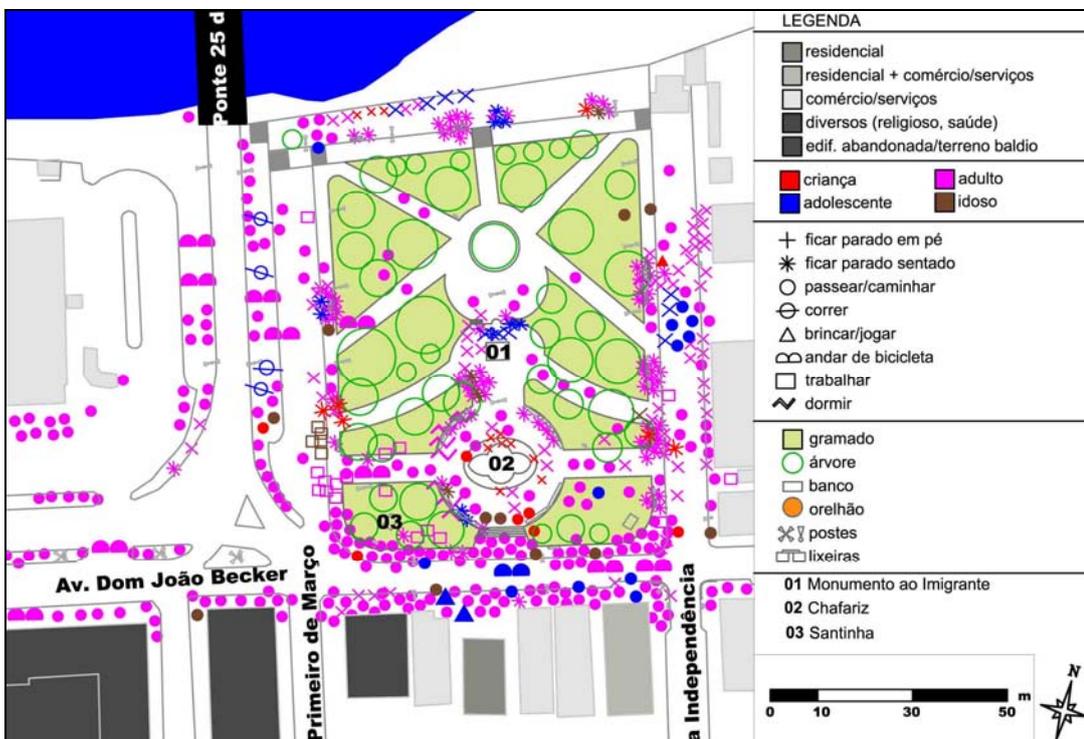


Figura 4.11 – Mapa comportamental Praça do Imigrante. Resumo das tardes. Fonte: autora, 2009.

Existem vendedores ambulantes situados na face voltada para a Ponte 25 de Julho, onde existe maior movimento de pedestres e veículos (figura 4.8). Entre estes, um casal de

idosos que vende cachorro-quente já há três anos no local, que consideram o ponto bom e perto de casa, pois moram do outro lado do rio. Próximo aos vendedores de cachorro-quente, um artesão vende pulseiras e colares e, nas sextas e sábados, se instalam no local os vendedores de produtos coloniais. À noite junto a Rua Independência, funciona uma carrocinha de cachorro quente que funciona até a madrugada e faz muito sucesso, atraindo uma quantidade significativa de pessoas.

Na face voltada para a Rua Independência são realizados, esporadicamente, eventos de pequeno porte, pois sendo uma rua sem saída, não há circulação de veículos (figura 4.8). A realização de eventos foi dada como uma sugestão de melhoria por 13,5% dos usuários respondentes, de acordo com os questionários (tabela 4.9). Alguns respondentes sugeriram inclusive que a Praça tivesse brinquedos (10%), o que demonstra carência de diversidade de atividades no local.

Segundo as observações comportamentais, o público de maior frequência é o de adultos, sendo raramente encontradas crianças na Praça (figuras 4.10 e 4.11). Acredita-se que esta segmentação seja consequência da oferta limitada de atividades de lazer. Os resultados obtidos através dos questionários confirmam essa tendência de um público mais adulto (43,5% dos respondentes têm entre 26 e 40 anos).

C) Aparência

A Praça do Imigrante faz parte de um núcleo de preservação, conforme já descrito no capítulo 3, possuindo edificações de importante valor histórico e visuais agradáveis, combinando a arquitetura do entorno com as árvores centenárias e o Rio dos Sinos (figura 4.12). O bonito visual do lugar, foi mencionado como atrator por 27% dos respondentes.

A manutenção da praça é feita duas vezes por semana, por equipes da prefeitura e por cooperativas, mesmo assim foi observado que muitas vezes o mato toma conta dos canteiros e existe grande acúmulo de lixo (figura 4.13), o que provavelmente influenciou nas sugestões de mais manutenção para o local (47%), (tabela 4.9), sendo esta a principal carência mencionada pelos respondentes. Constatou-se que algumas pessoas utilizam os cantos da praça para fazer suas necessidades ou utilizam o altar da santinha, área com uma vegetação arbustiva mais alta.



Figura 4.12 – Visuais agradáveis na Praça do Imigrante: a) Usuária apreciando a vista para o Rio dos Sinos; b) Usuários sentados junto ao Chafariz e ao Monumento do Imigrante; c) Usuária apreciando o Casarão da Câmara de Vereadores. Fonte: autora, 2008.



Figura 4.13 – Problemas de falta de manutenção na Praça do Imigrante: a) Lixo acumulado na Praça; b) Pouca luminosidade deixa a Praça escura e úmida; c) Falta grama em muitos canteiros e os usuários cortam caminho por eles. Fonte: autora, 2008.

D) Adequação e conforto ambiental

As observações comportamentais revelam que a Praça do Imigrante possui elementos que geram conforto aos usuários, sobretudo que promovem relaxamento, como vegetação e água (figura 4.12). Os bancos com sombra e localizados nas bordas da praça são mais utilizados, tanto nas manhãs quanto nas tardes (figuras 4.10 e 4.11). Os resultados dos questionários vão ao encontro das observações que indicam que a existência de bancos (43,5%) e a arborização (37%) do local são os maiores atratores, na opinião dos respondentes (tabela 4.8).

Todavia, por apresentar grande quantidade de árvores, a praça torna-se úmida, sobretudo no inverno. A pouca luminosidade e a umidade, causadas pela copa fechada das árvores, contribuem para a má impressão do local (figura 4.13), sendo que 17% dos respondentes sugeriram a poda das árvores e 10% sugeriram mais iluminação pública para o local (tabela 4.9). Constatou-se que nos dias mais quentes e secos, a praça recebe maior número de visitantes.

A maioria dos usuários respondentes (63,5%) declarou que passa até 1 hora no local. Acredita-se os usuários passem pouco tempo na praça por questões de segurança e também porque utilizam o local, como uma pequena pausa na rotina.

Não se sabe o quanto este tempo de permanência pode estar sendo afetado pela ausência de equipamentos como sanitários, por exemplo. A sugestão de colocação de sanitários foi sugerida por apenas 10% dos respondentes (tabela 4.9), mas é pertinente, visto que os trabalhadores da praça reclamaram que precisam contar com a solidariedade dos comerciantes do entorno pra usar os sanitários ou ir até a Estação Rodoviária.

E) Segurança

A Praça do Imigrante apresenta um predomínio de freqüentadores do gênero masculino. Esta tendência foi evidenciada também na aplicação dos questionários (70% dos respondentes eram homens). Talvez essa evidência seja consequência da insegurança que a praça causa, e segundo Whyte (1988), espaços mais freqüentados por mulheres tendem a ser mais seguros.

Foi possível constatar que o público costumeiro da Praça do Imigrante constitui-se predominantemente de meninos de rua, mendigos e vendedores ambulantes (figuras 4.9, 4.10 e 4.11). Os moradores de rua costumam dormir pelos bancos. Foram identificados espaços freqüentados por usuários de drogas e praticantes de outras atividades ilícitas, como pequenos furtos, em sua maioria adolescentes, que ficam escondidos atrás do Monumento ao Colono (figura 4.11). Também foi observada uma movimentação de meninos de rua junto ao muro do dique, voltados para o Rio.

Devido à percepção de insegurança, a maioria dos indivíduos transita pelas calçadas da Rua Dom João Becker e permanecem nos bancos das bordas da Praça, evitando cruzar o local ou parar na área próxima ao dique, junto ao Rio (figuras 4.10 e 4.11).

A segurança na praça é promovida por um número reduzido de guardas municipais. Em frente à Câmara de Vereadores trabalha uma fiscal de trânsito e na esquina da praça existe há quase um ano, uma câmera de segurança instalada pela prefeitura. De acordo com as informações da Guarda Municipal, responsável pelo monitoramento das câmeras, o ponto com maior índice de registros de crimes fica justamente na esquina da praça, no cruzamento das ruas Primeiro de Março e Dom João Becker, com 38 ocorrências registradas (MARQUES, 2008). Alguns respondentes sugeriram mais policiamento no local (30% da amostra) (tabela 4.9).

Em outubro de 2007, um grupo com 40 autoridades ligadas ao poder público e à preservação do patrimônio histórico de São Leopoldo, abraçou o monumento ao colono, num ato simbólico pela sua proteção, visto que suas peças estavam sendo roubadas e

depredadas (HILGERT, 2007). Em 2007 as peças do Monumento foram retiradas da praça e colocadas no Museu Histórico de São Leopoldo, sendo substituídas por réplicas feitas em concreto⁷.

Outro aspecto que pode influenciar negativamente na percepção de segurança dos usuários da Praça do Imigrante, é o movimento de veículos na Av. Dom João Becker. Como a via é uma das principais ligações do centro de São Leopoldo com a BR 116, seu movimento é intenso e por ela circulam veículos de passeio, caminhões e ônibus, o que por vezes torna muito difícil atravessar a rua e acessar a praça.

4.2.1.3. Largo Rui Porto

Segundo as observações comportamentais, a intensidade de apropriação é baixa no Largo Rui Porto. Em relação aos turnos pesquisados, o número de usuários é pouco maior nas tardes (tabela 4.12), sendo que em alguns dias da semana, sobretudo nas manhãs, não foram registrados usuários.

Tabela 4.12 – Número de usuários observados no Largo Rui Porto.

	Nº total de usuários*	Média diária
Manhãs	456	33
Tardes	559	40
Total	1015	37

Nota: (*) referente a 14 dias de observações.

Na parte da manhã, a circulação de adultos é maior no entorno no Largo e durante a tarde os principais usuários são adolescentes, divididos entre os que se concentram no entorno da pista de skate, e os que se concentram no entorno do Ginásio Municipal e participam das escolinhas esportivas (figura 4.16).

Abaixo são apresentadas as principais justificativas de uso (tabela 4.13) e as sugestões de melhorias (tabela 4.14), apontadas pelos respondentes:

⁷ Não foi a primeira vez que este Monumento sofreu por atos de vandalismo, durante a II Guerra Mundial, um grupo do Movimento Nacionalista, jogou nas águas do Rio dos Sinos a estátua original do Colono, feita em pedra grés, em represália a cultura alemã no país. Anos mais tarde um grupo da comunidade leopoldense mandou fazer uma réplica em bronze e a doou ao município (que se encontra guardada no Museu).

Tabela 4.13 – Justificativas de uso do Largo Rui Porto.

JUSTIFICATIVAS	%
Realização de eventos	50
Espaço para a prática de esportes	37
Pelo bairro onde se localiza	20
Distância de casa/trabalho	20
Movimento de pessoas no local	17
Espaço para sentar	13,5
Boa iluminação	13,5
Estilo das pessoas que freqüentam	13,5
Fluxo de veículos	13,5
Policiamento adequado	13,5
Comércio do entorno	10
Visual do Lugar	10
Divulgação do local	7
Brinquedos	7
Boa sinalização de acesso ao local	7
Calçadas adequadas para o uso	3,5
Facilidade de transporte	3,5
Arborização	3,5

Tabela 4.14 – Sugestões de melhorias para o Largo Rui Porto.

SUGESTÕES	%
Mais equipamentos de lazer	43,5
Arborização	37
Mais bancos	27
Mais manutenção	27
Mais eventos	20
Colocação de um bebedouro	13,5
Calçadas adequadas para o uso	10
Mais lixeiras	10
Melhor iluminação pública	10

De acordo com os questionários, 30% dos respondentes estão satisfeitos com o local. Verifica-se que, este baixo nível de satisfação se estende para os espaços públicos de lazer de São Leopoldo (33,3% dos respondentes estão satisfeitos). Um número pouco maior de respondentes demonstrou estar satisfeito em relação às condições de circulação pela cidade para visitação de outros espaços públicos de lazer (43,5% estão satisfeitos). Todavia, apesar do baixo nível de satisfa o com os espaços públicos e com as possibilidades de circula o pela cidade, existe grande satisfa o em morar na cidade (70% dos respondentes estão satisfeitos).

A) Acessibilidade

O Largo Rui Porto faz parte da malha quadriculada do centro, sendo um espaço de lazer de acesso fácil para moradores e visitantes. Seu valor de integra o global   superior ao de integra o local (figura 4.14).

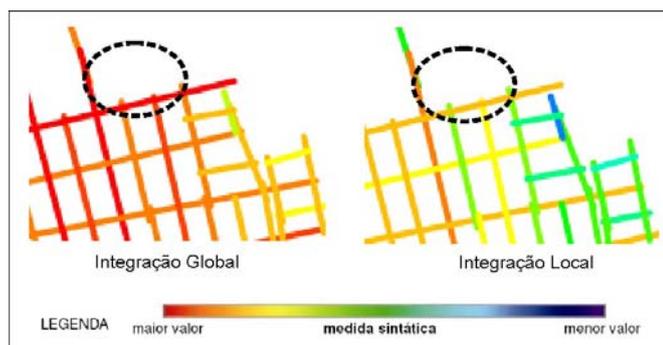


Figura 4.14 – Mapa das medidas sintáticas do Largo Rui Porto. Fonte: autora, 2009.

Os valores das medidas sintáticas demonstram igualmente que o espaço de lazer está numa região altamente integrada, quando comparada à média do sistema de São Leopoldo (tabela 4.15).

Tabela 4.15 – Valores das medidas sintáticas das vias de acesso ao Largo Rui Porto.

Nome da rua	Integração Global (RN)	Integração Local (R3)
Rua São Joaquim/'Ponte Nova'	0,9944	3,4696
Av. Dom João Becker	1,0094	3,2061
Av. Mauá	0,8713	2,4405
Médias da Praça	0,9584	3,0387
Médias de São Leopoldo	0,6246	1,8827

De acordo com os questionários, os usuários chegam até o Largo Rui Porto a pé (43,5% da amostra), de ônibus (27% da amostra) ou de carro (27% da amostra). Foram abordados durante a aplicação dos questionários, moradores de 12 bairros diferentes de São Leopoldo, mas a predominância foi do bairro Centro (tabela 4.16). Encontrou-se apenas um visitante de outra cidade. Porém sabe-se que este número tende a ser maior, visto que não foram aplicados questionários durante a São Leopoldo *Fest* e, certamente, neste período o Largo Rui Porto recebe visitantes de outros municípios.

Tabela 4.16 – Bairros de origem dos respondentes do Largo Rui Porto.

BAIRRO	Nº	%
Não Morador*	1	3,3
Boa Vista	1	3,3
Centro	12	40,0
Cristo Rei	3	10,0
Duque de Caxias	1	3,3
Feitoria	2	6,7
Rio Branco	2	6,7
Santa Tereza	1	3,3
Santo André	1	3,3
São José	1	3,3
São Miguel	3	10,0
Scharlau	1	3,3
Vicentina	1	3,3

Nota: (*) Foi encontrado um visitante da cidade de Caxias do Sul.

A boa localização do Largo foi ressaltada pelos respondentes que consideram a proximidade de casa ou do trabalho um atrator (20% da amostra) e também pelos que declararam ser a localização do espaço público no centro da cidade um atrator (20% da amostra) (tabela 4.13). Todavia, sua posição geográfica na beira do Rio dos Sinos, pode estar prejudicando sua acessibilidade, visto que o rio funciona como uma barreira, impedindo o acesso pela face norte.

B) Características do entorno e diversidade de atividades oferecidas

Os usos do entorno do Largo Rui Porto, predominantemente residencial e educacional, influenciam na intensidade de movimento no local. Junto a Avenida Dom João Becker, verifica-se que o movimento diminui a ponto de algumas ruas serem completamente vazias em alguns períodos do dia (figuras 4.15 e 4.16). Apesar do entorno do Largo ter alta densidade ocupacional, o fluxo de pedestres é baixo.

De acordo com alguns comerciantes, as mudanças estruturais no Largo Rui Porto (já explicadas no cap. 3) afetam o comércio do entorno. Durante a pesquisa de campo encontrou-se um comerciante que após quase dez anos no local, mudou para outro ponto, pois seu público diminuiu consideravelmente. Também os locatários do bar do ginásio alegam que com a desativação das quadras esportivas, o público diminuiu consideravelmente: antes as pessoas jogavam e ficavam pelo local bebendo, porém agora, mesmo com os eventos itinerantes no Largo, o consumo diminuiu.

Em relação às atividades de lazer realizadas no local, estão concentradas na pista de skate, no ginásio municipal e na realização de eventos. No mapa comportamental dos turnos da tarde (figura 4.16) é possível constatar o grande número de adolescentes em torno da pista de skate e nas arquibancadas, sendo que alguns estacionam seus carros em torno da pista, e colocam música. Segundo informações de uma moradora do entorno, ainda que o funcionamento seja das 7h às 19h, os skatistas usam a pista até de madrugada, pois a cerca de proteção do Largo foi retirada e não existe controle.

Os resultados evidenciam que a realização de eventos (50% dos respondentes) e os espaços para a prática de esportes (37% dos respondentes) são os principais atratores do Largo Rui Porto (tabela 4.13). A existência de espaços para atividades físicas já havia sido lembrada pelos entrevistados da Etapa I, que escolheram o local como um espaço utilizado. Ressalta-se a importância do ginásio de esportes como um atrator, apesar de não fazer parte da investigação.

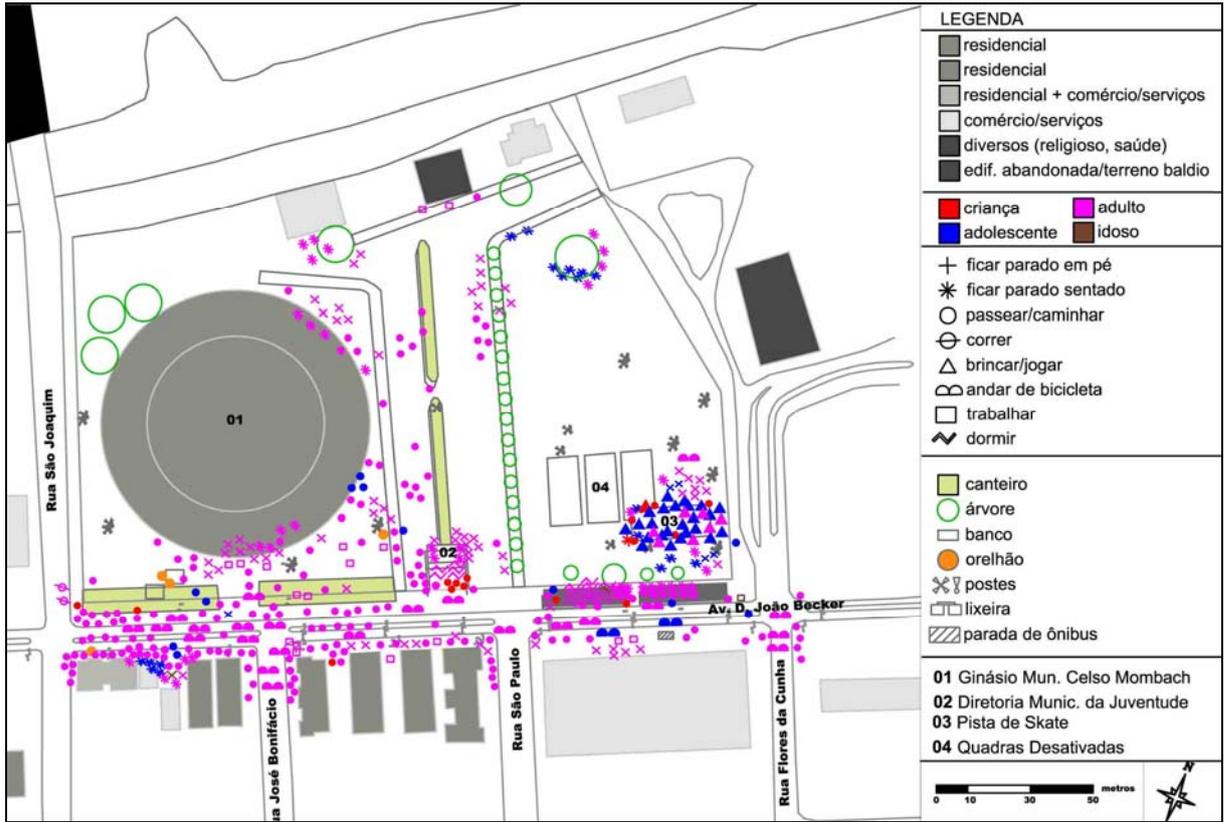


Figura 4.15 – Mapa comportamental do Largo Rui Porto. Resumo das manhãs. Fonte: autora, 2009.

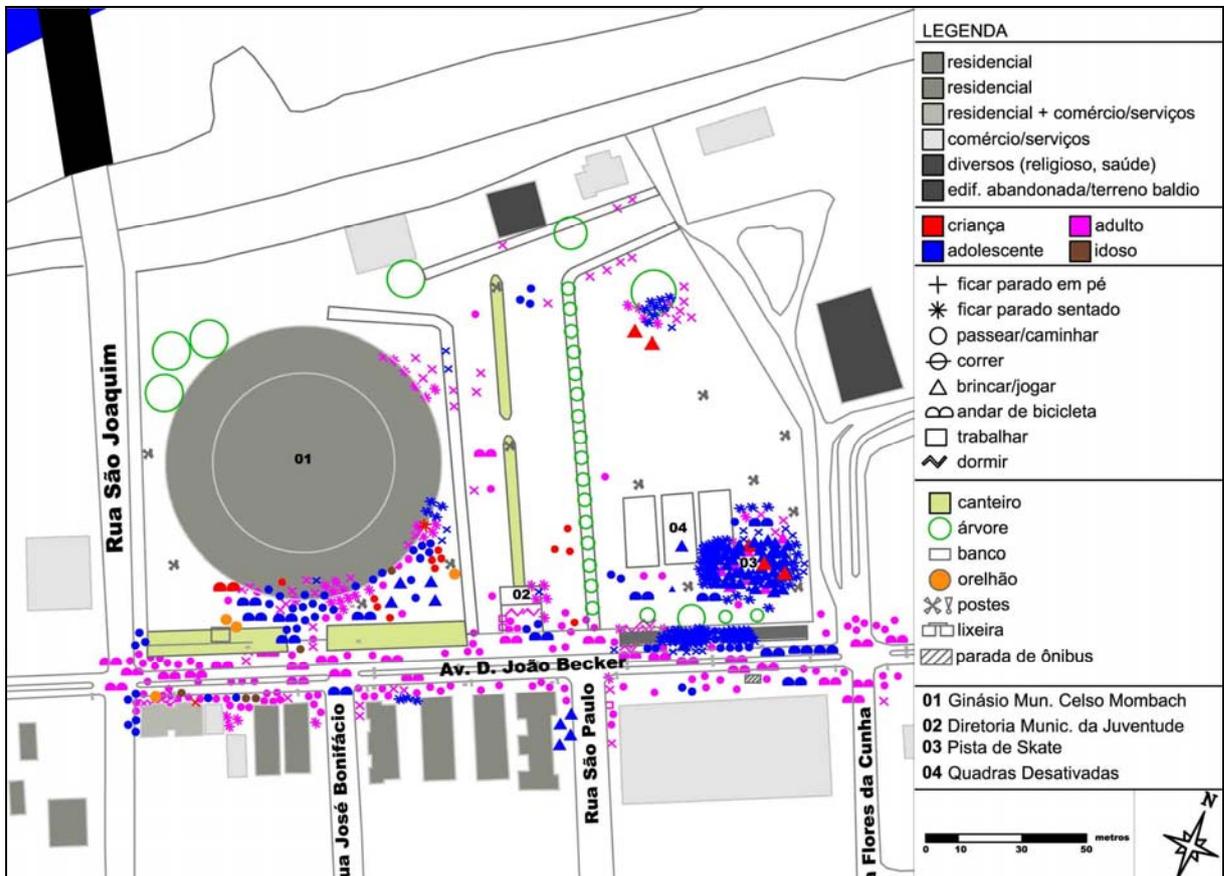


Figura 4.16 – Mapa comportamental do Largo Rui Porto. Resumo das tardes. Fonte: autora, 2009.



Figura 4.17 – Eventos no Largo Rui Porto: a) Desfile carnavalesco na Av. Dom João Becker; b) Visão panorâmica do Largo Rui Porto durante a *SL Fest*; c) Aspecto do Largo Rui Porto com a estrutura da *SL Fest* montada. Fonte: a) e b) *site* da Prefeitura Municipal de São Leopoldo, 2008; c) autora, 2009.

Abaixo (tabela 4.17) estão listados alguns eventos presenciados durante a pesquisa no local, isso sem mencionar os eventos que aconteceram no ginásio de esportes, mas não foram observados. O Largo Rui Porto é o espaço público de lazer com maior número de eventos, entre os espaços pesquisados.

Tabela 4.17 – Eventos realizados no Largo Rui Porto.

EVENTOS	QUANDO ACONTECEU
São Leopoldo <i>Fest</i>	Julho/08
Circo	Agosto/Setembro/08
Maratona da Secretaria de Esportes	Outubro/08
Campeonato de skate	Outubro/08
Show da Rádio Progresso	Novembro/08
Show Rádio FM PLAY	Fevereiro/09
Comemorações dia intern. da mulher	Março/09
Show Rádio FM PLAY	Abril/09

Durante alguns eventos, a Av. Dom João Becker é fechada para o trânsito e vira passarela, como no caso dos desfiles de carnaval ou da Maratona da Secretaria de Esportes (figura 4.17). A realização de eventos é avaliada positivamente por um grande público (tabela 4.13). Durante a realização de eventos aumenta significativamente o número de usuários. Por exemplo, durante a *São Leopoldo Fest* de 2007, o Largo Rui Porto recebeu mais de 200 mil pessoas, segundo dados da organização do evento (SÃO LEOPOLDO, 2007).

Todavia, no restante dos meses, o Largo Rui Porto torna-se pouco convidativo e impróprio segundo alguns moradores, que sentem falta dos usos que faziam no passado. Certamente a baixa intensidade de uso do Largo Rui Porto, é conseqüência da pouca oferta de atividades para o lazer cotidiano no local, tanto que a principal sugestão de melhoria dos respondentes é a colocação de mais equipamentos de lazer (43,5% da amostra) (tabela 4.14).

De acordo com os questionários, 33,5% da amostra frequenta o espaço uma a duas vezes por ano, provavelmente durante os eventos, e 30% da amostra utiliza diariamente. Verifica-se que as descaracterizações físicas e de uso pelas quais o Largo Rui Porto passou afetaram a intensidade de uso dos frequentadores mais antigos do local e trouxeram novos usuários com a pista de skate.

Quatro respondentes abordados em suas residências e comércios na Av. Dom João Becker, em frente ao Largo, declararam não utilizar o Largo Rui Porto. Entre as justificativas encontra-se a falta de espaços para a prática de esportes (75%), seguido pelo tipo de pessoas que frequentam e ausência de brinquedos (com 25% de frequência cada). Alguns respondentes declararam que não percebem vantagens em ir ao local, pois não há mais a área de lazer. Outros disseram que o Largo virou albergue e banheiro de mendigos.

C) Aparência

O estado de manutenção do Largo Rui Porto é precário, o mato está tomando conta de boa parte da antiga área de lazer (figura 4.18). Nem mesmo a pista de skate, com pouco mais de um ano de funcionamento, recebe manutenção. Existem lixeiras somente junto ao ginásio, que é o ponto mais bem cuidado do Largo. A solicitação de mais manutenção para o local foi feita por 27% da amostra (tabela 4.1).



Figura 4.18 – Falta de manutenção no Largo Rui Porto: a) Lixo depositado embaixo da arquibancada; b) Mendigos dormem embaixo das arquibancadas; c) Piso de areia e brita, fica completamente enlameado em dias de chuva. Fonte: autora, 2008.



Figura 4.19 – Formas de apropriação do Largo Rui Porto: a) Usuários na pista de skate; b) Arquibancadas são o único espaço para sentar; c) Os poucos espaços com sombra são apropriados. Fonte: autora, 2008.

Durante as observações, foi possível encontrar muito lixo no entorno da pista de skate e embaixo das arquibancadas. Todas as manhãs foram encontrados mendigos dormindo embaixo das arquibancadas (figura 4.18). A presença destes indivíduos contribui para a sujeira da área, visto que os mendigos dormem e deixam seus pertences (como roupas e colchões) no local.

D) Adequação e conforto ambiental

Observando o Largo Rui Porto, constata-se que, apesar de todo o espaço disponível, os usuários aglomeram-se na área da pista de skate e das arquibancadas.

A pista de skate está inacabada, falta uma tela/cerca de proteção mais alta e, segundo alguns respondentes, adolescentes já caíram do local, que chega ter nas extremidades 3 metros de altura. Não há arborização suficiente nas proximidades para proteger os usuários da insolação, o que torna o Largo Rui Porto extremamente desconfortável no verão (figuras 4.18 e 4.19). Todavia, mesmo nos dias mais quentes, os jovens usam muito a pista de skate, que fica lotada nas tardes (figura 4.16).

O único espaço para sentar na área aberta de lazer são as arquibancadas, que não são sombreadas (figura 4.19). As poucas árvores de grande porte existentes no Largo são usadas por usuários a procura de sombra nos dias mais quentes (figura 4.19). Como não há bancos embaixo da árvore, as pessoas sentam no chão ou eventualmente levam cadeiras.

A ausência de elementos que atribuam maior conforto ao Largo Rui Porto, foi sentida pelos respondentes que solicitaram mais arborização (37% da amostra) e mais bancos (27% da amostra) (tabela 4.14). Existem sanitários somente dentro do ginásio, que nem sempre está aberto.

Em relação ao tempo que permanecem no local, 37% dos usuários respondentes ficam de duas a três horas, seguidos por 33,5% que passam até 1 hora no local. Visto que o espaço de lazer não oferece conforto para seus usuários, principalmente aos que freqüentam durante o dia e nas altas temperaturas, acredita-se que as respostas foram influenciadas pelos respondentes abordados durante os eventos (shows e festas) quando são colocadas cadeiras e coberturas que tornam o local mais agradável.

E) Segurança

A grande quantidade de moradores de rua que dormem embaixo das arquibancadas demonstrou ser mais significativa para a aparência do local do que para a sensação de insegurança. Nenhum respondente se queixou e não foi observado qualquer incidente

envolvendo os moradores de rua, que costumam passar a noite no local e sair ainda pela manhã, e os demais usuários.

O policiamento é considerado como um atrator por 13,5% da amostra (tabela 4.13). Acredita-se que a presença de órgãos públicos dentro do Ginásio Municipal possa contribuir para a percepção de um local mais seguro. Durante a realização de eventos, existe uma intensificação do policiamento.

4.2.1.4. Praça Daltro Filho

A Praça Daltro Filho é uma das praças mais utilizadas do centro da cidade. Observou-se uma média de 66 pessoas (tabela 4.18). As frequências não são uniformes e aos finais de semana o público da praça é significativamente maior que durante outros dias da semana. Há forte diferença entre os usos da manhã e da tarde, pois à tarde o número de usuários costuma dobrar (tabela 4.18).

Tabela 4.18 – Número de usuários observados na Praça Daltro Filho.

	Nº total de usuários*	Média diária
Manhãs	631	45
Tardes	1224	87
Total	1855	66

Nota: (*) referente a 14 dias de observações.

A praça está dividida em duas partes, com diferentes níveis de apropriação: a parte mais utilizada é a composta pelos brinquedos dentro dos triângulos de areia cercados por pneus, com bancos na sombra das árvores do entorno; e a parte menos utilizada é composta pela quadra de futebol de areia e arquibancada, pelo prédio dos Correios e pelo quiosque bar. Existe ainda um espaço com aparelhos de ginástica que é pouco usado, acredita-se que pela sua localização ao lado do prédio dos correios, que o bloqueia visualmente (figura 4.21).

Abaixo são apresentadas as principais justificativas de uso (tabela 4.19) e as sugestões de melhorias para a Praça (tabela 4.20), de acordo com os respondentes.

Tabela 4.19 – Justificativas de uso da Praça Daltro Filho.

JUSTIFICATIVAS	%
Brinquedos	50
Espaço para sentar	43,5
Distância de casa/trabalho	43,5
Arborização	40
Manutenção/Limpeza	37
Visual do lugar	30
Espaço para a prática de esportes	30
Estilo das pessoas que freqüentam	27
Movimento de pessoas no local	20
Bairro onde se localiza	20
Boa iluminação	17
Policimento adequado	13,5
Facilidade de transporte	13,5
Comércio do entorno	13,5
Realização de eventos	13,5
Espaço confortável	10
Calçadas adequadas para o uso	7
Reputação do lugar	7
Divulgação do local	3,5
Fluxo de veículos	3,5

Tabela 4.20 – Sugestões de melhorias para a Praça Daltro Filho.

SUGESTÕES	%
Mais policiamento	43,5
Mais manutenção	20
Calçadas mais adequadas para o uso	17
Colocação de um banheiro público	17
Mais bares ou comércio no entorno	10
Mais bancos	10
Melhor iluminação pública	10
Mais equipamentos de lazer	7
Mais lixeiras	3,5

Encontrou-se alto nível de satisfação entre os usuários com a Praça Daltro Filho (60% de satisfação), já em relação a satisfação com os espaços públicos de São Leopoldo, este percentual baixou para 40%.

Em torno de 50% dos respondentes estão satisfeitos em morar na cidade, mas em relação às possibilidades de circulação pela cidade para a realização de atividades de lazer, apenas 37% dos respondentes estão satisfeitos.

A) Acessibilidade

A Praça Daltro Filho também está localizada na malha quadriculada do centro de São Leopoldo e apresenta integração global pouco mais elevada que a local (figura 4.20).

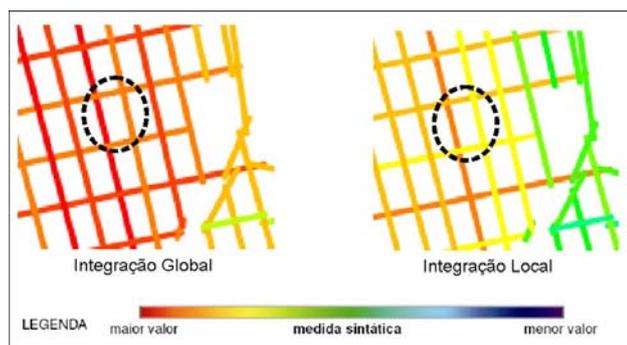


Figura 4.20 – Mapa das medidas sintáticas da Praça Daltro Filho. Fonte: autora, 2009.

As vias de acesso à Praça têm alta integração global e local, bem acima da média do sistema de São Leopoldo (tabela 4.21), como aliás, é todo o centro da cidade.

Tabela 4.21 – Valores das medidas sintáticas das vias de acesso à Praça Daltro Filho.

Nome da rua	Integração Global (RN)	Integração Local (R3)
Rua São Joaquim	0,9944	3,4696
Rua Presidente Roosevelt	0,9356	3,1561
Rua Conceição	0,9351	2,9962
Rua José Bonifácio	0,9003	2,9912
Médias da Praça	0,9414	3,1533
Médias de São Leopoldo	0,6246	1,8827

A Rua São Joaquim, uma das principais ligações entre as metades norte e sul da cidade, tem movimentos veicular e de pedestres mais acentuados, em comparação com as outras vias que configuram a praça.

De acordo com os resultados dos questionários, 43,5% dos respondentes deslocam-se a pé até a praça e 30% chegam de carro. O que está em concordância com a realidade observada, visto que boa parte dos usuários abordados eram moradores do centro (40% da amostra). Foram encontrados quatro visitantes de outras cidades (tabela 4.22).

Tabela 4.22 – Bairros de origem dos respondentes da Praça Daltro Filho.

BAIRROS	Nº	%
Não Morador*	4	13,3
Campestre	1	3,3
Centro	12	40,0
Morro do Espelho	1	3,3
Rio dos Sinos	4	13,3
Santa Tereza	2	6,7
Santos Dumont	2	6,7
Scharlau	2	6,7
Vicentina	2	6,7

Nota: (*) Foram encontrados visitantes das seguintes cidades: Novo Hamburgo, Sapucaia do Sul, Capela de Santana e Canoas.

B) Características do entorno e diversidade de atividades oferecidas

Através das observações comportamentais, verificou-se que os usos do entorno influenciam o movimento na praça, principalmente durante a semana, quando muitas pessoas caminham pelas calçadas, cruzando o local em variadas direções. Existem edificações com funções importantes no entorno, como a agência dos Correios e Telégrafos dentro do terreno da praça, a Previdência Social na esquina das ruas Conceição e São Joaquim e a Escola de Educação Infantil Jesus Menino na esquina das ruas São Joaquim e Presidente Roosevelt. Estes equipamentos urbanos exercem forte atratividade para a zona da praça, conforme mostram os mapas comportamentais (figuras 4.21 e 4.22), sobretudo nas manhãs, quando foi registrado um grande número de pessoas no entorno destes locais.

O comércio do entorno funciona como um atrator para a praça: foi constatado que alguns indivíduos vão ao centro com outras finalidades (compras, trabalho), mas acabam passando na Praça Daltro Filho com seus filhos. Há, inclusive, relatos de respondentes que alguns trabalhadores procuram a Praça Daltro Filho para descansar durante o meio dia. Nota-se que moradores das edificações do entorno, em sua maioria famílias com crianças pequenas, são usuários costumeiros da praça (a proximidade de casa ou do trabalho foi considerada como um atrator por 43,5% da amostra) (tabela 4.19).

A escola de educação infantil gera grande movimento, tanto de pais que circulam próximos a praça para buscar seus filhos, quanto de crianças que costumam ir à pracinha com seus pais, após a aula (figuras 4.22 e 4.23). Durante a semana notou-se a presença de mães com filhos no meio da manhã e no final da tarde, horário que as crianças saem da escola. Os brinquedos da praça constituíram-se no principal atrator (50% dos respondentes usam o local pelos brinquedos) (tabela 4.19). Conseqüentemente, pais com os filhos correspondem a 60% dos usuários, segundo os resultados dos questionários, seguido pela presença de casais, que correspondem a 47% da amostra e costumam sentar nos bancos situados nas bordas da praça (figuras 4.22 e 4.23).

O quiosque bar existente na praça, funciona desde a tarde até a madrugada (1h) e atrai muitas pessoas (figura 4.22). De acordo com a proprietária, há movimento no local até seu fechamento. Foi observada a presença de vendedores ambulantes como, por exemplo, o vendedor de algodão doce, presentes nos finais de semana (figura 4.24).

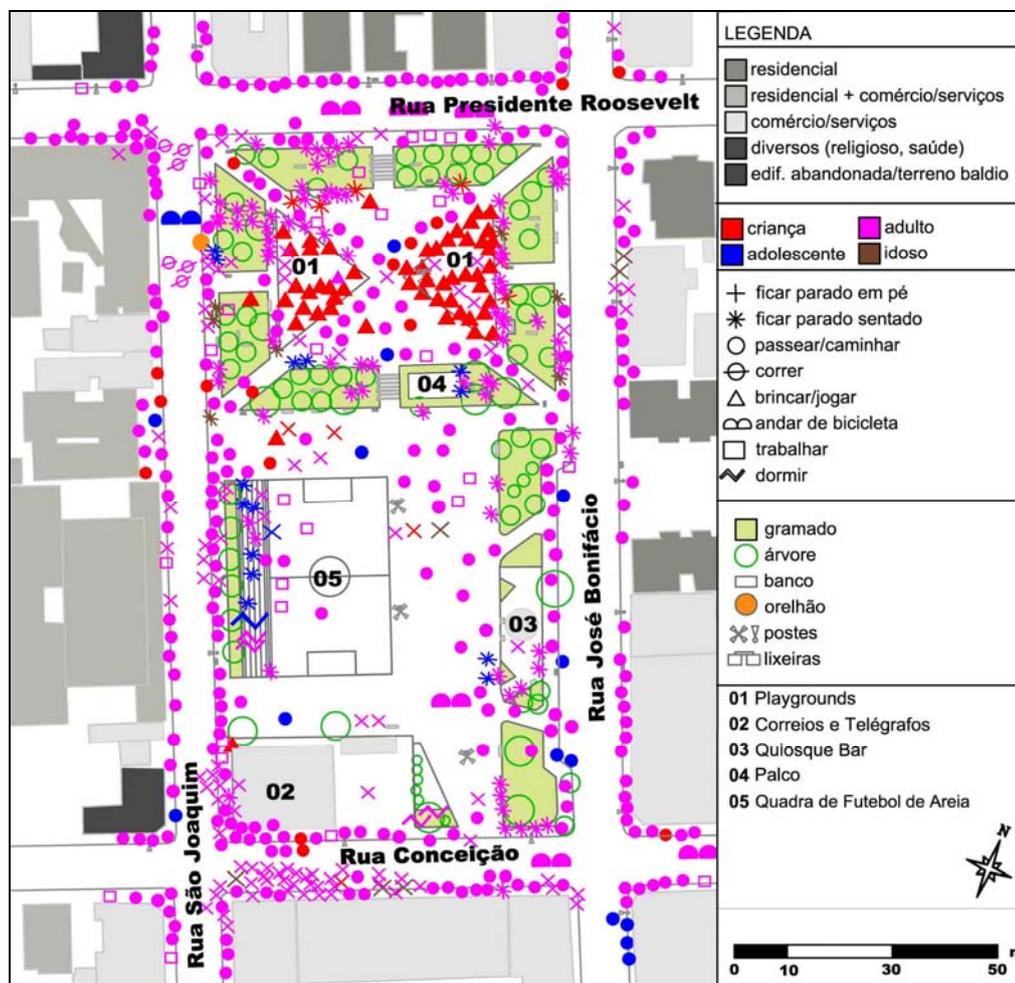


Figura 4.21 – Mapa comportamental da Praça Daltro Filho. Resumo das manhãs. Fonte: autora, 2009.

Quanto à realização de eventos, presenciou-se dois eventos organizados por entidades semi-públicas e privadas. Um ocorreu em novembro de 2008, numa parceria do Jornal local com o SESC, quando foi oferecido à comunidade serviços de recreação, aulas de ginástica, esportes e sorteio de brindes. Já o outro evento ocorreu em dezembro de 2008, numa iniciativa do Pólo Gastronômico do município, como parte da ação ‘Um olhar para quem precisa’. Foi oferecido à comunidade, entre outras coisas, cachorro-quente, pipoca, refrigerante, corte de cabelo e manicure.

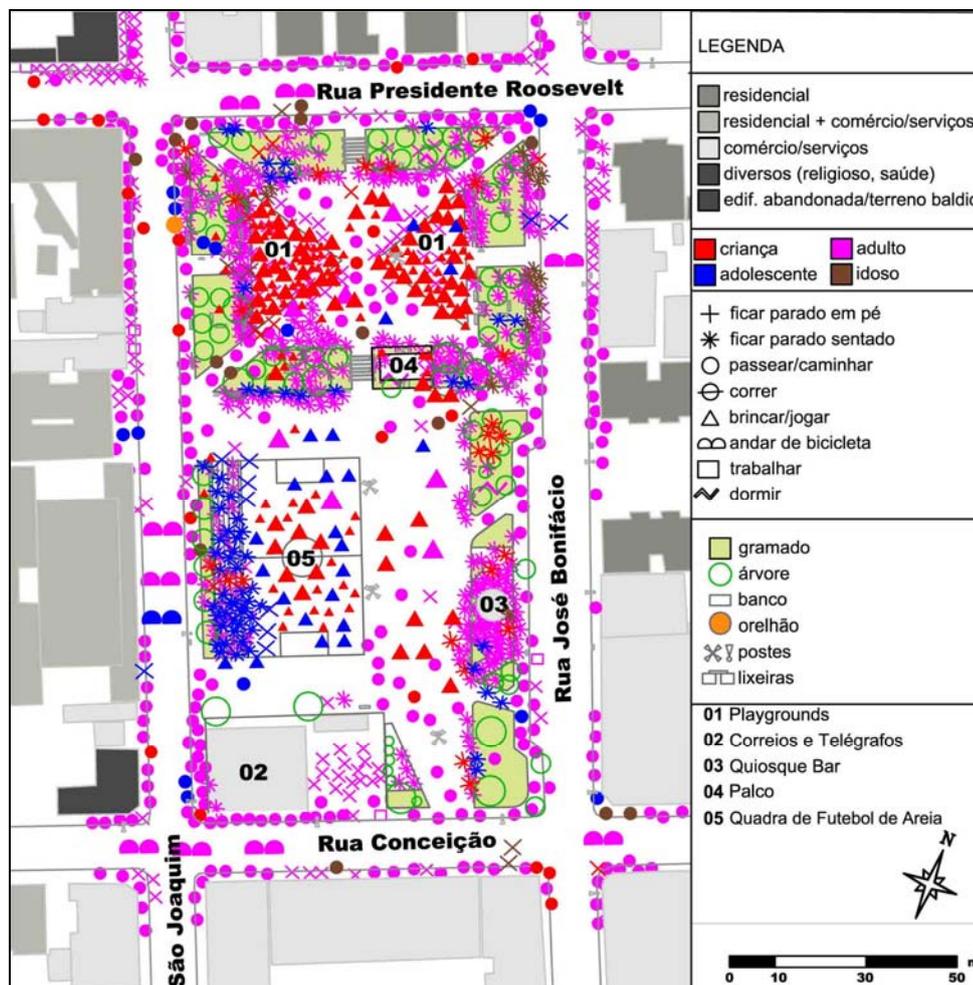


Figura 4.22 – Mapa comportamental da Praça Daltro Filho. Resumo das tardes. Fonte: autora, 2009.



Figura 4.23 – Formas de apropriação da Praça Daltro Filho: a) O uniforme vermelho das crianças brincando revela que são alunas da escola de educação infantil; b) Usuários levam suas cadeiras; c) Casais namorando a sombra. Fonte: a) *site* da Prefeitura Municipal de São Leopoldo, 2007; b) e c) autora, 2008.



Figura 4.24 – Diferentes atividades na Praça Daltro Filho: a) Usuários nas arquibancadas; b) Vendedor de algodão doce faz a alegria das crianças; c) Com a quadra de areia alagada, pais e filhos brincam ao lado. Fonte: autora, 2008.

C) Aparência

A Praça Daltro Filho é uma das praças mais bem cuidadas de São Leopoldo. Sua boa manutenção e limpeza foram percebidas como um atrator por 37% dos respondentes (tabela 4.19). Ainda assim, 20% dos respondentes destacaram que o local é carente em manutenção (tabela 4.20).

A Praça Daltro Filho não possui recursos paisagísticos como chafariz ou prédios históricos, mas 30% dos respondentes acreditam que o visual agradável do local é um atrator para o uso (tabela 4.19). Houve a solicitação por parte de alguns usuários de um melhor paisagismo no local, pois segundo os freqüentadores mais antigos havia na Praça um gramado bonito e flores nos canteiros, que foi substituído por brita.

D) Adequação e conforto ambiental

Observou-se que depois dos brinquedos, os bancos acompanhados de boa sombra são os equipamentos mais utilizados da Praça Daltro Filho, confirmado pelos questionários, pois a existência de espaços para sentar (43,5% da amostra) e a arborização (40% da amostra) foram consideradas atratores do local (tabela 4.19).

As observações comportamentais revelaram que os playgrounds são mais utilizados pela tarde do que pela manhã. Observou-se que os usuários alternam o uso entre os dois playgrounds, em busca de sombra: durante a manhã há sombra à leste e pela tarde há sombra à oeste da praça (figuras 4.21 e 4.22).

As arquibancadas da Praça Daltro Filho são mais utilizadas por adolescentes, que costumam se reunir no final da tarde (figuras 4.22). Já aos finais de semana, o público é miscigenado com usuários de todas as idades (figura 4.24).

A pavimentação do interior da praça é em areia e durante as observações comportamentais constatou-se que nos dias de chuva criam-se poças d'água, principalmente na área com brinquedos (playground e quadra de areia), obrigando os usuários a se apropriarem dos poucos espaços secos, superlotando-os. De acordo com os questionários, a pavimentação não agrada aos respondentes e 17% da amostra solicitou melhorias (tabela 4.20). A quadra de areia é pouco utilizada, sendo o maior movimento observado aos finais de semana, pelas tardes (figuras 4.21, 4.22 e 4.24).

Os respondentes declararam que costumam passar até uma hora no local (53,5% da amostra). Observa-se que 17% da amostra solicitou a colocação de sanitários (tabela 4.20). Talvez com a existência deste equipamento o tempo de permanência na praça fosse maior.

E) Segurança

Não foi encontrada grande quantidade de moradores de rua. Apenas em algumas manhãs, indigentes foram avistados dormindo nas arquibancadas e ao lado do edifício dos Correios (figura 4.21). Constatou-se, através das observações comportamentais, grande número de mulheres usando a Praça, o que foi confirmado pelos questionários (60% eram mulheres). O maior número de mulheres usando o local pode indicar que a praça é um espaço percebido como mais seguro (WHYTE, 1988). Todavia, quase a metade dos respondentes (43,5%) solicitou mais policiamento para o local (tabela 4.20). Durante as observações comportamentais, alguns veículos da guarda municipal e da polícia foram avistados, sobretudo durante a realização de eventos.

4.2.1.5. Comparação entre as características físico-espaciais e comportamentais das praças

Os quatro espaços públicos de lazer acima descritos estão localizados no mesmo bairro, e por isso apresentam características locais e configuracionais semelhantes. Suas diferenças aparecem mais claramente na composição espacial de cada praça e no tipo de atividade ofertada aos usuários.

Os níveis de integração não são, necessariamente, relevantes para a apropriação, pois as Praças Vinte de Setembro e Daltro Filho são as mais utilizadas e possuem níveis de RN e R3 pouco menores que os da Praça do Imigrante e do Largo Rui Porto. Todavia a facilidade de acesso gerada pela proximidade de casa ou do trabalho, configurou-se como um forte atrator em todas as praças (tabela 4.23).

Comparando os mapas comportamentais das praças, verificou-se a tendência de que o número de usuários e a variedade de atividades realizadas aumentem naqueles locais que oferecem equipamentos que abrangem mais faixas etárias. Por exemplo, as Praças Vinte de

Setembro e Daltro Filho apresentam maior número de usuários observados (figura 4.25), pois têm maior variedade de equipamentos, ao contrário da Praça do Imigrante e do Largo Rui Porto, que possuem equipamentos que atraem um público mais específico (adultos e adolescentes, respectivamente).

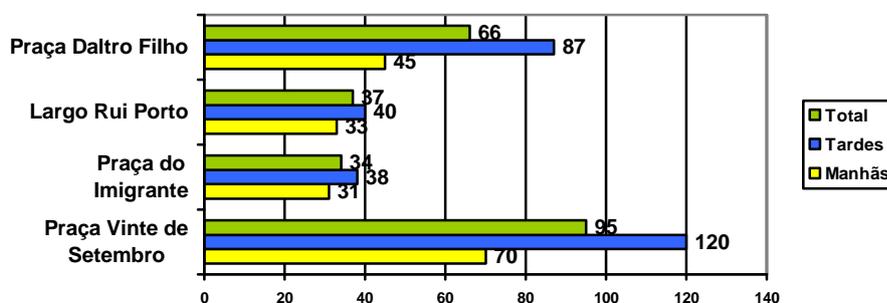


Figura 4.25 – Número médio diário de usuários observados nas praças. Fonte: autora, 2009.

A Praça Vinte de Setembro é a mais utilizada: além da variedade de equipamentos de lazer, conta com o Centro Cultural que funciona como um atrator, influenciando na intensidade de uso da Praça e na sua notoriedade, visto que seguidamente são realizados shows e peças de teatro no local. A parada de ônibus localizada no entorno da praça também influencia na circulação pelo local.

A existência de equipamentos de lazer para crianças revelou-se importante para atrair um público maior e mais familiar. Nas Praças Vinte de Setembro e Daltro Filho, pais levam os filhos para brincar e, portanto, em torno dos playgrounds sempre há um bom número de adultos. Este clima familiar, muitas vezes, serve de atrator para indivíduos de outros bairros e até de outras localidades.

O tipo de uso do entorno também parece influenciar a intensidade de uso nas praças pesquisadas. Nas Praças Vinte de Setembro e Daltro Filho que apresentam usos comercial e residencial, verificou-se maior movimentação e intensidade de uso – durante a semana e final de semana –, do que na Praça do Imigrante, que tem predomínio de uso comercial e no Largo Rui Porto, que tem predomínio de uso residencial.

A arborização e os espaços para sentar repetem-se como justificativas de uso em três das quatro praças investigadas, configurando-se como os principais atratores (tabela 4.23). No Largo Rui Porto não é mencionado, porque não possui arborização e espaços para sentar em número significativo.

Tabela 4.23 – Principais atratores das praças.

PRAÇAS	ATRADORES	%
Praça Vinte de Setembro	Arborização	57
	Espaço para sentar	43,5
	Visual do lugar	37
	Distância de casa/trabalho	37
Praça do Imigrante	Espaço para sentar	43,5
	Arborização	37
	Visual do lugar	27
	Distância de casa/trabalho	23,5
Largo Rui Porto	Realização de eventos	50
	Espaço para a prática de esportes	37
	Bairro onde se localiza	20
	Distância de casa/trabalho	17
Praça Daltro Filho	Brinquedos	50
	Espaço para sentar	43,5
	Arborização	40
	Distância de casa/trabalho	40

O Largo Rui Porto tem maior variedade de usuários originários de outros bairros (12 bairros, enquanto as outras praças têm 8 bairros). Este resultado é consequência da realização de eventos no local, pois alguns respondentes foram abordados durante um show no Largo Rui Porto, evidenciando o grande potencial de atratividade dos eventos.

Os níveis de satisfação dos usuários são semelhantes nas Praças Vinte de Setembro, Daltro Filho e Imigrante (em torno de 60% de satisfação em cada espaço). Portanto, ainda que a Praça do Imigrante tenha pouca variedade de equipamentos e notória falta de segurança, ela atende as necessidades de lazer dos usuários que dela se apropriam. Diferentemente do Largo Rui Porto que teve apenas 30% de usuários satisfeitos, pois além de poucos equipamentos, o local praticamente não oferece conforto aos usuários.

Verifica-se que nas praças mais movimentadas existe menor número de moradores de rua, pois os usuários se apropriam constantemente destes locais não oferecendo espaço para outros grupos. Já na Praça do Imigrante, onde as deficiências físicas afastaram boa parte dos frequentadores, os moradores de rua estão fortemente presentes, servindo de motivação para evitar o local.

Portanto, no caso das praças pesquisadas, com níveis de acessibilidade e características do uso do entorno semelhantes, a diferença no potencial de atratividade e na intensidade de uso, parece estar mais associados à diversidade de atividades ofertadas no espaço público e na força dos atratores sediados nas praças ou no seu entorno.

4.2.2. Características físico-espaciais e comportamentais dos parques

4.2.2.1. Parque Estadual de Recreação do Trabalhador

O uso do Parque do Trabalhador foi confirmado através das observações comportamentais. Verificou-se que o movimento na área de lazer durante a semana é baixo. Aos finais de semana o Parque recebe mais usuários, principalmente quando há eventos. Sobre os turnos de movimento, pela tarde o movimento praticamente triplica em relação às manhãs (tabela 4.24).

Tabela 4.24 – Número de usuários observados no Parque do Trabalhador.

	Nº total de usuários*	Média diária
Manhãs	466	33
Tardes	1234	88
Total	1700	61

Nota: (*) referente a 14 dias de observações.

De acordo com os questionários, a maior parte dos respondentes mora nas proximidades do Parque do Trabalhador e costuma freqüentar o local diariamente. Durante as observações comportamentais, constatou-se que os usuários que preferem ter mais privacidade vão para as áreas menos usadas do Parque, em clareiras, por exemplo. Já os que não se importam de estar próximo dos outros, ficam no entorno dos equipamentos de lazer, assistindo aos jogos e demais atividades (figura 4.28).

Abaixo são apresentadas as justificativas de uso (tabela 4.25) e as sugestões de melhorias (tabela 4.26) para o Parque, de acordo com os respondentes.

Tabela 4.25 – Justificativas de uso do Parque do Trabalhador.

JUSTIFICATIVAS	%
Espaço para a prática de esportes	43,5
Arborização	40
Distância de casa/trabalho	40
Realização de eventos	30
Policimento adequado	20
Bairro onde se localiza	20
Estilo das pessoas que freqüentam	17
Espaço para sentar	13,5
Movimento de pessoas no local	13,5
Boa iluminação	10
Manutenção/Limpeza	10
Divulgação do local	10
Reputação do lugar	10
Área de lazer com churrasqueira	10
Calçadas adequadas para o uso	7
Facilidade de transporte	7
Visual do lugar	7
Espaço confortável	7
Brinquedos	3,5
Comércio do entorno	3,5

Tabela 4.26 – Sugestões de melhorias para o Parque do Trabalhador.

SUGESTÕES	%
Mais manutenção	47
Mais equipamentos de lazer	47
Melhor iluminação pública	30
Mais eventos	23,5
Mais policiamento	20
Calçadas adequadas para o uso	20
Banheiro público	13,5
Mais bares/comércio no entorno	10
Mais bancos	7
Mais lixeiras	3,5

Em relação a satisfação dos usuários com o local, apenas 27% dos respondentes estão satisfeitos. Encontrou-se um número pouco maior de respondentes satisfeitos com os espaços públicos de São Leopoldo (37% dos respondentes). Este baixo nível de satisfação com os espaços da cidade, talvez seja conseqüência de algumas dificuldades em relação às possibilidades de circulação pelos outros bairros, pois quase a mesma porcentagem de respondentes (40%) se declarou satisfeita com suas possibilidades de deslocamento. Todavia, ainda que haja certo descontentamento com os espaços públicos e as possibilidades de circulação, a maioria dos respondentes está satisfeita de morar em São Leopoldo (63,5% da amostra). Evidenciando, neste caso, que os níveis de satisfação com o parque, não necessariamente afetam a satisfação com a cidade.

A) Acessibilidade

Quanto à configuração urbana, o Parque tem valores de integração local maiores que o global (figura 4.26). Quando comparados os níveis de integração global entre os mapas da região e da cidade, nota-se que o parque torna-se mais integrado regionalmente, ou seja, o acesso ao Parque é mais facilitado para quem vem de outras cidades do que para quem vem da zona leste do município (figura 4.26).

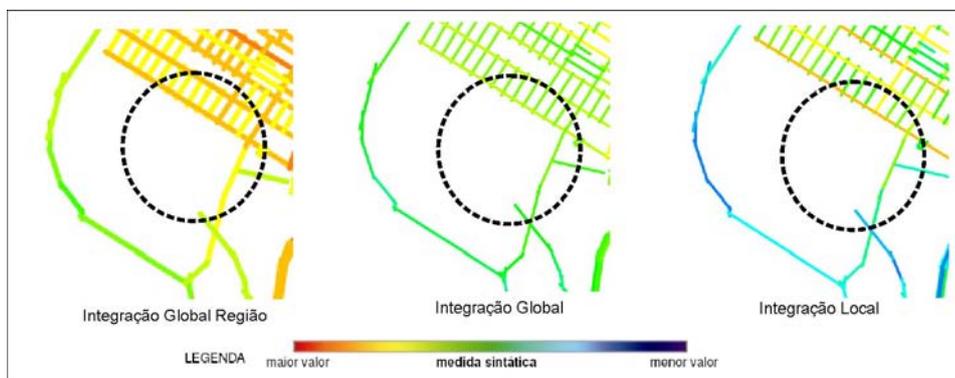


Figura 4.26 – Mapa das medidas sintáticas do Parque do Trabalhador. Fonte: autora, 2009.

Conforme ilustra a tabela abaixo (tabela 4.27), as principais vias de acesso ao parque têm médias de RN e R3 superiores as do sistema da cidade, mas inferiores às médias do centro da cidade.

Tabela 4.27 – Valores das medidas sintáticas das vias de acessos ao Parque do Trabalhador.

Nome da rua	Integração Global (RN)	Integração Local (R3)
Rua Vicentina Maria Fidelis	0,7471	3,2809
Rua Henrique Lopes	0,7351	2,8771
Estrada do Parque	0,6917	2,4771
Médias do Parque	0,7246	2,8783
Médias de São Leopoldo	0,6246	1,8827

O Parque do Trabalhador é limitado pela BR116 que cria uma barreira entre o leste da cidade e o espaço de lazer. Mas apesar de segregado espacialmente, o acesso por transporte público é facilitado, através de linhas regulares que chegam até a entrada do Parque. Porém para fazer o deslocamento de ônibus, é preciso atravessar, praticamente, todo o Bairro Vicentina. Para algumas pessoas, o Parque do Trabalhador parece estar escondido para os moradores de outros bairros.

A acessibilidade visual é afetada pela existência de barreiras, formadas pela zona de mata no entorno da área de lazer e por edificações abandonadas no local, o que contribui para a baixa visibilidade e sensação de insegurança.

Foram abordados usuários de sete bairros diferentes no Parque e destes 50% são moradores do Bairro Vicentina. Foram encontrados quatro visitantes de outras cidades (tabela 4.28).

Tabela 4.28 – Bairros de origem dos respondentes do Parque do Trabalhador.

BAIRROS	Nº	%
Não Morador*	4	13,3
Campina	1	3,3
Duque de Caxias	1	3,3
Rio Branco	4	13,3
Santo André	1	3,3
São João Batista	2	6,7
São Miguel	2	6,7
Vicentina	15	50,0

Nota: (*) Foram encontrados visitantes das seguintes cidades: Novo Hamburgo, Sapucaia, Canoas e Boqueirão do Leão.

A maioria dos respondentes mora nas proximidades (53,5%) vai a pé até o Parque. O fácil acesso foi considerado um dos principais atratores, de acordo com os questionários (40% consideram a proximidade de casa ou do trabalho um atrator e 20% consideram a localização do parque um atrator) (tabela 4.25).

B) Características do entorno e diversidade de atividades oferecidas

No cotidiano, o Parque do Trabalhador é um espaço com pouco movimento de usuários e de veículos. Esta característica é consequência da sua localização mais distante do centro da cidade, situado em uma zona predominantemente residencial e de baixa renda.

Alguns visitantes declararam ter o costume de fazer um passeio integrado, visitando pela manhã o Zoológico na cidade vizinha de Sapucaia do Sul e depois o Parque do Trabalhador, para almoçar no local, que é mais tranquilo, demonstrando a influência dos usos do entorno, visto que o zoológico e o parque estão bem próximos.

Constatou-se que as escolas localizadas dentro da área do Parque funcionam como fortes atratores, sobretudo durante a semana. As escolas atraem crianças, jovens e adultos diariamente para o local, e estes indivíduos também usam os equipamentos de lazer, como playground, ginásio esportivo e quadras esportivas. Também se observou que usuários adultos fazem caminhadas e corridas durante a manhã e a tarde, alguns usuários chegam de carro para usar a pista de caminhadas do Parque e alguns usuários costumam andar de bicicleta pelo local (figuras 4.27, 4.28 e 4.29).

A cancha de bocha é utilizada mais intensamente pela tarde, por um grupo de senhores (adultos e idosos) que, segundo informações, assumiram a manutenção deste equipamento. O playground também é mais utilizado durante a tarde, assim como o gramado bem arborizado, existente ao lado do playground (figuras 4.28 e 4.29). Nestes dois locais, observou-se famílias, professoras com alunos e também mães conversando entre si, enquanto filhos brincavam. O Parque recebe periodicamente turmas de escolas dos bairros vizinhos, além das crianças das escolas do local.

Aos finais de semana existe maior quantidade e diversidade de usuários. Constatou-se que alguns indivíduos vêm de outros bairros, que costumam passar o dia no Parque e utilizam, principalmente, a área dos CTGs, onde fazem churrasco (figuras 4.27 e 4.28). Esta motivação foi confirmada por 10% da amostra que declarou ser a área de lazer com churrasqueira um atrator (tabela 4.25). Observou-se que o movimento neste local é mais intenso pela tarde (figura 4.28).



Figura 4.28 – Mapa comportamental do Parque do Trabalhador. Resumo das tardes. Fonte: autora, 2009.

A possibilidade de praticar esportes nas quadras esportivas do ginásio e na pista para caminhada é o principal atrator do Parque do Trabalhador (figura 4.29), segundo 43,5% da amostra (tabela 4.25). Todavia, a maioria das quadras esportivas está sem condições de uso, pela falta de manutenção, bem como o único playground do Parque apresenta brinquedos quebrados e enferrujados. Acredita-se que estes problemas motivaram os respondentes a sugerirem mais manutenção (47%) e mais equipamentos de lazer (47%) para o Parque (tabela 4.26).



Figura 4.29 – Formas de apropriação no Parque do Trabalhador: a) Crianças no playground; b) Usuários fazendo caminhadas; c) Adolescentes jogando basquete. Fonte: autora, 2008.

Durante as observações comportamentais presenciou-se apenas um evento no local: um encontro de criadores de pássaros que, segundo informações da administração do Parque, se reúnem com certa periodicidade. Mas sabe-se que são realizados no Parque do Trabalhador eventos de grande porte como, por exemplo, a Semana Farroupilha um dos acontecimentos mais importantes da região e, certamente, o mais importante que o Parque sedia. A Semana Farroupilha acontece anualmente no mês de setembro e durante uma semana os CTGs de São Leopoldo e de outras cidades acampam no Parque, guardando a chama crioula, realizando competições e festas (figura 4.30). Além deste evento, o Parque sediou em 2008 o II Rodeio Estadual de São Leopoldo e alguns torneios de futebol de salão realizados no ginásio esportivo. A atratividade dos eventos foi confirmada por 30%, dos respondentes que declarou serem os eventos atratores do local (tabela 4.25).



Figura 4.30 – Semana Farroupilha no Parque do Trabalhador: a) Visitantes; b) Bancas de vendedores; c) Churrasco no acampamento. Fonte: autora, 2008.

Existem dois grupos de idosos que se reúnem no Parque duas vezes por semana: nas terças e quintas um grupo de senhoras da comunidade joga bingo, entre outros lazeres, e passeia por outros locais da cidade; já nas segundas e quartas existe um grupo, organizado pela Diretoria de Esportes do município, que realiza atividades esportivas no Parque.

A área dos CTGs, apesar de estar num terreno público, foi edificada e é mantida pelos associados dos CTGs, que demarcaram aquele espaço e construíram seus locais de lazer. Através de entrevistas informais, constatou-se que os proprietários nutrem um sentimento de posse e ainda que 'emprestem' alguns galpões para não membros utilizarem, impõem condições de uso que acaba coagindo e desmotivando os interessados.

C) Aparência

O Parque do Trabalhador está numa zona de preservação e a densa mata do seu entorno é um forte recurso paisagístico. Todavia, a manutenção e a limpeza do local estão precárias e existem edificações abandonadas pela área do Parque (figura 4.31). Desse modo o potencial paisagístico do local fica prejudicado diante da falta de manutenção.

Segundo a administração do Parque, o Estado só paga as despesas básicas e para administrar os quatro hectares da área de lazer, sem contar com os 83 hectares de mata nativa, há três funcionários e cinco vigilantes terceirizados. Apenas um funcionário do Parque é responsável pela manutenção dos quatro hectares de lazer. A falta de manutenção é percebida pelos respondentes que sugerem mais manutenção e limpeza (47% da amostra) e mais lixeiras (3,5% da amostra; tabela 4.26).

D) Adequação e conforto ambiental

A arborização configura-se como um atrator do Parque do Trabalhador (40% da amostra de respondentes; tabela 4.25). De fato, as observações comportamentais demonstraram que os usuários costumam sentar-se embaixo da sombra das árvores.

Praticamente não existem bancos junto aos equipamentos de lazer no Parque do Trabalhador. Os usuários trazem cadeiras de casa e colocam junto às árvores situadas nas bordas da área de lazer ou improvisam bancos com tocos de árvores. Todavia, a falta de bancos foi sentida por apenas 7% da amostra que solicitou a colocação de mais bancos no local (tabela 4.26).



Figura 4.31 – Edificações e equipamentos abandonados pelo Parque do Trabalhador: a) Fachada deteriorada do antigo vestiário; b) Lixo e vandalismo dentro do antigo vestiário; c) Playground abandonado. Fonte: Roberto Coutinho, 2008.

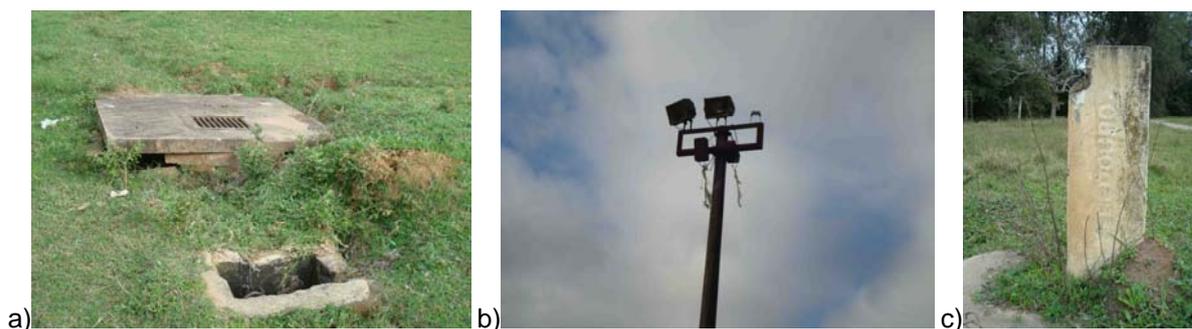


Figura 4.32 – Falta de manutenção no Parque do Trabalhador: a) Buracos pelo Parque; b) Refletores estragados; c) Antigo bebedouro. Fonte: autora, 2008.

Não tem iluminação nas quadras de futebol ou nos espaços de lazer (figura 4.32), o que inviabiliza o uso do parque quando escurece, tornando-se esta uma das principais carências (30% dos respondentes apontaram a necessidade de mais iluminação; tabela 4.26).

A pavimentação do Parque tem trechos em saibro, cimento, basalto e a maior parte do terreno é gramado, mas além da falta de manutenção que deixa a grama alta (figura 4.32), quando chove criam-se poças d'água e as crianças e os adolescentes não podem brincar. Segundo os questionários, 20% dos respondentes solicitaram melhor pavimentação para o local (tabela 4.26), no entanto o problema apontado parece decorrer da falta de drenagem.

Existem sanitários no Parque do Trabalhador situados junto à área dos CTGs, num local cercado por árvores, que certamente dificultam a visualização de quem está fora da área dos galpões. Acredita-se que por este motivo, 13,5% dos respondentes solicitaram a colocação de sanitários (tabela 4.26).

Ainda que o local tenha muitas dificuldades estruturais, verificou-se através dos questionários e das observações comportamentais que 30% usuários costumam permanecer de duas a três horas no local e 27% passam de quatro a cinco horas.

E) Segurança

A implantação do Parque, há mais de 30 anos, numa zona rural tornou-se hoje um problema para sua acessibilidade, porque esta antiga zona de mata foi urbanizada, principalmente através de invasões e atualmente o bairro onde o Parque está inserido é um dos mais pobres e violentos da cidade. Para os moradores do seu entorno, ele é a principal opção de lazer, mas para o restante da cidade, ele é sinônimo de falta de segurança.

Dentro da área de lazer há um grupamento da Guarda Montada da Polícia Militar (conforme já explicado no capítulo 3). Verificou-se que a existência deste grupamento gera mais segurança ao Parque, tanto que 20% dos respondentes declararam que o policiamento adequado é um atrator (tabela 4.25). De acordo com informações da própria Brigada, desde que o Grupamento foi instalado no local, os crimes dentro do Parque diminuíram sensivelmente.

O Parque é todo cercado na parte da frente, porém a tela que separa o espaço de lazer da rua está arrebentada em vários pontos. Estas ‘novas entradas’ foram feitas por alguns usuários que acreditam que a cerca dificulta o acesso. Assim é possível identificar várias passagens ao longo da cerca e, conseqüentemente, a entrada e a saída dos usuários não é controlada.

Em relação ao trânsito, o movimento veicular é baixo na Avenida Vicentina Maria Fidelis, que dá acesso ao Parque, mas na estrada de chão batido que passa dentro do Parque existe um movimento mais baixo, porém constante de carros, caminhões, ônibus e carroças que cortam caminho por dentro da área de lazer. Este movimento preocupa os usuários, sobretudo por causa das crianças que costumam brincar livremente pelo local.

4.2.2.2. Parque Municipal Imperatriz Leopoldina

Durante as observações comportamentais, constatou-se que o movimento de pessoas no Parque Imperatriz Leopoldina é baixo durante a semana e cresce significativamente aos finais de semana. Em alguns dias não foram vistos usuários no local, somente funcionários da limpeza e da segurança, já em outros dias era possível encontrar alguns ônibus de excursão vindos de escolas da região.

Tabela 4.29 – Número de usuários observados no Parque Imperatriz Leopoldina.

	Nº total de usuários*	Média diária
Manhãs	492	35
Tardes	544	39
Total	1036	37

Nota: (*) referente a 14 dias de observações.

Diferentemente dos outros espaços de lazer, o movimento do Parque não aumenta tanto durante a tarde (tabela 4.29), porque os usuários dos finais de semana costumam passar o dia inteiro no local. A maior parte dos usuários costuma freqüentar o local em grupos e os resultados dos questionários vão ao encontro dessas observações (70% dos respondentes vão com filhos, 67% com amigos e 53,5% com companheiro/a).

Os respondentes apresentam alto nível de satisfação com o Parque (97% estão satisfeitos). O nível de satisfação também é alto em relação aos espaços públicos da cidade, em relação às possibilidades de acessar estes espaços públicos pelos diferentes bairros e em viver em São Leopoldo (todos com 70% de satisfação).

Abaixo são apresentadas as justificativas de uso (tabela 4.30) e as sugestões de melhorias (tabela 4.31) apontadas pelos usuários do Parque Imperatriz Leopoldina.

Tabela 4.30 – Justificativas de uso do Parque Imperatriz Leopoldina.

JUSTIFICATIVAS DE USO DO PARQUE IMPERATRIZ LEOPOLDINA	%
Arborização	60
Espaço para a prática de esportes	43,5
Brinquedos	40
Espaço para sentar	37
Manutenção/Limpeza	37
Visual do lugar	33,5
Policimento adequado	27
Reputação do lugar	27
Área de lazer com churrasqueira	27
Realização de eventos	23,5
Movimento de pessoas no local	23,5
Distância de casa/trabalho	23,5
Boa iluminação	20
Facilidade de transporte	20
Estilo das pessoas que freqüentam	20
Divulgação do local	17
Calçadas adequadas para o uso	10
Boa sinalização de acesso ao local	10
Bairro onde se localiza	10
Espaço confortável	3,5

Tabela 4.31 – Sugestões de melhorias para o Parque Imperatriz Leopoldina.

SUGESTÕES	%
Mais equipamentos de lazer	27
Mais policiamento	23,5
Mais divulgação do local	20
Mais bares/comércio no entorno	13,5
Mais eventos	13,5
Mais bancos	7
Banheiro público	3,5
Mais arborização	3,5

A) Acessibilidade

A Avenida Imperatriz Leopoldina, única forma de acesso ao Parque, apresenta Integração Global (RN) de 0,9191 e Integração Local (R3) de 3,1189. Em comparação com as médias do município (RN de 0,6246 e R3 de 1,8827) a via é bem integrada. Verificou-se que o local é um pouco mais integrado globalmente do que localmente (figura 4.33). Para se chegar ao Parque, a via de acesso de veículos é boa e a ciclovia é outra opção aos frequentadores. Além disso, o canteiro central da Avenida Imperatriz serve de pista para caminhadas, portanto o acesso a pé também é facilitado.

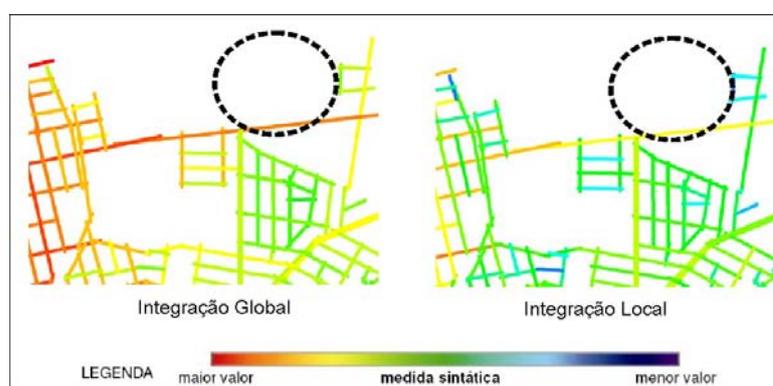


Figura 4.33 – Mapa das medidas sintáticas do Parque Imperatriz Leopoldina. Fonte: autora, 2009.

Foram abordados usuários moradores de 10 bairros diferentes no local, e quase 50% da amostra é composta por moradores dos bairros Feitoria e Pinheiros (tabela 4.32). O primeiro é um bairro vizinho ao Parque e o segundo é onde o Parque está inserido. Ainda que a maioria da amostra seja das proximidades, a facilidade de acesso não parece ser um dos atratores mais importantes para os respondentes (para 23,5% a proximidade de casa é um atrator) (tabela 4.30).

Tabela 4.32 – Bairros de origem dos respondentes do Parque Imperatriz Leopoldina.

BAIRROS	Nº	%
Não Morador*	2	6,7
Campina	1	3,3
Cristo Rei	1	3,3
Feitoria	7	23,3
Pinheiro	7	23,3
Rio Branco	2	6,7
Santo André	2	6,7
Santos Dumont	2	6,7
São José	3	10,0
São Miguel	2	6,7
Scharlau	1	3,3

Nota: (*) Foram encontrados visitantes da cidade de Canoas.

A maioria dos respondentes chega de carro até o local (60%), provavelmente pela zona mais isolada em que o Parque se encontra, sem residências no entorno, não favorecendo o acesso a pé (apenas 37% chegam a pé). Foram abordados no Parque dois indivíduos de outra cidade (tabela 4.32).

Em relação às facilidades de acesso, alguns respondentes reclamaram que existe pouco espaço no estacionamento. Alguns indivíduos tentam entrar de carro no portão de acesso aos pedestres (mas com largura suficiente para entrada de veículos), para colocar seus veículos mais próximos das churrasqueiras. Durante as observações comportamentais, encontrou-se o portão para pedestres fechado em mais de uma ocasião, para evitar que motoristas tentassem colocar o carro na área proibida.

Os acessos ao Parque são bem divulgados, assim como o Parque é o espaço de lazer mais divulgado entre os espaços investigados, justamente por ser novo. Todavia, 20% dos respondentes solicitaram que houvesse maior divulgação do Parque Imperatriz e das suas atividades (tabela 4.31).

B) Características do entorno e diversidade de atividades oferecidas

Através dos levantamentos foi verificado que o Parque está cercado de uma zona de mata e, apesar de estar entre bairros residenciais, existem poucas residências no seu entorno, o que provavelmente influencia a baixa intensidade de apropriação ao Parque.

Durante a semana, o movimento pela manhã é baixo e pela tarde o público se divide entre os pais que levam filhos para brincar no playground e adolescentes que vão jogar nas quadras esportivas (figuras 4.34 e 4.35). Nos finais de semana verificou-se maior variedade de usuários e maior intensidade de uso em todos os equipamentos de lazer, por diferentes faixas etárias.

As quadras esportivas, as canchas de bocha e o playground são, de acordo com os respondentes, fortes atratores do Parque Imperatriz (tabela 4.30). Porém, como estes equipamentos são intensamente utilizados aos finais de semana, 27% respondentes solicitaram a colocação de mais equipamentos de lazer, para evitar desentendimentos entre os usuários (tabela 4.31).

Devido à existência de apenas um playground no Parque, constatou-se que quando chegam excursões escolares, o espaço do playground se torna muito pequeno para a grande demanda de alunos, que geralmente chegam em grupos de 50 crianças (figura 4.36). Já as quadras esportivas precisam ser reservadas, pois os equipamentos como redes e bolas são emprestados pela administração do Parque. Entre os equipamentos, os que apresentam menor intensidade de uso são as canchas de bocha, apropriadas mais pela tarde, geralmente por homens (figura 4.35).

alguns indivíduos costumam chegar mais cedo, antes da abertura do Parque, para conseguir uma churrasqueira, pois segundo informações, no meio da manhã todas já estão lotadas. Os mapas comportamentais revelam que estes espaços são mais utilizados pela manhã (figura 4.34).

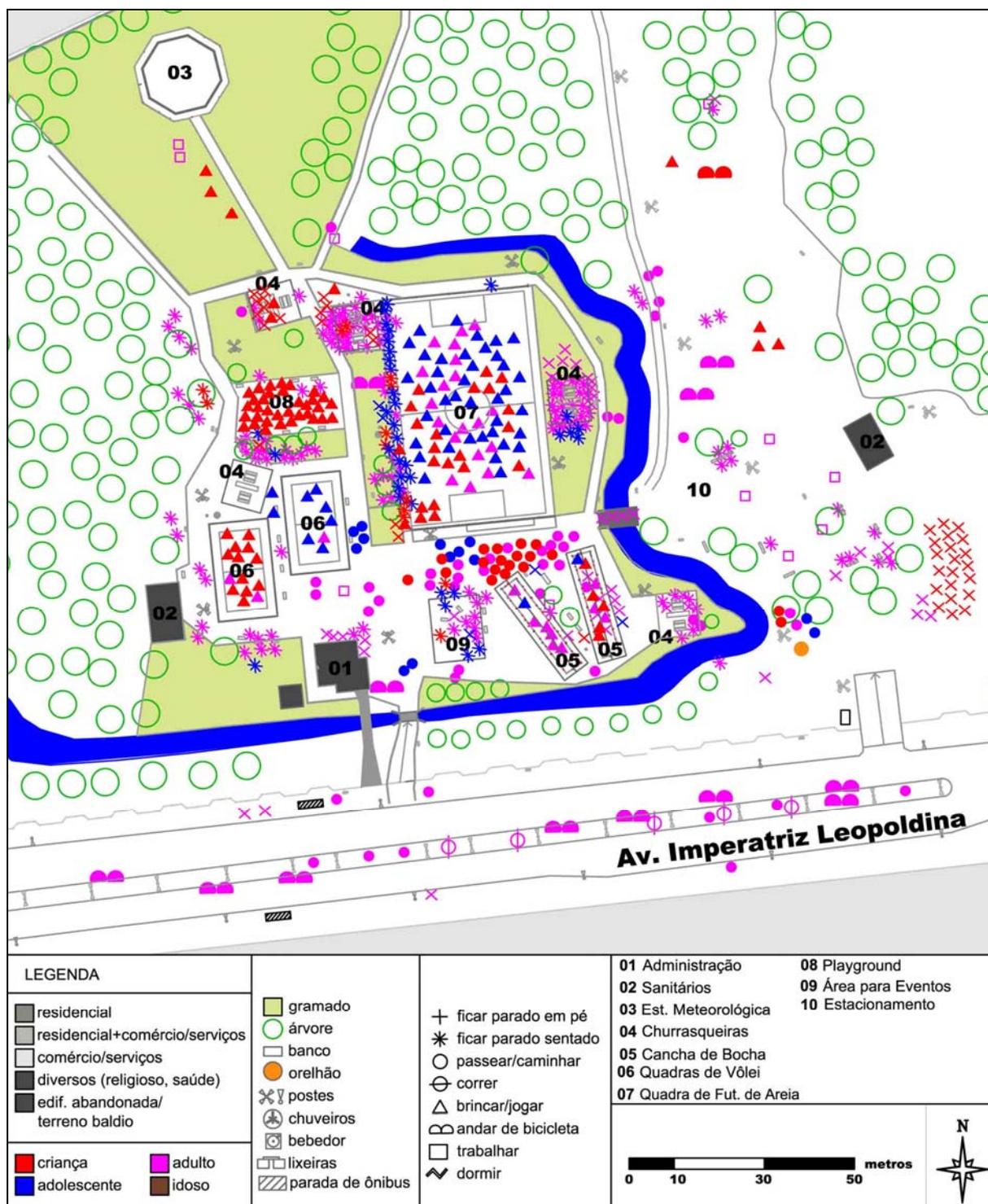


Figura 4.35 – Mapa comportamental do Parque Imperatriz Leopoldina. Resumo das tardes. Fonte: autora, 2009.

Acredita-se que o fato de os usuários chegarem muito cedo e levarem todos os mantimentos de casa, inclusive bebida, porque não há um bar no Parque ou no entorno deste, fez com que 13,5% dos respondentes solicitassem um bar ou uma copa no Parque (tabela 4.31). Certamente, a existência de um local fixo com venda de alimentos dentro do Parque seria favorável para que as pessoas permanecessem mais tempo. Algumas mães reclamam que precisam levar comida de casa, para ficarem mais tempo com os filhos. Na verdade existem comerciantes que têm concessão para vender dentro do Parque e pagam uma espécie de mensalidade ou anuidade para ter este direito, porém nem sempre há vendedores no local. Durante as observações comportamentais, encontrou-se uma vendedora num final de semana e durante os eventos, já em dias de semana, quando há pouco movimento, não há vendedores.



Figura 4. 36 – Formas de apropriação do Parque Imperatriz Leopoldina: a) Crianças no playground; b) Jogo de vôlei; c) Jogo de futebol. Fonte: a) e b) *site* Prefeitura Municipal de São Leopoldo, 2008; c) autora, 2008.



Figura 4.37 – Ambientes no Parque Imperatriz Leopoldina: a) Enchente em 2008 cobriu todos os equipamentos de lazer; b) Usuários trazem cadeiras de casa; c) Improvisando com o que o espaço oferece. Fonte: a) www.panoramio.com/photo/10192517; b) e c) autora, 2008.

Durante as observações comportamentais, além das excursões de escolas da região, constatou-se outros eventos e festas realizadas no Parque: senhoras da Pastoral da Criança fazendo medições nos bebês e ajudando as mães carentes da região, festas de final de ano de empresas, de funcionários da Prefeitura, festas para crianças carentes e promoções e ações da prefeitura, principalmente ligadas à Secretaria do Meio Ambiente, responsável pelo Parque. Dezembro é um mês agitado, com muitos eventos, segundo os funcionários do Parque, já em janeiro e fevereiro o local fica deserto, em consequência do

período de férias. A realização de eventos foi considerada como um atrator por 23,5% dos respondentes (tabela 4.30).

C) Aparência

O Parque Imperatriz foi criado como uma solução urbanística para a 'revitalização' de uma área degradada de São Leopoldo. Ao retirar famílias que moravam irregularmente no local e implantar o Parque, qualificou-se a área, dando uma nova imagem à Avenida Imperatriz Leopoldina. Por estar numa zona de preservação permanente, o Parque tem na mata do seu entorno o seu grande recurso paisagístico e o visual do Parque foi apontado como um atrator por 33,5% dos respondentes (tabela 4.30).

O Parque é, entre os espaços observados, o que apresenta melhor manutenção e limpeza. Existem duas equipes destacadas para fazer a limpeza do local e a manutenção foi considerada um atrator por 37% dos respondentes (tabela 4.30).

D) Adequação e conforto ambiental

O Parque Imperatriz tem pares de bancos em cada área com churrasqueiras e outros distribuídos pela área de lazer, totalizado em torno de 50 bancos no parque. A existência destes espaços foi considerada um atrator por 37% da amostra (tabela 4.30). Todavia, verificou-se que alguns indivíduos que usam a área com churrasqueiras trazem cadeiras de casa (figura 4.37), provavelmente devido a impossibilidade de mover os bancos que estão junto às mesas e também pela falta de espaços para sentar, próximo às churrasqueiras, que ficam superlotadas nos finais de semana.

Os usuários das áreas com churrasqueira têm pouca privacidade, pois cada área é composta por duas churrasqueiras, que geralmente são apropriadas por grupos diferentes. Como o espaço é pequeno ficam todos juntos, de modo que é impossível conversar ou escutar música, por exemplo, sem interferir na privacidade do outro grupo. Além disso, as áreas com churrasqueiras são muito próximas entre si e nos finais de semana de maior movimento, a privacidade é ainda menor (figuras 4.34 e 4.35).

Observou-se que as áreas com churrasqueira com menos sombra e as quadras esportivas, nos dias muito quentes, são pouco utilizadas pelo calor excessivo. Alguns usuários trazem de casa cadeiras e esteiras e ficam nas bordas da área de lazer, onde tem mais árvores. De acordo com os questionários, a grande quantidade de árvores do Parque é o principal atrator do local (60% da amostra) (tabela 4.30).

Já em relação à pavimentação do Parque, constatou-se que quando chove o local enfrenta problemas, pois ele está numa zona alagadiça e durante as chuvas o chão fica

lamacento, podendo ser encoberto na época das cheias. Em 2008 as águas encobriram a área de lazer quase alcançando a Av. Imperatriz Leopoldina (figura 4.37).

Os usuários de final de semana costumam passar o dia no local e em alguns momentos, ao realizar as observações da tarde, foi possível constatar a presença dos mesmos usuários da manhã. Os questionários também evidenciam este longo tempo de permanência (37% costumam passar de quatro a cinco horas e 30% passam de duas a três horas).

A localização do parque em zona de banhado, com mata densa, próxima ao Rio dos Sinos, faz com que haja grande quantidade de mosquitos e alguns respondentes reclamaram, ainda que não deixem de usar o local por este motivo. Todavia como é uma Unidade de Conservação não se pode imunizar ou colocar química na mata, mas quando muito necessário, é feita uma imunização somente na área de lazer.

E) Segurança

O Parque Imperatriz Leopoldina funciona das 9h às 18h e tem dois guardas municipais que trabalham em dias alternados, para fazer a segurança do local. Além da Guarda, a área de lazer é cercada na parte da frente – voltada para a Avenida Imperatriz – e nas laterais. Todavia os fundos, onde existe a mata nativa, não há cercas ou muros, apenas orientações para que os usuários não andem pela mata sem o acompanhamento de um guia.

O policiamento foi considerado um atrator por 27% dos usuários respondentes (tabela 4.30), mas 23,5% solicitaram mais policiamento (tabela 4.31), e acredita-se que a causa da insegurança esteja na mata que cerca o espaço de lazer. Assim, ao mesmo tempo em que a mata agrada pela presença da arborização e contato com a natureza, pode gerar insegurança em alguns usuários pela ausência de edificações e movimento.

Em conversas informais, alguns usuários declararam que o cercamento é muito positivo, pois dá a sensação de controle e segurança, porém outras pessoas, não usuárias do Parque, questionaram se o local era privado ou se teriam que pagar algum valor para entrar e usufruir de seus equipamentos, porque o cercamento dava a impressão de uso privado.

Em relação ao trânsito, apesar da Avenida Imperatriz Leopoldina ter um movimento intenso de carros de passeio, ônibus e caminhões, o fato do Parque ser cercado parece tranquilizar os pais que deixam os filhos brincando tranquilamente pelo local.

4.2.2.3. Comparação entre as características físico-espaciais e comportamentais dos parques

Os dois parques pesquisados estão situados em bairros residenciais, porém o Parque Imperatriz está mais integrado na malha da cidade e, portanto, mais acessível ao morador, do que o Parque do Trabalhador. Todavia, este último, pela sua proximidade com a BR116, está mais integrado regionalmente e facilita o acesso do visitante de outras localidades. Ao comparar a presença de visitantes de outras localidades e de outros bairros em cada parque (figura 4.38) verifica-se que o Parque Imperatriz tem maior variedade de usuários de diferentes bairros de São Leopoldo e o Parque do Trabalhador tem maior número de visitantes de outras cidades, confirmando a influência da localização dos Parques na origem dos usuários.

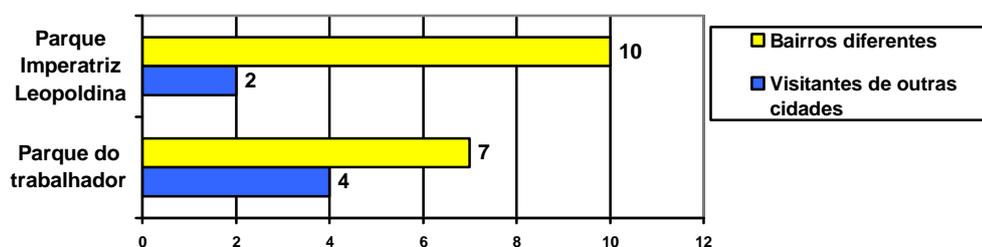


Figura 4.38 – Número de visitantes de outras localidades e de outros bairros observados nos parques. Forte: autora, 2009.

Já os níveis de integração global e local não parecem ser tão relevantes para a intensidade de uso dos Parques, pois o Parque do Trabalhador apresenta maior movimento diário do que o Parque Imperatriz (figura 4.39).

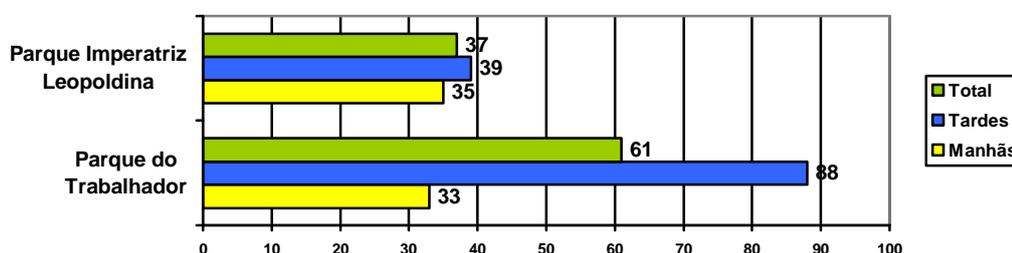


Figura 4.39 – Número médio diário de usuários observados nos parques. Forte: autora, 2009.

As semelhanças entre os dois Parques estão nos atratores, que dizem respeito às atividades e equipamentos oferecidos e à vegetação do local (tabela 4.33). Portanto, embora os parques tenham localização diferente, as motivações são semelhantes e ambos

apresentam diversidade nas faixas etárias dos usuários. No Parque do Trabalhador, a proximidade de casa ou do trabalho influenciou mais fortemente nas escolhas (tabela 4.33), justamente porque quem usa mais frequentemente são os moradores do entorno.

Tabela 4.33 – Principais atratores dos parques.

PARQUES	ATRATORES	%
Parque do Trabalhador	Espaço para a prática de esportes	43,5
	Arborização	40
	Distância de casa/trabalho	40
	Realização de eventos	30
Parque Imperatriz Leopoldina	Arborização	60
	Espaço para a prática de esportes	43,5
	Brinquedos	40
	Espaço para sentar	37

A maior intensidade de uso do Parque do Trabalhador é decorrente da existência de escolas, da realização de eventos e também por ter residências mais próximas, ao contrário do Parque Imperatriz que está cercado por uma zona de mata, sem residências contíguas e sem atratores de uso cotidiano. Também a densidade populacional é maior no bairro onde o Parque do Trabalhador está inserido (11.671 mil moradores, enquanto que os bairros São José e Pinheiros, onde está o Parque Imperatriz juntos não totalizam 6.000 moradores).

Além das diferenças na intensidade de uso, os Parques apresentam resultados contrastantes nos níveis de satisfação dos usuários, motivados pela aparência (manutenção) do local. Praticamente todos os usuários do Parque Imperatriz Leopoldina, que se apresenta bem cuidado, estão satisfeitos com o espaço público de lazer (97% de satisfação), já os usuários do Parque do Trabalhador, que está carente de manutenção, estão menos satisfeitos com o local (43,5% de satisfação).

Portanto, para os parques pesquisados, a localização espacial não se mostrou tão relevante para a intensidade e uso, quando existem fortes atratores capazes de motivar deslocamentos maiores. Já a aparência mostrou-se relevante para os níveis de satisfação dos usuários.

4.2.3. Características físico-espaciais e comportamentais das ruas

4.2.3.1. Rua Independência

A Rua Independência é, durante o dia e a noite, um ponto de encontro para moradores de São Leopoldo e de outras cidades. Ao analisar o movimento de pedestres por turno, verificou-se que as tardes apresentam um movimento de pessoas maior do que as noites (tabela 4.34), provavelmente motivadas pelo uso comercial.

Tabela 4.34 – Número de usuários observados na Rua Independência.

	Nº total de usuários*	Média diária
Tardes	9034	645
Noites	7233	517
Total	16267	581

Nota: (*) referente a 14 dias de observações.

Abaixo são apresentadas as principais justificativas de uso (tabela 4.35) e as sugestões de melhorias (tabela 4.36), de acordo com os respondentes da Rua Independência.

Tabela 4.35 – Justificativas de uso da Rua Independência.

JUSTIFICATIVAS	%
Comércio do entorno	80
Movimento de pessoas no local	57
Espaço para sentar	33,5
Distância de casa/trabalho	33,5
Boa iluminação	30
Calçadas adequadas para o uso	27
Visual do lugar	23,5
Policimento adequado	20
Bairro onde se localiza	20
Estilo das pessoas que freqüentam	20
Manutenção/Limpeza	17
Facilidade de transporte	17
Realização de eventos	17
Divulgação do local	13,5
Reputação do lugar	13,5
Arborização	7
Boa sinalização de acesso ao local	7
Fluxo de veículos	7
Espaço confortável	3,5

Tabela 4.36 – Sugestões de melhorias para a Rua Independência.

SUGESTÕES	%
Mais policiamento	33,5
Calçadas mais adequadas para o uso	33,5
Mais bares/comércio	27
Mais lixeiras	27
Mais eventos	20
Mais controle da poluição sonora	13,5
Mais bancos	10
Controle do trânsito	3,5

De acordo com os resultados do questionário, 43,5% dos respondentes da Rua Independência estão satisfeitos com o local e 40% estão neutros, nem satisfeitos e nem insatisfeitos. Já em relação à satisfação com os espaços públicos de lazer de São Leopoldo, a maioria está descontente (53,5% da amostra), talvez motivada pelo descontentamento com as possibilidades de circulação pela cidade para visitação de outros espaços de lazer

(40% estão insatisfeitos). Ainda assim, a maioria está satisfeita de morar em São Leopoldo (53% da amostra).

A) Acessibilidade

A Rua Independência tem localização privilegiada, no centro da cidade e sua acessibilidade é favorecida. Através do mapa das medidas sintáticas nota-se que a via é bem integrada globalmente e localmente (figura 4.40). Apresenta medidas de Integração Global (RN) de 1,0145 e Integração Local (R3) de 3,3432, e em comparação com as médias do município (RN de 0,6246 e R3 de 1,8827) a Rua Independência está superiormente integrada.

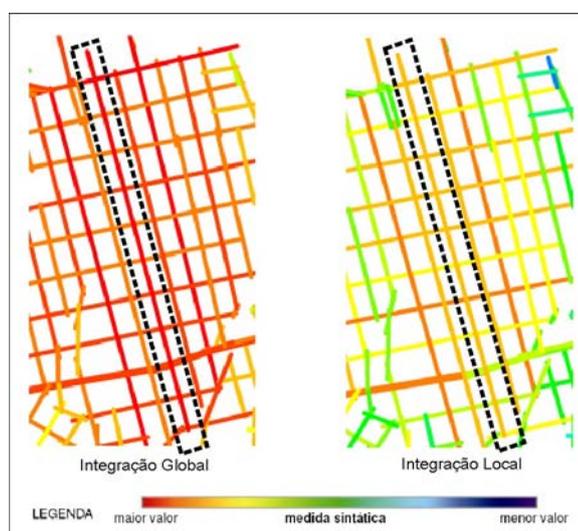


Figura 4.40 – Mapa das medidas sintáticas da Rua Independência. Fonte: autora, 2009.

O fluxo de pedestres e veículos na Rua Independência é sempre intenso. De acordo com os questionários, os indivíduos chegam até a via principalmente de carro (57%), de ônibus (50%) e a pé (43,5%). A boa localização da Rua Independência, próxima de casa ou do trabalho, foi para 33,5% dos respondentes, um atrator (tabela 4.36).

Através dos questionários, foram identificados usuários moradores de 16 bairros diferentes, sendo que o maior número de usuários são moradores do Centro e do bairro Feitoria (tabela 4.37). Foram encontrados visitantes de apenas outras duas cidades (6,7%).

Tabela 4.37 – Bairros de origem dos respondentes da Rua Independência.

BAIRROS	Nº	%
Não Morador	2	6,7
Campestre	1	3,3
Campina	1	3,3
Centro	7	23,3
Cristo Rei	2	6,7
Duque de Caxias	1	3,3
Feitoria	5	16,7
Morro do Espelho	1	3,3
Padre Reus	1	3,3
Pinheiro	1	3,3
Rio dos Sinos	1	3,3
Santa Tereza	2	6,7
Santo André	1	3,3
São João Batista	1	3,3
São José	2	6,7
São Miguel	1	3,3

Nota: (*) Foram encontrados visitantes das cidades de Esteio e Feliz.

B) Características do entorno e diversidade de atividades oferecidas

O uso comercial é, certamente, o grande atrator da Rua Independência (80% de freqüência; tabela 4.35). É a principal rua comercial do centro da cidade de São Leopoldo e além do diversificado comércio formal, há o informal com *towners* de cachorro quente, carrinhos de pipoca e churros, vendedores de bijuterias e artigos variados, que se concentram nas calçadas e em ruas perpendiculares à Independência.

Através das observações comportamentais, constatou-se que durante as tardes, os usuários da Independência vão até o local para apreciar o comércio: caminham, olham vitrines, fazem compras, param em algum bar ou param quando encontram conhecidos e assim o movimento segue ao longo da tarde. Já durante a noite, com as lojas fechadas, os indivíduos se concentram mais nos bares, então o caminhar diminui de intensidade e aumenta o número de pessoas sentadas nos bares e nas esquinas (figura 4.42). Nos finais de semana, quando as lojas estão fechadas, as formas de apropriação da Rua Independência tornam-se semelhantes as da noite.

O comércio gera movimento de pessoas e fluxo de veículos que também são atratores da via, pois muitas pessoas sentam-se nas mesinhas ao longo da Rua Independência para observar o movimento de carros e pedestres, assim como muitos motoristas circulam pela Independência para observar o movimento de pedestres (57% dos respondentes declararam que o movimento de pessoas no local é um atrator).

Constatou-se que, durante o dia, o movimento é concentrado nos quarteirões do meio da Independência. Percorrendo a via no sentido norte-sul, o movimento vai crescendo, tornando-se intenso com o passar dos quarteirões e diminui novamente nos dois últimos quarteirões da via (figura 4.41). Analisando o mapa comportamental com o acumulado das

noites observadas, (figura 4.42), verifica-se que os quarteirões do meio também concentram o maior número de usuários. Essa intensificação deve-se ao tipo de comércio existente neste trecho, um comércio mais popular, já nas quadras das extremidades, os bares e lojas existentes aparentam ser para públicos com maior poder de compra.

Durante as observações comportamentais, verificou-se a grande variedade de usuários circulando pela independência. Foram encontrados adolescentes passeando em grupos, adultos, crianças acompanhadas dos pais, meninos de rua e pedintes (figura 4.41 e 4.42). O maior público é de adultos e de acordo, com os resultados dos questionários, este público adulto teria maioria na faixa de 18 a 25 anos (53,5%).

De fato há muitos adultos jovens pela Rua Independência, principalmente à noite. Ao observar o mapa comportamental noturno da via, verifica-se a grande variedade de tipos de adultos jovens que se dividem em grupos ao longo da Rua (figura 4.42). No início da via (ao norte) os estabelecimentos comerciais colocam músicas em ritmo de samba e pagode, nos quarteirões do meio – entre as ruas Presidente Roosevelt e Conceição – os usuários estacionam seus veículos e ligam o som que toca *funk*, principalmente. Já no final da Independência é possível escutar MPB, *rock* nacional e internacional, vindo dos bares com música ao vivo.

Também existem pontos de concentração de homens idosos na Independência, que costumam sentar nos bancos das esquinas, para conversar e observar o movimento ou sentar às mesas do bar que é tradicional da cidade, o Senadinho (figura 4.43).

A rotina da via seguidamente é alterada em função dos eventos, pois a Independência é o grande palco das comemorações coletivas. Pode-se dizer que é o espaço público mais democrático de São Leopoldo, em relação às manifestações populares (figura 4.44). Quando têm jogos de futebol as pessoas se reúnem nos bares para assistir ou vão depois para comemorar a vitória dos seus times, praticamente fechando a via; as passeatas políticas sempre passam pela Independência. Durante o carnaval, os blocos obrigatoriamente passam por ela; no natal há desfiles de escolas da cidade; a parada Gay também sempre faz um desfile/passeata pela Independência (figura 4.44). Dessa forma, a Rua Independência abarca todas as formas de manifestações e sempre foi assim, desde os primeiros anos de São Leopoldo.

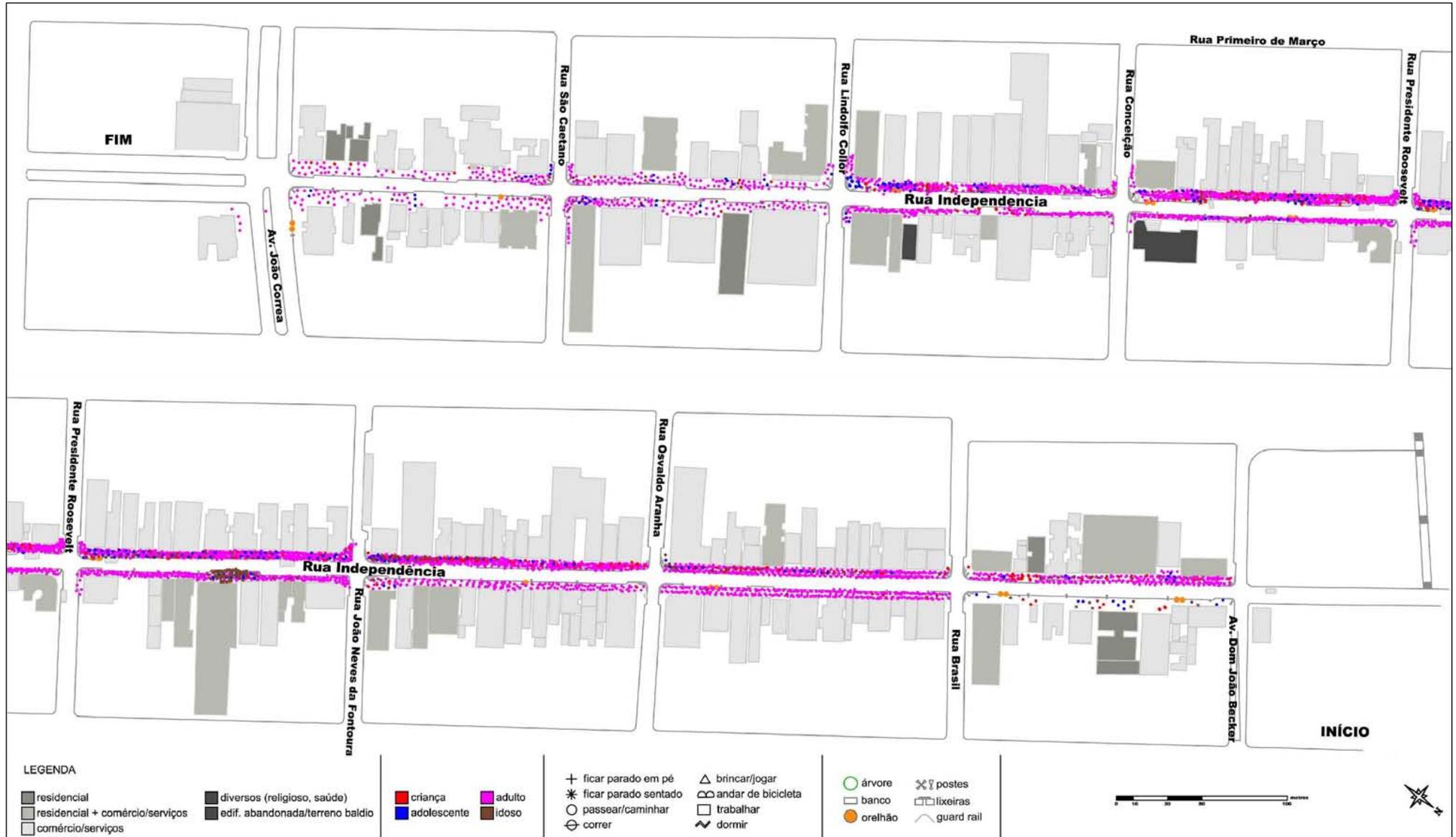


Figura 4.41 – Mapa comportamental da Rua Independência. Resumo das tardes. Fonte: autora, 2009.



Figura 4.42 – Mapa comportamental da Rua Independência. Resumo das noites. Fonte: autora, 2009.



Figura 4.43 – Formas de apropriação da Rua Independência: a) Usuário comprando alimento do vendedor ambulante; b) Bares costumam com forte uso noturno; c) Idosos no Bar Senadinho. Fonte: autora, 2008.



Figura 4.44 – Eventos na Rua Independência: a) Desfile de Carnaval; b) Parada Gay na Rua Independência; c) Desfiles de abertura da São Leopoldo *Fest*. Fonte: a) e c) *site* da cidade de São Leopoldo, 2008; b) *site* Jornal Vale dos Sinos, 2008.

Ainda que a Rua Independência tenha a maior concentração de uso comercial da cidade, alguns respondentes acreditam que faltam estabelecimentos comerciais na via (27% da amostra; tabela 4.36). Pode-se dizer que esta reivindicação diz respeito ao tipo e a distribuição do comércio ao longo da Rua. Muitos respondentes reclamaram de estabelecimentos ‘estilo 1,99’ que trazem um aspecto excessivamente popular para a via. Também existe uma distribuição desordenada de estabelecimentos de lazer noturno, gerando um acúmulo de pessoas em determinados pontos da Independência e o esvaziamento de outros pontos, pela ausência de bares, o que contribui para a falta de segurança.

C) Aparência

A Rua Independência possui edificações de valor estético – formal e simbólico –, que ajudam a reforçar a importância histórica da via e a embelezá-la. Porém, tais casarões abrigam estabelecimentos comerciais que escondem suas fachadas com propagandas, de modo que a maior parte das edificações fica escondida e privada da apreciação pelo grande público.

A limpeza da Rua Independência é realizada por equipes da Prefeitura e pode ser considerada positiva. Alguns equipamentos da via enfrentam problemas de manutenção,

como bancos que estão deteriorados pelo intenso uso e alguns *guard rails* que foram quebrados.

Verificou-se que durante a noite há uma produção maior de lixo por parte dos usuários que bebem na rua e, ainda que existam lixeiras ao longo da via, deixam garrafas espalhadas pelas calçadas e na soleira dos estabelecimentos comerciais. Outros usuários fazem dos lugares mais escondidos da Independência um mictório, deixando o odor desagradável para os usuários da manhã e mais trabalho para os funcionários da limpeza e para os lojistas. Apesar destes problemas, o visual positivo e a manutenção da Rua Independência são considerados atratores por 23,5% e 17% dos usuários respondentes, respectivamente (tabela 4.35).

D) Adequação e conforto ambiental

Durante as observações verificou-se o importante papel desempenhado pelos bares e restaurantes da Rua Independência em relação à adequação e conforto ambiental. A maior parte destes estabelecimentos está situada nos alargamentos das calçadas da Rua Independência, onde são colocadas mesas e cadeiras para não obstruir a passagem. Os estabelecimentos têm coberturas que avançam junto com as calçadas e protegem os clientes da chuva e do sol (figura 4.43). Conseqüentemente o usuário pode sentar-se no espaço público e apreciar o movimento. Além das cadeiras disponibilizadas pelos estabelecimentos comerciais, existem pares de bancos, em todas as esquinas. De acordo com os questionários, a existência de espaços para sentar foi considerada um atrator por 33,5% dos respondentes.

Observou-se que as pessoas costumam parar nas esquinas em pé ou sentadas, conversando, tomando chimarrão, mesmo nos dias de semana. Aos finais de semana e à noite o movimento nas esquinas cresce, as pessoas sentam-se nas escadarias e nos *guard rails*, principalmente (figura 4.45). Conseqüentemente, em muitas esquinas os *guard rails* foram danificados pelo uso contínuo.

Os bancos das esquinas foram originalmente presos ao chão, porém, frente a impossibilidade de mobilidade, alguns usuários os soltaram, para conseguir usar os bancos conforme sua vontade. Ao longo das observações, constatou-se a movimentação do mobiliário pela Rua Independência, que dificilmente era encontrado no mesmo lugar do dia anterior.

Existem postes em vários pontos da via e garantem uma boa iluminação noturna em toda a extensão da Rua Independência, conseqüentemente possibilita o uso noturno. A boa iluminação foi considerada como um atrator por 30% dos usuários respondentes.

O transitar é a principal atividade realizada pelos usuários da Rua Independência, por essa razão é essencial que as calçadas favoreçam a apropriação, garantindo a acessibilidade universal. Durante a pesquisa, observou-se alguns cadeirantes e deficientes visuais circulando pela Independência. Um cadeirante abordado, disse transitar normalmente pela via e apenas reclamou dos motoristas que não dão passagem aos pedestres na faixa de segurança. Porém ainda que as pessoas usem intensamente a via e que 27% dos respondentes considerem o calçamento um atrator (tabela 4.35), 33,5% dos respondentes identificaram o calçamento como uma deficiência da via, solicitando melhorias nesse sentido (tabela 4.36). Acredita-se que estas reclamações referem-se aos obstáculos (como mesas e cadeiras) encontrados na rua, pois em dias com movimento muito intenso, os trechos onde estão localizados os bares têm fluxo de pedestres dificultado devido ao mobiliário e concentração de pessoas.

Observou-se que o sol também influencia o movimento de pedestres. Durante o verão, quando as temperaturas estão altas, os usuários andam nas calçadas que tem mais sombra, já durante o inverno o movimento é inverso, e as calçadas com sombra são evitadas.



Figura 4.45 – Uso intenso da Rua Independência durante o dia e a noite: a) Usuários circulando pelas calçadas e movimento intenso de carros; b) Jovens conversam nas esquinas enquanto carros ‘desfilam’. Fonte: a) e b) autora, 2009;

Em relação ao tempo de permanência na Rua Independência, alguns usuários declararam que chegam a ficar cerca de 6 horas diárias no local (30%). De fato, observou-se que alguns trabalhadores quando saem do serviço, costumam sentar nos bares da Independência para fazer um *happy hour* e justamente são estes usuários que acabam

passando muitas horas na Rua, além daqueles que vão especificamente para freqüentar os bares e danceterias. Todavia o tempo de permanência é variado (27% dos respondentes costumam passar até uma hora e 27% costumam passar de duas a três horas), pois é possível realizar diversas atividades no local.

E) Segurança

Em relação à segurança, nota-se que a Rua Independência possui diferentes tipos de uso, com ambientes que funcionam nos três turnos e convidam ao ‘estar’, conseguindo manter grande número de usuários em momentos diferentes do dia, por isso a via tende a ser percebida como um espaço mais seguro, pelo constante movimento.

Durante as observações comportamentais, foram registradas viaturas da polícia militar e da guarda municipal circulando pela Rua e fazendo *blitz* de fiscalização com os pedestres e motoristas. A Rua Independência recebe grande número de usuários quando existem eventos ou comemorações e verificou-se que o efetivo policial é reforçado nessas ocasiões. O policiamento foi considerado como um atrator por 20% dos respondentes (tabela 4.35), porém 33,5% acreditam que haja necessidade de mais policiamento para a via (tabela 4.36).

Em conversas informais, algumas pessoas reclamaram da falta de movimento à noite, em alguns quarteirões que não têm estabelecimentos de lazer noturno e tornam-se vazios com o avançar da madrugada. Além disso, existem muitos moradores de rua, pedintes e flanelinhas que trazem insegurança à via.

4.2.3.2. Av. São Borja

O uso da Avenida São Borja foi confirmado através das observações comportamentais, que revelaram os diferentes horários e intensidades de apropriação. Foi possível constatar que o movimento cresce significativamente pelas tardes (tabela 4.38).

Tabela 4.38 – Número de usuários observados na Av. São Borja.

	Nº total de usuários*	Média diária
Manhãs	1379	99
Tardes	2372	169
Total	3751	134

Nota: (*) referente a 14 dias de observações.

Abaixo são apresentadas as principais justificativas de uso (tabela 4.39) e as sugestões de melhorias para a Avenida São Borja (tabela 4.40), apontadas pelos respondentes.

Tabela 4.39 – Justificativas de uso da Av. São Borja.

JUSTIFICATIVAS	%
Distância de casa/trabalho	60
Calçadas adequadas para o uso	53,5
Bairro onde se localiza	50
Comércio do entorno	50
Boa iluminação	47
Espaço para a prática de esportes	47
Movimento de pessoas no local	43,5
Arborização	37
Reputação do lugar	33,5
Visual do lugar	33,5
Manutenção/Limpeza	30
Estilo das pessoas que freqüentam	30
Facilidade de transporte	27
Espaço para sentar	13,5
Boa sinalização de acesso ao local	13,5
Divulgação do local	13,5
Fluxo de veículos	10
Policimento adequado	10
Brinquedos	3,5

Tabela 4.40 – Sugestões de melhorias para a Av. São Borja.

SUGESTÕES	%
Controle do trânsito	43,5
Mais policiamento	33,5
Calçadas mais adequadas para o uso	30
Mais manutenção	27
Mais lixeiras	20
Mais bancos	17
Melhor iluminação pública	17
Construção de uma ciclovia	10
Mais bares/comércio	3,5

Grande parte dos usuários está satisfeita (63,5% da amostra) com a Avenida São Borja, em relação à satisfação das suas necessidades de lazer, assim como a maior parte está satisfeita de morar na cidade (80% da amostra). Todavia, em relação à satisfação com os espaços públicos em geral, somente 27% estão satisfeitos, talvez influenciados pelo descontentamento com as condições de circulação pelos diferentes bairros da cidade para visitar estes espaços (43,5% da amostra está satisfeita).

A) Acessibilidade

A Avenida São Borja se configura como uma importante via de integração do centro de São Leopoldo com a parte sudeste do município. De acordo com o mapa das medidas sintáticas, tem níveis de integração global e local muito semelhantes, sendo um pouco mais integrada globalmente (figura 4.46). Apresenta níveis de Integração Global (RN) de 0,8558 e Integração Local (R3) de 3,0242. Em comparação com as médias do município (RN de 0,6246 e R3 de 1,8827) a via está bem integrada.

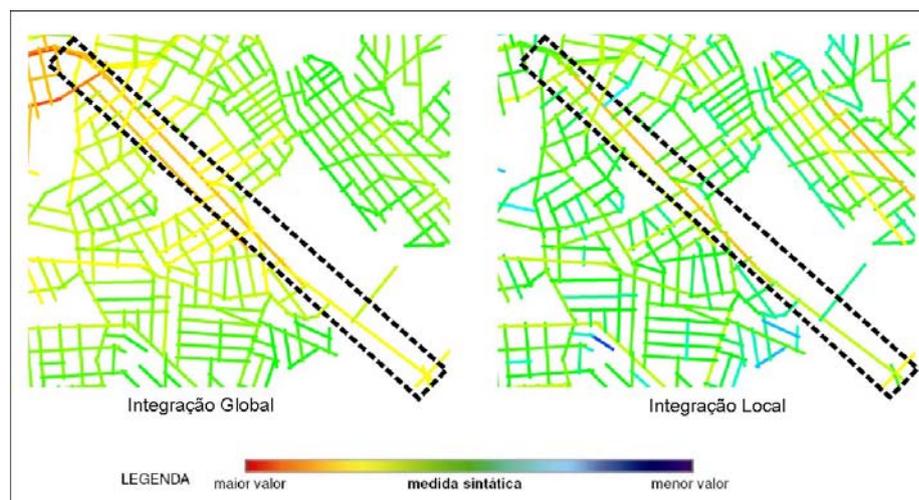


Figura 4.46 – Mapa das medidas sintáticas da Avenida São Borja. Fonte: autora, 2009.

Segundo os questionários, foram abordados moradores de oito bairros diferentes, sendo que seis bairros estão localizados nas proximidades da Avenida São Borja (tabela 4.41). Não foram encontrados visitantes de outras cidades fazendo compras, caminhadas ou circulando pela via em momento de lazer.

Tabela 4.41 – Bairros de origem dos respondentes da Avenida São Borja.

BAIRROS	Nº	% por EP
Campestre	1	3,3
Campina	2	6,7
Centro	2	6,7
Cristo Rei	1	3,3
Duque de Caxias	0	0
Fazenda São Borja	2	6,7
Jardim América	3	10,0
Rio Branco	18	60,0
São José	1	3,3

Muitos usuários da Avenida São Borja acessam a via através das ruas laterais e costumam deslocar-se a pé, dando impressão de que moram nas redondezas. Esta observação foi confirmada pelos questionários (83,5% da amostra declarou que vai a pé até o local).

A importância da localização da Avenida São Borja para seus usuários foi confirmada através dos questionários, visto que a proximidade de casa ou do trabalho foi considerada o principal atrator por 60% da amostra e a localização da Avenida São Borja foi considerada um atrator por 50% da amostra (tabela 4.39).

Existem paradas de ônibus ao longo da Avenida, porém o intervalo de espera geralmente é grande, pois circula apenas uma linha de ônibus pela via. Aos finais de semana o tempo de espera é ainda maior, podendo chegar à uma hora de espera.

B) Características do entorno e diversidade de atividades oferecidas

As características de uso do entorno, influenciam fortemente a dinâmica de apropriação dos usuários da Avenida São Borja. Observou-se que o movimento de pedestres nos quarteirões comerciais, concentra-se nas calçadas junto aos estabelecimentos comerciais e as residências. Os indivíduos caminham, fazem comprar e param para conversar. Pela manhã é possível avistar algumas pessoas fazendo caminhadas ou correndo no canteiro central (figura 4.47). Já no trecho industrial, o fluxo concentra-se nos canteiro central e diminui nas laterais, porque os terrenos são em sua maioria, compostos por residências, por muros cegos e terrenos baldios. Na parte da tarde, o movimento em torno dos estabelecimentos comerciais aumenta, assim como o uso do canteiro central para prática de esportes. No final da tarde, quando as lojas fecham, o uso concentra-se no canteiro central, que fica repleto de usuários fazendo caminhadas e corridas (figuras 4.48).

Existem poucos bares na Avenida São Borja, e os existentes estão sempre com clientes: tanto pela manhã quanto pela tarde é possível avistar os freqüentadores, sobretudo homens. Destaca-se um bar chamado Ellus, situado na esquina da Rua Bento Alves com a Avenida São Borja, que é intensamente freqüentado por homens conversando e bebendo, sentados ou em pé, escorados no balcão (figuras 4.47, 4.48 e 4.49).

Pode-se dizer, a partir das observações comportamentais, que as atividades mais freqüentes estão relacionadas ao comércio e a pista para caminhadas, sendo estes os principais atratores da via (o comércio foi considerado um atrator por 50% dos respondentes e a existência de espaço para a prática de esportes foi considerado um atrator por 47%; tabela 4.39).

O fluxo de veículos de passeio e caminhões na Avenida São Borja é intenso e permanece constante ao longo de toda via. A grande quantidade de caminhões é consequência do uso industrial da Avenida. O movimento de bicicletas também é significativo em qualquer hora do dia e acredita-se que este fluxo é gerado por trabalhadores das indústrias que chegam para trabalhar de bicicleta e também ciclistas (figuras 4.47, 4.48 e 4.49).

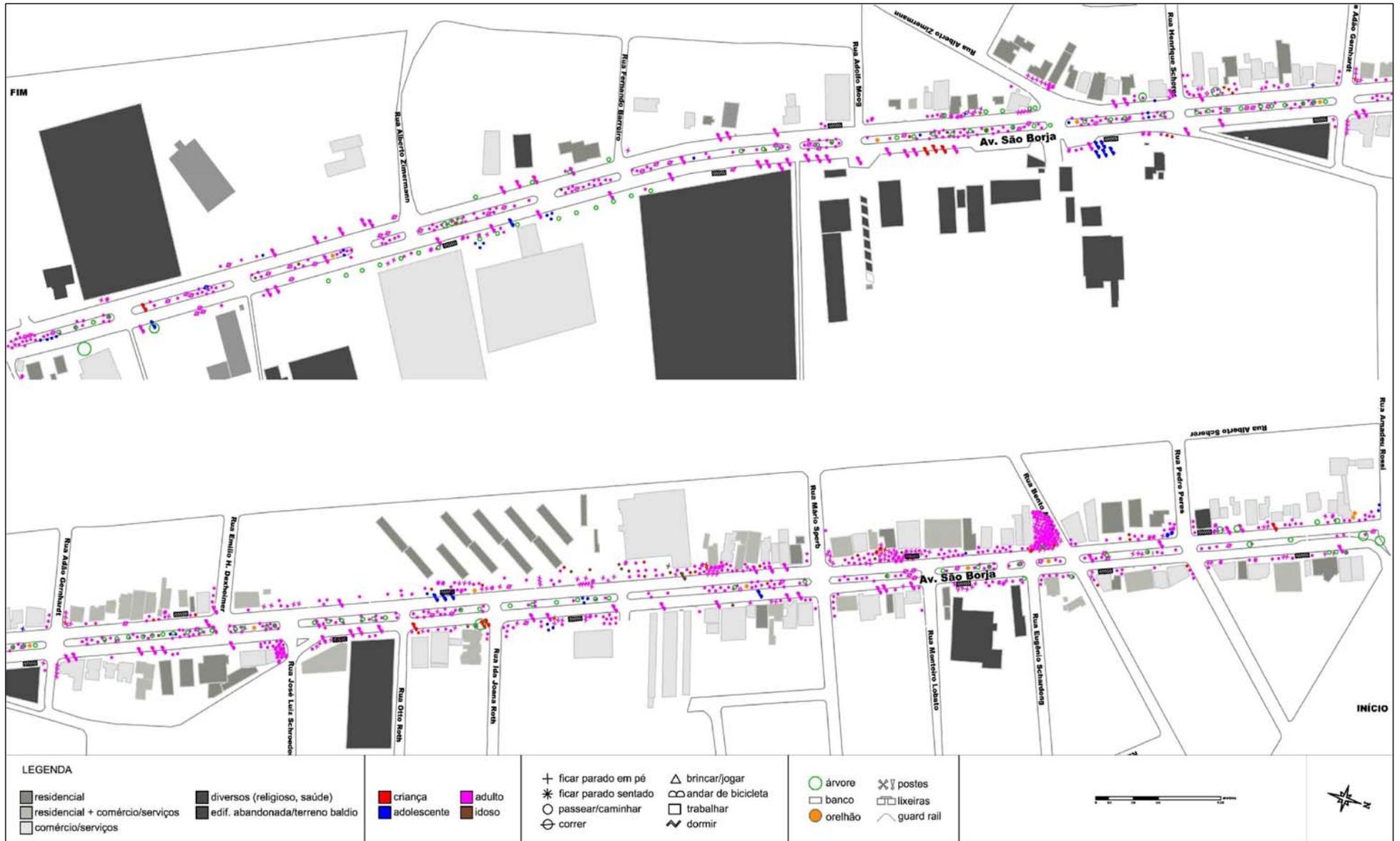


Figura 4.47 – Mapa comportamental Avenida São Borja. Resumo das manhãs. Fonte: autora, 2009.

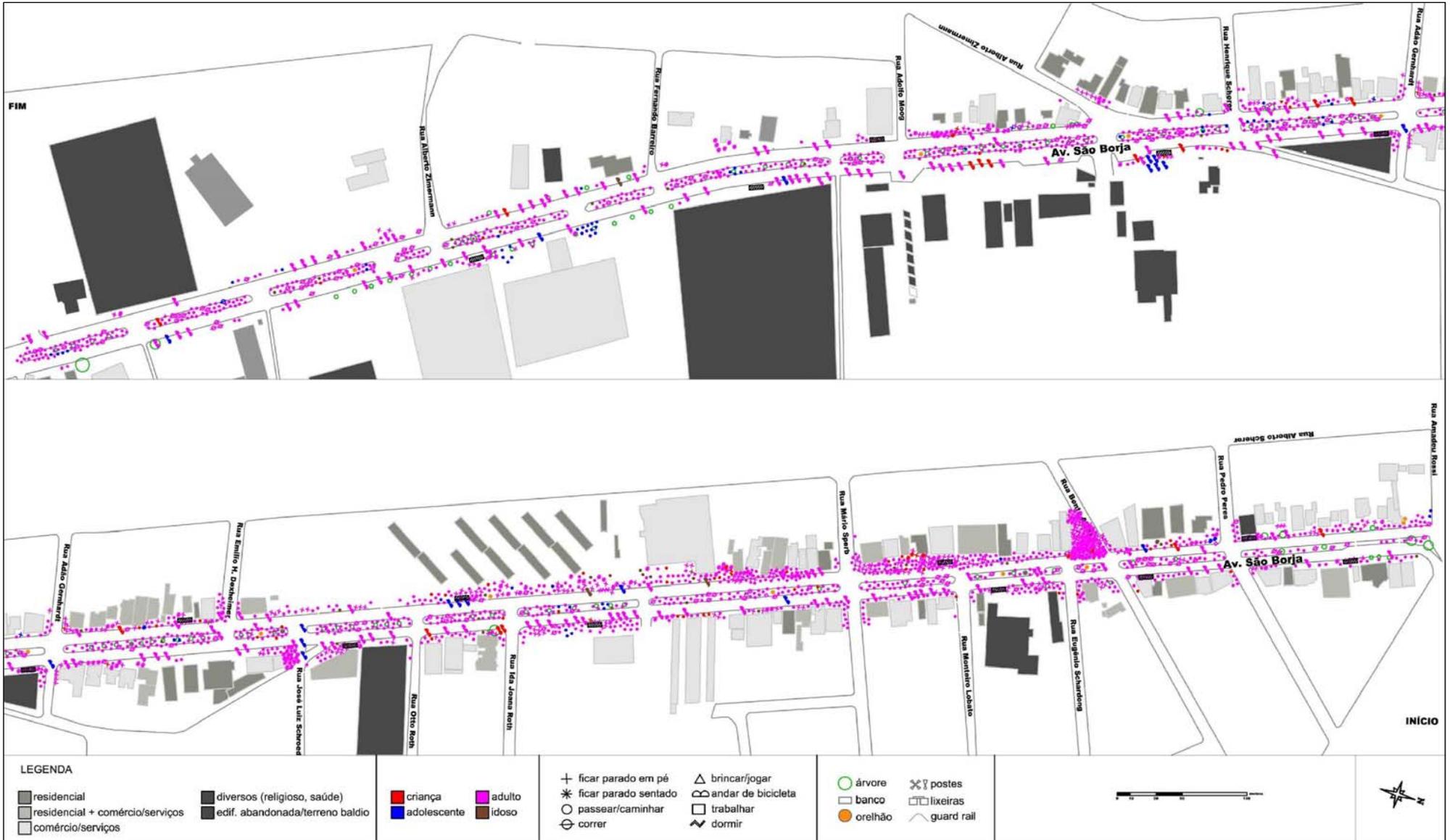


Figura 4.48 – Mapa comportamental Avenida São Borja. Resumo das tardes. Fonte: autora, 2009.



Figura 4.49 – Atividades esportivas na Avenida São Borja: caminhadas, corridas e ciclismo. Fonte: a) e c) autora, 2008 e b) Roberto Coutinho, 2009.



Figura 4.50 – Formas de apropriação na Avenida São Borja: a) Bar e Restaurante Ellus, utilizado o dia todo por homens; b) Usuários aproveitam os poucos bancos da via; c) Usuários nas calçadas com suas sacolas após compras. Fonte: autora, 2008.

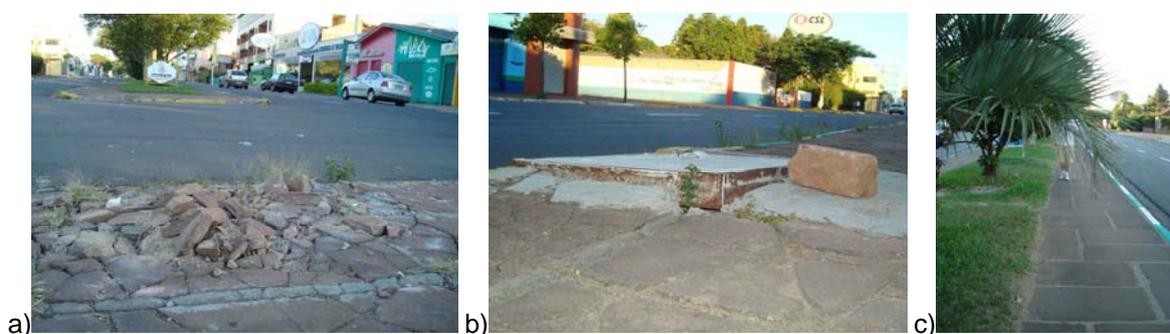


Figura 4.51 – Falta de manutenção na Avenida São Borja: a) Calçamento danificado em vários pontos da São Borja; b) Obstáculos para as caminhadas; c) Árvores não podadas atrapalham as caminhadas. Fonte: autora, 2008.

As observações comportamentais revelaram que grande parte dos usuários da Avenida São Borja é composta por adultos, que caminham sozinhos (57% da amostra) ou com companheiro(a) (30% da amostra). De fato, os questionários vão ao encontro desta constatação (33,5% dos respondentes têm entre 41 e 60 anos e 30% têm entre 18 e 25 anos).

A movimentação de pedestres pela Avenida São Borja, causada pelo uso comercial e pela prática de esportes foi considerada como um atrator por 43,5% da amostra de respondentes (tabela 4.39).

C) Aparência

A Avenida São Borja, nos trechos em que apresenta bom estado de manutenção e limpeza, torna-se um caminho agradável para seus usuários, considerada um atrator por 33,5% dos respondentes (tabela 4.39). Todavia, durante boa parte do ano, a Avenida São Borja recebe poucos cuidados em relação à sua aparência, sendo novamente lembrada no final do ano, quando a aproximação do verão intensifica o uso do canteiro central para caminhadas. A manutenção da Avenida foi considerada como um atrator por 30% dos usuários (tabela 4.39) e quase o mesmo número de respondentes (27%) acredita que a falta de manutenção seja uma das carências da via (tabela 4.40).

Os canteiros centrais são cuidados pelos comerciantes e pelas indústrias locais – que oferecem manutenção em troca de espaço publicitário –, mas a falta de manutenção é evidente. Há também alguns terrenos baldios ao longo da São Borja, que preocupam os moradores, pois além da insegurança que geram, viram depósitos de lixo, justamente pela falta de lixeiras na via, que também foi identificada como uma carência por 20% da amostra (tabela 4.40).

D) Adequação e conforto ambiental

Em relação à adequação ambiental, as calçadas são a parte mais importante da via. Por elas as pessoas acessam os estabelecimentos comerciais e através delas conseguem praticar exercícios. A sua importância foi reconhecida pela maioria dos respondentes (53,5% da amostra; tabela 4.39).

Porém, o levantamento físico realizado indica que o estado de conservação das calçadas junto às residências e do canteiro central é precário, apresentando trechos intransponíveis, que obrigam o usuário a se deslocar para o meio da rua (Figura 4.51). Alguns respondentes identificaram este problema (30% da amostra) (tabela 4.40).

O grande número de pessoas fazendo corrida na via (figuras 4.47 e 4.48), por vezes, gera conflitos com os usuários que fazem caminhadas, pela falta de espaço, visto que a pista de caminhadas é estreita. Então, a maioria dos corredores utiliza o asfalto para fazer seu percurso, já que na rua não precisam desviar dos caminhantes, subindo e descendo a calçada inúmeras vezes. Todavia, ficam a mercê dos motoristas que passam em alta velocidade.

Existe iluminação noturna que possibilita aos usuários fazer caminhadas noturnas. Durante as observações comportamentais, verificou-se que os usuários fazem caminhadas nos mais diversos horários: é possível encontrar pessoas caminhando no horário comercial, pela manhã bem cedo, em torno de 7h e à noite, depois das 20h, mesmo após escurecer, sobretudo no verão. De fato, a iluminação foi considerada um atrator por 47% dos respondentes (tabela 4.39).

Em relação ao mobiliário, praticamente não existem bancos ao longo de toda Avenida São Borja. Acredita-se que se houvessem mais bancos, como é sugerido por 17% dos respondentes (tabela 4.40), e também mais comércio que proporcionasse o estar – como bares e restaurantes – os indivíduos tenderiam a ficar por mais tempo na Avenida. Atualmente a maior parte dos usuários usa a avenida por até uma hora (57% da amostra). Este é o tempo médio que um indivíduo caminhando leva pra fazer o trecho de ida e volta da pista de caminhadas.

E) Segurança

Através dos levantamentos e das observações comportamentais constatou-se que o maior problema em relação à segurança na Avenida São Borja, está relacionado ao trânsito. Observou-se que existem dois limites de velocidade na Avenida: na zona comercial o limite é 40km/h e na zona industrial o limite é 60km/h, mas os motoristas raramente respeitam essas velocidades e costumam andar em alta velocidade, o que gera muita reclamação entre os moradores.

A falta de fiscalização em relação ao trânsito é uma das principais deficiências apontadas pelos usuários (43,5% da amostra; tabela 4.40) que reivindicam maior controle de velocidade dos carros e o aumento do número sinaleiras e redutores de velocidade em alguns pontos críticos que tem grande incidência de acidentes.

Observou-se que os ciclistas, presentes em grande quantidade pela Avenida São Borja, correm risco de vida ao disputar espaço na via com os carros e caminhões. Cerca de 10% dos usuários respondentes, provavelmente porque andam de bicicleta pela São Borja, solicitaram a construção de uma ciclovia (tabela 4.40).

É notória a incompatibilidade entre os movimentos de pedestres e de veículos, todavia, se forem colocadas muitas sinaleiras – como desejam os pedestres –, a Avenida São Borja ficará engarrafada a maior parte do tempo, pois é o principal canal de escoamento da produção industrial e caminho de acesso a, pelo menos, dois bairros da cidade.

4.2.3.3. Comparação entre as características físico-espaciais e comportamentais das ruas

As ruas pesquisadas são lineares e planas, favorecendo os deslocamentos a pé. Ambas oferecem comércio variado e dão opções de lazer aos seus usuários, sendo que na Avenida São Borja o lazer está voltado às atividades esportivas e na Rua Independência está relacionado ao consumo (vestuário, gastronomia, lazer noturno, entre outros).

Os níveis de integração e a localização do espaço público parecem ser relevantes para a intensidade de movimento das ruas pesquisadas, pois a Rua Independência, que está mais bem integrada e localizada mais centralmente do que a Avenida São Borja, tem mais intensidade de uso (figura 4.52).

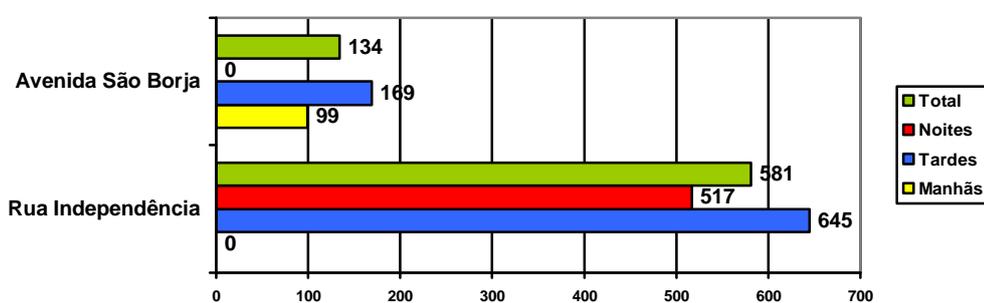


Figura 4.52 – Número médio diário de usuários observados nas ruas. Fonte: autora, 2009.

A localização central da Rua Independência também facilita o acesso de um maior número de usuários de diferentes bairros da cidade: a variedade de bairros de origem dos respondentes na Rua Independência é o dobro da Avenida São Borja (figura 4.53).

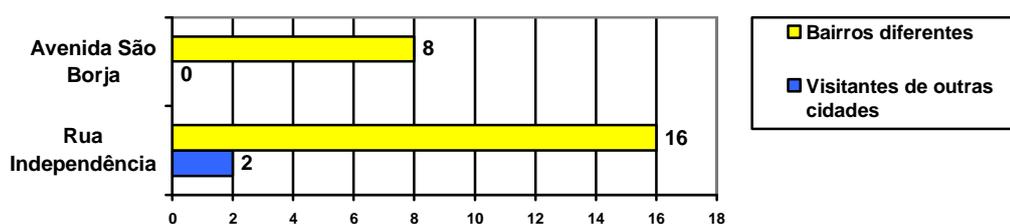


Figura 4.53 – Número de visitantes de outras localidades e de outros bairros observados nas ruas.

Fonte: autora, 2009.

Essa diferença de intensidade de uso é conseqüência da boa acessibilidade da Independência, mas também da quantidade e variedade de estabelecimentos comerciais e ofertas de lazer. Ao comparar as justificativas de uso para as duas vias (tabela 4.42), na Independência o comércio aparece em primeiro lugar e na São Borja está em quarto. Sendo, portanto, o uso comercial um forte atrator para os espaços lineares.

Tabela 4.42 – Principais atratores das ruas.

RUAS	ATRADORES	%
Rua Independência	Comércio do entorno	80
	Movimento de pessoas no local	57
	Espaços para sentar	33,5
	Distância de casa/trabalho	33,5
Av. São Borja	Distância de casa/trabalho	60
	Calçadas adequadas para o uso	53,5
	Bairro onde se localiza	50
	Comércio do entorno	50

O uso comercial na Rua Independência atrai grande número de indivíduos. O intenso movimento atrai outros indivíduos, que ocupam os espaços para sentar, interessados em assistir e participar do movimento da via. No entanto o 'estar' na Rua Independência não seria possível se não existisse grande oferta de espaços para sentar. Neste ponto verifica-se diferença entre as ruas, pois a Avenida São Borja, que também tem no comércio um forte atrator, diferentemente da Independência, não oferece espaços para sentar.

O movimento veicular também é um dos pontos contrastantes entre as ruas. Na Rua Independência o movimento de veículos é intenso, porém vagaroso e se torna um atrator, principalmente durante a noite. Já na Avenida São Borja, o movimento de veículos é intenso e veloz, tornando-se perigoso e incompatível com os pedestres. A principal diferença está na origem das vias, visto que a Rua Independência sempre foi a rua dos passeios, dos encontros, e o movimento de carros e pedestres sempre foram obrigados a co-existir. Já a Avenida São Borja, expandiu-se em consequência do uso industrial, que necessita de vias rápidas para escoar sua produção, mas devido a existência do canteiro central que favorece as caminhadas (plano e linear), passou a ser apropriada para a prática de exercícios.

Ainda que a Rua Independência privilegie mais o estar e tenha maiores níveis de apropriação, os usuários da Avenida São Borja estão mais satisfeitos (63,5% de satisfação, enquanto na Independência há 43,5% de satisfação). Fica evidente que as atividades que os usuários procuram a Avenida São Borja estão sendo atendidas, já a Rua Independência não está sendo tão satisfatória, provavelmente por questões ligadas ao tipo e comércio da via, visto que muitos respondentes reclamaram da pouca qualidade deste e do tipo de usuários que atraem.

Portanto, as principais diferenças entre os dois espaços públicos lineares aqui estudados estão na acessibilidade e nas atividades oferecidas, que fazem a Independência ser mais atrativa e ter maior intensidade de uso. Todavia, as duas são fortes atratores, capazes de motivar deslocamentos de vários pontos da cidade, seja para fazer compras, seja para realizar exercícios físicos.

4.3. Verificação das variáveis que influenciam o uso dos espaços públicos estudados de acordo com as hipóteses de trabalho

De acordo com os resultados, constatou-se que a acessibilidade, o conforto e a adequação ambiental, as características do entorno e as atividades oferecidas no espaço público, tomaram importância significativa na intensidade de uso (tabela 4.43).

Tabela 4.43 – Atratores dos espaços públicos pesquisados, por categoria.

ATRADORES PRAÇAS	%	ATRADORES PARQUES	%	ATRADORES RUAS	%
Pela distância de casa/trabalho	37,5	Arborização	50	Comércio do entorno	65
Espaços para sentar	36	Espaço para prática de esportes	43,5	Movimento de pessoas no local	50
Arborização	34,2	Pela distância de casa/trabalho	32	Pela distância de casa/trabalho	50
Visual do lugar	26	Realização de eventos	27	Calçadas adequadas para o uso	40
Espaço para prática de esportes	23,5	Espaços para sentar	25	Iluminação	38
Realização de eventos	22	Manutenção/limpeza	23,5	Bairro onde se localiza	35
Brinquedos	21	Policimento adequado	23,5	Visual do lugar	28,5
Manutenção/limpeza	20	Brinquedos	22	Est. das pessoas que freqüentam	25
Bairro onde se localiza	18,5	Visual do lugar	20	Reputação do lugar	23,5
Movimento de pessoas no local	17,5	Área de lazer com churrasqueira	18,5	Espaços para sentar	23,5
Est. das pessoas que freqüentam	15	Reputação do lugar	18,5	Espaço para prática de esportes	23,5
Iluminação	15	Est. das pessoas que freqüentam	18,5	Manutenção/limpeza	23,5
Policimento adequado	14	Movimento de pessoas no local	18,5	Facilidades de transporte	22
Facilidades de transporte	11	Bairro onde se localiza	15	Arborização	20
Comércio do entorno	10	Iluminação	15	Policimento adequado	15
Calçadas adequadas para o uso	8,5	Facilidades de transporte	13,5	Divulgação do local	13,5
Fluxo de veículos	7,5	Divulgação do local	13,5	Sinalização de acesso ao local	10
Reputação do lugar	5	Calçadas adequadas para o uso	8,5	Fluxo de veículos	8,5
Divulgação do local	5	Sinalização de acesso ao local	5	Realização de eventos	8,5
Espaço confortável	3,5	Espaço confortável	5	Brinquedos	2
Sinalização de acesso ao local	3	Comércio do entorno	2	Espaço confortável	2

Entre as principais deficiências dos espaços públicos, verifica-se a necessidade de mais segurança, melhor aparência, melhor conforto e adequação ambiental e maior diversidade de atividades oferecidas (tabela 4.44).

Tabela 4.44 – Sugestões de melhorias para os espaços públicos pesquisados, por categoria.

SUGESTÕES PRAÇAS	%	SUGESTÕES PARQUES	%	SUGESTÕES RUAS	%
Mais policiamento	32	Mais equipamentos de lazer	37	Mais policiamento	33,5
Mais manutenção	29,5	Mais manutenção	23,5	Calçadas mais adequadas p o uso	32
Mais bancos	18,5	Mais policiamento	21,6	Mais lixeiras	23,5
Mais equipamentos de lazer	16	Mais eventos	18,5	Maior controle do trânsito	23,5
Mais eventos	13,5	Melhor iluminação	15	Mais uso comercial	15
Melhor iluminação	11,6	Mais uso comercial	11,5	Mais manutenção	13,5
Arborização	10	Mais divulgação	11,5	Mais bancos	13,5
Banheiro público	8,5	Calçadas mais adequadas p o uso	10	Mais eventos	10
Calçadas mais adequadas p o uso	7,5	Banheiro público	8,5	Melhor iluminação	8,5
Mais lixeiras	7,5	Mais bancos	7	Construção de ciclovia	5
Mais uso comercial	5	Mais lixeiras	2	Controle da poluição sonora	2
Podas das árvores	4,5	Maior controle do trânsito	2	-----	---
Colocação de bebedouros	4,5	Arborização	2	-----	---
Não permitir determ. eventos	2,5	Colocação de bebedouros	2	-----	---
Mais divulgação	2	-----	---	-----	---
Controle da poluição sonora	2	-----	---	-----	---
Cercamento dos brinquedos	2	-----	---	-----	---

Estas variáveis são também mencionadas como motivos para evitar um espaço público, principalmente, a segurança (tabela 4.45).

Tabela 4.45 – Motivações para evitar um espaço público, de acordo com o total da amostra.

MOTIVOS PARA NÃO FREQUENTAR	%
Falta de policiamento	79,2
Falta de manutenção	67
Iluminação inadequada	57,5
Espaços para sentar inadequados	49
Reputação do local	42
Estilo das pessoas que frequentam	38,3
Calçadas inadequadas para o uso	34
Visual do lugar	32
Falta de esp. para prática de esportes	31
Falta de brinquedos	30
Bairro onde se localiza	23
Arborização inadequada	22,5
Falta de eventos	20
Sinalização precária ou inexistente	19
Falta de movimento de pessoas no local	18,3
Distância de casa/trabalho	18
Dificuldade de transporte	17
Ausência de comércio no entorno	15
Fluxo de veículos	10
Falta de divulgação do local	9,2
Falta de tempo	2,5
Falta de banheiro	0,4
Dificuldade física de locomoção	0,4

A influência das variáveis físico-espaciais e das variáveis relacionadas às características dos usuários sobre a percepção da atratividade e intensidade de uso dos espaços públicos é analisada a seguir. A partir da associação dos dados obtidos através dos questionários e das observações comportamentais, aliados aos levantamentos e demais informações obtidas através de outros meios, os resultados alcançados permitem tecer algumas considerações conclusivas sobre as hipóteses de trabalho formuladas.

4.3.1. Relações entre as variáveis físico-espaciais, atratividade e intensidade de uso

A primeira hipótese investiga se quanto mais qualificado fisicamente for um espaço público de lazer, em relação às variáveis *acessibilidade, diversidade de usos do entorno, atividades oferecidas, aparência, conforto, adequação ambiental e segurança*, maior será o potencial de atratividade percebido e maior será a intensidade de apropriação por parte dos moradores e visitantes de uma cidade. Para verificar esta hipótese, é avaliada a influência das características físicas dos ambientes pesquisados no potencial de atratividade percebido e na intensidade de uso de cada espaço.

4.3.1.1. Influência da acessibilidade na percepção da atratividade e intensidade de uso

De modo geral, os espaços públicos de lazer pesquisados estão acessíveis fisicamente para os usuários, pois mesmo quando a localização geográfica e a configuração urbana não são favoráveis, a existência de algumas facilidades tais como transporte público coletivo ou vias de acesso adequadas, contribui para o uso.

A maioria da amostra (70%) frequenta espaços públicos de lazer distantes de sua moradia, quando estes são melhores que os do seu bairro, demonstrando que a motivação para se deslocar e frequentar espaços mais qualificados torna-se mais importante do que as distâncias a serem percorridas. Ainda assim, na maior parte dos espaços pesquisados, a frequência predominante é de moradores do entorno, com exceção da Praça do Imigrante, onde o público principal não é de moradores do bairro, provavelmente por ter um entorno predominantemente comercial.

Em relação às possibilidades de circulação pelos diferentes bairros da cidade nos momentos de lazer, cerca de 20% do total dos respondentes demonstraram insatisfação. Entre as causas apresentadas foram mencionadas, principalmente, a falta de segurança para transitar pela cidade e a falta de condições financeiras para deslocamentos mais distantes.

Verificou-se forte correlação entre os níveis de *satisfação em morar na cidade* e os níveis de *satisfação com as possibilidades de circulação pelos bairros da cidade para visitar outros espaços públicos* (Spearman, $C = ,664$; Sig. = $,000$), sugerindo que quanto maior a satisfação com as possibilidades de circulação e conseqüente apropriação dos espaços públicos, maior o nível de satisfação dos respondentes com a cidade.

Constatou-se ainda correlação negativa entre a *satisfação com os espaços públicos de lazer da cidade* e o *costume de frequentar espaços distantes da moradia quando estes são melhores que os do bairro* (Spearman, $C = -,157$; Sig. = $,015$), sugerindo que usuários que utilizam espaços públicos de lazer mais qualificados e distantes de sua moradia, tendem a estar mais insatisfeitos com os espaços públicos da cidade em geral. Isto é, a necessidade de realizar longos deslocamentos afeta a satisfação geral com os espaços públicos de lazer da cidade.

A localização do espaço público, em relação à facilidade de acesso, configurou-se importante para o uso das praças investigadas, visto que a proximidade da moradia ou do local de trabalho dos usuários é o principal atrator para o uso (37,5%; tabela 4.43). Já para os parques e ruas investigadas, a proximidade da moradia ou do local de trabalho está entre as principais motivações, porém não é tão decisiva para a apropriação (tabela 4.43).

A maior parte dos espaços investigados está localizada na malha quadriculada do centro de São Leopoldo, onde se verifica os maiores níveis de integração (figura 4.54). Tais

espaços estão mais acessíveis globalmente e, portanto, teriam maior potencial de movimento. Todavia, para as praças, os maiores níveis de integração não foram relevantes para a intensidade de uso. Por exemplo, as Praças mais utilizadas são a Vinte de Setembro e a Daltro Filho que têm níveis de integração menores do que a Praça do Imigrante (figura 4.55).

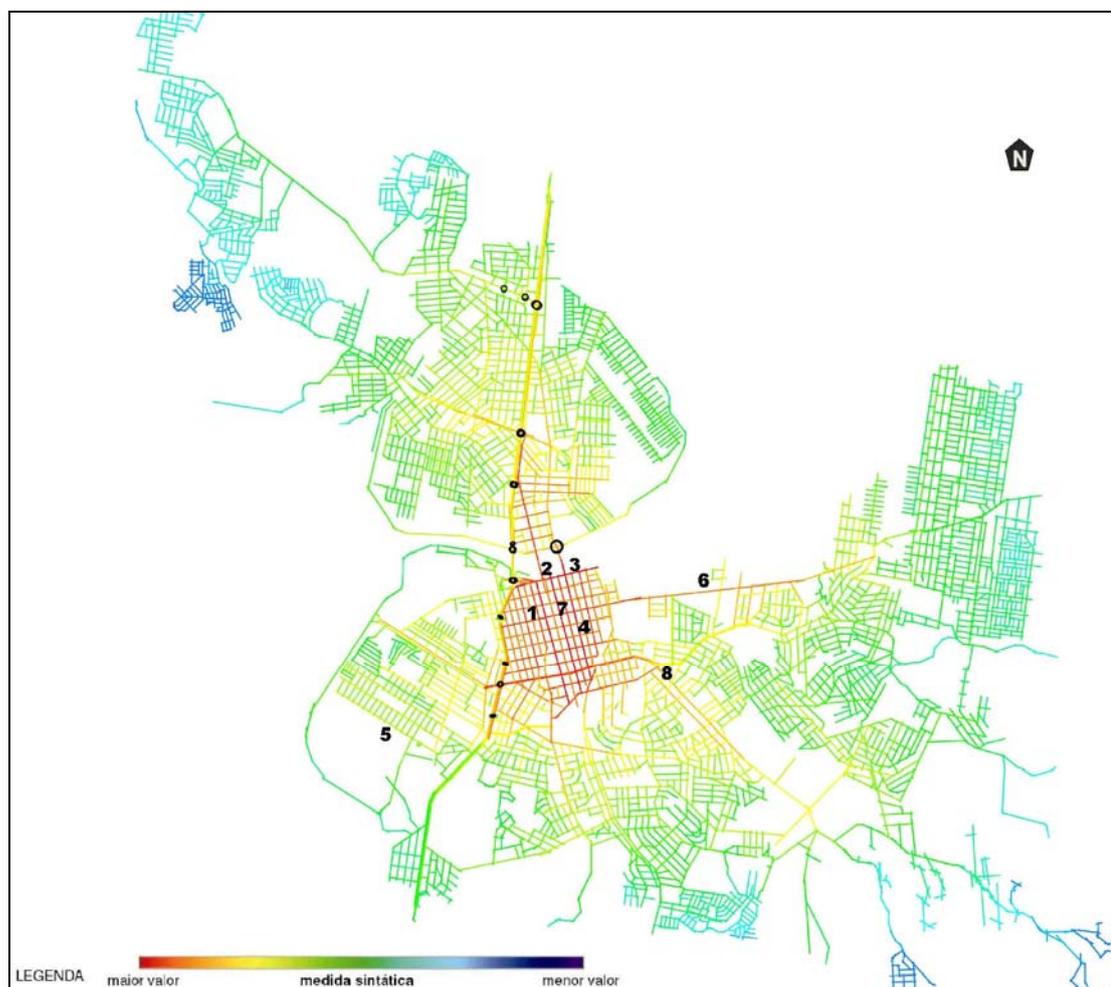


Figura 4.54 – Mapa de integração global de São Leopoldo. Sem escala. Fonte: autora, 2009. Legenda: (1) Praça Vinte de Setembro; (2) Praça do Imigrante; (3) Largo Rui Porto; (4) Praça Daltro Filho; (5) Parque Estadual de Recreação do Trabalhador; (6) Parque Municipal Imperatriz Leopoldina; (7) Rua Independência; (8) Avenida São Borja.

Verificou-se que para os parques os níveis de integração mais altos também não foram decisivos ao uso, pois o Parque do Trabalhador é mais utilizado e tem níveis de integração global e local menores do que o Parque Imperatriz Leopoldina (figuras 4.54 e 4.55). Já para o uso das ruas, os níveis de integração parecem ser relevantes: a Rua Independência, localizada no centro da cidade, tem maior número de usuários e é superiormente integrada em relação à Avenida São Borja (figuras 4.54 e 4.55).

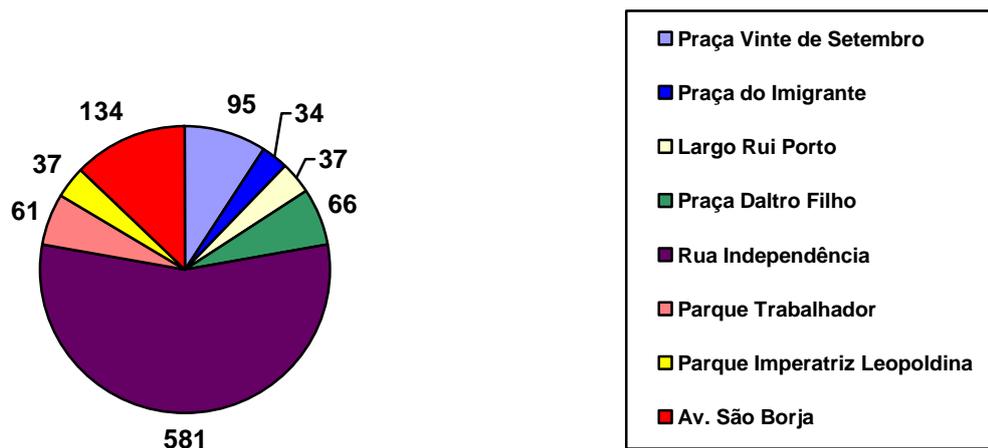


Figura 4.55 – Comparação entre as médias diárias de usuários observados nos espaços pesquisados. Fonte: autora, 2009.

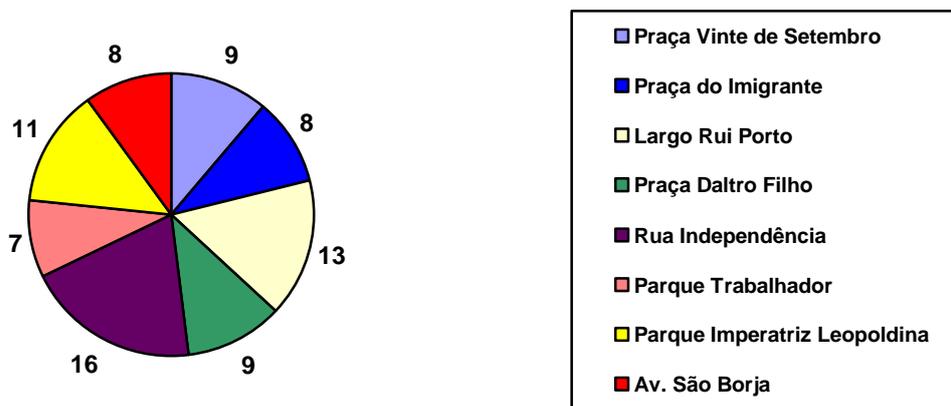


Figura 4.56 – Comparação entre a variedade de bairros de origem dos respondentes, encontrados nos espaços pesquisados. Fonte: autora, 2009.

Verificou-se influência da localização do espaço público na variedade de bairros de origem dos respondentes dos parques: o Parque Imperatriz, que está mais centralizado e também mais integrado globalmente do que o Parque do Trabalhador (figura 4.54) é utilizado por moradores originários de um maior número de bairros (figura 4.56).

A acessibilidade precária não foi identificada como motivo para não utilizar os espaços públicos. De acordo com as frequências obtidas, as características do bairro onde o espaço público se localiza, seria um motivo para evitar o local para 23% dos respondentes, já a falta de sinalização de acesso ao espaço público é considerada um impeditivo para 19% da amostra. Apesar da proximidade da moradia ou do local de trabalho do respondente ter sido apontada como um dos principais atratores, a distância do espaço público é um motivo para evitar o local para apenas 18% dos usuários, assim como a dificuldade de transporte, considerada relevante por 17% da amostra (tabela 4.45).

Portanto, verifica-se que a acessibilidade é uma variável relevante e pode afetar os níveis de satisfação com os espaços públicos e com a cidade, funcionando como um atrator principalmente para o uso das praças. Todavia, a distância a ser percorrida para utilizar um espaço público mais qualificado, não se configura como um motivo para evitar o uso.

4.3.1.2. Influência das características do entorno e das atividades oferecidas na percepção da atratividade e intensidade de uso

As características do entorno e a diversidade de atividades oferecidas nos espaços públicos, mostraram-se relevantes para a atratividade e intensidade de uso. Alguns atratores (educacionais, culturais, comerciais, entre outros) existentes nos espaços públicos e no seu entorno, mostraram-se decisivos para a diferença de intensidade de apropriação entre espaços da mesma categoria. Na Etapa I as justificativas ‘comércio/lazer noturno’, ‘pista para caminhadas’ e ‘espaço para atividades físicas’, já haviam sido citadas como motivações para *preferir* e *utilizar* os espaços selecionados para a Etapa II.

A localização das praças investigadas no centro da cidade, zona de intenso uso comercial, influenciou a intensidade de apropriação. Alguns usuários abordados nas Praças Vinte de Setembro, do Imigrante e Daltro Filho, estavam naquele local como consequência de outras motivações iniciais, por exemplo, pausa durante o horário de almoço, espera de ônibus, espera por alguém ou pausa para ir a outro compromisso. Fica evidente a importância de um entorno rico em atividades.

Entre os usos comerciais e residenciais, observou-se que nas Praças Vinte de Setembro e Daltro Filho, inseridas num bairro comercial, mas com forte uso residencial no seu entorno, há maior intensidade de uso do que na Praça do Imigrante, que tem seu entorno totalmente comercial.

A força do uso comercial foi confirmada através das ruas estudadas, que se configuraram como os espaços públicos mais intensamente utilizados, devido ao uso comercial (60% dos respondentes declararam que o comércio do entorno é o principal atrator; tabela 4.43). Entre as ruas estudadas, verifica-se que a Rua Independência, aliada a boa localização, apresenta maior quantidade de edificações com uso comercial do que a Av. São Borja, além de maior variedade de usos comerciais (artigos de vestuário, alimentação, esportivos, educacionais, saúde, entre outros).

A força da concentração temática foi evidenciada na Rua Independência que tem no forte comércio e no lazer noturno, suas principais características. Essa concentração gera demandas específicas de usuários para o local, em busca de oportunidade de ver outras pessoas (a metade dos respondentes das ruas declarou que o movimento de pessoas no local é um atrator para o uso; tabela 4.43).

Os parques investigados também evidenciam a influência dos usos do entorno: o Parque Imperatriz Leopoldina, em comparação com Parque do Trabalhador, apresenta menor número de usuários, acredita-se que por estar em zona de preservação, praticamente sem residências no entorno, ao contrário do Parque do Trabalhador que apresenta forte uso residencial nas proximidades. O Parque do Trabalhador possui ainda duas escolas dentro da sua área, que se transformam em atratores para o espaço de lazer.

Em relação à oferta de atividades nos espaços públicos, os resultados indicam que os equipamentos oferecidos influenciam nas formas de apropriação e na faixa etária dos usuários. Entre as praças, foi verificado que as diferenças em relação à intensidade de apropriação têm relação com a oferta de atividades no espaço público. As Praças Vinte de Setembro e Daltro Filho que oferecem maior variedade de atividades aos seus usuários (tabela 4.46) têm maior quantidade e variedade de usuários (principalmente em relação às faixas etárias).

Tabela 4.46 – Comparação entre o número de equipamentos ofertados e o tempo de permanência no espaço público.

	PRAÇAS				PARQUES		RUAS	
	Praça Vinte de Setembro	Praça do Imigrante	Largo Rui Porto	Praça Daltro Filho	Parque do Trabalhador	Parque Imperatriz Leopoldina	Rua Independência	Av. São Borja
Playground	X			X	X	X		
Quadras poliesportivas	X			X	X	X		
Pista skate			X					
Aparelhos de ginástica				X	X			
Pista caminhada/passeios	X			X	X		X	X
Arquibancadas	X		X	X				
Espaços p/ sentar	X	X	X	X		X	X	X
Banheiro			X		X	X		
Lixeiras	X	X	X	X		X	X	X
Arborização	X	X		X	X	X		X
Churrasqueira				X	X	X		
Bar	X		X	X	X		X	X
Vendedores ambulantes		X		X		X	X	X
Comércio variado no entorno	X	X	X	X			X	X
Palco	X			X	X	X		
Chafariz	X	X						
Estacionamento	X	X	X	X	X	X	X	X
Eventos	X	X	X	X	X	X	X	X
Iluminação noturna	X	X	X	X		X	X	X
Bebedouros			X	X	X	X		
TOTAL	14	09	11	17	12	13	09	09
Tempo de permanência	2-3h	1h	2-3h	1h	2-3h	4-5h	1-6h	1h

A oferta específica de atividades atrai públicos específicos. O Largo Rui Porto, entre as praças investigadas, é o que apresenta o maior público jovem, devido ao equipamento *pista de skate* que costuma atrair este público. Já a Rua Independência apresenta um

público jovem devido ao lazer noturno, assim como a Avenida São Borja, que pela pista de caminhadas, atrai muito adultos interessados em praticar esportes.

Os parques, apesar das diferenças nos níveis de manutenção e limpeza do local, oferecem praticamente os mesmos equipamentos de lazer (tabela 4.46) e têm formas de apropriação semelhantes. Em ambos, o uso familiar é intenso e os usuários costumam passar o dia, pela oferta de equipamentos como as churrasqueiras. O Parque Imperatriz Leopoldina, tem maior número de adultos com crianças pequenas, devido à existência do playground em bom estado de conservação. A área de lazer com churrasqueiras no Parque do Trabalhador gera conflitos (pelo sentimento de propriedade dos 'donos' dos galpões) que limitam a diversidade de usuários neste local, diferentemente do Parque Imperatriz onde usa quem chegar primeiro.

Os eventos programados demonstraram ser atratores com potencial de trazer pessoas de locais mais distantes para os espaços públicos ou mesmo de fazer com que um espaço público com pouca atratividade receba um grande número de pessoas, muitas vezes maior do que o local recebe durante o ano todo. O Largo Rui Porto, em comparação com as outras praças pesquisadas, tem maior variedade de bairros de origem dos respondentes (figura 4.56), devido a realização de eventos programados de grande atratividade, como a São Leopoldo *Fest*. O Parque do Trabalhador é também exemplo da força dos eventos programados, visto que o local, distante da zona central da cidade, tem cotidianamente um público maior do entorno, e durante a Semana Farroupilha, recebe grande número de visitantes de diferentes bairros de São Leopoldo e de outras cidades.

A realização de eventos foi considerada importante para o lazer do morador por quase a totalidade dos respondentes (92% da amostra). Verificou-se correlação entre *considerar São Leopoldo uma cidade que privilegia a convivência nos espaços públicos e freqüentar eventos realizados nos espaços públicos da cidade* (Spearman, $C = ,236$; Sig. = ,000), sugerindo que pessoas que freqüentam os eventos nos espaços públicos da cidade, estariam mais satisfeitas com a vida pública.

Todavia, ainda que a maioria acredite na importância dos eventos, a metade dos respondentes (56%) declarou que costuma freqüentá-los. Estes resultados podem estar relacionados a questões de segurança, conforme indica a correlação entre *a importância da realização de eventos para o lazer do morador e evitar espaços públicos de lazer freqüentados por pessoas ou grupos que causem insegurança* (Spearman, $C = ,247$; Sig. = ,000), sugerindo que, embora os indivíduos concordem com a importância dos eventos, eles temem freqüentá-los em espaços públicos pela insegurança causada por grupos distintos dos seus. Há igualmente uma correlação negativa entre pessoas que *evitam espaços público em que estejam pessoas ou grupos que as deixem inseguras e a freqüência aos eventos nos espaços públicos* (Spearman, $C = -,121$; Sig. = ,060), reforçando a idéia de que

espaços públicos que transmitem insegurança, tendem a ser menos freqüentados, mesmo quando eventos são realizados. Portanto, ainda que os eventos sejam grande atratores para o uso, o local onde são alocados pode repelir os usuários em potencial.

Embora a realização de eventos seja considerada positiva por quase a totalidade dos respondentes, verificou-se que a realização de eventos que trazem pessoas distintas do cotidiano do lugar e que não respeitam as rotinas de uso dos moradores do entorno, tendem a causar insatisfação nos moradores.

Os resultados obtidos confirmam que as praças e os parques oferecem mais equipamentos e opções de lazer para seus usuários, assim como as ruas oferecem menos (tabela 4.46). Os usuários da Rua Independência declararam que costumam passar mais tempo no local do que os usuários das praças, provavelmente, pelo lazer noturno existente na via. Assim como no Parque Imperatriz Leopoldina, onde os respondentes costumam passar de quatro a cinco horas, quando utilizam a área de lazer com churrasqueira. Dessa forma, o tempo de permanência no espaço público, parece estar menos ligado à variedade de equipamentos oferecidos e mais ao tipo de atividade/equipamento existente.

A falta de atividades/equipamentos no local evidenciou-se importante para evitar um espaço público: a ausência de espaços para sentar (49%), a falta de espaços para a prática de esportes (31%), a falta de brinquedos (30%), a falta de eventos (20%) e a ausência de comércio no entorno (15%) foram mencionadas entre as principais justificativas dadas pelos usuários (tabela 4.45). Além disso, entre as sugestões feitas pelos respondentes para melhorar os espaços públicos, a necessidade de mais equipamentos de lazer aparece entre as principais reivindicações para usuários de praças e parques, já a necessidade de mais eventos demonstrou ser importante para as três categorias analisadas (figura 4.44).

Portanto, as características do entorno e a oferta de atividades, confirmaram-se como variáveis importantes para a atratividade e intensidade de uso dos espaços públicos. O uso comercial e a diversidade de atividades oferecidas nos espaços públicos, sobretudo nas praças, evidenciaram-se como grandes geradores de movimento, tornando-se, por vezes os principais atratores para uso dos espaços públicos e sua ausência um dos principais motivos para evitar o uso.

4.3.1.3. Influência da aparência na percepção da atratividade e intensidade de uso

Constatou-se que nem sempre espaços públicos com melhor aparência são os mais atrativos.

Entre as praças, foi verificada a importância da manutenção sobre o uso. O Largo Rui Porto e a Praça do Imigrante apresentam manutenção precária e menor intensidade de uso, em relação às Praças Vinte de Setembro e Daltro Filho (figura 4.55). De modo que,

ainda que a Praça do Imigrante tenha um conjunto de edificações de grande beleza no seu entorno, a falta de cuidado com a praça afasta os usuários.

Já entre os Parques, verificou-se que a aparência positiva, influenciada pela boa manutenção, é importante para a satisfação com o local de lazer, mas não para a intensidade de uso: o Parque Imperatriz Leopoldina apresenta estado de manutenção muito superior ao Parque do Trabalhador, que tem maior intensidade de uso (figura 4.55).

Das ruas investigadas, tanto a Rua Independência, quanto a Av. São Borja, apresentam aparência negativa afetada pela falta de manutenção, equipamentos danificados, árvores sem poda, sujeira, porém são os espaços públicos mais utilizados entre os investigados (figura 4.55).

Ainda que a aparência não seja o principal atrator, o cuidado com a aparência dos espaços públicos afeta os níveis de satisfação dos usuários. De acordo com os resultados, o nível de satisfação dos usuários com o espaço público é maior no Parque Imperatriz (97% da amostra está satisfeita), que apresenta visual agradável e boa manutenção do que no Largo Rui Porto (30% da amostra está satisfeita), que está descaracterizado e tem manutenção deficiente (K-W, $\chi^2 = 35,695$; Sig. = ,000).

A influência da satisfação com os espaços públicos de lazer no nível de satisfação com a cidade foi evidenciada pelas correlações existentes entre o *nível de satisfação com os espaços públicos de lazer da cidade* e o *nível de satisfação com a cidade* (Spearman, $C = ,355$; Sig. = ,000), e entre o *nível de satisfação com o espaço público utilizado* e o *nível de satisfação com a cidade* (Spearman $C = ,282$; Sig.= ,000). Isto é, as pessoas mais satisfeitas com os espaços públicos de São Leopoldo e com os espaços públicos em que estavam, tendem a estar mais satisfeitas com a cidade.

Entre os atratores relacionados à aparência das praças e parques, a arborização foi considerada um dos principais. Já para as ruas, os aspectos ligados a aparência não foram tão relevantes (tabela 4.43).

Constatou-se que a manutenção foi uma das justificativas apresentadas mais mencionadas para se evitar um espaço público (tabela 4.45). Além disso, os usuários sugeriram mais manutenção em todas as categorias de espaços públicos analisados (tabela 4.44).

Portanto, constatou-se que mesmo quando os espaços de lazer apresentam falta de manutenção os usuários não deixam de usar, talvez pela presença de um forte atrator (por exemplo, o Largo Rui Porto e a pista de skate) ou pela falta de opções nas proximidades (por exemplo, entorno do Parque do Trabalhador) ou ainda, por dificuldades financeiras, que impedem deslocamentos mais distantes até espaços mais qualificados.

4.3.1.4. Influencia do conforto e da adequação ambiental na percepção da atratividade e intensidade de uso

O conforto e a adequação ambiental evidenciaram-se importantes para a atratividade dos espaços públicos pesquisados. Ainda que nem sempre a falta de conforto faça com que um espaço público seja evitado, a existência de elementos que geram sensação de conforto mostrou-se relevante para o uso e para o tempo de permanência.

Foi verificado que o conforto ambiental é um dos principais atratores das praças e a existência de arborização e de espaços para sentar foram as justificativas mais citadas para promover o uso destes espaços (tabela 4.43). Porém, ainda que a falta de conforto e adequação diminua a intensidade, não impede o uso. Por exemplo, o Largo Rui Porto, espaço praticamente sem sombra e sem espaços confortáveis para sentar é intensamente utilizado pelos jovens *skatistas*. Por outro lado, verificou-se que o excesso de sombra também pode afetar negativamente a sensação de conforto, como ocorre na Praça do Imigrante, que tem uma grande quantidade de árvores com folhas perenes, que faz com que a praça tenha um aspecto escuro e sombrio.

Um dos principais atratores dos parques pesquisados é a arborização (tabela 4.43). Para os usuários destes espaços, a arborização é uma forma de se ter contato com a natureza escassa na cidade e também uma forma de relaxar das tensões cotidianas. A existência de espaços para sentar teve menor impacto entre os atratores dos Parques, pois muitos indivíduos trazem suas cadeiras de casa, para aproveitar alguns recantos mais tranquilos.

Para as ruas, uma das principais motivações para o uso está relacionada à adequação ambiental: a existência de calçadas adequadas para o uso (tabela 4.43). De fato, ainda que o comércio seja o principal atrator das ruas investigadas, sem a existência de calçadas adequadas, o movimento dos usuários seria prejudicado. Em relação à dimensão das calçadas verificou-se que nem sempre conseguem suportar a demanda, por exemplo, na Av. São Borja durante os horários de pico nas caminhadas, alguns indivíduos são obrigados a caminhar no meio da rua para conseguir manter o ritmo do seu exercício. Já na Rua Independência, nos horários de pico (final da manhã, meio da tarde) os usuários precisam andar vagorosamente, acompanhando o intenso fluxo de pedestres entre as mesas e cadeiras nas calçadas, que funcionam como atratores da via, mas atrapalham a circulação.

Como as observações de comportamento foram realizadas no verão, os usuários das praças e parques sentavam nos espaços com sombra e os ensolarados ficavam vazios. Assim também procediam os usuários das ruas, preferindo as calçadas com sombra. Ainda foi verificado que os usuários de todas as categorias de espaços de lazer alteram o arranjo

original dos bancos ou trazem suas próprias cadeiras para atender suas necessidades, que são relacionadas, principalmente, com a necessidade de sentar em grupos, de ter privacidade e de poder ter sombra no verão e sol no inverno.

Constatou-se que cerca de 40% do total dos respondentes fica até uma hora no espaço público, seguidos por 32% que passa de duas a três horas. Ao analisar o tempo de permanência (tabela 4.46), fica evidenciado que as pessoas costumam passar mais tempo nos lugares que possuem sanitários. Todavia, a ausência de sanitários foi indicada como motivação para não utilizar os espaços públicos por apenas 0,4% do total da amostra (tabela 4.45), portanto embora a existência de sanitários possa aumentar o tempo de permanência, parece não desmotivar o uso.

Entre os espaços que os usuários permanecem mais tempo destaca-se a Rua Independência, que embora não possua sanitários públicos, possui os estabelecimentos comerciais que oferecem sanitários, espaços para sentar, cobertura contra sol e chuva e locais para comprar comida. Portanto, são estes locais privados que fazem a atratividade comercial da rua e oferecem locais confortáveis para seus usuários. A Av. São Borja, em comparação com a Rua Independência, não oferece elementos para o 'estar': não tem bancos ou grande quantidade de bares ou estabelecimentos com sanitários, conseqüentemente, a maioria dos seus usuários declarou que passam até uma hora na via.

A ausência de espaços para sentar e a arborização inadequada (excessiva e/ou espécies perene-fólias), principalmente nas praças, estão entre os fatores que repelem o uso (49% da amostra), assim como, as calçadas inadequadas para o uso, em relação às ruas (tabela 4.45).

Os resultados obtidos indicam que a necessidade de conforto, ficou mais evidenciada nas praças, onde a combinação árvores/sombra e espaços para sentar, mostraram-se essenciais para o uso. Nos outros locais de lazer, a existência de elementos que proporcionam sensação de conforto, contribui para o tempo de permanência do usuário.

4.3.1.5. Influência da segurança na percepção da atratividade e intensidade de uso

Em 2008, num ranking com 24 municípios, São Leopoldo ficou em segundo lugar em número de assassinatos, com 72 homicídios, segundo pesquisa do Jornal Vale dos Sinos (ANDREJEW, 2008), conseqüentemente, a segurança é um fator preocupante para seus habitantes e foi a variável de maior destaque entre os resultados, principalmente em relação aos fatores motivacionais para se evitar um espaço público.

Quase a metade da amostra (43%), declarou que São Leopoldo é uma cidade que privilegia a convivência dos espaços públicos, entretanto 30% discordam, afirmando que a

cidade não oferece meios para que as pessoas sintam-se à vontade para se engajar na vida pública.

A grande maioria dos respondentes declarou que leva em conta a reputação do espaço público antes de freqüentá-lo (81%) e procura evitar locais em que estejam pessoas ou grupos que lhes deixem inseguros (82,5%). Existe correlação entre *freqüentar espaços distantes da moradia quando estes são melhores que os do bairro e evitar espaços públicos de lazer em que a presença de pessoas ou grupos cause insegurança* (Spearman, $C = ,138$; Sig. = ,033), sugerindo que alguns indivíduos preferem freqüentar locais mais distantes de sua casa se os considerarem mais seguros.

Há ainda correlação entre *evitar espaços públicos em que a presença de pessoas ou grupos cause insegurança e a preocupação com a reputação do lugar* (Spearman, $C = ,335$; Sig. = ,000), sugerindo que a reputação/imagem negativa de um lugar percebido como inseguro, devido à presença de determinados grupos, pode fazer com que indivíduos evitem os espaços públicos de lazer.

Em São Leopoldo, segundo dados do Centro de Referência de População Adulta de Rua (Crepar), existem 106 pessoas em condições de ruas, número considerado baixo em relação a outros municípios. Estas pessoas dormem em bancos de praça, ou embaixo da marquise de edifícios. A maioria está nas ruas pelas drogas e tem entre 18 e 28 anos (JUSTO, 2008). Verificou-se a presença de um maior número de indigentes nas praças menos utilizadas cotidianamente (Praça do Imigrante e Largo Rui Porto), provavelmente pela falta de manutenção e pela pouca oferta de atividades e equipamentos, que diminui a intensidade de apropriação por outros grupos de usuários. A presença de pedintes nas ruas não afetou a intensidade de uso.

Foi verificada a influência do bairro em que o espaço público está inserido na segurança percebida: tanto o Parque do Trabalhador, localizado num bairro violento e periférico, quanto o Parque Imperatriz Leopoldina, assentado numa antiga área de invasão, tem atratividade reduzida. Entre as justificativas para evitar um espaço público de lazer, 'o bairro onde está localizado' foi indicado como importante por 23% (tabela 4.45).

Constatou-se ainda que a zona de preservação, constituída de densa vegetação que circunda os parques promove insegurança nos usuários. Não há 'olhos para a rua' (JACOBS, 2000), não há residências, principalmente no Parque Imperatriz Leopoldina, onde o indivíduo possa se refugiar em caso de assaltos, por exemplo. Os dois parques são cercados na frente, mas somente no Parque Imperatriz a cerca é percebida como uma proteção, enquanto que no Parque do Trabalhador, a cerca é percebida quase como um obstáculo ao acesso, e talvez por essa razão, foram criadas várias 'entradas' informais pelos usuários, que romperam a cerca em determinados trechos.

Nas praças investigadas, verifica-se que a falta de segurança não está relacionada à localização, mas sim ao layout dos espaços e a presença de barreiras. Pode-se mencionar a Praça do Imigrante, onde a densa vegetação, o muro do dique e a Ponte 25 de Julho funcionam como barreiras, que segregam o lugar. Acredita-se que a impossibilidade de acessar a Praça por todos os lados e de observar o que se passa dentro do local, a tornou menos segura e favoreceu a apropriação por moradores de rua, acentuando a imagem negativa do lugar.

As ruas investigadas apresentam diversidade de uso que gera segurança e movimento de pessoas, portanto são percebidas como mais seguras quanto ao crime. Todavia, constatou-se a existência de problemas de segurança na Av. São Borja, relacionados ao trânsito. Há grande diferença na intensidade de movimento de veículos nas ruas pesquisadas: a velocidade dos veículos na São Borja é rápida e intensa, já na Rua Independência, os veículos andam vagorosamente devido ao estreitamento da pista e a pavimentação em paralelepípedos; o movimento de veículos na São Borja causa medo, enquanto que o movimento de veículos na Independência é um atrator (as pessoas se apropriam das calçadas para verem os carros passando).

Das motivações mencionadas pelos respondentes para evitar um espaço público, a falta de policiamento foi a mais citada, juntamente com a falta de manutenção e falta de iluminação, que podem causar insegurança (tabela 4.45). No entanto, a existência de policiamento não foi uma das variáveis mais mencionadas para promover o uso, provavelmente devido à presença de outros elementos que conferem segurança aos espaços pesquisados, embora tenha sido mencionada como a principal deficiência para os usuários das praças e das ruas (tabela 4.44). Para os parques, o policiamento foi pouco menos lembrado devido à existência de policiamento dentro do local (tabela 4.44).

Entre as motivações para uso do espaço público, verifica-se a existência de diversos elementos que geram segurança (tabela 4.43). A manutenção, a iluminação, o bairro onde o espaço está localizado, o tipo de freqüentador e o policiamento, estão entre as principais motivações para os usuários das praças, dos parques e das ruas. Para os usuários das ruas, o movimento de pessoas e o tipo de pessoas que freqüentam o local são percebidos como positivos, pois conferem segurança às ruas.

Os resultados permitem afirmar que a falta de segurança configura-se como o principal motivo para evitar um espaço público, assim como a segurança adequada é um dos principais motivos para freqüentar um espaço público. Portanto, espaços menos seguros são menos apropriados e vice-versa.

4.3.2. Relações entre as características dos usuários, atratividade e intensidade de uso

A segunda hipótese investiga se as características dos usuários, que determinam seus diferentes estilos de vida, afetam a percepção do potencial de atratividade e as formas de apropriação dos espaços públicos de lazer, influenciando na intensidade de uso destes espaços. Para verificar esta hipótese, é avaliado o nível de influência das variáveis relacionadas às características dos usuários dos espaços públicos pesquisados, em relação ao potencial de atratividade percebido e à intensidade de uso de cada espaço.

4.3.2.1. Influência do estilo de vida na percepção da atratividade e intensidade de uso

O estilo de vida é dependente de diversos fatores como a renda, a escolaridade e a faixa etária dos indivíduos. Verificou-se a influência dos diferentes estilos de vida na dinâmica de apropriação dos espaços públicos, bem como nos níveis de satisfação em relação aos espaços públicos e a cidade.

Cerca de 80% dos respondentes afirmaram que freqüentavam espaços compatíveis com seus gostos, idades e, sobretudo, compatíveis com suas rendas. Verificou-se correlação entre o *nível de satisfação com os espaços públicos de lazer da cidade* o *uso de espaços públicos de lazer compatíveis com o estilo de vida do usuário* (Spearman, $C = ,177$; Sig. = ,006), sugerindo que os indivíduos que usufruem de espaços de lazer que respondem às suas necessidades estariam mais satisfeitos com os espaços públicos da cidade.

Ainda, foi verificada correlação entre o uso de *espaços distantes da moradia do respondente quando o espaço é melhor que os do bairro* e a *freqüência a espaços compatíveis de com o estilo de vida* dos respondentes (Spearman, $C = ,129$; Sig. = ,046) e entre *freqüentar espaços compatíveis de com seu estilo de vida* e *evitar espaços freqüentados por pessoas que causem insegurança* (Spearman, $C = ,132$; Sig. = ,040). Estas correlações indicam a importância de freqüentar espaços compatíveis com o estilo de vida, ainda que indivíduos tenham que percorrer distâncias maiores ou evitar determinados locais freqüentados por grupos diferentes do seu ou por indivíduos considerados perigosos.

De acordo com os hábitos dos usuários, em relação aos seus deslocamentos para realizar atividades de lazer, verificou-se que os respondentes costumam utilizar os espaços da cidade nos momentos de lazer, freqüentando, principalmente, espaços públicos de outros bairros e espaços públicos do próprio bairro quando adequados (tabela 4.47).

Tabela 4.47 – Hábitos de lazer dos respondentes.

CARACTERÍSTICAS DE APROPRIAÇÃO	%
Utilizo espaços públicos de outros bairros	50%
Utilizo espaços públicos do meu bairro	47%
Utilizo espaços públicos edificados (clube, academia, <i>shopping</i> , cinema)	43%
Utilizo espaços públicos de outras cidades	36%
Não costumo sair de casa nos momentos de lazer	11%

Apenas 11% dos respondentes, sendo que do total da amostra 27% foram abordados no local de moradia, declararam que costumam ficar em casa nos momentos de lazer. Acredita-se que estes resultados podem estar relacionados a questões de nível sócio-econômico e faixa etária, que estariam afetando fortemente as possibilidades de circulação dos moradores.

A) Influência do nível sócio-econômico na percepção da atratividade e intensidade de uso

Os resultados relativos à renda familiar dos respondentes revelam predomínio de rendas média e baixa (40,5% dos respondentes declararam ter renda familiar mensal entre R\$ 1.000,00 e R\$ 2.500,00). Ao comparar com os dados do Censo Demográfico de 2000, nota-se que os respondentes desta pesquisa apresentam rendimentos mais altos que a faixa mais representativa na pesquisa do IBGE, mas ainda dentro das classes de maior frequência de até 5 salários mínimos (tabela 4.48).

Tabela 4.48 – Comparação entre as faixas de rendimentos mensais em São Leopoldo, segundo o CENSO 2000 e as faixas de rendimento mensal obtidas nesta pesquisa.

CENSO 2000 Faixa de renda mensal*	VALORES CENSO	Faixas de renda familiar utilizadas na pesquisa	VALORES PESQUISA
Até R\$ 415,00 (até 1 salário mínimo**)	10,5%	Até de R\$ 1.000,00	25,5%
Mais de R\$ 415,00 a R\$ 830,00 (mais de 1 salário mínimo a 2 salários mínimos)	17%		
Mais de R\$ 830,00 a R\$ 1.245,00 (mais de 2 salários mínimos a 3 salários mínimos)	10,5%	Mais de R\$ 1.000,00 à R\$ 2.500,00	40,5%
Mais de R\$ 1.245,00 a R\$ 2.075,00 (mais de 3 salários mínimos a 5 salários mínimos)	11%		
Mais de R\$ 2.075,00 a R\$ 4.150,00 (mais de 5 salários mínimos a 10 salários mínimos)	10%	Mais de R\$ 2.500,00 à R\$ 4.000,00	19%
Mais de R\$ 4.150,00 a R\$ 8.300,00 (mais de 10 salários mínimos a 20 salários mínimos)	4%	Mais de R\$ 4.000,00 à R\$ 6.500,00	8%
Mais de R\$ 8.300,00 (mais de 20 salários mínimos a 30 salários mínimos)	1%	Mais de R\$ 6.500,00	7%
Sem rendimento	36%	---	---

Notas: (*) Estas faixas de renda foram selecionadas entre as faixas de renda resultantes do CENSO DEMOGRÁFICO, 2000;

(**) Valor de referência salário mínimo nacional R\$ 415,00 (Lei nº 11.709, de 19/06/2008.). Fonte: IBGE, 2009.

Em relação à escolaridade dos respondentes, 60% possuem o ensino médio completo, e destes, 17% o superior completo. Em comparação com os níveis de escolaridade do Censo de 2000, verifica-se que os usuários da pesquisa possuem níveis de escolaridade maiores que o do Censo (tabela 4.49).

Tabela 4.49 – Comparação entre os níveis de escolaridade em São Leopoldo, segundo o CENSO 2000 e os níveis de escolaridade obtidos nesta pesquisa.

CENSO 2000 Níveis de escolaridade*	RESULTADOS CENSO	Níveis de escolaridade utilizados na pesquisa	RESULTADOS PESQUISA
Creche/ Pré-escola ou classe de alfabetização	7,9%	----	----
----	----	Fundamental incompleto	16%
Fundamental completo	60%	Fundamental completo	13,5%
----	----	Médio incompleto	10,5%
Médio completo	15,1%	Médio completo	25%
----	----	Superior incompleto	18%
Superior completo	12%	Superior completo	17%
Mestrado ou Doutorado	5%	----	----

Notas: (*) Estes níveis de escolaridade foram selecionados entre os níveis de escolaridade resultantes do CENSO DEMOGRÁFICO, 2000. Fonte: IBGE, 2009.

Constatou-se que os usuários das praças e dos parques têm os menores níveis de renda e de escolaridade e os usuários das ruas tem os maiores níveis de renda e escolaridade (tabela 4.50). Os usuários do Parque Imperatriz e da Praça do Imigrante, que possuem menores rendas, demonstraram maior satisfação com os espaços públicos de lazer de São Leopoldo, do que os usuários da Av. São Borja e da Rua Independência (K-W, $\chi^2 = 32,272$; Sig. = ,000). Este resultado revela a tendência de que usuários com menores níveis sócio-econômicos estariam mais satisfeitos com os espaços públicos da cidade, do que usuários de maior poder aquisitivo.

Tabela 4.50 – Variação na faixa de renda e escolaridade por espaço público de lazer.

	Espaço Público de lazer							
	Parque Imperatriz Leopoldina	Praça do Imigrante	Largo Rui Porto	Praça Vinte de Setembro	Praça Daltro Filho	Parque do Trabalhador	Rua Independência	Av. São Borja
Faixa de renda (Sig. = ,078)	115,18	93,17 (- renda)	115,73	120,60	127,23	108,95	141,42	141,72 (+ renda)
Escolaridade (Sig. = ,035)	103,28	90,45 (- escolaridade)	126,90	119,77	130,13	110,92	146,37 (+ escolaridade)	136,18
Os valores tratam das médias dos valores ordinais (obtidos a partir do teste kruskal-Wallis – K-W). Quanto maior o valor, maior a renda e maior a escolaridade.								

Em relação aos Parques, constatou-se que o Parque do Trabalhador, situado no Bairro Vicentina, ocupado por moradores de menor nível sócio-econômico, é intensamente utilizado. Já o Parque Imperatriz, próximo ao Bairro São José, mais valorizado economicamente, é muito pouco utilizado pelos moradores do bairro, recebendo usuários de outros bairros limítrofes. Estes resultados evidenciam a tendência de que quanto maior a faixa de renda menor a participação na vida pública.

Os respondentes de menor renda tendem a ter menor preocupação com a reputação dos espaços públicos. Por exemplo, verificou-se que respondentes com renda até R\$ 1.000,00 demonstraram menor preocupação com a reputação dos espaços públicos que estavam freqüentando, já os respondentes com renda entre R\$2.500,00 e R\$ 4.000,00 demonstraram maior preocupação (K-W, $\chi^2 = 11,539$; Sig. = ,021).

Cerca de 65% dos respondentes declararam que freqüentariam mais os espaços públicos de São Leopoldo, caso seu estilo de vida permitisse (condições financeiras e tempo). Os resultados indicam ainda, correlação entre o desejo *de conhecer os espaços públicos de outros bairros da cidade* e o desejo *de freqüentar mais os espaços públicos da cidade, caso seu estilo de vida permitisse* (Spearman, $C = ,369$; Sig. = ,000), evidenciando que existe vontade por parte dos respondentes em circular pelos bairros da cidade, para conhecer espaços públicos de lazer, mas que nem sempre têm tempo e condições financeiras de o fazerem.

Entre os que gostariam de freqüentar mais os espaços públicos de lazer de São Leopoldo, mas sentem-se impedidos por problemas relacionados à falta de condições financeiras e de tempo, estão os respondentes com renda inferior a R\$ 1.000,00. Em compensação, são os respondentes com renda familiar superior a R\$ 6.500,00 mensais que demonstraram menor vontade em circular pelos demais espaços públicos da cidade (K-W, $\chi^2 = 14,561$; Sig. = ,006).

A partir da constatação de que os usuários com menor escolaridade possuem menor renda (K-W, $\chi^2 = 69,242$; Sig. = ,000), foi verificado que foram os usuários de menor escolaridade (e também de menor renda) que expressaram maior vontade em *freqüentar os espaços públicos de lazer de São Leopoldo, caso seu estilo de vida permitisse*, do que os de maior grau de instrução (K-W, $\chi^2 = 17,768$; Sig. = ,003).

Em relação aos hábitos de lazer dos usuários (tabela 4.47), verificou-se que os respondentes com rendas de até R\$ 1.000,00 costumam utilizar mais os espaços públicos do seu bairro (56%) e costumam ficar em casa nos momentos de lazer (21,5%). Já os respondentes com rendas entre R\$ 2.500,00 e R\$ 4.000,00 costumam utilizar mais os espaços públicos de outros bairros (60%), os espaços públicos de outras cidades (50%), enquanto que os respondentes com rendas superiores a R\$ 6.500,00 costumam utilizar

também os espaços edificados nos momentos de lazer (K-W, $\chi^2 = 19,078$; Sig. = ,001), por terem mais condições financeiras de pagar por este tipo de lazer.

Estes resultados são corroborados pelos respondentes que declararam ter o costume de freqüentar espaços distantes da moradia – quando mais qualificados que os espaços do bairro. Os respondentes com rendas abaixo de R\$ 1.000,00 são os que freqüentam menos e os respondentes com rendas entre R\$ 2.500,00 e R\$ 4.000,00 (K-W, $\chi^2 = 10,510$; Sig. = ,033) são os que freqüentam mais, evidenciando que os usuários com menor renda tenderiam a se deslocar menos em busca de espaços mais qualificados.

Constatou-se ainda que indivíduos com maior renda permanecem menos tempo em casa nos momentos de lazer, do que aqueles com menor renda (K-W, $\chi^2 = 9,462$; Sig. = ,051), provavelmente devido as condições financeiras das faixas de renda mais altas, que possibilita maiores deslocamentos.

A *satisfação com o espaço público em que o respondente estava* mostrou relação com a *satisfação com as possibilidades de circular pelos diferentes bairros da cidade para visitar outros espaços públicos* (Spearman, $C = ,237$; Sig. = ,000), sugerindo que usuários mais satisfeitos com suas condições de deslocamentos, tendem a estar mais satisfeitos com os espaços de lazer que freqüentam, devido as possibilidades de escolha. A freqüência aos eventos nos espaços públicos da cidade parece estar também relacionada à renda dos respondentes, pois respondentes com menor renda são os que mais costumam freqüentar os eventos realizados os espaços públicos de São Leopoldo e, conforme a renda aumenta, a freqüência diminui (K-W, $\chi^2 = 9,408$; Sig. = ,052) (tabela 4.51).

Tabela 4.51 – Variáveis relacionadas às faixas de renda dos respondentes.

	Faixas de renda familiar				
	Até R\$ 1.000,00	Mais de R\$ 1.000,00 à R\$ 2.500,00	Mais de R\$ 2.500,00 à R\$ 4.000,00	Mais de R\$ 4.000,00 à R\$ 6.500,00	Mais de R\$ 6.500,00
Satisfação com os espaços públicos de lazer existentes em São Leopoldo (Sig. = ,001)	94,65 (+ satisfeitos)	119,42	134,64	153,75 (- satisfeitos)	142,85
Satisfação com as possibilidades de circulação na cidade, para visitação de outros espaços de lazer (Sig. = ,009)	100,75 (+ satisfeitos)	117,99	128,93	125,55	145,62 (- satisfeitos)
São Leopoldo privilegia a convivência nos espaços públicos (Sig. = ,006)	105,43 (acreditam +)	113,75	128,96	148,63	157,65 (acreditam -)
Freqüência aos eventos programados realizados nos espaços públicos de São Leopoldo (Sig. = ,052)	112,39 (freqüentam +)	114,66	121,02	147,48	149,79 (freqüentam -)

Os valores tratam das médias dos valores ordinais (obtidos a partir do teste kruskal-Wallis – K-W). Quanto **menor** o valor, mais alto o nível de satisfação e/ou concordância.

Verificou-se, ainda, que os respondentes que tendem a valorizar mais a realização de eventos são aqueles com menor condição financeira e que, portanto, tem nos eventos

boa oportunidade de sair da rotina e se divertir. Todavia, ainda que os respondentes de menor renda e escolaridade sejam os que se deslocam menos em busca de espaços públicos de lazer mais qualificados, são os mais satisfeitos com suas possibilidades de circulação pela cidade, com os espaços públicos de lazer em geral e também os mais satisfeitos com as condições de vida pública oferecidas pela cidade (tabelas 4.51 e 4.52).

Tabela 4.52 – Variáveis relacionadas aos níveis de escolaridade dos respondentes.

	Escolaridade					
	Ens. fund. incompleto	Ens. fund. completo	Ens. médio incompleto	Ens. médio completo	Ens. sup. incompleto	Ens. sup. completo
Satisfação com as possibilidades de circulação na cidade, para visitação de outros espaços de lazer (Sig. = ,001)	99,80	93,80 (+ satisfeitos)	112,08	116,85	142,47	147,14 (- satisfeitos)
Satisfa�o de morar em São Leopoldo (Sig. = ,019)	105,37	103,98 (+ satisfeitos)	116,92	114,36	143,19 (- satisfeitos)	132,45
Satisfa�o com os espaços públicos de lazer existentes em São Leopoldo (Sig. = ,000)	84,75 (+ satisfeitos)	96,45	113,28	119,71	151,65 (- satisfeitos)	144,70
São Leopoldo � uma cidade que privilegia a convivência nos espaços públicos (Sig. = ,000)	92,39 (acreditam +)	98,81	133,12	104,51	157,05 (acreditam -)	140,37

Os valores tratam das m dias dos valores ordinais (obtidos a partir do teste kruskal-Wallis – K-W). Quanto **menor** o valor, mais alto o nível de satisfa o e/ou concordância.

Verifica-se, portanto, que a renda e a escolaridade dos usuários afetam a percep o e avalia o da qualidade dos espaços públicos, intensidade de uso e padrões de deslocamentos nos momentos de lazer. Em síntese, os indivíduos com maior renda mostraram-se mais insatisfeitos com os espaços da cidade e por isso se deslocam mais em busca de um espaço público qualificado, mesmo que em outra cidade. Já as pessoas com menor renda estão mais satisfeitas com São Leopoldo e mais dispostas a se deslocar por outros bairros para conhecer outros espaços de lazer. São estas que costumam freqüentar mais os eventos nos espaços públicos.

B) Influencia da faixa etária na percep o da atratividade e intensidade de uso

A faixa etária predominante   a composta por adultos (26-40 anos e 41-60 anos) (tabela 4.53). Quando comparadas as categorias de cada faixa etária com os resultados do Censo Demográfico de 2000, verifica-se que os resultados desta pesquisa coincidem com as faixas etárias de maior freq ncia no Censo.

Tabela 4.53 – Comparação entre as faixas etárias de São Leopoldo, segundo o CENSO 2000 e as faixas etárias obtidas nesta pesquisa.

CENSO 2000 Faixas etárias*	TOTAL CENSO	Faixas etárias utilizadas na pesquisa**	TOTAL PESQUISA
0 a 19 anos	37%	----	----
20 a 29 anos	17%	Entre 18 e 25 anos	26,5%
30 a 39 anos	17%	Entre 26 e 40 anos	31,%
40 a 59 anos	21%	Entre 41 e 60 anos	32%
60 anos ou mais	8%	Acima de 61 anos	10%

Notas: (*) Estas faixas etárias foram selecionadas entre as faixas etárias resultantes do CENSO DEMOGRÁFICO, 2000; (**) As faixas etárias utilizadas nos questionários foram estabelecidas a partir dos objetivos da pesquisa visando à aplicação de questionários apenas para pessoas com no mínimo 18 anos. Fonte: IBGE, 2009.

Durante as observações comportamentais, constatou-se que usuários de diferentes faixas etárias tendem a se concentrar em alguns espaços públicos e estar mais distribuídos em outros, dependendo da localização, das características do entorno e da oferta de atividades no local, compatíveis com as necessidades específicas de cada faixa etária. Deste modo, os espaços públicos têm usuários característicos, com territórios sociais por vezes fechados e demarcados e por vezes mais distribuídos e menos perceptíveis.

Em relação às categorias pesquisadas, verifica-se que nas praças, quanto maior a variedade de equipamentos de lazer, mais diversificadas as faixas etárias. Nas Praças Vinte de Setembro e Daltro Filho, por terem mais opções de lazer para os usuários, são encontrados adultos sozinhos ou com crianças utilizando o playground e os espaços para sentar próximos aos brinquedos, adolescentes em grupos, sentados nas arquibancadas, além de idosos, em menor número, sentados nos bancos voltados para a rua e casais em bancos com menor visibilidade, onde há mais privacidade.

Já na Praça do Imigrante, que tem oferta de lazer voltada para a contemplação (espaços para sentar e sombra), o público principal é composto por adultos: visitantes de outras localidades, vendedores ambulantes e moradores de rua. Esta Praça, que apresenta menor intensidade de uso do que as outras duas praças, é ocupada por uma grande quantidade de adultos moradores de rua ou não e por adolescentes. Os moradores de rua e os demais usuários freqüentam a praça quase em mesmo número, porém em horários diferentes: o primeiro grupo freqüenta o local pela manhã e no final da tarde e o segundo grupo freqüenta o local no horário comercial – ambientes comportamentais definidos por cada grupo –, quando há maior movimento no entorno.

O Largo Rui Porto, assim como a Praça do Imigrante, evidencia o quanto a pouca variedade de equipamentos limita a diversidade de faixas etárias, pois o local que oferece atividades voltadas, basicamente, para adolescentes, virou o território de *skatistas*. São usuários que compartilham o gosto por este esporte, que aos finais de semana, vão de carro até o local e para ouvir música. Os adolescentes com seus skates usam a pista em qualquer

hora do dia, já os adultos mais velhos, as crianças e os idosos, se apropriam do local em poucas ocasiões, geralmente motivado por um atrator, como os eventos.

Entre as praças investigadas, foi verificada a influência dos usos do entorno na faixa etária dos usuários. Constatou-se que na Praça Vinte de Setembro, região antiga do centro que concentra residências dos primeiros tempos de expansão do bairro, diferentemente da Praça Daltro Filho, circundada por edifícios originais dos anos 80, existe grande concentração de idosos, moradores do entorno. Também foi verificado que, pela proximidade de escolas, as praças recebem grupos de crianças, acompanhadas pelos pais ou pelas professoras.

Os parques, por oferecerem oportunidades de lazer similares (ainda que níveis de manutenção muito diferentes), apresentam usuários de faixas etárias e hábitos de lazer parecidos. O público destes espaços de lazer é ocupado por adultos que freqüentam o local com grupo de amigos e/ou com filhos. Os adolescentes que freqüentam o Parque Imperatriz Leopoldina costumam utilizar o local mais durante a semana, quando não há tantos adultos, já os adolescentes do Parque do Trabalhador usam o local durante a semana e aos finais de semana, porque além de ter uma área de lazer maior, tem mais quadras esportivas.

A atratividade dos parques, em relação à atração de grupos de crianças, parece ser maior que das praças, acredita-se que pela dimensão dos locais, pela maior segurança que oferecem e também pela oferta de equipamentos de lazer mais diversificada.

Nas ruas, os usuários preferem os espaços para sentar onde podem ver o fluxo de pedestres. O movimento evidenciou-se como um grande atrator, principalmente nas ruas. A Rua Independência apresenta um grande mix de faixas etárias durante o dia, devido ao comércio. Já durante a noite, é possível identificar territórios sociais: seus usuários costumam freqüentar o local em grupos de amigos, em sua maioria, jovens (tabela 4.55), principalmente pela oferta de lazer noturno. A via apresenta divisões espaciais ao longo dos quarteirões, pois cada grupo tem seu ponto preferido. Os jovens e adultos jovens se apropriam dos bares, sentam-se nos bancos nas esquinas ou nos *guard rails*. Observou-se que os mais jovens não prezam tanto pelo conforto e, muitas vezes, como preferem reunir-se em locais onde tem maior movimento, sentam-se em qualquer local e utilizam aquilo que o ambiente oferece (como degraus e *guard rails*).

Em relação aos equipamentos oferecidos e os grupos de diferentes faixas etárias constatou-se que as crianças se apropriam dos locais com brinquedos ou que despertem sua curiosidade, mas estão mais presentes em praças e parques. Os jovens estão em todos os espaços públicos, usam as praças e os parques para praticar esportes (jogos) e nas ruas costumam se reunir em grupos. Os adolescentes, diferentemente de outras faixas etárias, freqüentam as praças durante a noite. Já os adultos estão igualmente presentes em todos os espaços públicos, e prezam mais pelo conforto que os jovens: em praças e parques

procuram locais para sentar com sombra, em ruas procuram os bares com coberturas. Já os idosos estão mais nos bancos periféricos das praças e das ruas, onde se pode ver o movimento.

Os mais jovens costumam freqüentar os espaços públicos de São Leopoldo em grupos, acreditam que seu estilo de vida não lhes impede de freqüentar mais os espaços públicos de lazer (K-W, $\chi^2 = 12,004$; Sig. = ,007), e se preocupam menos com a reputação de um local antes de freqüentá-lo (K-W, $\chi^2 = 9,752$; Sig. = ,021).

De acordo com os resultados, os adultos jovens (entre 18 e 25 anos) são o grupo mais insatisfeito em morar em São Leopoldo e se deslocar pela cidade, bem como estão mais insatisfeitos com os espaços públicos de lazer de São Leopoldo e com as oportunidades de desfrutar da vida pública. Também são os respondentes deste grupo que não reconhecem a existência de espaços com potencial turístico na cidade (tabela 4.54). Acredita-se que esta visão negativa seja influenciada pelo nível sócio-econômico, pois os indivíduos mais jovens desta pesquisa, são aqueles com as maiores faixas de renda e por terem mais opções e/ou contato com outras realidades, são os mais descontentes com as opções oferecidas em São Leopoldo e costumam utilizar mais os espaços edificados da cidade como clubes, *shoppings*, cinema e academia, nos seus momentos de lazer (60,5%).

A faixa entre 26 e 40 anos é a que concentra os respondentes mais preocupados com a presença de grupos diferentes dos seus e costumam evitar espaços inseguros (K-W, $\chi^2 = 8,689$; Sig. = ,034). Destaca-se que estão nesta faixa etária boa parte dos freqüentadores da Praça Daltro Filho e do Parque Imperatriz Leopoldina (locais com boa oferta de equipamentos infantis), em sua maioria, pais com filhos pequenos.

Os indivíduos entre 41 e 60 anos são aqueles, dentre as faixas etárias estudadas, que utilizam mais os espaços públicos do bairro em que moram (55%) e de outros bairros (50%). Estes indivíduos estão razoavelmente satisfeitos com a cidade e os espaços, e foram encontrados com maior freqüência na Praça Vinte de Setembro e no Parque do Trabalhador.

O grupo de respondentes com mais de 60 anos costuma se preocupar menos com a presença de grupos ou indivíduos que os deixem inseguros (K-W, $\chi^2 = 8,689$; Sig. = ,034). Os idosos, geralmente chegam sozinhos aos espaços públicos e muitas vezes permanecem sozinhos, provavelmente por isso não tenham tanta necessidade de encontrar grupos semelhantes aos seus nos espaços públicos que freqüentam. Os idosos, mesmo que não sejam tão representativos nos espaços públicos, mostraram-se mais satisfeitos de maneira geral, todavia, não consideram que São Leopoldo é uma cidade que privilegia a convivência nos espaços públicos, talvez pela percepção de falta de segurança ou porque os espaços públicos não estejam suprindo as suas necessidades de lazer.

Tabela 4.54 – Variáveis relacionadas às faixas etárias dos respondentes.

	Faixa etária			
	Entre 18 e 25 anos	Entre 26 e 40 anos	Entre 41 e 60 anos	Acima de 61 anos
Satisfação de morar em São Leopoldo (Sig. = ,030)	135,50 (- satisfeitos)	123,11	113,40	95,65 (+ satisfeitos)
Satisfação com as possibilidades de circulação na cidade, para visitação de outros espaços de lazer (Sig. = ,016)	143,06 (- satisfeitos)	111,28	115,06	107,94 (+ satisfeitos)
Satisfação com os espaços públicos de lazer existentes em São Leopoldo (Sig. = ,011)	138,44 (- satisfeitos)	125,00	109,27	95,17 (+ satisfeitos)
São Leopoldo é uma cidade que privilegia a convivência nos espaços públicos (Sig. = ,008)	144,46 (acreditam -)	113,08	109,36 (acreditam +)	116,85
Existem espaços públicos em São Leopoldo com potencial turístico (Sig. = ,016)	134,68 (acreditam -)	127,75	110,47	92,48 (acreditam +)
Os valores tratam das médias dos valores ordinais (obtidos a partir do teste kruskal-Wallis – K-W). Quanto menor o valor, mais alto o nível de satisfação e/ou concordância.				

O tipo de pessoa que frequenta o local, foi mencionado por quase 40% dos respondentes como motivação para não usar um espaço público (tabela 4.45), assim como os respondentes das três categorias de espaços públicos de lazer consideram que ‘o tipo de pessoa que frequenta’ é um dos atratores (tabela 4.43). Estes resultados sugerem que os indivíduos procuram grupos semelhantes aos seus nos espaços públicos.

A intensidade de apropriação dos espaços públicos por usuários de diferentes faixas etárias evidenciou-se dependente das características do entorno e principalmente das atividades oferecidas no espaço público. Verificou-se uma tendência de que quanto maior a faixa etária, maiores os níveis de satisfação (tabela 4.55).

Portanto, os resultados confirmam a influência do nível sócio-econômico e das necessidades específicas dos usuários de cada faixa etária, na construção de grupos e na forma de apropriação de espaços públicos com grupos semelhantes aos seus. O estilo de vida mostrou-se relevante para que o indivíduo julgue se determinados espaços são satisfatórios e atendem às suas expectativas. A oferta de equipamentos específicos, como pistas de skate, bares, playgrounds nos espaços públicos, demonstraram atrair determinados segmentos de público, com linguagens e formas de expressão próprias, mas este público – dependendo de suas possibilidades financeiras – julgará se o espaço é compatível com o que deseja e se não o for, partirá em busca de um local que melhor represente seus gostos.

4.3.2.2. Influência dos aspectos simbólicos na percepção da atratividade e intensidade de uso

Em relação aos aspectos simbólicos ou possíveis significados positivos e negativos relacionados aos espaços públicos pesquisados, foi constatado que alguns locais estão inseridos na memória dos respondentes, enquanto que outros não são prontamente identificados pelo nome, mas por alguma atividade desenvolvida no seu interior. E outros, simplesmente, são desconhecidos por boa parte dos respondentes.

Procurou-se medir a influência da familiaridade dos usuários com os espaços públicos no nível de satisfação, o nível de importância que os espaços tinham para os respondentes, se esta importância estava associada ao uso e, ainda, se a intensidade de uso e a importância dada ao espaço público poderiam influenciar na avaliação dos locais investigados como turísticos ou não.

A maioria dos espaços públicos tem mais de 20 anos de existência e entre os respondentes, a metade vive há mais de 15 anos na cidade, sendo que 27% vive entre 11 e 21 anos e 32% entre 21 a 30 anos. A familiaridade não se mostrou relevante para o nível de satisfação com os espaços pesquisados, entretanto a maioria dos usuários era morador do entorno do espaço em que foi abordado, o que indica alto grau de familiaridade e uma possível influência no uso dos espaços.

Dentre os moradores mais antigos, estão os usuários das ruas, com mais de 20 anos de moradia em São Leopoldo (tabela 4.55). São também estes usuários que freqüentam há mais tempo os locais pesquisados e apresentam maior freqüência de uso, praticamente diária (tabela 4.55). Na Rua Independência, por exemplo, ainda que os respondentes sejam os mais novos em faixa etária (tabela 4.55), moram na cidade há muitos anos (57% vive há mais de 20 anos na cidade) o que sugere que tenham uma relação com a rua desde sua infância.

Já entre os espaços utilizados há menos tempo, está o Parque Imperatriz que tem apenas 3 anos de existência. Verificou-se que os usuários não são moradores do entorno e que freqüentam semanalmente, de modo que a familiaridade não estaria influenciando decisivamente para o uso. O que parece ser mais relevante para promover o uso neste local seriam seus aspectos físicos, como boa manutenção e atividades oferecidas. Ao contrário do Parque Imperatriz, foi constatada a influência da familiaridade no Parque do Trabalhador, pois a maioria dos seus usuários era morador ou trabalhador do entorno e freqüentava o local, que existe há mais de 30 anos, quase que diariamente. Portanto, ainda que o local esteja carente de manutenção, a proximidade de casa e tradição de uso, presente na fala da maioria dos respondentes, faz com que os indivíduos continuem freqüentando o Parque.

Tabela 4.55 – Comparação entre o perfil dos usuários dos espaços públicos pesquisados.

	Espaço Público de lazer							
	Parque Imperatriz Leopoldina	Praça do Imigrante	Largo Rui Porto	Praça Vinte de Setembro	Praça Daltro Filho	Parque do Trabalhador	Rua Independência	Av. São Borja
Faixa etária (Sig. = ,001)	126,83	114,33	107,67	151,65 (+ velhos)	104,58	147,65	83,87 (+ novos)	127,32
Frequência de uso (Sig. = ,000)	68,60 (- frequência)	83,65	96,08	136,38	107,45	133,82	161,25	176,44 (+ frequência)
Tempo de uso (Sig. = ,000)	56,40 (- tempo)	90,10	101,77	112,40	114,78	138,17	174,05	175,18 (+ tempo)
Tempo de moradia em SL (Sig. = ,000)	129,53	64,28 (- tempo)	124,10	122,80	109,18	118,53	131,05	164,82 (+ tempo)
Existem espaços públicos em São Leopoldo com potencial turístico (Sig. = ,057)	108,72	98,98 (concordam +)	135,93	118,75	140,50	110,70	141,40 (concordam-)	109,02
Os valores tratam das médias dos valores ordinais (obtidos a partir do teste kruskal-Wallis – K-W). Quanto maior o valor maior a faixa etária, maior a frequência de uso, maior o tempo de uso, maior o tempo de moradia e maior a concordância com o potencial turístico dos espaços públicos. (Sig. = ,000)								

A maior parte dos usuários das praças do Imigrante e o Largo Rui Porto frequenta estes locais há menos de cinco anos, apesar destes espaços públicos terem mais de 70 anos e mais de 20 anos de existência, respectivamente. Acredita-se que o pouco tempo de uso seja devido às descaracterizações que os locais sofreram e que afastaram os antigos usuários, que não tinham mais suas necessidades satisfeitas. Assim novos usuários passaram a usar a Praça do Imigrante e o Largo Rui Porto.

Quase a metade dos respondentes (43%) reconhece a existência de espaços potencialmente turísticos em São Leopoldo, ainda que 35% tenham negado a existência. Verificou-se correlação entre a *satisfação com os espaços públicos de lazer de São Leopoldo* e o reconhecimento do *potencial turístico dos espaços públicos de lazer da cidade* (Spearman, $C = ,144$; Sig. = ,026), sugerindo que indivíduos mais satisfeitos com os espaços públicos da cidade, tenderiam a reconhecer maior potencial turístico entre estes espaços de lazer. A correlação entre a *percepção do potencial de convívio nos espaços públicos de São Leopoldo* e o reconhecimento do *potencial turístico dos espaços de lazer* (Spearman, $C = ,196$; Sig. = ,002), reforça esta tendência, de que quando os usuários estão mais satisfeitos com a vida pública e com os espaços da cidade, tendem acreditar mais no potencial turístico dos espaços públicos.

Em relação à importância da imagem positiva dos espaços públicos para o uso, 81% dos respondentes declararam que consideraram a reputação do espaço público antes de frequentá-lo. Os resultados indicam ainda que espaços públicos que passam a imagem de

mais inseguros, pelo tipo de usuário, tendem a ser menos utilizados (Spearman, $C = ,335$; Sig. = ,000).

A influência da imagem no grau de importância atribuído e no reconhecimento dos espaços investigados como atrativos turísticos, foi evidenciada, visto que, mesmo quando um espaço não é tão utilizado, mas possui uma imagem forte, atrelada a um significado histórico, por exemplo, esta imagem pode afetar positivamente a percepção de importância e potencial turístico mais fortemente do que o uso. Abaixo segue tabela com o ranking dos espaços investigados (tabela 4.56) e gráfico gerado a partir desta tabela (figura 4.57), de acordo com a intensidade de uso, grau de importância e reconhecimento do potencial turístico:

Tabela 4.56 – Ranking dos espaços mais utilizados, mais importantes e dos espaços considerados turísticos, de acordo com o total da amostra.

ESPAÇOS MAIS UTILIZADOS	%	ESPAÇOS MAIS IMPORTANTES	COLOC.	ESPAÇOS TURÍSTICOS	%
Rua Independência	72%	Rua Independência	1º	Rua Independência	40,0%
Largo Rui Porto	35,5%	Parque Imperatriz Leopoldina	2º	Largo Rui Porto	31%
Praça Vinte de Setembro	35%	Praça Vinte de Setembro	3º	Praça Vinte de Setembro	28%
Av. São Borja	34%	Largo Rui Porto	4º	Praça do Imigrante	28%
Parque do Trabalhador	29%	Praça Daltro Filho	5º	Parque Imperatriz Leopoldina	26,5%
Praça Daltro Filho	28,5%	Praça do Imigrante	6º	Parque do Trabalhador	26%
Parque Imperatriz Leopoldina	27%	Av. São Borja	7º	Nenhum	18,5%
Praça do Imigrante	18%	Parque do Trabalhador	8º	Praça Daltro Filho	9,5%
Nenhum	1,5%	-----	-----	Av. São Borja	5%

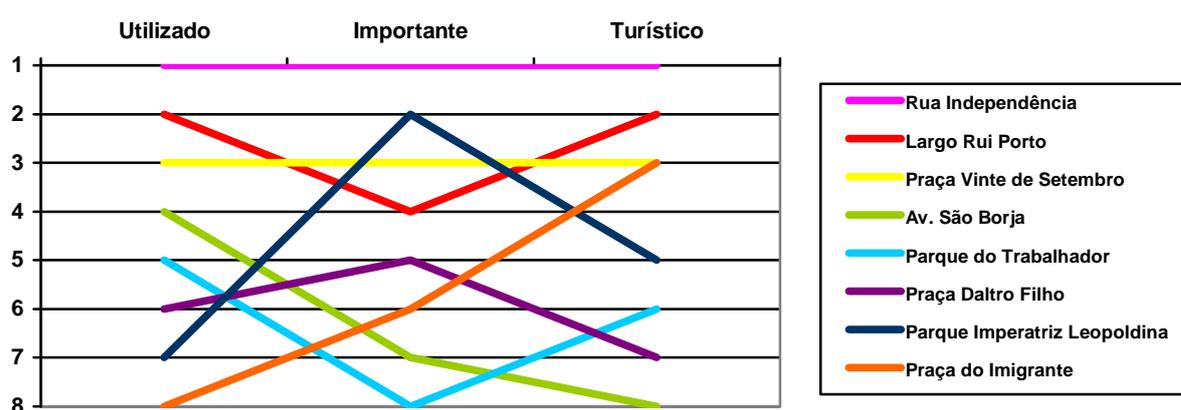


Figura 4.57 – Variação da classificação dos espaços públicos entre as categorias *utilizado*, *importante* e *turístico*. Fonte: autora, 2009.

Os espaços mais utilizados (tabela 4.56 e figura 4.57), segundo os respondentes, são a Rua Independência (72%), o Largo Rui Porto (35,5%) e a Praça Vinte de Setembro

(34%), todavia, com exceção da Independência que obteve grande freqüência, o restante apresentou freqüências semelhantes.

A Rua Independência é o espaço público mais antigo entre os locais pesquisados, sendo também o mais utilizado (figura 4.55). Acredita-se a escolha da Rua Independência como o espaço público mais importante e turístico, tenha relação com sua concentração temática, que a torna o ponto de encontro de moradores e visitantes. Diferentemente de ruas que declinam ou transformam-se com o passar dos anos, a Rua Independência permaneceu como a principal rua comercial e mantém sua forte e arraigada imagem de 'o centro' do centro da cidade (LYNCH, 1997) e faz com que os respondentes acreditem que é um atrativo turístico.

O Largo Rui Porto, por sua vez, apesar de ser o segundo espaço mais utilizado entre os pesquisados, tem importância mediana e potencial turístico alto (figura 4.57). Estes resultados explicam-se pelos eventos realizados no local, como a São Leopoldo *Fest*. Verificou-se que todos os respondentes, ao se referirem ao Largo Rui Porto, faziam a associação como o local onde acontece a São Leopoldo *Fest*. Justamente pelos eventos de média e grande atratividade, o Largo Rui Porto foi considerado um local turístico. Todavia, o local não consegue manter a importância, por estar fisicamente descaracterizado e sem manutenção, sendo um dos espaços menos utilizados (tabela 4.56).

Através destes resultados, fica evidente que, apesar da São Leopoldo *Fest* ter causado a descaracterização do Largo Rui Porto, é o que lhe confere identidade e atratividade maior, tornando a festa parte da imagem do local. Todavia se o local fosse melhorado para atender outras demandas da população, talvez aumentasse a intensidade de uso cotidiano e sua importância.

A Praça Vinte de Setembro, avaliada negativamente na Etapa I é um dos espaços indicados como mais utilizados pelos respondentes da segunda etapa, mantendo-se no mesmo nível de importância e de potencial turístico (tabela 4.56). Esta praça vem sendo melhorada, segundo os respondentes, principalmente em relação à segurança e a manutenção. Acredita-se que uma das razões que alteraram a percepção dos respondentes, seja de ordem física, devido a requalificação do antigo edifício da Biblioteca e Teatro Municipal existente na praça. De modo que os respondentes, quando indagados a respeito da Praça Vinte de Setembro, lembravam constantemente do novo e atrativo Centro Cultural, que provavelmente influenciou na sua classificação entre os espaços mais importantes e turísticos (pelas atividades culturais) dentre os investigados.

A Avenida São Borja é um espaço público de intenso uso cotidiano (figura 4.55). A via tem grande importância funcional por ser o acesso ao pólo industrial da cidade, e também serve de caminho para o trabalho, para casa, local de compras e de prática de exercícios para muitos indivíduos. Como sua atratividade se resume a tarefas do cotidiano,

sua oferta de lazer é limitada e não incentiva a permanência e, por isso, perde importância e praticamente não é considerada turística (figura 4.57), visto que para ser turística, deveria ter algum grande atrator que motivasse os deslocamentos, segundo a opinião dos respondentes.

O Parque do Trabalhador apresenta situação semelhante ao Largo Rui Porto (figura 4.57). É um espaço usado e considerado turístico pelos eventos que sedia, principalmente a Semana Farroupilha. Todavia, no cotidiano o espaço é usado mais intensamente por moradores do entorno, que não têm outras opções ou possibilidades de se deslocar para outros espaços da cidade, não conseguindo atrair grandes demandas de usuários. Portanto, acredita-se que pela imagem negativa resultante da falta de manutenção (percepção de abandono) e da localização mais periférica, o Parque do Trabalhador tenha menos importância para a totalidade da amostra.

A Praça Daltro Filho está entre os espaços menos utilizados (figura 4.57), apesar de apresentar frequência de uso média, quando comparada às praças investigadas, (figura 4.55). A Praça Daltro Filho é conhecida como a 'Praça dos brinquedos' por, praticamente, todos os respondentes e, de fato, os brinquedos são seu principal atrator. Esta imagem, juntamente com a boa manutenção do local, faz com que a Praça ganhe importância, além do seu uso. Todavia, por não apresentar atratores que motivem maiores deslocamentos e a tornem mais atrativa – como a Praça Vinte de Setembro e o Largo Rui Porto – a Daltro Filho é considerada um atrativo turístico, por apenas 9,5% do total da amostra. Ainda assim, neste local foram encontrados visitantes de outros municípios, encantados com a tranquilidade e animação da praçinha bem localizada.

Verificou-se, através da comparação da Praça Vinte de Setembro, do Largo Rui Porto e da Praça Daltro Filho, que uma praça por si só não possui atratividade suficiente para ser considerada turística, mas com atratores agregados, como um centro cultural ou com eventos programados, pode se tornar um atrativo turístico.

O Parque Imperatriz Leopoldina é, entre os espaços pesquisados, o de melhor manutenção e também foi indicado na Etapa I como preferido. No entanto o local é um dos espaços menos utilizados, acredita-se que por consequência do curto tempo de existência e pelo local onde o parque está localizado. Todavia ainda que o Parque tenha pouca intensidade de uso, aparece como o segundo espaço público mais importante entre os pesquisados (figura 4.57). Acredita-se que neste caso, a importância atribuída ao local, seja motivada pela imagem positiva que o Parque tem: sinônimo de beleza, de natureza preservada e de opção de lazer. Muitos respondentes quando indagados sobre o Parque, mesmo que não o conhecessem, já tinham uma imagem de que era um local muito bonito e bem cuidado. Portanto acredita-se que o Parque Imperatriz foi considerado como um atrativo turístico pela imagem positiva e pelas opções de lazer.

A Praça do Imigrante evidencia que a intensidade de uso de um espaço público não necessariamente influencia a percepção de importância e o reconhecimento como um atrativo turístico. A Praça é a menos utilizada entre os espaços pesquisados (figuras 4.55 e 4.57), devido a elementos físicos que interferem na sua atratividade (como a falta de manutenção, a falta de segurança, entre outros) e criam uma reputação negativa do local. Todavia, ainda que os usuários a evitem pela falta de condições de uso, eles sabem que o local é um marco histórico na cidade e consideram a praça importante e turística.

Entre os espaços pesquisados foram identificadas contradições entre uso, importância e a atratividade turística. Acreditava-se que os espaços mais utilizados seriam os mais importantes e conseqüentemente os mais turísticos e, de fato a Rua Independência e a Praça Vinte de Setembro se configuraram neste sentido (uso → importância → turístico). Ainda que sejam necessárias outras investigações, foi constatado que alguns locais, apesar de considerados importantes, são evitados pelos usuários, como a Praça do Imigrante. Um espaço pode se tornar importante por várias motivações: pelo uso intenso, pelo tipo de atividade oferecida (eventos, por exemplo) e também pelo significado histórico. Porém a importância não está, necessariamente, vinculada ao uso: um lugar pouco usado pode ser considerado como importante para os indivíduos e vice-versa.

4.4. Considerações finais

Os principais resultados obtidos a partir da investigação das variáveis que afetam a percepção do potencial de atratividade e a intensidade de uso dos espaços públicos com fins de lazer, são apresentados a seguir:

Em relação às variáveis físico-espaciais relacionadas aos espaços públicos, verificou-se que:

A) Acessibilidade

- Quanto maior a satisfação com as possibilidades de circulação e conseqüente apropriação dos espaços públicos, maior tende a ser o nível de satisfação dos indivíduos com a cidade;
- Indivíduos que necessitam utilizar espaços públicos de lazer distantes de sua moradia tendem a estar mais insatisfeitos com os espaços públicos da cidade;
- A localização das praças, em relação ao fácil acesso, configurou-se importante para a intensidade de uso, visto que a proximidade da moradia ou do local de trabalho dos usuários é o principal atrator;
- A motivação para se deslocar e freqüentar espaços mais qualificados torna-se mais importante do que as distâncias a serem percorridas;

- Para as praças e parques, os maiores níveis de integração não foram relevantes para a intensidade de uso;
- Confirmou-se que uma rua mais integrada globalmente tende a ter maior intensidade de uso.

B) Características do entorno e diversidade de atividades oferecidas

- A localização de uma praça numa zona mista (comercial e residencial) garante maior intensidade de uso do que a localização em uma zona estritamente comercial ou residencial;
- A concentração temática gerada a partir do uso comercial diversificado pode garantir maior intensidade de uso às ruas;
- O movimento de pessoas no espaço público confirma-se como um importante atrator, principalmente para as ruas;
- A existência de atratores como escolas, comércio e outras atividades de uso primário, influencia fortemente a intensidade de uso dos espaços públicos;
- Espaços públicos localizados em zona de preservação tendem a ser menos utilizados cotidianamente, pela ausência de atratores de uso primário;
- Quanto maior a variedade de atividades oferecidas numa praça, maior a diversidade de usuários;
- Tipos específicos de atividades, como bares e restaurantes, no caso das ruas, ou áreas de lazer com churrasqueiras, no caso dos parques, influenciam mais fortemente no tempo de permanências nos espaços públicos;
- Os eventos programados demonstraram ser atratores com potencial de trazer pessoas de locais distantes para os espaços públicos e fazer com que um espaço público com pouca atratividade cotidiana receba grande número de pessoas durante os eventos;
- Indivíduos que freqüentam eventos realizados nos espaços públicos da cidade demonstram maior satisfação com a vida pública;
- A realização de eventos que alteram a rotina dos moradores do entorno, tendem a causar descontentamento entre estes moradores.

C) Aparência

- O estado de manutenção das praças afeta a satisfação e intensidade de uso. Já para os parques e ruas, a manutenção afeta os níveis de satisfação, mas não afeta a intensidade de uso;
- Indivíduos mais satisfeitos com os espaços públicos da sua cidade e com os espaços públicos que freqüentam tendem a apresentar maior vontade de utilizar os demais espaços públicos e tendem a estar mais satisfeitos com a cidade em que vivem;

- A presença de vegetação, especialmente de árvores, que contribuam para a aparência positiva dos espaços públicos evidenciou-se importante para a atratividade das praças e parques.

D) Conforto e adequação ambiental

- A existência de espaços para sentar com arborização atua como forte atrator das praças;
- A arborização é o principal atrator entre os parques pesquisados;
- A calçada adequada para o uso intensifica a freqüência de uso das ruas;
- O excesso de vegetação age contrariamente ao conforto do espaço público, tornando-o sombrio e inseguro;
- O hábito de manipular os espaços para sentar foi constatado nos locais pesquisados e está ligado à necessidade de estar em grupos, de ter privacidade e acesso à sombra ou ao sol;
- A falta de adequação e conforto diminui a intensidade de uso, mas não o impede quando existe alguma necessidade mais relevante a ser satisfeita (como utilizar algum equipamento específico de lazer, por exemplo);
- Ruas que oferecem recantos confortáveis, que favorecem o estar (restaurantes, bares), tendem a ter maior atratividade e uso.

E) Segurança

- A falta de segurança é o principal motivo para evitar um espaço público de lazer e faz com que os indivíduos deixem de freqüentar locais próximo de sua moradia e utilizem locais distantes se os considerarem mais seguros;
- O julgamento de que algum grupo presente nos espaços públicos cause insegurança aos demais usuários tende a fazer com que o espaço seja evitado;
- A localização de um espaço público em bairros periféricos ou em zonas que tenham uma imagem negativa tende a reduzir a atratividade e a intensidade de uso do local;
- As ruas são percebidas como espaços mais seguros do que praças e parques, porque apresentam diversidade de uso que gera segurança e movimento de pessoas;
- A realização de eventos em espaços públicos percebidos como inseguros, pode afastar os potenciais usuários, inibindo a presença de indivíduos no local;
- Nas praças e parques verificou-se a importância da boa manutenção para a percepção de segurança, já nas ruas o movimento e o tipo de pessoas que freqüentam o local parecem ser mais relevantes para a percepção de segurança;
- Movimento veicular e de pedestres não são, necessariamente, opostos. A adaptação das ruas para que os veículos circulem vagarosamente (estreitamento de pista, menor velocidade permitida, entre outros) numa via de intenso uso de lazer noturno, por exemplo,

pode favorecer a boa convivência entre veículos e pedestres e contribuir para a atratividade da via.

Em relação às variáveis relacionadas às características dos usuários dos espaços públicos, verificou-se que:

F) Estilo de vida

- Os indivíduos tendem a estar mais satisfeitos com os espaços públicos da cidade, quando acreditam que estes atendem aos seus estilos de vida;
- Para freqüentar espaços compatíveis com seus estilos de vida, os indivíduos não se importam em percorrer distâncias maiores ou evitar determinados locais freqüentados por pessoas diferentes do seu grupo habitual.
- A aparência e o comportamento dos usuários de um espaço público tendem a ser relevantes para promover o uso ou evitar o local: indivíduos tendem a procurar espaços freqüentados por grupos semelhantes aos seus.

Nível sócio-econômico

- Usuários com menor nível sócio-econômico tendem a estar mais satisfeitos com os espaços públicos da cidade e expressam maior vontade de freqüentá-los;
- Espaços públicos localizados em bairros com menor nível sócio-econômico tendem a ser mais intensamente apropriados pelos moradores do entorno;
- Os respondentes de menor renda têm menor preocupação com a reputação dos espaços públicos;
- Quanto menor a renda, mais freqüente o hábito de utilizar os espaços públicos do seu bairro e de ficar em casa nos momentos de lazer;
- Quanto maior a renda, maior a tendência a utilizar espaços edificados nos momentos de lazer;
- Usuários mais satisfeitos com suas condições de deslocamentos tendem a estar mais satisfeitos com os espaços de lazer que freqüentam, devido às possibilidades de escolha;
- Usuários com menor renda tendem a participar mais de eventos realizados nos espaços públicos e a valorizar mais a realização de eventos.

Faixas etárias

- A diversidade de faixas etárias é maior naqueles espaços públicos que apresentam maior variedade de atividades;

- Idosos preferem os espaços onde existe maior visibilidade como bancos nas bordas das praças e espaços para sentar em ruas movimentadas, de modo que eles possam observar o movimento sem necessariamente participar dele;
- Os adultos estão presentes em todos os espaços públicos e prezam mais pelo conforto do que os jovens: em praças e parques procuram locais para sentar com sombra, em ruas procuram os bares com coberturas;
- Os adultos jovens (18-25 anos) costumam utilizar mais os espaços edificados nos seus momentos de lazer;
- O uso de espaços edificados diminui conforme a faixa etária aumenta;
- Verificou-se a tendência de que quanto maior a idade, maiores os níveis de satisfação com os espaços públicos e com a cidade.

G) Aspectos simbólicos

- A familiaridade pode motivar o uso de espaços públicos, ainda que estes não se encontrem satisfatórios fisicamente;
- Indivíduos mais satisfeitos com os espaços públicos e com a vida pública tendem a ver maior potencial turístico entre os espaços de lazer da cidade;
- Ainda que um espaço não seja intensamente utilizado, mas possua uma imagem forte, atrelada a um significado histórico, por exemplo, esta imagem pode afetar a percepção de importância e potencial turístico, mais do que o uso;
- Eventos e demais atratores (por exemplo, centro cultural ou equipamentos de lazer) sediados nos espaços públicos podem conceder identidade, criar uma marca para o local, fazendo com que o espaço passe a ser reconhecido por estes atratores;
- A imagem negativa de um espaço público pode ser revertida a partir de requalificações e demais intervenções físicas que promovam melhorias;
- Espaços mais qualificados fisicamente (com boa aparência) tendem a ter uma importância maior;
- Uma praça com atratores agregados, como os eventos programados, por exemplo, pode se tornar um atrativo turístico.

5. CONCLUSÕES E RELEVÂNCIA DOS RESULTADOS

5.1. Introdução

Este capítulo traz a conclusão geral do trabalho. São apresentados os aspectos relacionados ao problema da pesquisa, aos objetivos e aos métodos adotados. Os resultados das hipóteses investigadas são sintetizados e discutidos. Por fim, são apresentadas as limitações e a relevância desta pesquisa para o estudo das relações ambiente-comportamento e para o planejamento do turismo, especificamente nos espaços públicos com fins de lazer.

5.2. Problema de pesquisa, objetivos e métodos

No capítulo 1, foram apresentados os argumentos da literatura que suportam a premissa de que os espaços públicos são fisicamente, socialmente e simbolicamente locais essenciais para o funcionamento das cidades, sobretudo, para as relações sociais, visto que oportunizam o encontro e as trocas entre os indivíduos. Foi também discutido o papel dos espaços públicos enquanto potenciais atrativos turísticos e que, através da sua promoção, pode-se oferecer um contato real com o cotidiano dos moradores. Todavia, constatou-se uma carência de estudos na área do turismo que apresentem uma análise das variáveis relativas à atratividade e ao uso dos espaços públicos, através da investigação das formas de apropriação feitas pela população local, que respondessem o que influencia tal dinâmica de apropriação dos espaços públicos para o lazer.

O problema desta pesquisa partiu desta constatação e investigou os fatores que influenciam a percepção do potencial de atratividade e a intensidade de uso dos espaços públicos com fins de lazer, através da investigação de variáveis físico-espaciais relativas aos espaços públicos e das variáveis relacionadas às características dos usuários, sugeridas pela literatura.

O estudo comparativo foi realizado em oito espaços públicos de lazer na cidade de São Leopoldo, selecionados segundo critérios pré-estabelecidos: os espaços selecionados caracterizam-se por possuir uma forte imagem (positiva ou negativa), por diferenças na intensidade de apropriação e por serem oferecidos entre os atrativos turísticos da cidade, pelo Departamento de Turismo do município.

Os dados foram levantados com o objetivo de caracterizar o ambiente construído através de levantamentos de arquivo, físico e de análise sintática, e com o objetivo de estabelecer o perfil dos usuários dos espaços públicos, através da aplicação de entrevistas, questionários e realização de observações comportamentais. Os múltiplos métodos de coleta e análise de dados possibilitaram a complementaridade entre os resultados obtidos, aumentando a compreensão e a validação da investigação.

A investigação dos espaços públicos (praças, parques e ruas), baseada na percepção dos usuários e na avaliação do padrão comportamental, contribui para a compreensão da realidade dos espaços públicos de lazer e do perfil dos usuários destes espaços.

Acredita-se que este estudo atingiu o objetivo de identificar as variáveis mais relevantes que influenciam a dinâmica de apropriação dos espaços públicos e contribuir para os estudos de lazer e turismo, fornecendo subsídios para os gestores dos espaços públicos de lazer da cidade investigada, de forma a promover maior qualidade e ampliar as possibilidades de uso turístico destes espaços.

Também possibilitou uma aproximação maior do objetivo relacionado à contribuição para o entendimento de que os moradores são usuários em potencial dos atrativos turísticos da cidade e que necessitam de incentivos para seus deslocamentos. Os resultados evidenciam que há o desejo, por parte dos moradores, de conhecer melhor os espaços públicos da sua cidade e a necessidade de maiores incentivos ou atividades que atraiam esses usuários em potencial para espaços públicos ainda desconhecidos ou que não fazem parte de seus cotidianos. Além disso, os níveis de satisfação com a cidade mostraram-se dependentes da satisfação dos moradores com os espaços públicos e com as possibilidades de deslocamento, salientando a importância da qualidade do lazer oferecido aos cidadãos.

Embora mais estudos sejam necessários, a análise dos oito espaços de lazer permitiu identificar os fatores que influenciam a percepção do potencial de atratividade e a intensidade de uso de espaços públicos (especificamente praças, parques e ruas) que, conseqüentemente, definem a dinâmica de apropriação de cada categoria dos espaços públicos investigados.

5.3. Hipóteses de pesquisa

Os resultados analisados permitiram tecer considerações relevantes sobre as variáveis físico-espaciais relativas aos espaços públicos e variáveis relacionadas às características dos usuários, quanto aos efeitos exercidos por estas variáveis sobre a percepção do potencial de atratividade e apropriação dos espaços públicos de lazer. Duas

hipóteses foram exploradas para verificar quais fatores são mais relevantes, a sustentação das relações investigadas é apresentada a seguir:

A primeira hipótese que trata da influência dos aspectos físico-espaciais relacionados à qualidade dos espaços públicos, na atratividade e na intensidade de uso, foi sustentada para as praças, já para os parques e para as ruas foi parcialmente sustentada. Verificou-se que nas praças investigadas, a localização é o principal atrator, e aquelas praças que oferecem espaços confortáveis, boa manutenção e que apresentam maior diversidade de atividades tendem a ser mais intensamente apropriadas. Para os parques, o conforto e as atividades oferecidas tendem a ser atratores mais relevantes que a localização e a aparência do local. Já para as ruas, as atividades oferecidas e a localização do espaço público são atratores mais relevantes e decisivos para a intensidade de uso do que a aparência e o conforto.

Em relação às três categorias de espaços públicos de lazer investigadas, a falta de segurança, quando relacionada à ausência de policiamento, foi salientada como a principal motivação para evitar um espaço público, no entanto, a existência de policiamento não foi identificada como o principal atrator para motivar o uso quando existem outros mecanismos que promovem a sensação de segurança (por exemplo, boa manutenção, movimento de pessoas, iluminação, etc.). A percepção de segurança foi identificada como o principal atrator para o uso de todos os espaços investigados, sendo estimado que espaços percebidos como mais seguros tendem a ser mais intensamente utilizados.

A segunda hipótese, que trata da influência dos aspectos relacionados às características dos usuários na percepção da atratividade e nas formas de apropriação foi sustentada. Constatou-se que, principalmente, a faixa de renda e a faixa etária influenciam o estilo de vida e a dinâmica de apropriação dos espaços públicos: enquanto as pessoas com maior renda preferem utilizar mais espaços edificados e se deslocam mais frequentemente para outras cidades em busca de espaços qualificados, as pessoas com menor renda usam mais os espaços do bairro e seus deslocamentos estão mais restritos à sua cidade. Também foi verificada a influência da renda no nível de satisfação dos moradores, sendo que os indivíduos com menor renda tendem a estar mais satisfeitos com os espaços de lazer e com a cidade do que os de maior renda.

A faixa etária mostrou-se relevante quando relacionada aos equipamentos oferecidos nos espaços públicos. Isto é, espaços com maior diversidade de equipamentos são freqüentados por maior diversidade de grupos de usuários. Observou-se que quanto maior a faixa etária, maiores os níveis de satisfação com os espaços públicos e com a cidade, por exemplo, os jovens estão mais insatisfeitos com a cidade e tendem a usar mais os espaços edificados, enquanto que os idosos tendem a usar mais os espaços públicos.

O estilo de vida dos respondentes mostrou-se relevante na dinâmica de apropriação pelos diferentes grupos nos espaços públicos e para a conseqüente formação de territórios sociais. Evidenciou-se que os indivíduos procuram espaços públicos que abriguem grupos semelhantes aos seus, ainda que tenham que fazer deslocamentos maiores.

A verificação das duas hipóteses de trabalho permite concluir que assim como as variáveis físico-espaciais exercem influência na percepção de atratividade e na intensidade de uso dos espaços públicos, o estilo de vida dos usuários afeta as escolhas. No entanto, é possível identificar um conjunto de elementos presentes nas praças, parques e ruas, que atraem usuários de diferentes estilos de vida.

5.4. Discussão dos resultados

Ao observar espaços públicos de lazer em uma cidade, por um determinado período, vislumbra-se um mundo de acontecimentos interligados, rotineiros ou eventuais. Pode-se compreender a função atribuída a cada local pelos seus usuários, a forma como a vida pública torna-se animada e interativa em determinados momentos e sombria e silenciosa em outros. É possível constatar que espaços públicos refletem uma realidade, ainda que a pequena realidade de um bairro, mas que tem ligação com o restante da cidade e suas transformações.

Os elementos físico-espaciais que promovem a atratividade dos espaços públicos evidenciaram-se diferentes entre as categorias estudadas. Para as praças, a facilidade de acesso gerada pela proximidade da residência ou do local de trabalho do indivíduo, foi confirmada como o principal atrator, corroborando com os argumentos de Whyte (1988) e Serpa (2007), de que a facilidade de acesso e a proximidade do espaço público dos potenciais usuários são mais importantes para o uso. No entanto, ainda que a localização seja significativa para as praças, os respondentes desta pesquisa mostraram-se dispostos a percorrer distâncias maiores para freqüentar espaços mais qualificados fisicamente. Evidenciando a maior relevância da qualidade espacial sobre as distâncias percorridas e reforçando o argumento de Gehl (1987), de que quando áreas ao ar livre são pobres em qualidade, somente o estritamente necessário acontece, mas quando elas têm alta qualidade, uma ampla gama de atividades pode acontecer, porque o lugar e a situação convidam as pessoas à participação.

A existência de espaços para sentar que geram conforto e possibilitam o relaxamento aos usuários conforme recomendado por alguns autores (WHYTE, 1988; CARR et al., 1992; FIGUEIREDO, 2005) configurou-se como um dos principais elementos atratores para as praças. Já a vegetação, especialmente as árvores que proporcionam sombra, contribui para a aparência positiva dos espaços públicos e é importante para a

atratividade das praças, principalmente quando aliada à existência de bancos, indo ao encontro do que sugere Basso (2001) de que árvores de grande porte que ofereçam sombra aos usuários, juntamente com espaços para sentar, são uma combinação ideal para a percepção de espaços confortáveis. Todavia, constatou-se que o excesso de vegetação pode afetar negativamente o conforto e a percepção de segurança da praça, tornando-a sombria e insegura.

Foi verificado que o estado de manutenção das praças afeta a percepção de segurança, os níveis de satisfação e a intensidade de uso. Este resultado já havia sido indicado pela literatura (NASAR, 1998; BASSO, 2001; GASTAL, 2006) e corroboram o argumento de que praças bem cuidadas afetam positivamente a imagem percebida, denotam prestígio para certas áreas e aumentam a satisfação do indivíduo (LAY; REIS, 2002).

De acordo com os resultados, a localização de uma praça numa zona mista (comercial e residencial) garante maior intensidade de uso do que a localização em uma zona estritamente comercial ou residencial, concordando com o que sugere a literatura (por exemplo, JACOBS, 2000; GRANT, 2005). A diversidade de usos mais complexa e densa apresenta uma sustentação tanto econômica quanto social e as pessoas tendem a usar mais e ficar mais tempo nos espaços públicos, contribuindo também para a segurança do local (JACOBS, 2000).

Também a variedade de atividades oferecidas numa praça tornou-se importante para a intensidade de uso e diversidade de usuários. Isto é, quanto maior a variedade de atividades, maior a quantidade e a diversidade de indivíduos pertencentes a diferentes grupos com estilos de vida específicos, que se apropriam de determinados locais dentro das praças, configurando ambientes comportamentais que desempenham o papel de territórios sociais (BAKER, 1968 apud LANG, 1987).

Foi constatado que pessoas evitam usar praças quando estas não atendem mais as suas necessidades, devido às descaracterizações sofridas e/ou quando existe a presença de grupos indesejáveis (por exemplo, moradores de rua) que geram insegurança, conforme sugerido pela literatura (CARR et al., 1992; FRANCIS, 1987; JACOBS, 2000). Por exemplo, os moradores de rua podem ser um dos motivos para indivíduos evitarem os espaços públicos, mas a apropriação por parte dos indigentes geralmente é consequência do abandono da vida pública por outros indivíduos (CARR et al., 1992; FRANCIS, 1987). Portanto, foi confirmada a existência de um processo cíclico, onde a falta de segurança e de manutenção inibem a apropriação das praças, que por sua vez gera mais insegurança e menos uso.

Ainda em relação às praças, constatou-se que uma praça por si só tende a não apresentar forte atratividade para ser considerada turística, mas com atratores agregados,

como eventos programados, por exemplo, pode se tornar um atrativo turístico. Estes resultados demonstram que as associações feitas entre eventos e espaços públicos são reforços poderosos que podem aumentar a importância do local e o seu valor enquanto marco (LYNCH, 1997).

Entre os parques estudados, a arborização configurou-se como o principal atrator, reforçando a idéia de que a vegetação e demais recursos paisagísticos são relevantes para a qualidade visual dos espaços abertos (LYNCH, 1997; FRANCIS, 1991) e confirmando que determinados espaços públicos podem se destacar por causar uma impressão agradável gerada pela arborização do entorno (CASTROGIOVANNI, 1999).

Foi constatado que o tipo de atividade oferecida nos parques é muito importante para a intensidade de uso e, ainda que a localização seja indicada como relevante à acessibilidade aos espaços públicos (SANTOS, 1987) e que os níveis de integração possam influenciar no potencial de movimento (RIGATTI, 2002), estes fatores não influenciam fortemente na intensidade de uso dos espaços pesquisados. Constatou-se que o uso de parques tende a resultar de uma atividade previamente programada pelo usuário e a motivação está, geralmente, atrelada à existência de equipamentos específicos (no caso dos parques pesquisados, áreas com churrasqueira ou locais para a prática de esportes). É corroborada a pesquisa de Figueiredo (2005) de que a existência de espaços com mesas e bancos, poderia incentivar a socialização entre os indivíduos e a atratividade dos espaços públicos de lazer.

Os resultados confirmam que a manutenção dos parques afeta os níveis de satisfação dos usuários, assim como praças e parques com menor manutenção são percebidos como mais inseguros, todavia o descontentamento com a aparência do local não necessariamente interfere na intensidade de uso.

Chama-se atenção para o Parque Imperatriz Leopoldina, que localizado em zona de preservação, e com pouca variedade de usos é menos utilizado cotidianamente, pois, de acordo com Jacobs (2000), espaços públicos localizados em zonas com maior 'monofuncionalidade' tendem a ser utilizados esporadicamente. Acredita-se que, no caso específico deste parque, implantado para requalificar uma área degradada, é importante investir na qualificação do seu entorno, talvez através da implantação de atratores que gerem maior movimento, pois o parque isoladamente não consegue gerar demanda para a área. Além disso, por não ter residências nas proximidades, o parque torna-se mais inseguro e não oferece facilidades de obter ajuda em caso de assaltos, como, por exemplo, a existência de locais nas proximidades nos quais as pessoas possam se refugiar (REIS et al., 2008).

Constatou-se a influência da territorialidade na privatização do espaço público, para a criação de espaços domésticos, conforme sugerido por Santos (1987). Como exemplo,

traz-se os usuários do Parque do Trabalhador que adotaram a área dos galpões e a cancha de bocha, visto que estes espaços estavam abandonados – sem o cuidado necessário por parte do poder público –, criando um território privado dentro de um espaço de uso público. Todavia, ainda que esta iniciativa seja positiva no sentido de não abandono do espaço público e de afirmação de identidades (SERPA, 2007), o acesso é controlado através da construção de barreiras, físicas e simbólicas, que envolvem a presença de sinais, na forma de pessoas ou de elementos, sugerindo quem é e quem não é bem vindo no espaço, limitando o direito de acesso por membros de outros grupos (SANTOS, 1987).

As ruas pesquisadas têm como principal atrator as atividades que oferecem aos usuários. Assim, de acordo com o argumento de Lynch (1997), a concentração temática destas ruas configurou-se como seu principal atrator. De modo que seja para o uso comercial, seja para o lazer noturno ou para a prática de atividades físicas, estas ruas têm sua imagem atrelada às atividades que oferecem. Da mesma forma, o estudo de Magnani (2005) constatou a existência de aglomerados de pessoas em determinados locais, onde a atratividade percebida estava fortemente relacionada à oferta de determinados bens ou serviços.

O uso comercial mostrou-se importante para a intensidade de apropriação das ruas investigadas, concordando com a literatura que argumenta que os locais que têm comércio tendem a ser percebidos como mais públicos do que os locais públicos que não têm comércio (CARR et al., 1992; JACOBS, 2000). Quando as ruas oferecem recantos confortáveis, que favorecem a permanência (restaurantes, bares), tendem a apresentar maior intensidade de uso.

O movimento de pessoas no espaço público confirmou-se como um importante atrator, principalmente para as ruas, corroborando com a literatura no sentido de que a presença de pessoas pode ser decisiva para a atração de mais pessoas e a oportunidade de ver, ouvir e encontrar outros indivíduos pode ser vista como uma das mais importantes atrações da vida pública (WHYTE, 1988). Concorda-se com o entendimento de Lefebvre (2001), de que os usuários também vão às ruas para consumir o espaço e que o aglomerado de objetos nas lojas e vitrines e de pessoas nas calçadas torna-se razão e pretexto para reunião das pessoas. Além disso, as ruas, segundo os resultados, são consideradas espaços mais seguros do que praças e parques, porque apresentam diversidade de uso que gera segurança e movimento de pessoas (JACOBS, 2000).

Constatou-se que uma rua mais integrada globalmente tende a ter maior movimento de moradores e visitantes e, geralmente, tende a ser aquela em que existe maior concentração de usos comerciais, confirmando os argumentos da literatura (LAY; REIS, 2005; RIGATTI, 2002).

Conforme identificado por Basso (2001), a calçada adequada para o uso, de fato, intensifica a frequência de uso das ruas e interfere nas formas de apropriação. Por exemplo, calçadas percebidas como propícias para a prática de exercícios podem ser apropriadas para tal fim.

Constatou-se que o movimento veicular e de pedestres não são necessariamente incompatíveis. De acordo com os resultados, a adaptação da rua para que os veículos circulem vagarosamente (estreitamento de pista, menor velocidade permitida, entre outros) numa via de intenso uso diário e noturno, por exemplo, pode favorecer a boa convivência entre veículos e pedestres e contribuir para a atratividade da via, indo ao encontro do que é sugerido por Carr et al. (1992), de que em zonas onde o tráfego é diminuído, pode haver aumento no uso, dando a estas áreas aspecto mais seguro e prazeroso. Os resultados confirmam que a velocidade baixa, além de favorecer a segurança do pedestre, força o motorista a observar e interagir com o que acontece no entorno, o tornando parte integrante do que está se passando na rua (GEHL, 1987; BASSO, 2001).

Foi constatado que a existência de atratores como escolas, comércio e outras atividades de uso necessário, tidos como usos âncora (JACOBS, 2000), influenciam fortemente a dinâmica de apropriação e a intensidade de uso em todas as categorias de espaços públicos, sendo mais importante que o conforto e a aparência para a atratividade do espaço público.

O hábito de reorganizar o mobiliário, indicado como um importante pré-requisito para a liberdade de uso (WYHTE, 1988) foi observado nos locais pesquisados, ligado à necessidade de estar em grupos, de ter privacidade e acesso à sombra ou ao sol. Esta liberdade para mudar ambientes, para colocar, remover ou alterar elementos, ainda que temporariamente, representa uma forma de fazer arranjos personalizados em um lugar, com propriedade e disposição que legitimam o exercício dos direitos. Foi evidenciado que quando a possibilidade de manipulação do mobiliário não é oferecida, alguns usuários alteram até mesmo elementos fixos, como uma espécie de protesto contra a falta de espaços públicos mais responsivos (CARR et al., 1992). Todavia, existe um impasse, pois ainda que a literatura reforce a importância da reorganização do mobiliário, durante a pesquisa, verificou-se que muitos bancos são roubados dos espaços públicos ou os que estão presos junto ao solo são arrancados, constituindo um problema para a administração municipal. Entende-se que, nestes casos, é importante analisar os hábitos de lazer dos usuários para que os espaços para sentar sejam adequados às necessidades dos usuários.

A realização de eventos programados nos espaços públicos mostrou-se relevante para a atratividade e para a formação da imagem do local. Assim como sugerido por Rosa (2002), os eventos programados (festas, shows, manifestações, desfiles) realizados em espaços públicos, promovem o deslocamento de pessoas que cotidianamente não usam o

local ou fazem com que pessoas que usam o espaço público apenas para deslocamentos diários, permaneçam no local quando eventos são realizados, pois um deslocamento pode ser completamente alterado por uma ação impulsiva, influenciada pela publicidade de outro local, diferente do planejado (BENI, 2007).

Constatou-se que os eventos e demais atratores (como um centro cultural ou um equipamento de lazer específico) sediados nos espaços públicos podem ainda conceder uma identidade, criar uma marca para o local, fazendo com que o espaço passe a ser reconhecido por estes atratores. Isto confirma o argumento de Lynch (1997) de que cada indivíduo pode ter várias associações com alguma parte de sua cidade e estas associações sociais, históricas ou funcionais podem reforçar as sugestões de identidade ou de estrutura que estão latentes na própria forma física do espaço público, sendo importantes para sua imagem.

Os resultados indicam que descaracterizações sofridas por um espaço público podem promover o afastamento dos usuários, impedindo, muitas vezes, a formação de laços por familiaridade pelo uso continuado, considerado, de acordo com alguns autores, importante para o significado e importância do espaço público (LYNCH, 1997; SANTOS, 1987, 2002). Todavia, verificou-se que ainda que um espaço não seja intensamente utilizado, o estabelecimento de uma imagem forte pode afetar a percepção de importância e potencial turístico do espaço público mais do que o uso. Portanto, ainda que o uso seja uma forma de medir o sucesso de um espaço público (WHYTE, 1988; SANDEVILLE JR., 2006), o uso intenso, não necessariamente, afeta a importância dada ao espaço público.

Destaca-se ainda que a imagem negativa de um espaço público pode ser revertida a partir de requalificações e demais intervenções que tragam melhorias para o local. Verificou-se que espaços públicos mais qualificados, principalmente com boa aparência, tendem a ter uma importância maior entre os usuários, devido a forte imagem positiva que carregam, mesmo que não sejam tão intensamente utilizados.

Foi confirmado que a localização de um espaço público em bairros periféricos ou em zonas que tenham uma imagem negativa, tende a reduzir a atratividade e a intensidade de uso, criando uma imagem de locais inseguros, 'repulsivos' ao uso (VELHO, 1973; BOURDIEU, 1997; SERPA, 2007). Todavia, ressalta-se que mesmo os espaços localizados em bairros tidos como inseguros são utilizados, principalmente por moradores do entorno que, geralmente, possuem menor nível sócio-econômico e menores possibilidades de deslocamento para outros espaços de lazer, visto que, sobretudo, entre os indivíduos de mais baixa renda, os problemas relativos à dificuldades de acesso podem fazer com que muitos indivíduos não se sintam motivados para realizar maiores deslocamentos (SERPA, 2007).

Os resultados deste estudo vão ao encontro do argumento de Santos (1987) que conclui que o espaço urbano é diferentemente ocupado em função das classes de renda em que se divide a sociedade, e mesmo os espaços tidos como mais democráticos se dividem internamente em grupos. Portanto, o fator econômico mostrou-se relevante até mesmo na distribuição do tempo livre, indo ao encontro do que é sugerido por Marcellino (1983) e por Dumazedier (2004). Os resultados indicam que quanto menor a renda do indivíduo mais freqüente é o hábito de utilizar os espaços públicos do seu bairro e de ficar em casa nos momentos de lazer, enquanto que, quanto maior a renda do indivíduo, maior a tendência de se deslocar para outras cidades e utilizar espaços edificadas (como shopping, teatro, cinema) nos momentos de lazer. Indivíduos com maior renda usam menos os espaços públicos do que os de menor renda, que, portanto, participam mais da vida pública e dos seus benefícios, conforme sugerido por algumas pesquisas (por exemplo, CARR et al., 1992; BASSO, 2001). Também os usuários de menor escolaridade, que nesta pesquisa são também os de menor renda, apresentaram maior intensidade de uso dos espaços públicos de lazer, indo ao encontro da pesquisa de Santos e Costa (2005) realizada em espaços públicos de São Paulo.

Quanto às faixas etárias, verificou-se que estão normalmente relacionadas ao que o espaço público oferece. Constatou-se que a diversidade de faixas etárias é maior naqueles espaços públicos que apresentam maior variedade de atividades. Portanto, de acordo com o que é sugerido pela literatura (WHYTE, 1988; FRANCIS, 1987; KRAUSE, 1999), o tipo de equipamento disponibilizado nos espaços de lazer pode definir as faixas etárias dos usuários.

Os resultados evidenciam que os indivíduos procuram grupos semelhantes nos espaços públicos para se sentirem mais seguros e, para freqüentar espaços compatíveis com seus estilos de vida, não se importam em percorrer distâncias maiores ou evitar determinados locais em que estejam pessoas diferentes do seu grupo habitual. Portanto, a presença de pessoas do mesmo grupo torna-se um atrator para os espaços públicos e o estilo de vida pode definir o comportamento ambiental dos indivíduos presentes num espaço público e a maneira como usam o ambiente na exibição de si mesmos (MOORE, 1984). Conforme sugere Serpa (2007), constatou-se que não se trata somente de usar espaços públicos nos momentos de lazer, mas onde usar e a partir de quais estímulos.

Pode-se afirmar que a segurança é o principal atrator para promover o uso dos espaços públicos, assim como a falta de segurança inibe o uso. Os resultados concordam com a literatura de que a presença constante da sensação de perigo e a possibilidade de agressões e de assaltos já fazem parte da vida cotidiana (DA MATTA, 1986; GASTAL, 2006; SERPA, 2007). Portanto, esse medo também faz com que as pessoas se desloquem até espaços mais distantes em busca de segurança. No caso da cidade pesquisada, uma das

mais violentas do Estado, este discurso já faz parte do discurso dos cidadãos e os locais a serem evitados, de fato, se disseminam pelo 'boca a boca' e também pelos meios de comunicação, que noticiam os problemas relacionados à segurança (SANTOS, 1987; LEFEBVRE, 2001; SERPA, 2007).

Todavia, verifica-se que os indivíduos têm o poder de manter a segurança nos espaços públicos, através do uso, através da tolerância com as formas de uso dos outros, através do cuidado com seu espaço público, e precisam ser conscientizada sobre essa poder. Como lembra Jacobs (2000), a ordem pública não é mantida somente pela polícia, é mantida também pela rede intrincada, quase inconsciente, de controles e padrões de comportamento espontâneos, presentes entre os indivíduos e por eles aplicados quando necessário (JACOBS, 2000).

Constatou-se ainda que a satisfação com o espaço público é dependente do grau de atendimento das necessidades dos usuários. Isto é, um espaço aparentemente desqualificado fisicamente pode ser percebido como satisfatório por alguns indivíduos e insatisfatório por outros, pois o julgamento positivo ou negativo também está sujeito às características e necessidades de cada indivíduo (MOORE, 1984).

Por fim, independente da preferência por ambientes edificados, decorrente da constante sensação de insegurança manifestada por alguns, os resultados desta pesquisa indicam que nas horas livres os indivíduos se apropriam dos espaços públicos, quando percebidos como adequados, sejam espaços do seu bairro, sejam de outros bairros ou até mesmo de outras cidades, caso eles tenham condições de fazê-lo e considerem que os locais públicos de lazer da sua cidade não são atrativos para o uso.

5.5. Limitações da pesquisa

A compreensão das variáveis que afetam a percepção do potencial de atratividade e a intensidade de uso dos espaços públicos com fins de lazer é tarefa complexa que exige a multiplicidade de métodos investigativos, para abranger as diferentes variáveis sugeridas pela literatura.

Muitos dados foram coletados para a análise desta pesquisa, porém nem todas as relações entre eles foram investigadas, por falta de tempo, por limitações quanto ao uso de alguns métodos de análise de dados e também por falta de informações disponíveis. Dessa forma, limitaram-se os resultados, embora outros relevantes ainda pudessem ter sido identificados ou melhorados. Por exemplo, a identificação da motivação principal do deslocamento – se foi o espaço público ou alguma atividade âncora do entorno – que levou o indivíduo até o espaço público em que foi abordado, para medir a real atratividade dos espaços investigados, pois foi constatado que só os bairros de origem não constituem

evidência de grau de atratividade. Destaca-se ainda, que não existem dados organizados a respeito do fluxo turístico em São Leopoldo e acredita-se que com esses dados, tais como perfil dos visitantes, percursos realizados ou tempo de permanência na cidade, seria possível ampliar o entendimento sobre a atratividade da cidade pesquisada.

Ainda, constatou-se que pelo pouco tempo disponível para investigar muitos espaços públicos, não foi possível realizar entrevistas em profundidade que gerariam maior detalhamento acerca das formas de apropriação e do estilo de vida dos usuários. Acredita-se que para realmente conhecer certas áreas ou dimensões de uma sociedade é necessária uma vivência durante um período de tempo maior, pois existem aspectos culturais e sociais “que não são explicitados, que não aparecem à superfície e que exigem um esforço maior, mais detalhado e aprofundado” (VELHO, 2004, p. 124).

A coleta e a análise de dados foram realizadas inteiramente pela própria pesquisadora, limitando a possibilidade de trabalhar com uma amostra maior de cada grupo de espaço público analisado. Acredita-se que a investigação em outros espaços públicos localizados em zonas menos centrais, ampliariam a validade e a precisão dos dados obtidos neste estudo. Além disso, a inclusão de entrevistas com a opinião dos gestores municipais do turismo sobre os espaços públicos poderá enriquecer futuros trabalhos.

Faz-se necessário ressaltar que mais estudos sobre os elementos que geram a atratividade e influenciam na dinâmica de apropriação dos espaços públicos com fins de lazer e turismo são necessários, pois outros aspectos não investigados podem vir a contribuir e complementar essa investigação.

5.6. Relevância dos resultados e sugestões

Esta pesquisa vai ao encontro de vários estudos que tratam das variáveis que influenciam a percepção da atratividade e a intensidade de usos de espaços públicos, fazendo parte de um campo de estudo em contínua evolução.

A metodologia estabelecida permitiu a descrição e compreensão da realidade analisada. A partir do cruzamento da análise físico-espacial com as observações comportamentais e com as respostas dos usuários, os procedimentos metodológicos mostraram-se adequados aos principais objetivos traçados, sendo possível ser reproduzida para outras situações semelhantes de investigação.

Ressalta-se que as generalizações desta pesquisa para outros lugares devem ser cautelosas, devido às especificidades sócio-culturais dos usuários e às características físico-espaciais e sócio-econômicas da cidade investigada. Todavia, espera-se que estes resultados possam favorecer o planejamento de espaços públicos com fins de lazer e turismo mais qualificados. Também espera-se que a metodologia de análise aqui adotada

possa ser repetida em outros estudos preocupados com os elementos que afetam a atratividade e a intensidade de uso de espaços públicos urbanos, por exemplo, em cidades com forte exploração turística.

Destaca-se a importância desta investigação, sobretudo, no entendimento de que os níveis de satisfação dos indivíduos com os espaços públicos de lazer e com as possibilidades de deslocamento influenciam nos níveis de satisfação com a cidade; que indivíduos mais satisfeitos com os espaços públicos e com a vida pública tendem a ver maior potencial turístico entre os espaços de lazer da cidade; e que indivíduos que freqüentam eventos realizados nos espaços públicos da cidade demonstram maior satisfação com a vida pública. Os resultados reforçam a importância de espaços públicos de lazer qualificados para atração de moradores e visitantes e também a necessidade de incentivar os deslocamentos dos indivíduos pelos diferentes espaços públicos da sua cidade, oferecendo meios e motivações para estes deslocamentos, como forma de melhorar a satisfação dos moradores e construir uma imagem mais positiva da cidade.

Verificou-se que alguns dos espaços oferecidos como atrativos turísticos não têm infra-estrutura adequada para moradores e visitantes. Essas dissonâncias entre o que é oferecido como atrativo e o que as pessoas consideram como atrativo podem resultar do pouco engajamento dos moradores/usuários no processo de planejamento do turismo na cidade investigada, ainda que se saiba que o morador é essencial para o sucesso dos espaços públicos de uma cidade. Acredita-se que esta pesquisa pode fornecer subsídios para os gestores municipais aumentarem o potencial de atratividade e a intensidade de uso das praças, parques e ruas. Sabe-se que o turismo contribui – em termos de intensidade de uso – para uma primeira apropriação, para a chegada do visitante ao local. Todavia a fidelização, o ‘voltar’ só acontece se a experiência for positiva.

Portanto, antes de oferecer determinados locais como turísticos, usando como base apenas pareceres técnicos obtidos através de informações secundárias, faz-se necessário prestar atenção aos espaços, escutar o morador, pois mesmo quando um local é muito utilizado, existem problemas ainda que escondidos no cotidiano e, antes de promover intervenções turísticas em nome da maioria, é preciso entender o quanto estas ações vão mudar o cotidiano daquele espaço e de seus usuários, que muitas vezes são os responsáveis pelo sucesso do local.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERNAZ, Paula. Reflexões sobre o espaço público atual. In: LIMA, Evelyn Furquim Werneck; MALEQUE, Miria Roseira. **Espaço e Cidade: conceitos e leituras**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007, p. 42-56.
- AMARAL, Rita. **Estilos de vida**. Disponível em: www.aguaforte.com/antropologia/estilo.htm. Acesso em 29 de abril de 2008.
- ANDREJEW, Eduardo. As estatísticas das tragédias. **Jornal Vale dos Sinos**. São Leopoldo, nº 9.215, 23 de novembro de 2008.
- BARRETTO, Margarita. **Manual de Iniciação ao estudo do turismo**. Campinas: Papyrus, 1995.
- BARRETTO, Margarita. **Turismo e Legado Cultural: As possibilidades do planejamento**. Campinas-SP: Papyrus, 2000.
- BARTALINI, Vladimir. **Praça: a forma mais que difícil**. Disponível em: www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq086. Acesso em 20 de julho de 2007.
- BASSO, Jussara Maria. **Investigação de fatores que afetam o desempenho e a apropriação dos espaços públicos: o caso de Campo Grande – MS**. Porto Alegre, UFRGS, 2001. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.
- BENI, Mario Carlos. Análise do desempenho institucional do turismo. In: CASTROGIOVANI, Antonio Carlos; GASTAL, Susana (orgs.). **Turismo Urbano: cidades, sites de excitação turística**. Porto Alegre: Edição dos Autores, 1999, p. 93-106.
- BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 12^a Ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2007.
- BOULLÓN, Roberto C. **Atividades turísticas e recreativas**. O homem como protagonista. Bauru: Ed. EDUSC, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. Gostos de classe e estilos de vida. In: Ortiz, Renato (org.). **Bourdieu**. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, nº 39, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. Efeitos de lugar. In: BOURDIEU, Pierre (Org.). **A miséria do mundo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997, p. 159-166.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 11^a Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BRENOL, Marlise Viegas. Shopping-center: na era da globalização, é o templo da classe média. **Revista Voz do Rio Grande**. Porto Alegre: Ano III, nº 2, 1997, p. 46-49.
- CAMPOS, Heleniza Ávila. Planejamento urbano e áreas centrais no Brasil: uma reflexão em torno das práticas sócio-espaciais de seus freqüentadores. In: **Anais do 7º Encontro Nacional da ANPUR**. Recife: UFPE, 1997, p.42-57.
- CARR, Stephen; FRANCIS, Mark; RIVLIN, Leanne; STONE, Andrew. **Public Space**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

CARVALHO, Pompeu Figueiredo. Lazer e turismo em espaços urbanos: o caso da Avenida Paulista – SP. In: FARIA, Ivani Ferreira (Coord). **Turismo: lazer e políticas de desenvolvimento local**. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2001, p. 73-100.

CASTELLO, Lineu. A memória das cidades e a revitalização do Velho Centro. In: **Anais do 7º Encontro Nacional da ANPUR**. Recife: UFPE, 1997, p.524-539.

CASTELLO, Lineu; CASTELLO, Iara Regina. Mitos e ritos no Caminho Gaúcho. In: FARIA, Ivani Ferreira (Coord). **Turismo: lazer e políticas de desenvolvimento local**. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2001, p. 101-113.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; GASTAL, Susana. Turismo para um novo milênio: as cidades como *sites* de excitação turística. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; GASTAL, Susana (orgs.). **Turismo Urbano: cidades, sites de excitação turística**. Porto Alegre: Edição dos Autores, 1999, p. 5-8.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Turismo e ordenação no espaço urbano. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; GASTAL, Susana (orgs.). **Turismo Urbano: cidades, sites de excitação turística**. Porto Alegre: Edição dos Autores, 1999, p. 22-33.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. Turismo x Espaço: reflexões necessárias na pós-modernidade. In: GASTAL, Susana; CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. **Turismo na pós-modernidade: (des) inquietações**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, p. 43-50.

CHIAVERINI, Tomás. **Cama de cimento**: uma reportagem sobre o povo das ruas. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

DA MATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DEL RIO, Vicente. **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento**. São Paulo: Pini, 1990.

DUMAZEDIER, Jofre. **Lazer e Cultura Popular**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

Figueiredo, Lucas (2005). **Mindwalk 1.0 – Space Syntax Software**. Recife: Laboratório de Estudos Avançados de Arquitetura – LA2/Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: www.mindwalk.com.br/papers/Figueiredo_2005_Space_Syntax_Software_pt.pdf. Acesso em março de 2009.

FIGUEIREDO, Noêmia de Oliveira. **Equipamentos para uma ambiência de lazer e de turismo em áreas protegidas**. Rio de Janeiro, UFRJ, 2005. Dissertação (Mestrado em Ciência em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

FILHO, Abdon Barreto. Marketing Turístico para o espaço urbano: comentários acadêmicos e profissionais. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; GASTAL, Susana (orgs.). **Turismo Urbano: cidades, sites de excitação turística**. Porto Alegre: Edição dos Autores, 1999, p. 74-83.

FRANCIS, Mark. Urban Open Space. In: ZUBE, E.; MOORE, G. (eds). **Advances in environment, behavior and Design**. New York: Plenum Press, 1987.

GASTAL, Susana. O produto cidade: caminhos de cultura, caminhos de turismo. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (org.). **Turismo Urbano**. São Paulo: Contexto, 2000.

GASTAL, Susana. **Turismo, Imagens e Imaginários**. São Paulo: Aleph, 2005.

GASTAL, Susana. **Alegorias urbanas: o passado como subterfúgio**. Campinas: Papyrus, 2006.

GASTAL, Susana; MOESCH, Marutschka. **Turismo, políticas públicas e cidadania**. São Paulo: Aleph, 2007.

GEHL, Jan. **Life between buildings: using public space**. New York: Van Nostrand Reinhold Company, 1987.

GRANT, Jill. Uso misto na teoria e na prática: a experiência canadense com a implantação de um princípio de planejamento. **Cadernos IPPUR**. IPPUR/UFRJ/Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Vol. XIX, nº 1 e 2, jan./dez. 2005, p. 31-55.

HAAS, Karen Elisa. **Espaços abertos: indicadores da apropriação interna e a adaptação dos usos do entorno**. Porto Alegre, UFRGS, 2000. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.

HALL, Colin Michael. **Planejamento Turístico. Políticas, processos e relacionamentos**. São Paulo: Contexto, 2001.

HILGERT, Andréa. Estátua do Colono alemão será transferida para museu. **Jornal Vale dos Sinos**. São Leopoldo, nº 5.858, 01 de outubro de 2007, p. 3. (Coluna Geral)

HILLIER, Bill; HANSON, Julienne. **The social logic of the space**. Bath: Pitman Press, 1984.

HILLIER, Bill; HANSON, Julienne. **Space is the machine: a configurational theory of architecture**. London: Cambridge University, 1996.

HOLANDA, Frederico de (org.). **Arquitetura & Urbanidade**. São Paulo: ProEditores, 2003.

IBGE. **São Leopoldo - RS**. Disponível em: www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm. Acesso em 15 de dezembro de 2008.

IBGE, **CENSO DEMOGRAFICO 2000**. Disponível em: www.ibge.gov.br/home. Acesso 25 de janeiro de 2009.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

JUSTO, Juliano. Mais de cem pessoas vivem nas ruas da cidade. **Jornal Vale dos Sinos**. São Leopoldo, nº 9.198, 04 de novembro de 2008, p. 8.

KRAUSE, Carlos Alberto. Turismo Urbano e suas nuances. In: CASTROGIOVANI, Antonio Carlos; GASTAL, Susana (orgs.). **Turismo Urbano: cidades, sites de excitação turística**. Porto Alegre: Edição dos Autores, 1999, p. 66-73.

KICH, Bruno Canísio. **Isto é São Leopoldo – a história e muitas histórias**. Porto Alegre: Renascença, 1998.

KOWARICK, Adriana; SILVA, Aline; RECKZIEGEL, Daniela; RODRIGUES, Mirian; FORGIARINI, Francisco; LAY, Maria Cristina; REIS, Antônio Tarcísio. Estética Urbana: uma análise no centro de Porto Alegre. In: **XII Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído**. Geração de valor no ambiente construído: inovação e sustentabilidade. Fortaleza, outubro de 2008.

LAMAS, José Manuel R. G. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 1992.

LANG, Jon. **Creating Architectural Theory: The Role of the Behavioral Sciences in Environmental Design**. New York: Van Nostrand Reinhold Company, 1987.

LANG, Jon. **Urban Design: the american experience**. New York: Van Nostrand Reinhold Company Inc., 1994.

LAY, Maria Cristina D.; REIS, Antônio Tarcísio L. As técnicas da APO como instrumento de análise ergonômica do ambiente construído. **ANTAC**. 1ª Ed. Porto Alegre: ANTAC, 1995. v. 1. 31p.

- LAY, Maria Cristina D.; REIS, Antônio Tarcísio L. O papel de espaços abertos comunais na avaliação de desempenho de conjuntos habitacionais. **Revista Ambiente Construído**. Porto Alegre, vol. 02, n. 03, jul/set 2002, p. 25-39.
- LAY, Maria Cristina D.; REIS, Antônio Tarcísio L. Análise quantitativa na área de estudos ambiente-comportamento. **Revista Ambiente Construído**. Porto Alegre, v. 05, n. 02, 2005, p. 21-36.
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.
- LEMOS, Leandro A. Turismo e as informações de mercado: o enfoque na demanda. In: CASTROGIOVANI, Antonio Carlos; GASTAL, Susana (orgs.). **Turismo Urbano: cidades, sites de excitação turística**. Porto Alegre: Edição dos Autores, 1999, p. 45-50.
- LIMA-COSTA, Maria Fernanda. A escolaridade afeta, igualmente, comportamentos prejudiciais à saúde de idosos e adultos mais jovens? – Inquérito de Saúde da Região Metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. **Revista Epidemiologia e Serviços de Saúde**. Brasília, v.13, nº 4, dez. 2004.
- LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. O circuito dos jovens urbanos. **Revista Tempo Social, revista de sociologia da USP**. São Paulo, v.17, nº 2, 2005, p. 173-205.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e Humanização**. Campinas: Papyrus, 1983.
- MARQUES, Andrezza Cristina de O. S. **O lazer e o turismo como âncoras do processo de requalificação da ambiência-imagem da avenida câmara cascudo – Natal/RN**. Rio de Janeiro, UFRJ, 2007. Dissertação (Mestrado em Ciência em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.
- MARQUES, Ricardo. Sistema de vigilância registrou 358 ocorrências em 10 meses. **Jornal Vale dos Sinos**. São Leopoldo, nº 9.226, 05 de dezembro de 2008.
- MINISTÉRIO DO TURISMO. **Turismo e acessibilidade: manual de orientações**. 2ª Ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2006.
- MOEHLECK, Germano Oscar. **São Leopoldo – Obras e Iniciativas Públicas**. São Leopoldo, nº 02, 1998 (série Revivendo o Passado).
- MOEHLECK, Germano Oscar. **São Leopoldo: retalhos de história**. São Leopoldo, 2000.
- MOESCH, Norma Martini. O turismo no século XXI: por uma concepção holística. In: GASTAL, Susana; CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. **Turismo na pós-modernidade: (des) inquietações**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, p. 31-41.
- MOORE, Gary. Estudos de Comportamento Ambiental. In: SNYDER, V. e CATANESE, A. **Introdução à arquitetura**. Rio de Janeiro: Campus, 1984, p. 65-88.
- MORAES, Carlos de Souza. **Crônicas de minha cidade**. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1996.
- MOREIRA, Angela Martins. **Ambiência cotidiana como formadora dos lugares para o lazer e o turismo** (2006). Disponível em: www.unisantos.br/pos/revistapatrimonio/artigos. Acesso em 20 de agosto de 2008.
- NASAR, J. **The evaluative Image of the City**. Thousand Oaks, California: SAGE Publication, 1998.
- NAOUMOVA, Natália. **Qualidade estética e policromia de centros históricos**. Porto Alegre, UFRGS, 2009. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.
- NIEMEYER, Carlos Augusto da Costa. Urbanização e lazer: a contribuição lúdico-pedagógica dos parques infantis de São Paulo nas primeiras décadas do século 20. **PÓS –**

Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e urbanismo da FAUUSP/Universidade de São Paulo. São Paulo, FAU, nº 10, 2001, p. 76-91.

NOHL, Werner. Open space in cities: in search of a new aesthetic. In: NASAR, Jack L. **Environmental Aesthetics: theory, research, and application.** Nyiusa: Cambridge University Press, 1988, p. 74-83.

OLIVEIRA, Juliana Andrade. **Terceira Idade e Cidade: o envelhecimento populacional no espaço intra-urbano de Santos.** São Paulo, USP, 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2006.

PANOSSO NETTO, Alexandre. **Filosofia do turismo: teoria e epistemologia.** São Paulo: Aleph, 2005.

PETRY, Leopoldo. **São Leopoldo – Berço da colonização alemã no Rio Grande do Sul.** 2ª Ed. São Leopoldo: Editora Rotermund, 1966.

PICCINI, Mabel. Sobre a comunicação nas grandes cidades. **Revista Opinião Pública.** Campinas: Universidade Estadual de Campinas, vol. IX, nº 2, outubro de 2003, p. 01-19.

PINHEIRO, Ethel; DUARTE, Cristiane Rose. Transitar, Participar, Experimentar: os espetáculos de rua como cenários urbanos da coletividade. In: **ANAIS DA VII RAM – UFRGS.** Porto Alegre, 2007, GT 36.

PORTUGUEZ, Anderson Pereira. **Consumo e espaço** – turismo, lazer e outros temas. São Paulo: Roca, 2001.

PRADO, Adriana Romeiro de Almeida. Turismo e Geração: Jovens e Idosos. In: MINISTÉRIO DO TURISMO. **Turismo social: diálogos do turismo – uma viagem de inclusão.** Ministério do Turismo, Instituto Brasileiro de Administração Municipal. Rio de Janeiro: IBAM, 2006, p. 306-314.

REIS, Antônio Tarcísio. **Repertório, análise e síntese: uma introdução ao projeto arquitetônico.** Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2002.

REIS, Antônio Tarcísio; MEIRA, Ana; LAY, Maria Cristina. Análise dos usos e das percepções estéticas e de segurança de um espaço urbano. In: **PLURIS 2008 – 3º Congresso Luso Brasileiro para o Planejamento Urbano, Regional, Integrado e Sustentável.** Santos : PLURIS, 2008. v. 1. p. 1.

RIGATTI, Décio. **Um estudo do espaço público:** um estudo sobre o centro de Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS, Faculdade de Arquitetura, Departamento de Urbanismo, 1993.

RIGATTI, Décio. Apropriação do espaço público: um estudo comparativo. **Paisagem Ambiente Ensaios.** São Paulo, nº7, jun. 1995, p. 141-197.

RIGATTI, Décio. Loteamentos, expansão e estrutura urbana. **Paisagem e Ambiente: ensaios.** São Paulo: FAU/USP, nº15, dez. 2002, p. 35-69.

RIGATTI, Décio. O turista, o morador e o uso do espaço urbano: interações espaciais em Gramado e Canela. **Paisagem e Ambiente: ensaios.** São Paulo: FAU/USP, nº16, 2002, p. 69-107.

ROLNICK, Raquel. **O que é cidade?** São Paulo: Brasiliense, 2004.

ROSA, Maria Cristina. Festar na cultura. In: ROSA, Maria Cristina (org.). **Festa, lazer e cultura.** Capinas: Papyrus, 2002, p. 11-41.

RUA GRANDE. Lazer é vocação cada vez mais forte. **Revista Rua Grande.** São Leopoldo: RUA GRANDE – Gráfica Editora S.A., 1996, p. 16.

SALDANHA, Nelson. **O jardim e a praça: entre o privado e o público na vida social e histórica.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

SALVATI, Sérgio Salazar (org.). **Turismo Responsável – Manual para Políticas Públicas.** Brasília, DF: WWF Brasil, 2004.

SANDEVILLE JR., Euler. Por uma gestão dos espaços públicos de uso coletivo: desenho e apropriação. **PÓS – Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e urbanismo da FAUUSP/Universidade de São Paulo.** São Paulo, FAU, nº 19, 2006, p. 76-91.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira; VOGEL, Arno (Coord.). **Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro.** 3ª Ed. São Paulo: Projeto, 1985.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão.** São Paulo: Nobel, 1987.

SANTOS, Milton. **A natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002. (Coleção Milton Santos)

SANTOS, Glauber Eduardo de Oliveira; COSTA, Brenno Vitorino. Perfil dos visitantes dos parques da cidade de São Paulo. **Caderno Virtual de Turismo.** v. 5, nº 1, 2005, p. 39-45.

SÃO LEOPOLDO. **Prefeitura lança 'Mateando na Praça'.** Disponível em: www.saoleopoldo.rs.gov.br. Acesso em 10 de setembro de 2006.

SÃO LEOPOLDO. **São Leopoldo Fest 2007 recebe público recorde no último dia.** Disponível em: www.saoleopoldo.rs.gov.br. Acesso em 30 de julho de 2007.

SÃO LEOPOLDO. **Cidade.** Disponível em: www.saoleopoldo.rs.gov.br. Acesso em 06 de maio de 2008.

SCHERER, Rebecca. **Carta de Atenas.** Disponível em: www.rc.unesp.br/igce/planejamento. Acesso em 21 de junho de 2007.

SEGAWA, Hugo. **Ao amor do público: jardins do Brasil.** São Paulo: Studio Nobel, 1996.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade.** São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SERPA, Angelo. **O espaço público na cidade contemporânea.** São Paulo: Contexto, 2007.

SIEGEL, Sidney. **Estatística não paramétrica para as ciências do comportamento.** São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1975.

SILVA, Fernanda Costa da. **Relação entre turismo urbano e os elementos de cultura e comunicação: o caso do Parque Farroupilha.** Pelotas, UFPEL, 2005. Monografia (Bacharelado em Turismo) – Faculdade de Ciências Domésticas, Universidade Federal de Pelotas, 2005.

SILVESTRE, João Roberto. Compromisso no fim de tarde. **Revista Rua Grande.** São Leopoldo: RUA GRANDE – Gráfica Editora S.A., 1996, p. 30-31.

SITTE, Camilo. **A construção das cidades segundo seus princípios artísticos.** São Paulo: Ática, 1992.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **A sociedade pós-industrial e o profissional em turismo.** Campinas: Papyrus, 1998.

VELHO, Gilberto. **A utopia urbana – um estudo de antropologia social.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea.** 7ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

WAINBERG, Jacques A. Cidades como *sites* de excitação turística. In: CASTROGIOVANI, Antonio Carlos; GASTAL, Susana (orgs.). **Turismo Urbano: cidades, sites de excitação turística**. Porto Alegre: Edição dos Autores, 1999, pp. 9-21.

WHYTE, William. **City: Rediscovering the center**. New York: Doubleday, 1988.

YURGEL, Marlene. **Urbanismo e Lazer**. São Paulo: Nobel, 1983.

ZERBINI, Ana; REIS Antônio Tarcísio. Composição visual e compatibilidade formal em praças centrais de Porto Alegre. In: **IX Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído**. Foz do Iguaçu/Paraná/Brasil. 07 a 10 de maio de 2002, p. 1059-1068.

ANEXOS

Anexo A: Entrevista realizada com moradores dos bairros selecionados, com frequências das respostas.

Entrevista nº _____

Gênero: M (46%) F (54%)

Idade: Adolescente (10%); Adulto (81%); Idoso (9%)

Bairro em que reside: Campestre (10%); Campina (10%); Centro (10%); Cristo Rei (10%); Feitoria (10%); Pinheiro (10%); Rio Branco (10%); Scharlau (10%); Santa Tereza (10%); Vicentina (10%).

→ Considerando que espaços públicos de lazer podem ser praças, parques, largos, ruas, etc., responda as questões abaixo da forma mais completa possível.

1. Que atividades de lazer você pratica nas suas horas livres?

Caminhadas (passeio/Cooper) (43%); Praticar esportes (20%); Tomar chimarrão (19%); Reunir os amigos (13%); Leitura (11%); Andar de bicicleta (11%); Jogar futebol (11%); Ir ao cinema (10%); Ir a bares, restaurantes e similares (9%); Olhar televisão (7%); Reunir a família (6%); Viajar (6%); Ir a festas (5%); Grupo de senhoras (3%); Passear com o cachorro (3%); Navegar na internet (2%); Jogar boliche/bocha (2%); Jogar carta (2%); Tocar e ouvir música (2%); Passear de moto (2%); Ficar em casa (2%); Jardinagem (1%); Jogar tênis (1%); Ir à igreja (1%); Trabalho voluntário (1%); Cuidar dos animais de estimação (1%).

2. Quais são os espaços públicos de lazer de São Leopoldo que você considera mais atraentes (bonitos)? Por quê?

Parque Imperatriz Leopoldina (23%) → boa manutenção (10%); visual do lugar (10%); boa infraestrutura (8%); acessibilidade física e social (1%).

Nenhum (20%) → ausência de espaços bonitos em SL (6%); falta de manutenção (6%); falta de segurança (4%); sai pouco de casa (3%); prefere shopping (3%); infra-estrutura precária (2%); falta divulgação dos espaços (1%).

Rua Independência (15%) → comércio/lazer noturno (9%); espaço para passeio/caminhadas (5%); boa manutenção (3%); possibilidade de encontros (2%); arquitetura da via (1%); memória/história (1%).

Praça Daltro Filho (14%) → boa manutenção (9%); local seguro (3%); equipamentos de lazer/playground (3%); arborização (1%); boa iluminação (1%); memórias/histórias (1%); espaço acessível (1%); uso intenso (1%).

Ginásio Municipal/Largo Rui Porto (12%) → espaço para atividades físicas (6%); acessibilidade física e social (2%); eventos esportivos e culturais (2%); local seguro (1%); boa manutenção (1%).

Praças do centro (12%) → visual (5%); espaço para encontros (4%); boa manutenção (3%); espaço para lazer e descanso (2%).

Praça Vinte de Setembro (12%) → arborização (4%); espaço para encontros (4%); boa manutenção (4%); local seguro (2%); acessibilidade (1%).

Praça Mauá/Museu do Trem (7%) → uso cultural (5%); eventos/diversão (4%).

Avenida Mauá (6%) → pista para caminhadas e ciclismo (6%); espaço para jogos (1%).

Parque do Trabalhador (6%) → boa infra-estrutura (2%); arborização (2%); acessibilidade (2%).

Praça do Imigrante (5%) → arborização (2%); espaço histórico (2%); bonita (1%).

Santuário Pe. Reus (5%) → visual do lugar (4%); uso religioso (3%); arborização (2%); boa manutenção (1%).

Av. São Borja (4%) → pista para caminhadas (3%); arborização (1%).

Praça Amadeu Rossi (4%) → arborização (3%); grande movimento de pessoas (2%).

Av. Imperatriz Leopoldina (3%) → pista para caminhadas e ciclismo (3%).

Morro do Cristo Rei (2%) → visual do lugar (2%).

Praça Novo Sinos (Campina) (1%) → boa manutenção (1%).

Museus do Imigrante (1%) → uso cultura (1%).

Av. Integração (1%) → espaço para eventos (1%).

Ruas do bairro (1%) → gosta de estar no bairro (1%).

3. Quais são os espaços públicos de lazer de São Leopoldo que você utiliza nas suas horas livres? Por quê?

Rua Independência (25%) → comércio/lazer noturno (16%); espaço para caminhadas (6%); possibilidade de encontros (3%); local seguro (1%); acessibilidade (1%).

Nenhum (24%) → falta de segurança (10%); sai pouco de casa (5%); pouco atraentes ou bonitos (4%); falta de espaços apropriados (3%); falta de tempo (4%); vai ao shopping (3%); falta de manutenção (2%); falta de acesso (2%); vai para outras cidades (2%); usos ilícitos pela noite (1%).

Praças do Centro (11%) → espaço para encontros (9%); equipamentos de lazer/playground (2%); bem freqüentadas (1%); acessibilidade (1%).

Av. São Borja (10%) → pista para caminhadas (10%); local mais movimentado (2%).

Ginásio Municipal/Largo Rui Porto (9%) → espaço para atividades físicas (7%); boa manutenção (1%); local seguro (1%).

Parque do Trabalhador (9%) → boa infra-estrutura (5%); acessibilidade (4%).

Av. Imperatriz Leopoldina (6%) → pista para caminhadas e ciclismo (6%).

Av. Mauá (6%) → espaço para atividades físicas (5%); acessibilidade (1%); visual (1%).

Parque Imperatriz Leopoldina (6%) → boa infra-estrutura (4%); arborização/contato com a natureza (2%); local seguro (1%).

Praça Vinte de Setembro (5%) → espaço para encontros (3%); acessibilidade (2%); biblioteca pública (1%).

Praça Daltro Filho (4%) → espaço para encontros (2%); boa manutenção (1%); local seguro (1%); equipamentos de lazer (1%).

Praça Novo Sinos (3%) → boa manutenção (1%); acessibilidade (1%).

Ruas do bairro (3%) → falta de tempo (1%); falta de opções (1%); espaço bonito (1%).

Av. Feitoria (2%) → espaço para caminhadas (2%); bonita/atraente (1%).

Praça Street Blauth (1%) → equipamento de lazer/pista de skate (1%).

Praça Amadeu Rossi (1%) → arborização (1%).

Praça do Bairro Cristo Rei (1%) → acessibilidade (1%).

Av. Integração (1%) → pista para caminhadas (1%).

Santuário do Pe Reus (1%) → ambiente acolhedor (1%).

Praça em frente ao Clube União (Scharlau) (1%) → área revitalizada (1%).

Praça Mauá/Museu do Trem (1%) → uso cultural (1%).

4. Quais são os espaços públicos de lazer de São Leopoldo que você evita utilizar? Por quê?

Praças do centro (21%) → falta de segurança (19%); indigentes e esmoleiros (2%); falta de manutenção (2%); sem atrativos (1%); pouca iluminação (1%); falta de infra-estrutura (1%).

Todos, à noite principalmente (19%) → falta de segurança (18%); falta de manutenção (5%); falta de acessibilidade (2%); falta de espaços culturais (1%);

Praça Vinte de Setembro (17%) → falta de segurança (16%); usos ilícitos (3%); falta de manutenção (3%); sem atrativos (1%).

Praça do Imigrante (9%) → falta de segurança (8%); usos ilícitos (2%); falta de manutenção (1%).

Parque do Trabalhador (7%) → falta de segurança (6%); falta de acessibilidade (2%); falta de manutenção (1%).

Ginásio Municipal/Largo Rui Porto (7%) → falta de segurança (5%); sem atrativos (3%).

Parque Imperatriz Leopoldina (6%) → falta de segurança (5%); falta de acesso (1%).

Rua Independência (5%) → falta de segurança (4%); tumulto e barulho (1%); indigentes e esmoleiros (1%).

Praça Daltro Filho (5%) → falta de segurança (4%); usos ilícitos (3%).

Nenhum (5%) → não tem motivos para evitar (3%); sai pouco de casa (1%); gosta de variar (1%).

Espaços de lazer em bairros perigosos (4%) → falta de segurança (4%).

Av. Mauá (4%) → falta de segurança (2%); falta de acesso (1%); falta de manutenção (1%).

Praça Amadeu Rossi (4%) → falta de segurança (3%); falta de infra-estrutura (1%); falta de acesso (1%).

Espaços desconhecidos (2%) → pouca divulgação (2%); falta de acesso (1%).

Espaços abandonados de lazer (2%) → falta de infra-estrutura (2%).

Espaços mal freqüentados (1%) → Falta de segurança (1%);

Morro do Paula (1%) → falta de segurança (1%).

Praça do Bairro Cristo Rei (1%) → falta de manutenção (1%); falta de segurança à noite (1%).

Espaços com pista de skate, bicicleta e quadras esportivas (1%) → tipo de freqüentador (1%).

Praça Street Blauth (1%) → tipo de freqüentador (1%).

Av. Integração à noite (1%) → falta de segurança (1%).

Av. Imperatriz Leopoldina (1%) → falta de infra-estrutura (1%); falta de segurança (1%).

Praça em frente ao Clube União (Scharlau) (1%) → falta de segurança (1%).

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL**

Caro respondente:

Este questionário é parte integrante de uma pesquisa sobre os espaços públicos de lazer em São Leopoldo, que busca compreender as formas de utilização e o nível de satisfação dos cidadãos em relação a estes espaços. É muito importante que você responda com atenção e sinceridade a todas as questões abaixo listadas.

Para fins desta pesquisa, são considerados espaços públicos de lazer praças, parques, ruas, largos, praias, etc.

Questionário nº _____ (não preencher)

(não marcar)

(12,5%) **EPL 1/ Quadra:**

(12,5%) **EPL 2/ Quadra:**

(12,5%) **EPPR 1**

(12,5%) **EPPR 2**

(12,5%) **EPPR 3**

(12,5%) **EPPR 4**

(12,5%) **EPPA 1**

(12,5%) **EPPA 2**

Local (não marcar)

(27%) **ED**

(73%) **EP**

1. Morador (87,5%).

Bairros: Centro (21,5%); Rio Branco (11,5%); Feitoria (9,2%); Vicentina (8%); Rio dos Sinos (4%); Pinheiro (4%); São José (3,5%); São Miguel ((3,5%); Cristo Rei (3%); Campestre (2,5%); Campina (2,5%); Santa Tereza (2%); Santo André (2%); Scharlau (2%); Duque de Caxias (1,5%); Santos Dumont (1,5%); Jardim América (1,5%); Morro do Espelho (1,5%); São João Batista (1,5%); Fazenda São Borja (0,8%); Arroio da Manteiga (0,4%); Boa Vista (0,4%); Padre Réus (0,4%); Fiação (0%).

Usuário não-morador (12,5%). (Caso não seja morador de São Leopoldo, passe diretamente para a questão 05)

Cidades: Canoas (17%); Sapucaia do Sul (17%); Novo Hamburgo (13,5%); Esteio (6,5%); Portão (6,5%); Feliz (3,5%); Porto Alegre (3,5%); Estância Velha

Anexo B: Questionário aplicado aos usuários dos espaços públicos de lazer selecionados, com frequências das respostas.

(3,5%); Taquara (3,5%); Parobé (3,5%); Ivoti (3,5%); São Paulo (3,5%); Vale Real (3,5%); Gravataí (3,5%); Caxias do Sul (3,5%); Capela de Santana (3,5%); Boqueirão do Leão ((3,5%).

2. Há quantos anos você vive em São Leopoldo? De 21 a 30 anos (32%)

3. Como você sente de morar em São Leopoldo?

(70%) Satisfeito

(23,5%) Nem satisfeito e nem insatisfeito

(6,5%) Insatisfeito

4. Em relação às suas possibilidades de circulação pelos demais bairros de São Leopoldo (para visitação de outros espaços de lazer, por exemplo), você se sente:

(45%) Satisfeito

(35%) Nem satisfeito e nem insatisfeito

(20%) Insatisfeito

5. Para praticar atividades de lazer, você costuma (marcar mais de uma alternativa, se necessário):

(A) Utilizar espaços públicos do seu bairro (47%)

(B) Utilizar espaços públicos em outros bairros (50%)

(C) Utilizar espaços públicos em outras cidades (36%)

(D) Utilizar espaços edificados (como clubes, academias, shoppings, cinema)

(43,5%)

(E) Não costumo sair de casa nos momentos de lazer (11%)

LEGENDA: C= concordo
NN= nem concordo, nem discordo
D= discordo

Dê sua opinião:

	C	NN	D
6. Em relação à satisfação das necessidades de lazer, me sinto satisfeito (a) com os espaços públicos de lazer existentes em São Leopoldo.	44 %	27 %	29 %
7. São Leopoldo é uma cidade que privilegia a convivência nos espaços públicos.	42, 5%	27 %	30, 5%
8. Existem espaços públicos em São Leopoldo com potencial turístico.	43 %	22 %	35 %

9. Gostaria de conhecer melhor os espaços públicos de lazer existentes nos demais bairros de São Leopoldo.	75 %	13%	12 %
10. A realização de eventos (feiras populares, festas do município, shows, etc.) nos espaços públicos é importante para o lazer do morador.	92 %	5,5%	2,5 %
Sobre sua frequência aos espaços públicos de lazer:			
11. Freqüento espaços compatíveis com meu estilo de vida.	79 %	11%	10 %
12. Freqüento os mesmos espaços que meus amigos/conhecidos costumam frequentar.	70 %	13%	17 %
13. Freqüento espaços distantes da minha casa, quando estes são melhores que os do meu bairro.	70 %	10,5 %	19, 5%
14. O movimento de pessoas é relevante para minha freqüência aos espaços.	54 %	24%	22 %
15. Evito frequentar espaços em que estejam pessoas ou grupos que me deixem inseguro (a).	82, 5%	6%	11, 5%
16. A reputação do espaço é importante para minha freqüência a este.	81 %	10%	9%
17. Freqüento os eventos realizados nos espaços de São Leopoldo.	56 %	23%	21 %
18. Freqüentaria mais os espaços de São Leopoldo caso meu estilo de vida permitisse.	65 %	18,5 %	16, 5%

19. Indique as razões pelas quais você não frequentaria um espaço público da cidade:

- (A) Iluminação inadequada (57,5%)
 (B) Falta de policiamento (79,5%)
 (C) Falta de manutenção/limpeza (67%)
 (D) Visual do lugar (32%)
 (E) Arborização inadequada (22,5%)
 (F) Falta de brinquedos (playground) (29,5%)
 (G) Falta de espaço para prática de esportes (31,5%)
 (H) Espaços para sentar inadequados (bancos) (49%)
 (I) Calçadas inadequadas para o uso (34,5%)
 (J) Pela distância de casa/trabalho (18,5%)
 (L) Dificuldades de transporte (distante de pontos de ônibus, taxi, etc.) (16,7%)
 (M) Sinalização de acesso ao local inexistente ou precária (19%)
 (N) Pela ausência de comércio no entorno (15%)
 (O) Pelo movimento de pessoas no local (18,5%)

- (P) Pelo estilo das pessoas que frequentam (38,5%)
 (Q) Pela falta de divulgação do local (9,5%)
 (R) Pela reputação do lugar (42%)
 (T) Pelo fluxo de veículos (10%)
 (U) Pelo bairro onde se localiza (23%)
 (V) Pela falta de eventos (20,5%)
 (X) Outro: dificuldades de locomoção (0,4%); pouca acessibilidade visual (0,4%); Falta de banheiro público (0,4%); falta de tempo (2,5%)

20. Há quanto tempo (meses, anos) você frequenta o espaço X?

- (17%) Menos de 1 ano
 (27%) De 1 a 5 anos
 (22%) De 5 a 10 anos
 (34,5%) Mais de 10 anos

Não frequenta (5,5%)

(Caso não frequente o espaço em questão, passe para a questão 25)

21. Com qual frequência você costuma ir até o espaço X?

- (8,5%) Primeira vez
 (10,5%) De uma a duas vezes por ano
 (10%) Uma vez por mês
 (5%) Duas vezes por mês
 (29%) Semanalmente
 (37%) Diariamente

22. Quanto tempo (minutos, horas) você costuma permanecer no espaço X?

- (40%) Até uma hora
 (32%) De 2 a 3 horas
 (15%) De 4 a 5 horas
 (13%) Mais de 5 horas

23. Com quem você costuma ir até o espaço X?

- (49%) Amigos
 (35%) Filhos
 (10,5%) Pais
 (36,5%) Companheiro (a)
 (32%) Sozinho
 Outro: Irmãos (1,3%); netos (5%); cachorro (0,8%); alunos (2,5%)

24. Que meio (s) utiliza para chegar até o espaço X?

- (A) 49,5%) a pé (22,5%)
- (B) ônibus (36%)
- (C) carro (8,5%)
- (D) moto (7,5%)
- (E) bicicleta (1,7%)
- (F) trem (0,8%)
- (G) Outro: skate (0,8%)

25. Indique as razões pelas quais utiliza o espaço X (ou pelas quais não utiliza, se você escolheu essa opção na questão 20):

- (A) Iluminação (20%)
- (B) Policiamento (17%)
- (C) Manutenção/limpeza (22%)
- (D) Visual do lugar (25%)
- (E) Arborização (35%)
- (F) Brinquedos (playground) (16,5%)
- (G) Espaço para prática de esportes (28,5%)
- (H) Espaços para sentar (bancos) (30%)
- (I) Calçadas adequadas para o uso (16,5%)
- (J) Pela distância de casa/trabalho (36%)
- (K) Facilidades de transporte (proximidade pontos de ônibus, taxi, etc.) (14,5%)
- (L) Sinalização de acesso ao local (5%)
- (M) Pelo comércio do entorno (21,5%)
- (N) Pelo movimento de pessoas no local (26%)
- (O) Pelo estilo das pessoas que frequentam (18,5%)
- (P) Pela divulgação do local (9,5%)
- (Q) Pela reputação do lugar (13%)
- (R) Pelo fluxo de veículos (6%)
- (S) Pelo bairro onde se localiza (22%)
- (T) Pela realização de eventos (20%)
- (U) Outro: espaço confortável (3,5%); equipamento cultural (1,5%); espaço que traz recordações (0,4%); possibilidade de sair do bairro (2,5%); área de lazer com churrasqueira (5%)

NÃO frequenta:

- (A) Iluminação inadequada (38,5%)
- (B) Falta de policiamento (38,5%)
- (C) Falta de manutenção/limpeza (23%)
- (D) Visual do lugar (38,5%)
- (E) Falta de brinquedos (playground) (8%)
- (F) Espaços para sentar inadequados (bancos) (8%)

- (G) Falta de espaço para prática de esportes (31%)
- (H) Pela distância de casa/trabalho (8%)
- (I) Pelo estilo das pessoas que frequentam (54%)
- (J) Pela reputação do lugar (31%)
- (K) falta de tempo (23,1%)

26. Sendo você usuário, em relação à eficiência do local em satisfazer as suas necessidades de lazer, você se sente:

- (A) Satisfeito (60%)
- (B) Nem satisfeito, nem insatisfeito (28%)
- (C) Insatisfeito (12%)

27. O que poderia ser melhorado no espaço X?

- (A) Mais policiamento (30%)
- (B) Mais bares/comércio (10%)
- (C) Mais eventos (14%)
- (D) Controle da poluição sonora (2,5%)
- (E) Calçadas mais adequadas para o uso (14%)
- (F) Mais lixeiras (10%)
- (G) Mais bancos (14%)
- (H) Retirada dos mendigos, pedintes e usuários de drogas (2,5%)
- (I) Controle do trânsito (6,5%)
- (J) Melhor iluminação pública (12%)
- (K) Mais manutenção (24%)
- (L) Construção de uma ciclovia (1,5%)
- (M) Não permitir determinados eventos (1,5%)
- (N) Mais equipamentos de lazer (17%)
- (O) Colocação de um bebedouro (2,5%)
- (P) Banheiro público (6,5%)
- (Q) Cercamento dos brinquedos (0,8%)
- (R) Poda das árvores (2%)
- (S) Arborização (5,5%)
- (T) Mais divulgação do local (3,8%)

28. Ordene, de 1 a 8, os espaços públicos abaixo de acordo com o grau de significado/importância que eles têm, em sua opinião:

- (1 = mais importante; 8 = menos importante)
- (2º) Parque Imperatriz Leopoldina
- (1º) Rua Independência
- (5º) Praça Daltro Filho/ 'dos brinquedos'/ 'das bombas'
- (7º) Av. São Borja
- (4º) Largo Rui Porto (junto ao Ginásio Municipal)
- (3º) Praça Vinte de Setembro/da Biblioteca'

- (6º) Praça do Imigrante
- (8º) Parque do Trabalhador

29. Indique, nas alternativas abaixo, o (s) espaço (s) que você realmente frequenta:

- (7º) Parque Imperatriz Leopoldina
- (1º) Rua Independência
- (6º) Praça Daltro Filho/ 'dos brinquedos'/ 'das bombas'
- (4º) Av. São Borja
- (2º) Largo Rui Porto (junto ao Ginásio Municipal)
- (3º) Praça Vinte de Setembro/da Biblioteca'
- (8º) Praça do Imigrante
- (5º) Parque do Trabalhador
- (9º) Nenhum

30. Considerando que espaços públicos podem ser atrativos turísticos de uma cidade, indique quais espaços abaixo você considera turísticos?

- (1º) Rua Independência
- (4º) Parque Imperatriz Leopoldina
- (7º) Praça Daltro Filho/ 'dos brinquedos'/ 'das bombas'
- (8º) Av. São Borja
- (2º) Largo Rui Porto (junto ao Ginásio Municipal)
- (3º) Praça Vinte de Setembro/da Biblioteca'
- (5º) Parque do Trabalhador
- (6º) Nenhum

INFORMAÇÕES SOBRE O RESPONDENTE:

31. Gênero:

- (48%) Masculino
- (52%) Feminino

32. Faixa etária:

- (26%) Entre 18 e 25 anos
- (31%) Entre 26 e 40 anos
- (32%) Entre 41 e 60 anos
- (10%) Acima de 61 anos

33. Escolaridade:

- (16%) Fundamental incompleto
- (13%) Fundamental completo
- (10,5%) Ensino médio incompleto

- (25%) Ensino médio completo
- (18%) Ensino superior incompleto
- (17,5%) Ensino superior completo

34. Faixa de renda familiar:

- (25,5%) Abaixo de R\$ 1.000,00
- (4,5%) De R\$ 1.000,00 à R\$ 2.500,00
- (19%) De R\$ 2.500,00 à R\$ 4.000,00
- (8%) De R\$ 4.000,00 à R\$ 6.500,00
- (7%) Acima de R\$ 6.500,00

Muito obrigada pelo seu tempo e pela sua contribuição.
Sua participação foi realmente importante para a realização deste trabalho.

ALINE MARTINS DA SILVA

– Turismóloga –

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano Regional